

REVISTA DE ANTROPOLOGIA



REEDIÇÃO DA REVISTA LITERÁRIA PUBLICADA EM SÃO PAULO - 1ª E 2ª "DENTICÕES" - 1928-1929

REVISTA DE ANTROPOLOGIA



REEDIÇÃO DA REVISTA LITERÁRIA PUBLICADA EM SÃO PAULO - 1ª E 2ª "DENTIÇÕES" - 1928-1929

Introdução de Augusto de Campos

CCSP
Biblioteca
Sergio Millet

DOAÇÃO

METAL LEVE

709.81
R454
e. 2

NA 1789292
T 46498

SAB
709.7
R454
e. 2

Esta edição fac-similar da "Revista de Antropofagia" é uma contribuição das empresas Editora Abril Ltda. e da Metal Leve S/A. — assinalando os seus 25 anos de atividades para melhor conhecimento de uma das mais importantes fases da cultura literária brasileira. São Paulo, 1975



REVISTAS RE-VISTAS: OS ANTROPÓFAGOS

*"Cette branche trop
négligée de l'anthropophagie ne se
meurt point, l'anthropophagie n'est point morte."
(Alfred Jarry, "Anthropophagie", 1-3-1902)*
*"Para comer meus
próprios semelhantes Eis-me sentado à mesa."
(Augusto dos Anjos, Eu, 1912)*

AUGUSTO DE CAMPOS

1

Das revistas ligadas ao Modernismo, as mais características e representativas foram KLAXON e a REVISTA DE ANTROPOFAGIA, ambas publicadas em São Paulo.

Tivemos em 1972 a reedição de KLAXON, reproduzindo fascsimilmente, com capas e cores, os nove números originais, que apareceram entre maio de 1922 e janeiro de 1923.

Da REVISTA DE ANTROPOFAGIA, até aqui a mais desconhecida, e sem dúvida a mais revolucionária do nosso Modernismo, não havia esperança de republicação. José Luis Garaldi — garimpador dessas raridades — descobriu uma coleção quase completa da revista, que fora de Tarsila, agora pertencente a Oswaldo Estanislau do Amaral Filho, sobrinho da grande pintora. Faltava apenas uma página do "Diário de São Paulo", que a sorte fez cair nas mãos de Garaldi e com a qual foi completada a coletânea. Daí nasceu a idéia de repor em circulação esses documentos explosivos da nossa história literária (viva), reproduzindo-os, tal como se fez com KLAXON, em sua saborosa fisionomia original. É o que o leitor tem agora em mãos.

Pediram-me que escrevesse uma introdução ao volume. Acabou saindo mais longa do que eu imaginava, e mais apaixonada. Sinal, quando menos, de que os nossos "antropófagos" continuam a interessar, e de que a "antropofagia" realmente não está morta.

2

A primeira foi KLAXON. Graficamente a mais bela das revistas do Modernismo, com seus tipos decorativos, sua numeração graúda e o choque visual de suas capas e contracapas: o enorme "A" vertical vertebralizando as palavras.

Espantosamente frágil, ingênua, amadorística. Um primeiro toque-de-reunir modernista, no ambiente hostil da época, após a bravura da *Semana*. Mas também um salve-se-quem-puder modernoso, onde a maior parte naufraga em ondas subfuturistas ou pós-impressionistas — ressaca internacional de arte moderna.

Os melhores poemas de KLAXON estão na quarta-capa: os anúncios espaciais *Coma Lacta*, *Guaraná Espumante* e os criativos pseudo-anúncios de Pantosopho, Panteromnium & Cia, proprietários da Grande Fábrica Internacional de Sonetos, Madrigais, Baladas e Quadrinhas. Dentro, há os poemas prometedores de Luis Aranha. Os de Mário de Andrade, ainda incipientes, cheios de tiques, retóricos. De Oswald, nem há colaboração poética. Um trecho de *A Estrela de Absinto* e algumas notas, "Escolas & Idéias", esboço ainda imaturo da linguagem dos manifestos posteriores. O resto — que fazer? — era o resto. Guilherme. Menotti. Serge Milliet. Colaboração internacional do 2.º ou 3.º time europeu: Nicolas Bauduin, Guillermo de Torre, Antonio Ferro e uns franceses, belgas e italianos que ninguém sabe mais quem são. Escassez de matéria-prima num terreno movediço onde, entre outras ervas, até poema de Plínio Salgado dava. Ruim, é claro.

Confusão teórica. O "Balanço de Fim de Século" de Rubens Borba de Moraes (no n.º 4) mistura, numa mesma salada, cubistas, dadaístas, futuristas, unanimistas, bolchevistas e espíritas. Crítica impressionista (e indulgente). De uma resenha de Mário sobre *A Mulher que Pecou* de Menotti: "Mais um livro do nosso admirável colaborador. (...) O novo livro de Menotti del Picchia assim julgamos: Dos melhores da literatura brasileira. (...) A figura de Nora é uma figura humana. Move-se como poucas outras da ficção nacional. (...) Como língua: virilidade, expressão, beleza. Imagens luxuriantes. Repetições. Adjetivação sugestiva. Descrições magníficas. Poesia. (...) Menotti del Picchia é um artista."

Um modernismo mitigado, tolerante, não isento de compromissos com a linguagem convencional e com os valores da tradição. "Sabe o que é para nós ser futurista? É ser kláxico", já ironizava Oswald. O manifesto do 1.º número prometia. Mas de que adiantava Mário de Andrade preferir Pérola White a Sarah Bernhardt, se ele continuava perdendo tempo com Guiomar Novaes ("É meu dever explicar porque considero a senhorinha Novaes uma pianista romântica.")?

Claro que os nossos modernistas da primeira hora — considerado o contexto desinformado e provinciano — podem ser olhados com maior brandura. Mas se estou enfatizando, com crueza, aspectos negativos da produção modernista no primeiro e significativo periódico dos moços da *Semana* de 22, é exatamente para que se possa entender a posição crítica que, em relação aos seus próprios companheiros, assumirão, mais adiante, Oswald e os "antropófagos" mais radicais.

3

REVISTA DE ANTROPOFAGIA. Duas fases (“dentições”) nitidamente distintas. A primeira, revista mesmo, em formato de 33 por 24 cm, com modestas 8 páginas: 10 números, editados mensalmente, de maio de 1928 a fevereiro de 1929, sob a direção de Antonio de Alcântara Machado, gerência de Raul Bopp. Depois, veio a nova fase (a da 2.^a *dentição*, como esclarecia o subtítulo) da revista, agora limitada a uma página do “Diário de São Paulo”, cedida aos “antropófagos” por Rubens do Amaral, que chefiava a redação do jornal na época. Foram 16 páginas, publicadas com certa irregularidade, mas quase sempre semanalmente, de 17 de março a 1.^o de agosto de 1929 (a 16.^a página saiu, por engano, com o mesmo número da anterior). Nos quatro primeiros números, além do subtítulo, a indicação: *órgão do clube de antropofagia*. A partir do 5.^o: *órgão da antropofagia brasileira de letras*.

Na 1.^a *dentição*, a revista está ainda marcada por uma consciência ingênua não muito distante da que informou o modernismo klaxista, apesar dos seis anos decorridos. Raul Bopp depõe depois (1966): “A antropofagia, nessa fase, não pretendia ensinar nada. Dava apenas lições de desrespeito aos canastrões das Letras. Fazia inventário da massa falida de uma poesia bobalhona e sem significado.”

É verdade que lá está, no primeiro número, o genial *Manifesto Antropófago* de Oswald, que junto com o *Manifesto da Poesia Pau Brasil*, publicado dois anos antes, resulta na formulação mais consistente que nos deixou o Modernismo. Mas Oswald já estava quase sozinho. Nos 10 números da revista, o único texto que se identificava plenamente com as idéias revolucionárias do manifesto, era A “*Descida*” *Antropófaga*, artigo assinado por Oswald Costa, igualmente no n.^o 1. Um “double” de Oswald (até no nome) que diz: “Portugal vestiu o selvagem. Cumpra despi-lo. Para que ele tome um banho daquela “inocência contente” que perdeu e que o movimento antropófago agora lhe restitui. O homem (falo do homem europeu, cruz credo!) andava buscando o homem fora do homem. E de lanterna na mão: filosofia. (. . .) Nós queremos o homem sem a dúvida, sem sequer a presunção da existência da dúvida: nu, natural, antropófago.” E lança um dos “slogans” do movimento: “Quatro séculos de carne de vaca! Que horror!”

Comparar as incisivas tomadas de posição dos dois Oswaldos com a “nota insistente” publicada “no rabinho do primeiro número da Revista” e assinada por Alcântara Machado e Raul Bopp:

“Ela (a “Revista de Antropofagia”) está acima de quaisquer grupos ou tendências;

Ela aceita todos os manifestos mas não bota manifesto;

Ela aceita todas as críticas mas não faz crítica;

Ela é antropófaga como o avestruz é comilão;

Ela nada tem que ver com os pontos de vista de que por acaso seja veículo.

A “Revista de Antropofagia” não tem orientação ou pensamento de espécie alguma: só tem estômago.”

Estômago resistente. A ponto de abrigar, sem aparente indigestão, de Plínio Salgado a Yan de Almeida Prado. . . Claro que Oswald e os “antropófagos” radicais, que, logo mais, na 2.^a dentição, refugariam a Anta, opondo-lhe a imagem do Tamanduá (“Por isso não queremos anta, queremos tamanduá. O nosso bicho é o tamanduá bandeira. Nossa bandeira é o tamanduá. Ele enterra a língua na terra, para chupar o tutano da terra. As formigas grudam na língua dele, mordendo, queimando. Ele engole as formigas.”) não iriam se conformar com essa deformação da imagem do antropófago — o avestruz, ave de apetite onívoro e estômago complacente e, aliás, estrangeira. . . Emblemática da política cultural da revista, nessa primeira fase, a imagem do avestruz mostra como a Antropofagia — excetuados os casos de Oswald e Oswald — era tomada no seu sentido mais superficial pela maioria, não ultrapassando, no mais das vezes, a idéia da “cordial mastigação” dos adversários ostensivos do Modernismo. É o que explica a assimilação indiscriminada de autores que nada têm a ver com os pressupostos da Antropofagia, enquanto movimento. O que faz, por exemplo, no n.º 5, um sr. Peryllo Doliveira, da Paraíba, com seu pedaço de poema “A Voz Triste da Terra” (“Mas agora meu Deus é impossível voltar!”)? O que faz Augusto Frederico Schmidt com o poema penumbista “Quando eu Morrer”, no n.º 10? Estômago de avestruz!

Mas a despeito da indefinição teórica e poética, a REVISTA DE ANTROPOFAGIA não deixou de contribuir, mesmo nessa primeira fase, como veículo — o mais importante da época — para a evolução da linguagem do nosso Modernismo. Não bastasse o *Manifesto* de Oswald, associado ao bico-de-pena de Tarsila (uma réplica do “Abaporu” ou Antropófago, um dos seus mais notáveis quadros), lá estão: o fragmento inicial de *Macunaíma* (n.º 2), o radical “No Meio do Caminho” de Drummond (n.º 3), que reaparece, epigramático, com “Anedota da Bulgária”, no n.º 8; “Sucessão de São Pedro”, do melhor Ascenso Ferreira (n.º 4); “Noturno da Rua da Lapa” de Manuel Bandeira (n.º 5); “República”, de Murilo Mendes (n.º 7), então bem impregnado de “pau brasil” e bastante à vontade numa revisão desabusadamente poética e crítica da nossa história, iniciando a série que irá integrar o volume de poemas *História do Brasil* (1932), lamentavelmente excluído da edição *Poesias* (1922-55), em 1959. E algumas das primeiras produções de Raul Bopp (Jacó Pim-Pim), Jorge de Lima, Augusto Meyer e outros. Curiosidades: poemas de Josué de Castro e Luis da Câmara Cascudo, crônica de Santiago Dantas.

O que há de mais afinado com o espírito irreverente da Antropofagia, em sua face mais autêntica e agressiva, é a seção *Brasiliana*, que aparece em todos os números, e onde se reúnem, à maneira do “sottisier” de Flaubert, notícias de jornais, trechos de romances, discursos, cartões de boas festas, anúncios, circulares — textos “ready made” que denunciam a amena poluição da imbecilidade através da linguagem cotidiana e convencional. Como o anúncio compilado no n.º 3, verdadeiro poema-“trouvé”:

“A CRUZ DA TUA SEPULTURA ENCERRA UM MISTÉ-
RIO — Valsa com letra; foi escrita junto a uma campa. Ven-
de-se à rua do Teatro, 26.”

Alcântara Machado tem, na revista, aproximadamente, o papel de Mário em KLAXON. Os editoriais e as resenhas de livros ficam a seu cargo. Disso ele se desincumbe com muita agilidade e certa graça, mas na base de um gosto-não-gosto que, se tem mais acertos do que erros, nem por isso ultrapassa o plano da disponibilidade subjetiva, dentro de uma genérica defesa do "moderno". Um Mário de Andrade folclorizante comparece, ainda, com o poema "Lundú do Escritor Difícil" e pesquisas músico-regionais.

Sintoma da progressiva irritação de Oswald — que, no n.º 5, já polemiza com Tristão de Ataíde em torno do Cristianismo — é a publicação do seguinte aviso no n.º 7:

SAIBAM QUANTOS

Certifico a pedido verbal de pessoa interessada que o meu parente Mário de Andrade é o pior crítico do mundo mas o melhor poeta dos Estados Desunidos do Brasil. De que dou esperança.

JOÃO MIRAMAR

A irritação viraria descompostura na 2.ª dentição da revista, que brota com dentes muito mais afiados na página dominical do "Diário de São Paulo" de 17-3-29, um mês depois de se extinguir a primeira série.

4

2.ª Dentição. A fase em que a Antropofagia vai adquirir os seus definitivos contornos como Movimento. Raul Bopp permanece, revezando-se na direção com Jaime Adour da Câmara. Geraldo Ferraz é o Secretário da Redação ("Açougueiro", na terminologia antropofágica). Com Oswald de Andrade e Oswaldo Costa à frente, os "antropófagos" descarregam todas as suas baterias, sob nome próprio ou através de um dilúvio de pseudônimos mais ou menos botocudos ou trocadilhescos: Cunhambinho, Odjuavu, Japi-Mirim, Freuderico, Jaboti, Braz Bexiga, Júlio Dante, Cabo Machado, Tamandaré, Pinto Calçudo, Poronominare, Guilherme da Torre de Marfim, Cunhambebe, Coroíinha, Menelik (o morto sempre vivo), Marxilar, Piripipi, Tupinambá, Pão de Ló, Le Diderot, Jacó Pum-Pum, Seminarista Voador e outros. Destes, sabe-se seguramente que Tamandaré, que assinava os terríveis *Moquéns*, era Oswaldo Costa. Pinto Calçudo (personagem do *Serafim*), Freuderico (Freud + Frederico Engels ou Nietzsche?), Jacó Pum-Pum (o Pim-Pim era Raul Bopp) têm todo o jeito de Oswald. Transferindo-se para a página de jornal, a REVISTA DE ANTROPOFAGIA só aparentemente empobreceu. Ganhou dinamicidade comunicativa. A linguagem simultânea e descontínua dos noticiários de jornal foi explorada ao máximo. Slogans, anúncios, notas curtas, apêditos, citações e poemas rodeiam um ou outro artigo doutrinário, fazendo de cada página, de ponta a ponta, uma caixa de surpresas, onde espoucam granadas verbais de todos os cantos. Um contra-jornal dentro do jornal.

Mas o que pretendiam, afinal, os renovados "antropófagos" com o terrorismo literário de sua página explosiva?

Restabelecer a linha radical e revolucionária do Modernismo, que já sentiam esmaecer-se na diluição e no afrouxamento. E mais do que isso. Lançar as bases de uma nova ideologia, a última utopia que Oswald iria acrescentar ao que chamaria mais tarde "a marcha das utopias".

É disso que tratam os artigos que atuam como "editoriais" da página. Alguns dos principais, sob o título *De Antropofagia*, datados uma ou outra vez do Ano 375 da deglutição do Bispo Sardinha, à maneira do *Manifesto Antropófago*. Os *Moquéns*, de Tamandaré (Oswaldo Costa). E outras intervenções explícitas ou implícitas de Oswald e Oswald.

A Antropofagia não quer situar-se apenas no plano literário. Ambiciona mais. "A descida antropofágica não é uma revolução literária. Nem social. Nem política. Nem religiosa. Ela é tudo isso ao mesmo tempo." (N.º 2 — *De Antropofagia*). Condenando "a falsa cultura e a falsa moral do ocidente", os "antropófagos" investem contra os espiritualistas, os metafísicos, e os nacionalistas de inspiração fascista, mas recusam também os extremismos da esquerda canônica: "Nós somos contra os fascistas de qualquer espécie e contra os bolchevistas também de qualquer espécie. O que nessas realidades políticas houver de favorável ao homem biológico, consideraremos bom. É nosso." (...) Como a nossa atitude em face do Primado do Espiritual só pode ser desrespeitosa, a nossa atitude perante o marxismo sectário será também de combate. (...) Quanto a Marx, consideramo-lo um dos melhores "românticos da Antropofagia". (N.º 1 — *De Antropofagia*). Um saudável anarquismo parece animar o grupo, enquanto busca a definição de um novo humanismo, revitalizado pela visão do homem natural americano.

Se não se preocupam exclusivamente com literatura, não deixam os "antropófagos" de fazer a crítica interna do Modernismo e o corpo de delito de todos quantos, seguidores da primeira hora do movimento, derivaram para uma atitude moderada ou reacionária. Disso se encarrega sistematicamente Oswald Costa na série *Moquém*, dividida em: I — Aperitivo, II — Hors d'Oeuvre, III — Entradas, IV — Sobremesa, V — Cafezinho.

De *Hors d'Oeuvre*: o valor do Modernismo "é puramente histórico, documental, igual, num certo sentido, ao do arcadismo, do romantismo, do parnasianismo e do simbolismo, entretanto superior a todos eles porque já representava, de fato, uma tentativa de libertação. (...) Mas não compreendeu o nosso "caso", não teve coragem de enfrentar os nossos grandes problemas, ficou no acidental, no acessório, limitou-se a uma revolução estética — coisa horrível — quando a sua função era criar no Brasil o pensamento novo brasileiro. Se o índio dos românticos era o índio filho de Maria, o índio dele era o índio major da Guarda Nacional, o índio irmão do Santíssimo. O movimento modernista foi, assim, uma fase de transição, uma simples operação de reconhecimento, e nada mais. Daí a pouca ou nenhuma influência que ele exerceu sobre os espíritos mais fortes da geração. A confusão que trouxe foi tamanha que à sua sombra puderam se acomodar, numa democracia de bonde da Penha, o sr. Sérgio Buarque de Hollanda e o sr. Ronald de Carvalho, o sr. Mário de Andrade e o

sr. Graça Aranha, e até o sr. Guilherme de Almeida.”

O requisitório de *Hors d'Oeuvre* prossegue: “ao Modernismo, movimento unicamente artístico, faltou exatamente sensibilidade artística.” (. . .) Mas o movimento modernista não produziu coisa alguma? Produziu. MACUNAÍMA.” Ressalvando *Macunaíma*, “o nosso livro cíclico, a nossa Odisséia”, que “os antropófagos reivindicam para si”, Oswaldo Costa arremete contra a poesia dos modernistas da época: “a nossa poesia se libertou de uns para escorregar noutros preconceitos. Ao invés da poesia essencial, o que temos — na “escola mineira” e nos intelectuais do nordeste influenciados pelo sr. Mário de Andrade, à exceção de Jorge de Lima e de Ascenso Ferreira, nos quais ponho as minhas esperanças — é poesia de acidentes, de ornatos, de detalhes, de efeitos. Pensamento novo não criamos.”

De *Entradas*: “Que espírito novo trouxeram à nossa poesia, por exemplo, Ronald de Carvalho e Guilherme de Almeida, que o sr. Mário de Andrade não se cansa de enaltecer, e, como, quando e porque Antonio de Alcântara Machado reformou a nossa prosa?” As transigências de Mário de Andrade (“mutirão de sabença da r. Lopes Chaves”) não são poupadas: “Foguetes à poesia bobalhona de Augusto Frederico Schmidt, peguem na madeira. Correspondência amorosa com o que há de mais medíocre na intelectualidade do Brasil inteiro, zumbaias a Alcântara Machado e outras bexigas da nossa Barra Funda literária. (. . .) Quem classificou de finíssimo o ouvido de poeta do sr. Alberto de Oliveira, no que, aliás, acertou porque o farmacêutico é isso mesmo — poeta de ouvido. Quem faz discursos ao sr. Gomes Cardim, credo! não somos nós, antropófagos, que graças a Deus literatos não somos. É o sr. Mário de Andrade, o cérebro mais confuso da crítica contemporânea.” Pergunta final: “em sete anos que resultou para nós da Semana de Arte Moderna?”

Em *Cafezinho*, o último artigo da série de *Moquéns*, resumia-se a carga contra o “falso modernismo”, comparado ao índio que Oswaldo Teixeira desenhara para o centenário de Alencar: “O índio do sr. Teixeira é a fotografia fiel do falso modernismo brasileiro. Como ele de índio só tem a intenção do sr. Teixeira, o falso modernismo brasileiro só tem o rótulo.” Por trás dele — concluía-se — está a ACADEMIA. E os modernistas? “Empalhados como pássaros de museu, vivem agora nas estantes acadêmicas, purgando o remorso da Semana de Arte Moderna.” Conselho antropófago: “A rapaziada deve se prevenir contra a mistificação. Deve reagir a pau.”

E o pau cameu, brandido pelos Oswaldos e todos os seus pseudônimos, contra os modernistas academizantes. Em “Mário de Andrade, Alcântara e outras expressões da timidez acadêmica ou da modernidade tímida”. Em Graça Aranha: “o acadêmico carioca é um homem confuso e sem espírito, cuja inteligência inutilmente se esforça em atrapalhar todas as noções conhecidas, todas as noções copiadas.” Em Alcântara Machado: “o burguês brilhante” . . . “Ficou sendo o nosso França Júnior, como já disse Menotti. Mas para quê mais França Júnior?” . . . “O que conduziu Alcântara na estréia foi o prefácio de Pathé-Baby. Por esse caminho, ele ia bem. Traiu-se. Virou importante. Carioca. Não nos interessa.” Em Mário de Andrade: “o nosso Miss S. Paulo traduzido no masculino” . . . “Salva-o ‘Macunaíma.’” Pro-

vável evangelho de que ele se nega a consciência. Por que?" Em Guilherme de Almeida, "Pierre Louis de celulóide". Em Paulo Prado, que cometeu os "absurdos incríveis de atribuir ao ouro e à luxúria todos os nossos excessos infantis." Nos espiritualistas. Em Tristão de Ataíde ("Tristinho de Ataúde", "Conselheiro Acácio do Modernismo") e seu Primado Espiritual ("Prima do Espiritual"). Em Tasso da Silveira e Festa, "revista caracteristicamente provinciana", "vanguarda que marcha com mil precauções para não estragar os sapatos". Em Augustó Frederico Schmidt, "vate místico", o primeiro prontuariado do "fichário antropofágico". Nos verdeamarelistas. Em Menotti del Picchia, "Le Menotti del Piccolo", "a Tosca do nosso analfabetismo literário", "o Júlio Dantas de Itapira". Em Cassiano Ricardo, "cuja ossada, descoberta por nós, veio confirmar a existência do homem fóssil da Lagoa Santa". Em Cândido Mota Filho: "o cândido sr. Motta Filho confunde tudo. Depois acha tudo confuso". Em Plínio Salgado, acusado de pastichar Oswald, e na sua Escola da Anta ("a Anta morreu de indigestão retórica"). E noutros mais. Em Ribeiro Couto, "vate consular". Em Drummond, que se solidariza com Mário, dizendo que "toda literatura não vale uma boa amizade" . . .

O manifesto do Verdeamarelismo, ou da Escola da Anta, publicado no "Correio Paulistano", em 17 de maio de 1929, é contestado no n.º 10 da revista (12-6-29), no artigo *Uma adesão que não nos interessa*, com implacável lucidez: "Não! Não queremos como os graves meninos do verdeamarelo restaurar coisas que perderam o sentido — a anta e a senhora burguesa, o soneto e a academia." Diante do manifesto desse arremedo de movimento, pretensamente vanguardista, mas que afirmava: "Aceitamos todas as instituições conservadoras, pois é dentro delas mesmo que faremos a inevitável renovação do Brasil, como o fez, através de quatro séculos, a alma de nossa gente, através de todas as expressões históricas", — o tacape antropófago vibrou sem piedade: "O que louvamos nesses *cinco abnegados dedinhos de mão negra conservadora* é uma coragem — a de se declararem sustentáculos de um ciclo social que desmorona por todos os lados e grilos de um passado intelectual e moral que nem na Itália está mais em voga! Pândegos!" (. . .) "Os verdeamarelos daqui querem o gibão e a escravatura moral, a colonização do europeu arrogante e idiota e no meio disso tudo o guarani de Alencar dançando valsa. Uma adesão como essa não nos serve de nada, pois o "antropófago" não é índio de rótulo de garrafa. Evitemos essa confusão de uma vez para sempre! Queremos o antropófago de knicker-bockers e não o índio de ópera." Descontados os aspectos mais superficiais e panfletários das investidas da 2.ª dentição, é preciso reconhecer que os antropófagos puseram o dedo na ferida do Modernismo. Que nascera comprometido, e agora, apenas engatinhando, já se encaminhava, em rebanho, para as Academias. Nem o "conflito fraterno" entre Oswald e Mário pode ser reduzido — como já quiseram fazer crer — a questões pessoais ou de suscetibilidade. Se Mário de Andrade foi talvez mais duramente atacado do que os outros é porque, de fato, recuou. Em 1924, no posfácio a *Escrava que não é Isaura*, ele já dizia suspeitamente: "acho que um poeta modernista e um parnasiano todos nos equivalemos e equiparamos". E porque os antropófagos sentiam na deserção progressiva do

criador de *Macunaíma* — a epopéia antropofágica que eles admiravam a ponto de querer “confiscá-la para si” — uma perda bem maior do que as outras. . . Em suma, Oswald e sua tribo de antropófagos se insurgiram contra a descaracterização e a diluição da revolução modernista. Podem ter-se excedido numa ou noutra tacapada. Mas estavam cheios de razão.

A despeito do predomínio dos artigos e notas de briga, a REVISTA DE ANTROPOFAGIA, nesta 2.^a fase, não descuidou da colaboração criativa. Sobressaem os dois poemas de Oswald (*Sol*, com seus cortes bruscos, e o reiterativo e lapidar *Meditação no Horto*), que não constam de seus livros. Raul Bopp publica trechos de seu poema mais significativo, *Cobra Norato*. Murilo Mendes aparece com a excelente *Canção de Exílio* e outras composições da série da *História do Brasil*. O colaborador internacional é Benjamin Péret, que, mesmo não valendo muita coisa como poeta, representava, de qualquer forma, o surrealismo, ainda em plena ebulição. É certo que vários dos poemas publicados ficam numa zona confinante com a do verdeamarelismo. Caso dos poemas regionalistas de Jorge de Lima. Mas foram os verdeamarelistas que tentaram grilar o terreno da “poesia pau brasil”. E, além disso, há em geral nos antropófagos uma nota sempre mais agressiva, mais debochada e zombeteira, que falta aos subprodutos bem-comportados e ufanistas dos verdeamarelos.

Dois poemas, ainda, me chamam a atenção pela radicalidade de suas proposições. São assinados por pseudônimos, mas têm a cara de Oswald. Um, no n.º 6, é um “ready made”, extraído da sucessão das palavras no dicionário:

O POEMA DE CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Z, 1457
zabaneira
zabelé
zabra
zabucajo
zabumba
zaburro
zaco

...

Cunhambebe

Outro, um epigrama contra os verdeamarelistas:

COMBINAÇÃO DE CORES

Verdamarelo
Dá azul?
Não.
Dá azar.

Jacó Pum-Pum

Desenhos (e reprodução de quadros) de Tarsila, Cícero Dias e a revelação de Pagu (Patrícia Galvão), como desenhista e poeta, complementam esse quadro criativo.

Mas a caixa de surpresas da página é cheia de notas instigantes. Por exemplo, a anedota *Confúcio e o Antropófago* (no n.º 1), que, hoje, tem certo sabor maoista. As citações e a defesa de Sade (n.º 5): “Por enquanto Sade espera que a fogueira abra-se o mundo.” A discussão-manifesto em torno da Gestalt e da Antropofagia, por Oswald (n.º 9). A notícia sobre o lançamento das bases de um “Direito Antropofágico” pelo juriconsulto Pontes de Miranda — “um direito biológico, que admite a lei emergindo da terra, à semelhança das plantas.” (n.º 13) O penúltimo número da REVISTA — 19-7-1929 — dá notícia da primeira exposição de Tarsila no Brasil, inaugurada no dia anterior no Rio de Janeiro. E anuncia a organização do Primeiro Congresso Brasileiro de Antropofagia, para o estudo de “algumas reformas de nossa legislação civil e penal e na nossa organização político-social”. Entre essas teses estão: o divórcio, a maternidade consciente, a impunidade do homicídio piedoso, a nacionalização da imprensa, a supressão das academias e sua substituição por laboratórios de pesquisas. Ilustrando a página, “Antropofagia”, quadro n.º 1 do catálogo da exposição de Tarsila. O último número — 1-8-1929 — traz uma ampla reportagem sobre as repercussões da mostra. O editorial *De Antropofagia* é curto e virulento. Entre outras coisas: “Somos pelo ensino leigo. Contra o catecismo nas escolas. Qualquer catecismo. Não é possível fazer o Brasil embarcar na canoa furada da Prima do Espiritual. Reagiremos pois contra toda e qualquer tentativa nesse sentido. Viva Freud e nosso padrinho padre Cícero!”

Conta Raul Bopp que “cresciam, diariamente, as devoluções de jornais, em protesto contra as irreverências antropofágicas”. Por causa dessas reações, Rubens do Amaral viu-se compelido a acabar com a página. O Congresso de Antropofagia também gorou. Raul Bopp: “Desprevenida, a libido entrou, de mansinho, no Paraíso Antropofágico. Cessou, abruptamente, aquele labor beneditino de trabalho. Deu-se um “changé de dames” geral. Um tomou a mulher do outro. Oswald desapareceu. Foi viver o seu novo romance numa beira de praia, nas imediações de Santos. Tarsila não ficou mais em casa.” Desagregou-se o grupo. Em outubro de 1929 vieram o craque da Bolsa e a crise do café. Oswald e Pagu se engajaram no Partido Comunista. E o criador de *Serafim Ponte-Grande*, julgando-se curado do “sarampão antropofágico”, virou “casaca de ferro na Revolução Proletária”.

As idéias e concepções da Antropofagia foram postas de lado por muito tempo. Só em 1945, depois de sua ruptura com os comunistas, é que Oswald, intelectualmente recuperado, se dispôs a aprofundar os temas antropofágicos. É o que fará especialmente em dois estudos: *A Crise da Filosofia Messiânica* (1950) e *A Marcha das Utopias* (1953). Pôde-se então compreender, com maior precisão, a seriedade do pensamento oswaldiano e da tese antropofágica, concebida por ele como “a terapêutica social do mundo moderno”. Mas a REVISTA DE ANTROPOFAGIA fica como documento vivo das primeiras refregas, exemplo até dramático de uma luta que Oswald travou nas condições as mais difíceis, praticamente ilhado, com alguns poucos, contra a maré da geléia geral que acabou envelopando quase todos os seus companheiros da revolução modernista.

5

Sabe-se que a REVISTA DE ANTROPOFAGIA e o MANIFESTO ANTROPÓFAGO tiveram um precedente na revista CANNIBALE e no MANIFESTE CANNIBALE DADA de Francis Picabia, ambos de 1920. Não há nada de espantoso nisso. Com os sucessos arqueológicos e etnológicos e a voga do primitivismo e da arte africana, no começo do século, era natural que a metáfora do canibalismo entrasse para a semântica dos vanguardistas europeus. Mas, dentro de DADA, o “canibal” não passou de uma fantasia a mais do guarda-roupa espantoso com que o movimento procurava assustar as mentes burguesas. Com Oswald foi diferente. Embora citasse expressamente Montaigne e Freud (*Totem e Tabu* é de 1912), é possível que ele tenha recebido alguma sugestão do canibalismo dadaísta, entrevisto nas viagens que fez à Europa, entre 1922 e 1925. Mas a ideologia do Movimento Antropófago só muito artificialmente pode ser assimilada ao Canibalismo picabiano, que, por sinal, não tem ideologia definida, nem constitui, em si mesmo, movimento algum. CANNIBALE, revista dirigida por Picabia, “com a colaboração de todos os dadaístas do mundo”, só teve dois números: 25 de abril e 25 de maio de 1920. Não há nada na revista, nenhum texto, em que se leia qualquer plataforma que pudesse identificar um “movimento canibal”. Quanto ao MANIFESTO CANIBAL DADÁ, publicado em DADAPHONE (o 7.º e último número da revista DADA — 7 de março de 1920), é um típico documento dadaísta: “. . .dadá, só ele, não cheira a nada, não é nada, nada, nada. é como vossas esperanças: nada. como vossos paraísos: nada. como vossos ídolos: nada.” Um niilismo que nada tem a ver com a generosa utopia ideológica da nossa Antropofagia.

Não. Nem o MANIFESTO ANTROPÓFAGO nem a REVISTA DE ANTROPOFAGIA se parecem com os seus antecessores picabianos, por mais que os bandeirinhas da nossa crítica judicativa queiram pilhar Oswald em impedimento. Como diz Décio Pignatari: “Toda vez que vem à tona, o cadáver de Oswald de Andrade assusta. E sempre aparece um prático audaz disposto a conjurar o cachopo minaz.” Mas como observou Benedito Nunes, na lúcida série de artigos *O Modernismo e as Vanguardas (Acerca do Canibalismo Literário)*, em que pulveriza o auto-de-fé de um dos martins-pecadores da nossa crítica literária, que tentava reduzir mecanicamente às matrizes do “canibal” dada-futurista a “antropofagia” brasileira: “a imagem do canibal estava no ar. Por isso quem se aventure a estabelecer os antecedentes literários privilegiados que ela teve, será obrigado a recuar de autor, indefinidamente.” O próprio Benedito Nunes cita, como exemplo, Alfred Jarry e os *Almanques do Père Ubu*, “um dos quais registra guloseimas para os *amateurs anthropophages*”. Do mesmo Jarry, eu lembraria um texto talvez ainda mais explícito: o artigo *Anthropophagie*, que é de 1902, e do qual extraí uma das epígrafes deste estudo. Depois de analisar as dimensões da Antropofagia na concepção de Oswald de Andrade, assim conclui Benedito Nunes: “A imagem oswaldiana do antropófago e o conceito respectivo de assimilação subordinam-se, portanto, a uma forma de concepção que os vários canibalismos literários

da época reunidos não podem preencher.”

Oswald, de resto, clarificando o seu pensamento, distinguiu, em *A Crise da Filosofia Messiânica*, a antropofagia ritual do mero canibalismo (antropofagia por gula ou fome): “A antropofagia ritual é assimilada por Homero entre os gregos e segundo a documentação do escritor argentino Blanco Villalta, foi encontrada na América entre os povos que haviam atingido uma elevada cultura — Asteca, Maias, Incas. Na expressão de Colombo, *comian los hombres*. Não o faziam porém, por gula ou por fome. Tratava-se de um rito que, encontrado também nas outras partes do globo, dá a idéia de exprimir um modo de pensar, uma visão do mundo, que caracterizou certa fase primitiva de toda a humanidade. Considerada assim, como *weltanschauung*, mal se presta à interpretação materialista e imoral que dela fizeram os jesuítas e colonizadores. Antes pertence como ato religioso ao rico mundo espiritual do homem primitivo. Contrapõe-se, em seu sentido harmônico e comunal, ao canibalismo que vem a ser a antropofagia por gula e também a antropofagia por fome, conhecida através da crônica das cidades sitiadas e dos viajantes perdidos. A operação metafísica que se liga ao rito antropofágico é a da transformação do tabu em totem. Do valor oposto, ao valor favorável. A vida é devoção pura. Nesse devorar que ameaça a cada minuto a existência humana, cabe ao homem totemizar o tabu.”

Em matéria de precursões, mais intrigante é constatar que a poesia “antropófaga”, na base do Indianismo às avessas idealizado por Oswald já a praticava, em temas e formas, cinqüenta anos antes, um outro Sousa Andrade — o maranhense Sôsândrade —, que no Canto II do *Guesa* (1874) tem coisas como esta:

(Antropófago HUMÁUA a grandes brados)

— Sonhos, flores e frutos,

Chamas do *urucari!*

Já se fez *cai-a-ré*,

Jacaré!

Viva Jurupari! (Escuridão. Silêncio)

A observação não escapou a Edgard Cavalheiro, que intitulou um seu artigo sobre Sôsândrade, de 1957: *O Antropófago do Romantismo*. O que vem confirmar a vocação autônoma da antropofagia brasileira — a sua congenialidade, como diria Antônio Cândido — relativamente às concepções européias.

Sôsândrade. Eis aí um autêntico precursor. Isso, sem esquecer o conselho de Borges: “No vocabulário crítico, a palavra *precursor* é indispensável, mas teríamos de purificá-la de toda a conotação polêmica ou de rivalidade. A verdade é que cada escritor *cria* os seus precursores. A sua obra modifica a nossa concepção do passado, como há-de modificar o futuro.”

Em *A Marcha das Utopias* e *A Crise da Filosofia Messiânica*, na década de 50, Oswald procura dar mais consistência às suas idéias em torno da Antropofagia, vista como “uma filosofia do primitivo tecnizado”. Fundindo observações colhidas em vários autores, mas principalmente em Montaigne (“De Canibalis”), Nietzsche, Marx e Freud, redimensionados pelas teses de Bachofen sobre o Matriarcado, cria a sua própria Utopia de caráter social (“No fundo de cada Utopia

não há somente um sonho, há também um protesto”). Imaginava o poeta que as sociedades primitivas seriam capazes de oferecer modelos de comportamento social mais adequado à reintegração do homem no pleno gozo do ócio a ser propiciado pela civilização tecnológica. Para Oswald, o ócio a que todo homem teria direito fora desapropriado pelos poderosos e se perdera entre o sacerdócio (ócio sagrado) e o negócio (negação do ócio). Para recuperá-lo, propunha a incorporação do homem natural, livre das repressões da sociedade civilizada.

A formulação essencial do homem como problema e como realidade era capsulada neste esquema dialético: 1.º termo: tese — o homem natural; 2.º termo: antítese — o homem civilizado; 3.º termo: síntese — o homem natural tecnizado. A humanidade teria estagnado no segundo estágio, que constitui a negação do próprio ser humano, e no qual fora precipitada pela cultura “messiânica”.

Contra a cultura “messiânica”, repressiva, fundada na autoridade paterna, na propriedade privada e no Estado, advogava a cultura “antropofágica”, correspondente à sociedade matriarcal e sem classes, ou sem Estado, que deveria surgir, com o progresso tecnológico, para a devolução do homem à liberdade original, numa nova Idade de Ouro. Conotação importante derivada do conceito de “antropofagia” oswaldiano é a idéia da “devoração cultural” das técnicas e informações dos países superdesenvolvidos, para reelaborá-las com autonomia, convertendo-as em “produto de exportação” (da mesma forma que o antropófago devorava o inimigo para adquirir as suas qualidades). Atitude crítica, posta em prática por Oswald, que se alimentou da cultura européia para gerar suas próprias e desconcertantes criações, contestadoras dessa mesma cultura.

Tudo somado, o grande pecado de Oswald parece mesmo o de ter escrito em português. Tivesse ele escrito em inglês ou francês, quem sabe até em espanhol, e a sua Antropofagia já teria sido entronizada na constelação de idéias de pensadores tão originais e inortodoxos como McLuhan, Buckminster Fuller (*Utopia or Oblivion* — a utopia tecnológica — mais uma contribuição para a marcha das utopias?), John Cage (*Diário: Como melhorar o mundo*) ou Norman O. Brown, que em *Love's Body* (1966) ressuscita os temas do canibalismo freudiano e do matriarcado de Bachofen. Pensadores da América, todos eles, por sinal.

A Antropofagia, que — como disse Oswald — “salvou o sentido do modernismo”, é também a única filosofia original brasileira e, sob alguns aspectos, o mais radical dos movimentos artísticos que produzimos. Por isso é da maior importância que se ilumine o “caminho percorrido”, no qual a REVISTA DE ANTROPOFAGIA é etapa indispensável. Ilhado pela ignorância e pela incompreensão, Oswald parecia ter perdido a batalha. “Venceu o sistema de Babilônia e o garção de costeleta”, chegou a escrever. Mas ele ressuscitou, nos últimos anos, para nutrir o impulso das novas gerações. Tabu até ontem, hoje totem. No necessário banquete totêmico não devemos, porém, comemorar, mas comer a revista. Como ele queria. SOMOS ANTROPÓFAGOS.

Revista de Antropofagia

Direção de ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO

Gerencia de RAUL BOPP

ENDEREÇO: 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º PAV. SALA 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269

SÃO PAULO

ABRE-ALAS

Nós eramos xifópagos. Quási chegamos a ser deródimos. Hoje somos antropófagos. E foi assim que chegamos á perfeição.

Cada qual com o seu tronco mas ligados pelo fígado (o que quer dizer pelo ódio) marchávamos numa só direcção. Depois houve uma revolta. E para fazer essa revolta nos unimos ainda mais. Então formamos um só tronco. Depois o estouro: cada um de seu lado. Viramos canibais.

Aí descobrimos que nunca havíamos sido outra cousa. A geração actual coçou-se: apareceu o antropófago. O antropófago: nosso pai, principio de tudo.

Não o índio. O indianismo é para nós um prato de muita sustância. Como qualquer outra escola ou movimento. De ontem, de hoje e de amanhã. Daqui e de fora. O antropófago come o índio e come o chamado civilizado: só êle fica lambendo os dedos. Pronto para engulir os irmãos.

Assim a experiência moderna (antes: contra os outros; depois: contra os outros e contra nós mesmos) acabou despertando em cada conviva o apetite de meter o garfo no vizinho. Já começou a cordeal mastigação.

Aqui se processará a mortandade (êsse carnaval). Todas as oposições se enfrentarão. Até 1923 havia aliados que eram inimigos. Hoje há inimigos que são aliados. A diferença é enorme. Milagres do canibalismo.

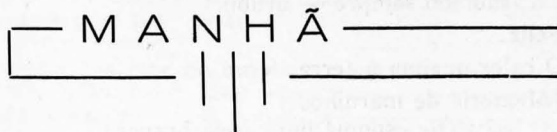
No fim sobrará um Hans Staden. Êsse Hans Staden contará aquillo de que escapou e com os dados dêle se fará a arte próxima futura.

E' pois aconselhando as maiores precauções que eu apresento ao gentio da terra e de todas as terras a libérrima REVISTA DE ANTROPOFAGIA.

E arreganho a dentuça.

Gente: pode ir pondo o cauim a ferver.

Antônio de Alcântara Machado.



O jardim estava em rosa, ao pé do Sol

E o ventinho de mato que viera do Jaraguá

Deixando por tudo uma presença de agua

Banzava gosado na manhã praceana.

Tudo limpo que nem toada de flauta.

A gente si quizesse beijava o chão sem formiga,

A bocca roçava mesmo na paisagem de cristal.

Um silêncio nortista, muito claro!

As sombras se agarrando no folhede das árvores

Talqualmente preguiças pesadas.

O Sol sentava nos barcos, tomando banho-de-luz.

Tinha um sossêgo tão antigo no jardim,

Uma fresca tão de mão lavada com limão

Era tão marupiara e descansante

Que desejei... Mulher não desejei não, desejei...

Si eu tivesse a meu lado ali passeando

Suponhamos, Lenine, Carlos Prestes, Gandhi, um desses!...

Na doçura da manhã quasi acabada

Eu lhes falava cordialmente:--Se abanquem um bocadinho

E havia de contar pra êles os nomes dos nossos peixes

Ou descrevia Ouro Preto, a entrada de Vitoria, Marajó,

Coisa assim que puzesse um disfarce de festa

No pensamento dessas tempestades de homens.

MARIO DE ANDRADE

“Ali vem a nossa comida pulando”

(V. Hans Staden - Cap. 28)

RESOLANA

O mormaço é a fumaça da macega.
 Treme o longe diluido na quentura.
 O boi desce a recosta em procura da sombra
 mas pára logo, abombado.
 Lá no alto, voando, voando, bebendo o azul,
 subindo sempre — urubú.
 Feliz...
 O calor queima a terra, ferve no ar.
 (Memoria de marulhos
 gosto de espuma limo areia branca)
 A cabeça do alazão é uma chamma esbelta
 cortando o campo a trote largo.
 Vejo as orelhas agudas que se móvem,
 sinto o corpo fremente do cavallo.

E ha tanta harmonia entre o choque dos cascos
 e o meu tronco agitado na vibração febril,
 que eu compreendo a gloria animal da carreira:
 vou!

enrolado na força do sol.

(Rio Grande do Sul)

Do livro "Giraluz"

AUGUSTO MEYER

Estão no Prélo

LARANJA DA CHINA

DE

Antonio de Alcantara Machado

E

MACUNAIMA

DE

Mario de Andrade

A sair brevemente

Martim - Sererê

VERSOS

DE

Cassiano Ricardo

E

Republica dos E. U. do Brasil

POEMAS

DE

MENOTTI DE PICCHIA

Poema

Ella vae sozinha, tropeçando nas colheitas.
 Bate-lhe o sol nos hombros. Ella sente que um gosto humano
 deflora-lhe a bocca e illumina-a de absurdos.

Parece que um choro quer sorrir dentro de si.
 Parece que o sangue dentro de si quer matal-a
 e jogar-lhe clarões por cima.

Aquillo é o universo que se despenha dos seus cabellos.

(Pará)

ABGUAR BASTOS

UFA,

os films que assombram o mundo

REPRESENTANTE

Gustavo Zieglitz

RUA DOS ANDRADAS, 42

SÃO PAULO

Vacca Christina

A vacca Christina, de madrugada,
 Vem de belengue no longo da rua.
 Uei,
 Olha o leite da vacca Christina!

No Bango lambido de luzes escassas
 Estira-se a larga madrugada molle.
 Amontoa-se a garoa miuda. E lá adeante.
 Roda a carroça do lixo da noite.
 Uei,
 Quem quer leite da vacca Christina?

E a vacca bohemia, de pata pitoca,
 Vae toda faceira, enfeitada de fita
 Vae ver as comadres atraz dos tabiques
 Uei,
 Viva as têtas da vacca Christina!

E passa a patrulha noturna da zona.
 E' a hora em que o Bango cansado cochila.
 Somente enche o resto da noite deserta
 O belengue molango no longo da rua:
 Uei,
 Quem qué o leite da vacca Christina?

Jacob Pim-Pim.

Do livro a sahir: "Ai, seu Mé".

MANIFESTO ANTROPOFAGO

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Unica lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os collectivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupy, or not tupy that is the question.

Contra toda as catecheses. E contra a mãe dos Gracchos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropofago.

Estamos fatigados de todos os maridos catholicos suspeitosos postos em drama. Freud acabou com o enigma mulher e com outros sustos da psychologia impressa.

O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeavel entre o mundo interior e o mundo exterior. A reacção contra o homem vestido. O cinema americano informará.

Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hypocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados e pelos touristes. No paiz da cobra grande.

Foi porque nunca tivemos grammaticas, nem colleções de velhos vegetaes. E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiro e continental. Preguiçosos no mappamundi do Brasil.

Uma consciencia participante, uma rythmica religiosa.

Contra todos os importadores de consciencia enlatada. A existencia palpavel da vida. E a mentalidade prelogica para o Sr. Levy Bruhl estudar.

Queremos a revolução Carahiba. Maior que a revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direcção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua

pobre declaração dos direitos do homem.

A idade de ouro annunciada pela America. A idade de ouro. E todas as girls.

Filiação. O contacto com o Brasil Carahiba. **Oú Villeganhon print terre.** Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, á Revolução Bolchevista, á Revolução surrealista e ao barbaro technizado de Keyserling. Caminhamos.

Nunca fomos catechizados. Vivemos atravez de um direito sonambulo. Fizemos Christo nascer na Bahia. Ou em Belem do Pará.

Mas nunca admittimos o nascimento da logica entre nós.

Só podemos attender ao mundo orecular.

Tinhamos a justiça codificação da vingança A sciencia codificação da Magia. Antropofagia. A transformação permanente do Tabú em totem.

Contra o mundo reversivel e as idéas objectivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dynamico. O individuo victima do systema. Fonte das injustiças classicas. Das injustiças romanticas. E o esquecimento das conquistas interiores.

Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.

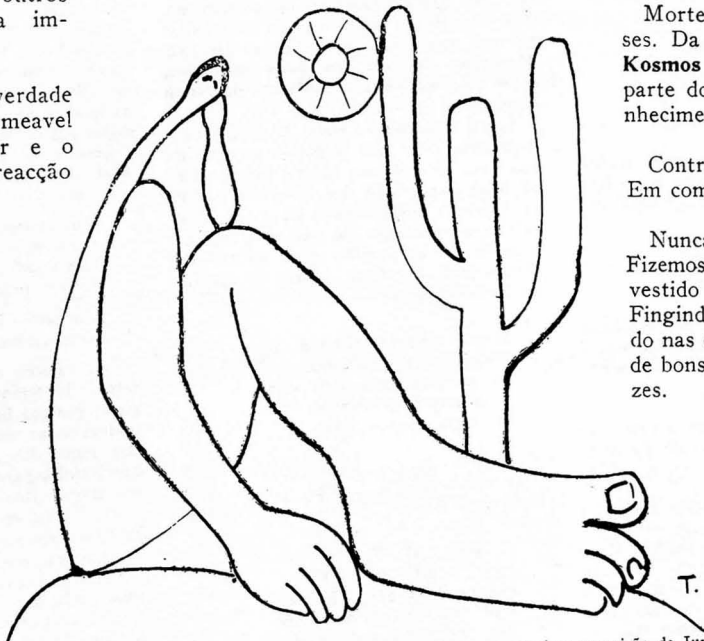
O instincto Carahiba.

Morte e vida das hypotheses. Da equação **eu** parte do **Kosmos** ao axioma **Kosmos** parte do **eu**. Subsistencia. Conhecimento. Antropofagia.

Contra as elites vegetaes. Em comunicação com o sólo.

Nunca fomos catechizados. Fizemos foi Carnaval. O indio vestido de senador do Imperio. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas operas de Alencar cheio de bons sentimentos portuguezes.

Já tinhamos o communismo. Já tinhamos a lingua surrealista. A idade de ouro. Catiti Catiti Imara Notia Notia Imara Ipejú



Desenho de Tarcella 1928 - De um quadro que figurará na sua proxima exposiçõ de Junho na galeria Percier, em Paris.

Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro emprestimo, para ganhar commissão. O rei analphabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita labia. Fez-se o emprestimo. Gravou-se o assucar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a labia,

O espirito recusa-se a conceber o espirito sem corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vaccina antropofagica. Para o equilibrio contra as religiões de meridiano. E as inquisições exteriores.

A magia e a vida. Tinhamos a relação e a distribuição dos bens phisicos, dos bens moraes, dos bens dignarios. E sabiamos transpor o mysterio e a morte com o auxilio de algumas formas grammaticaes.

Perguntei a um homem o que era o Direito. Elle me respondeu que era a garantia do exercicio da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o

Só não ha determinismo - onde ha misterio. Mas que temos nós com isso?

Continua na Pagina 7

SEIS POETAS

PEDRO-JUAN VIGNALE — Sentimento de Germana — Buenos Aires — 1927.

Os versos são de uma ternura forte e grave. Muito diferente daquêlles pieguismo rimado dos poetas que sussurram no ouvido da amada. Pedro-Juan Vignale, **maestro e entomólogo**, ama a moderna. E poeta á moderna. Seus ditirambos em honra de Germana não são declarações de namorado bisonho: antes de que tem fé convencida e invencível num sentimento muito alto mas palpável. Nada de dúvidas cruciantes ou queixumes suspirados. Nenhuma alusão á morte salvadora.

Através da mulher o poeta ama a terra onde ela nasceu: esta terra. Sentir uma é sentir a outra.

En tus manos ávidas
traes
los cielos del Brasil

Ouvindo a voz **cálida de trópico** é que êle vê

esa tarde paulista
exprimirse
sobre el Tietê
hasta inundarlo

O que é positivamente lindo.

Esse contracto de poeta, tão profundamente vigoroso com o tema lírico Brasil ainda nos dará (penso eu) muita coisa ótima.

JORGE FERNANDES — Livro de poemas — Natal — 1927.

A poesia de Jorge Fernandes machuca. Deante dela fica-se com vontade de gritar como o próprio poeta na **Enchente**:

Lá vem cabeçada...

E vem mesmo. Poesia bandoleira, violenta, golpeando a sensibilidade da gente que nem o tejú brigando com a cobra: **Léxol léxol!**

Ao lado disso uma afeição carnal e selvagem pela terra sertaneja como demonstra entre outras a esplêndida **Canção do inverno**. E feito rude de dizer as coisas. Jorge Fernandes tem a mão dura: tira lascas das paisagens que caem nas unhas dêle. **Mão de derrubar** sem dúvida. Aquella mesma trabalhadeira e lírica **Mão nordestina** que dá o nome a uma de suas poesias mais características.

Outra cousa: Jorge Fernandes fala uma lingua que nós do Sul ainda não compreendemos totalmente mas sentimos admirável. Eu pelo menos não percebo trechos e trechos de várias poesias suas. No entanto gosto dêles. O poema **Avóetes** por exemplo (não sei se por causa da construção particularíssima de certas frases) espanta como o desconhecido. E é bonito que só vendo.

O autor do **Livro de poemas** evidentemente está passando por um período doido de auto-crítica de que sairá melhorado com certeza. Êle mesmo reconhece isso e caçoa de suas reminiscências parnasianas. Daí uma porção de pequenos defeitos nas vésperas de completo desaparecimento. Ou eu muito me engano.

JORGE DE LIMA — Poemas e Essa negra Fulô — Maceió — 1927 e 1928.

A ascensão de Jorge de Lima é uma delícia. De soneto **Acendedor de lampões** ao poema **Essa negra Fulô**. Sujeito inteligente como poucos soube procurar e achou. Abençoado Manuel Bandeira.

Dos **Poemas** eu separei **G. W. B. R.** Gostozura de lirismo vagabundo, alegre, levado dos diabos. Dá vontade na gente de repetir a viagem tendo o poema bem guardado na memória. Separo êsse por ser o meu predileto. Mas não o único notável. **Rio de São Francisco** também me agrada bastante. **Baía de Todos os Santos, Santa Dica, Floriano-Padre Cícero-Lampeão** igualmente têm coisas que a gente não esquece. Principalmente o primeiro. E do magnífico **Changô** pula um bodum danado, rebenta um ritmo infernal. Inútil querer resistir.

De vez em quando uma descaída sentimental ou pueril, livresca, oratória ou conceituosa que desaponta mas não assombra. Porque não é assim tão facilmente que se rompe com certos cacocetes literários. Não vê. A cousa é dura como quê. Não tem importância: Jorge de Lima está ficando cada vez mais escovado. Por isso duvido muito que em seus livros futuros apareçam versos como **Oração, Meninice, Poemas dos bons fradinhos, A voz da igreja** e o **Painel de Nuno Gonçalves** sobretudo.

Agora **Essa negra Fulô**. E' das coisas mais marcantes que a poesia nordestina nos tem enviado de muito tempo para cá. **Essa negra Fulô** sim. Bole com a gente. Pinica a sensibilidade da gente. Embala o sensualismo da gente. Canção e história da escravidão sem querer ser. Poesia boa, cheirosa, suarenta, apetitosa, provocadora.

Ora se deu que chegou
(isso já faz muito tempo)
no banguê dum meu avô
uma negra bonitinha
chamada negra Fulô

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

O' Fulô? O' Fulô?
(Era a fala da Sinhá
chamando a negra Fulô)
Cadê meu frasco de cheiro
que teu Sinhô me mandou?
— Ah! foi você que roubou!
Ah! foi você que roubou!

O Sinhô foi açoitar
sossinho a negra Fulô.
A negra tirou a saia
e tirou o cabeção,
de dentro dele pulou
nuinha a negra Fulô.

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

O' Fulô? O' Fulô?
Cadê, cadê teu Sinhô
que Nosso-Senhor me mandou?
Ah! foi você que roubou
foi você, negra Fulô!

Essa negra Fulô!

Essa negra Fulô. Pretinha do inferno.
Essa negra Fulô.

A. de A. M.

Henrique de Resende, Rosario Fusco e Ascanio Lopes — **Poemas — Cataguazes — 1928.**

E' a gente simpática da **Verde** de Cataguazes.

Livro naturalmente desigual puxando para três lados.

Henrique de Rezende é o mais velho da turma. Engenheiro rodoviário vai anotando nas margens do caderno de medições e de cálculos os aspectos dos caminhos que êle abre

como um cordame de veias
no corpo adusto
da terra inhospita.

Não sei se como engenheiro é bom poeta. Mas sei que como poeta é bom engenheiro. Seus versos são solidamente construídos sobre leito bem empedrado. Nem falta o rôlo compressor de uma auto-crítica severa. E êsses caminhos têm sombras para a gente repousar a vista tonta da luz das paisagens. **A ermida** por exemplo: tão comovente e tão bonita.

Rosario Fusco é um menino. Está dito tudo: mistura timidez com audácia, brutalidade com ternura, larga o estilingue para choramingar no colo de um afecto bom. Tem talento. Quanto a isso não pode haver dúvida. Tem talento, vontade de acertar e uma desenvoltura ótima na qual a gente não pode deixar de pôr a maior das confianças. Eu gosto muito dêste poeminha — **Sala de gente pobre** — do qual tomo a liberdade de suprimir o último verso:

Um banco.
Uma mesa.
Um quadro: Nossa Senhora....
Outro quadro: São José....

Um lampeão.
Nem ambição de mais coisas.

Os defeitos de Rosario Fusco são defeitos de quem tem dezasete anos. Em geral porque há alguns mais graves que podem virar crônicos se não forem curados logo: linguagem meio cá meio lá, quedazinha para o lugar-comum, imagem de efeito, final arranjadinho. E outros mais. Porém eu já disse e repito que em Rosario Fusco a gente pode ter sem medo muitíssima confiança.

Ascanio Lopes também é menino: menino malicioso, gozador, cheio de subentendidos. O principal defeito dêle é o mesmo de Rosario Fusco: a idade que tem. Daí, apesar dêle ser brincalhão, certas puerilidades sentimentais, o desejo criança de ser acarinhado e o tema tristeza soando falso nas poesias dêle.

A mata é grande demais para o fogo pegar caracteriza bem a sua maneira boa:

Na modorra enorme do sertão
os empregados trabalhavam nos eitos da
[roça

cantando cantigas ingenuas.
Mas do lado da serra, lá longe, começou
[a subir fumaça

e as chamas tamparam as arvores da
[mata.

O feitor disse que era uma queimada que
[saltara o acciaio.

Ninguém pensou em apagar o fogo.
No céu os gaviões gritavam assustados.

Ascanio Lopes não deve abandonar êsse seu feito de gozador a seco.

O pessoal da **Verde** é portanto umá surpresa excelente e cuja excelência de hoje em diante não mais surpreenderá ninguém.

A. de A. M.

POESIA

(Especial, para a "Revista de Antropofagia")

F O M E

Em jejum, na mesa do "Café Guarany",
O poeta antropofago rima e metrifica o amorzi-
[nho de sua vida.
Elle tem saudades de ti.
Elle quer chamar "ti" de: estranha — voluptuo-
[sa — linda querida.
Elle chama "ti" de: gostosa — quente — bôa
[— comida.

Guilherme de Almeida.

A LINGUA TUPY — PLINIO VALGADO

A LINGUA TUPY

A lingua tupy deve ser estudada com um novo criterio. A contribuição de todos os que escreveram grammaticas e dictionarios do idioma falado pelos nossos selvagens é certamente muito valiosa, e serve-nos hoje de inicio para as nossas procuras curiosas. Mas os que estudaram o tupy, nos primeiros seculos da colonização inspiravam-se num criterio arcaico, do mesmo modo que, considerando o indio, tomavam-no sob o ponto de vista da catechese. Periodo de Anchieta, depois de Montoya, de Filgueiras. E é preciso notar o caracter de utilidade pratica immediata, desses estudos, naquella época. O jesuita tinha necessidade de unificar, tanto quanto possivel, as linguas, num typo geral que servisse ao imperialismo catechista. E a necessidade da comprehensão urgente entre catechumenos e evangelizadores. Essa preocupação utilitaria não podia ter sinão uma orientação grammatical. E sendo o typo humano dos conquistados reduzido peio dogma á equivalencia intrinseca do conquistador, passava para um segundo plano o estudo do seu espirito e do seu instincto, e da lingua do gentio só se tomavam as conclusões finaes, formas pacificas passivas da traducção. Que o indio, como valor psychologico e social era to-

mado como identico ao homem europeu, não resta a menor duvida. Basta ver-se envergando o habito de Christo, e com o titulo de Dom, que lhe concede Felipe IV, o sr. Antonio Camarão, Poty de nascimento... Aliás, uma bulla papal já declarou, após a descoberta do Novo Mundo, que todos descendiam de Adão e Eva. Os que estudaram o tupy, desde aquelles tempos, não podiam ter outra orientação que não fosse a do seu seculo e a das necessidades prementes.

Muita gente depois veio estudando a lingua de nossos indios, mas com um criterio pratico. São subsidios curiosos. Abanheenga, quer dizer, lingua de homem, lingua de gente, chamavam os tupys á sua lingua. O missionario foi unificando, systematizando as pequenas modalidades no nheengatú, ou seja lingua bôa. Donde nasceu o tupy-guarany. As outras tribus ficaram falando o seu nheengahyba, lingua ruim. Ruim porque não se submettia á redução classica do nheengatú.

O criterio scientifico para o estudo das linguas americanas procede de Martius e da sua classificação. O ramo brasileiro, que vem denominado na classificação de Frederico Muller "grupo tupy-guarany", é dividido por Martius em nove galhos. Parece-me que ha, dahi por diante, uma curiosidade maior em relação ás linguas selvagens. E em relação ao indio,

tambem. Liga-se o estudo dos idiomas á propria historia do homem. Depois de Lamarck, G. de Saint Hilaire, Darwin e Spencer, estes assumptos tomam um outro aspecto. A ultima tentativa para reduzir o indio á forma europeá, é, talvez, a do nosso chamado indianismo, expressão do romantismo em nossa literatura. Mas essa preocupação lamartinizante dos nossos poetas e romancistas teve a vantagem de chamar a attenção brasileira para o bugre, cercal-o de uma sympathia através da qual pudesse chegar a elle e pesquizal-o melhor. E como esse movimento de Gonçalves Dias e José de Alencar representa o primeiro passo para uma comprehensão melhor do indigena, é justo perdoarmos a esses escriptores os prejuizos inherentes ao seu tempo. E é preciso tambem registrar que, no meio de muita phantazia, ha expressões fieis da psychologia selvagem em muitos trechos da poesia e do romance romanticos.

A opinião do nosso historiador Porto Seguro (Varnhagen), tão hostile á pobre raça dominada, vem logo contrabataida pela sympathia de Couto de Magalhães, de Barbosa Rodrigues, de Baptista Caetano a cuja obra podemos juntar o que tem feito Theodoro Sampaio, Cândido Rondon, Alarico Silveira, e outros.

Novos aspectos nos interessam hoje na lingua dos nossos selvagens O da ori-

(Continua na pag. seguinte)

A LINGUA TUPY — (Continuação)

gem, o da sua significação como exprimindo um estagio humano, e, sobretudo, a íntima communhão cosmica, essa especie de intercompreensão, de intersensibilidade e correspondencia dos elementos idiomáticos representativos dos objectos, (substantivo) das acções (verbos) e das circumstancias, (adjectivos e adverbios) que resumem toda uma syntaxe primitiva, que prescindia de preposições e conjunções, primeiras moletas da decadencia na função creadora das linguas.

A hypothese onomatopáica de Heber, a das interjecções de Horne Tooke, a do poder inherente á natureza humana, de Max Muller, a materia debatida por Condillac, Leibnitz, Locke, são indicações curiosas para indagações mais remotas, e hoje, pelo menos, nos fazem meditar sobre o acervo lexico das raças que foram desaparecendo em nosso continente. A propria origem do "homo americanus", pensamento que nos perturba diante da Lagôa Santa ou dos Sambaquis de Iguape; ou na consideração phantasiosa dos chronicistas das possíveis migrações transoceanicas precolumbianas; o senso das edades, a idade da nossa terra, tudo isto se prende, de certa forma, ao estudo do nosso indio e da sua lingua, e o assumpto é hoje muito mais suggestivo.

Porém, principalmente depois das hypotheses de Freud, da sua interpretação pela psychanalyse da vida social dos povos primitivos ("Totem et Tabou"); depois do cansaço das civilizações de que a Europa presente é uma grande expressão; e ao despertar de um seculo em que o senegalez confraternizou com o "poulu", e Josephina Backer lançou os requebros yankees do Zanzibar, — é depois de tudo isto que ha um novo interesse, e, portanto, deve haver um novo criterio para o estudo da nossa lingua tupy

A doutrina da equivalencia espiritual, denominação que poderemos dar ao ponto de vista catholico do inicio da colonização brasileira, assume hoje um novo aspecto. E' a equivalencia das forças originaes humanas, denominador commum de todas as raças.

A tendencia primitivista das nossas artes modernas, como das formas da civilização moderna, o proprio primitivismo desta era nova, que Keyserling denomina a era do chauffeur, tudo isto nos leva ás mais íntimas confraternizações com o elemento humano em suas expressões iniciaes. Vem dahi a comprehensão mais perfeita que teremos da lingua dos povos primitivos.

A nossa lingua tupy, não a devemos estudar mais com um senso grammatical, philologico, mas com um senso humano. O idioma, ou os idiomas falados pelos povos americanos precolumbianos representam uma verdadeira eucharistia: o homem commungando com a natureza.

E' sob este ponto de vista que devemos tomar os elementos verbaes polyrythmicos da lingua dos nossos selvagens. Veremos desdobrar-se aos nossos olhos através de cada palavra, de cada raiz, toda a alma do nosso indio.

Tenho observado — pelos pouquissimos conhecimentos que tenho do tupy — que a onomatopéa é, de facto, a origem mais remota da linguagem dos indios. Não direi precisamente onomatopéa, segundo a presumpção de Herder, ou seja a imitação da natureza. Prefiro a onomatopéa

não simplesmente representativa de percepções auditivas, mas como representação de relações entre os sentidos e os dois mundos, o objectivo e o subjectivo. Donde se origina a generalização das significações, a analogia que vae ampliando a função representativa dos vocabulos, ou das syllabas. Analogia que obedece a um sentido sensorial, ou a uma logica sentimental. Isso tudo estabeleceu muita confusão entre os que primeiro estudaram as linguas dos nossos aborigenes. Porque não tinha sido interpretado o sentido dessas linguas. De homens primitivos, em plena idade da pedra lascada.

Quando, com Raul Bopp, comeci a me interessar por estes assumptos, estimulados ambos pelas nossas conversas com Alarico Silveira, demos para fazer varias "descobertas". Não sei até que ponto podem ellas ter valor. Em todo o caso, são caminhos para melhores averiguações.

Por exemplo: onde entram as expressões **ta**, **te**, **ti**, **to**, **tu**, quer dizer que a cousa é dura de tinir. **Ita** — pedra, ferro; **ibitu**, — montanha, de **ibi**-terra, e **tu**, coisa dura, tesa; **cunhatan**-mulher virgem, de **cunhã**-mulher, e **tan**-coisa dura, tesa (os seios, naturalmente); **taquaracanna** de bambú, de **tá**-duro, e **quara**-ôco; **tátá**-fogo, provavelmente porque é do atricto de **coisas duras** que sae fogo, e o indio não conhecia mesmo outro processo de fazer fogo, aliás velho processo que vinha desde os primeiros sambaquis de Iguape, ou desde o homem de Lund; ou de Ameghino, segundo a descoberta feita pelo incançavel Ricardo Croner.

Como sabemos, agua é **hy**, ou **ig**. Quem nos dirá que pedra, **ita**, não vem da circumstancia de estar sempre a pedra ligada á agua, nas minas, nas grutas, no mar, ou em lucta, ou em paz? Seixos que rolam, pedregulhos, granitos e basaltos emoldurando as cachoeiras, penedos no mar, tócas onde nascem os corregos...

Espuma é **tii**. Porque a espuma se origina de choques, de violencias. E tudo o que é forte, ardente, traz, por analogia, o **t**. **Tai**, raiz que arde, gengibre; **tainha**, dentes; **tatarana**, insecto que queima; **tiquira**, aguardente, pinga; **tainha**, caroco, semente (analogia de dente); **tacunhã**, membro sexual do macho (tá, duro; cunhã, mulher); **tacape**, arma de matar, etc.

A consoante **t**, lembrando tudo o que é duro, forte, violento, traz sempre idéa de atricto, como se vê em **tátá**, fogo, em **tii**, espuma. Por isso, **tiquira**. Pois tudo o que é **qui** significa coisa meuda. **Ti** é violencia que o fogo exerce para distillar a aguardente, que vae sahindo aos pingos, **qui**. E temos tambem **Quiriri**, ou **quiririm**, que quer dizer muitos meúdos, do mesmo modo que quítera. Como se sabe, o plural em tupy, entre suas varias formas tem a da repetição de **rere**, **ri-ri**.

Isto dito, vejamos Mantiqueira, o nome de nossa grande serra. **Man** quer dizer ver, enxergar. **Tiquera**, ou **tiquira**, quer dizer meúdos, pequeninos, razerado, pulverizado. O indio, naturalmente, do alto da serra, via tudo diluido na distancia, via tudo **tiquera**...

E' preciso notar-se (e chamço a attenção dos meus leitores para este facto) que nem sempre se encontrará a confirmação destas hypotheses na lingua tupy. Por-

que tambem, com certeza, depois de feitas as expressões iniciaes, a lingua selvagem soffreu os metaplasmas a que nenhum idioma póde-se furtar. Houve, por certo, transposições, elisões, figuras de diminuição ou de augmento, modificações prosodicas sensiveis obedientes a leis climaticas, cosmicas e historicas, e de tal forma que se contavam dezenas de dialectos na época da descoberta. Acrescentou-se a isso a obra unificadora dos jesuitas, as influencias hespanholas, portuguezas, francezas e tapuyas. De modo que a documentação desta hypothese se torna muito difficil. A hypothese é apenas para mostrar o espirito que possivelmente presidiu a formação da lingua tupy.

Pa, **pe**, **pi**, **po**, **pu**, traz sempre idéa de superficie, ponta, extremidade, contacto, contorno, revestimento, limite. Sendo superficie, tambem é tudo o que se refere a plano, por exemplo a pequena, a charreza, que se confunde quasi com a superficie. Donde **peua**, ou **peba**, que significa chato, liso. Cachorro pequeno é **yaguá-peua**, ou **yaguá-peba**. Mas exprimindo esta consonancia tambem ponta, extremidade, coisas tão relacionadas com superficie, (é a logica íntima das intercorrespondencias sensoriaes) o indio chama a aza do passaro **pepu**, as mãos do homem, **po**, ou **pu**. Pela mesma razão, as cousas que revestem levam essa consonancia. Pelle é **pe**, ou **pi**. Como vimos, **re-re**, ou **riri** são formas do plural. Dahi vem **piriri**, ou **perere**, muitas pelles, porque a pelle quando irritada dá a idéa de que se multiplica em muitas pellizinhas. Pelo menos é a sensação que se tem, quando nos sentimos arrepiados. Portanto, **perereca**, ou **piririca** significam estremece. Ligada essa idéa ao ar, ao vento, ás folhas das arvores, e finalmente a outros rumores da natureza, temos a significação tambem empregada de **susurrar**, **sussurro**. Mas **pe** é, principalmente, a expressão do contacto entre os sentidos e os mundos subjectivo e objectivo. Donde a significação de superficie, de contorno, de véo ou pelle. Por isso, **petuna** (pelle ou véo preto) quer dizer noite. Mas é á noite que se repousa, que se dorme, portanto, **pituú** é o verbo repousar. E o dia em que se descança (domingo ou feriado) é para o indio tambem **pituú**. Esta consonancia, exprime, tambem, por essas íntimas analogias o **rebrantar das superficies**. Assim, temos **pororoca**, **pipóca**, **pereba**, **puca**, (quebrar, estalo de onde **arapuca**, **ara-ave**; e **puca**-quebrar). Pelo que vimos, pelle **piriricada** quer dizer pelle que salta irritada. Tudo o que salta, estrebucha, é **perereca**. De onde vem o Sacy-**perere**, ou **perereg**. Mais forte do que **piririca**, é, porém, **tiririca**, pelo que já vimos do valor de **t**. Portanto, "ficar **tiririca**", expressão que usamos tanto, dá perfeitamente idéa do estado do individuo que estremece com violencia, ou dá pulos de raiva.

Em outros artigos arranjaremos exemplos interessantes, não só do ponto de vista das analogias sensoriaes, como agora, mas das sentimentaes, que revelam operações psychologicas mais difficéis.

Hoje foi só para mostrar que a lingua tupy é uma lingua quasi em estado nascente, directamente ligada á natureza, oriunda do contacto immediato entre o homem e o mundo.

Manifesto Antropofago

Contra as historias do homem, que começam no Cabo Finisterra. O mundo não datado. Não rubricado. Sem Napoleão. Sem Cesar.

A fixação do progresso por meio de catalogos e aparelhos de televisão. Só a maquinária. E os transfusores de sangue.

Contra as sublimações antagonicas. Trazidas nas caravellas.

Contra a verdade dos povos miseráveis, definida pela sagacidade de um antropofago, o Visconde de Cayrú: — É a mentira muitas vezes repetida.

Mas não foram cruzados que vieram. Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o Jaboty.

Se Deus é a consciencia do Universo Increado, Guaracy é a mãe dos viventes. Jacy é a mãe dos vegetaes.

Não tivemos especulação. Mas tinhamos adivinhação. Tinhamos Política que é a sciencia da distribuição. E um systema social planetario.

As migrações. A fuga dos estados tédiosos. Contra as escleroses urbanas. Contra os Conservatorios, e o tédio especulativo.

De William James a Voronoff. A transfiguração do Tabú em totem. Antropofagia.

O pater familias e a criação da Moral da Cegonha: Ignorancia real das coisas — falta de imaginação — sentimento de authority ante a procuriosa.

E' preciso partir de um profundo atheismo para se chegar a idéa de Deus. Mas o carahiba não precisava. Porque tinha Guaracy.

O objectivo creado reage como os Anjos da Queda. Depois Moysés divaga. Que temos nós com isso?

Antes dos portuguezes descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.

Contra o indio de tocheiro. O indio filho de Maria, afilhado de Catharina de Medicis e genro de D. Antonio de Mariz.

A alegria é a prova dos nove.

No matriarcado de Pindorama.

Contra a Memoria fonte do costume. A experiencia pessoal renovada.

Somos concretistas. As idéas tomam conta, reagem, queimam gente nas praças publicas. Suprimamos as idéas e as outras paralyrias. Pelos roteiros. Acreditar nos signaes, acreditar nos instrumentos e nas estrelas.

Contra Goethe, a mãe dos Gracchos, e a Côte de D. João VI.

A alegria é a prova dos nove.

A lucta entre o que se chamaria Increado e a Creatura-illustrada pela contradição permanente do homem e o seu Tabú. O amor quotidiano e o modus-vivendi capitalista. Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transformal-o em totem. A humana aventura. A terrena finalidade. Porém, só as puras elites conseguiram realizar a antropofagia carnal, que traz em si o mais alto sentido da vida e evita todos os males identificados por Freud, males catechistas. O que se dá não é uma sublimação do instinto sexual. E' a escala thermometrica do instinto antropofagico. De carnal, elle se torna electivo e cria a amizade. Affectivo, o amor. Especulativo, a sciencia. Desvia-se e transfere-se. Chegamos ao aviltamento. A baixa antropofagia aglomerada nos peccados de cathecismo — a inveja, a usura, a calumnia, o assassinato. Peste dos chamados povos cultos e christianisados, é contra ella que estamos agindo. Antropofagos.

Contra Anchieta cantando as onze mil virgens do céu, na terra de Iracema — o patriarcha João Ramalho fundador de São Paulo.

A nossa independencia ainda não foi proclamada. Frase typica de D. João VI.: — Meu filho, põe essa corôa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dynastia. E' preciso expulsar o espirito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.

Contra a realidade social, vestida e oppressora, cadastrada por Freud — a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciaris do matriarcado de Pindorama.

OSWALD DE ANDRADE.

Em Piratininga.
Anno 374 da Deglutição do Bispo Sardinha.

BRASILIANA

RAÇA

De uma correspondencia de Sarutayá (Est. de S. Paulo) para o **Correio Paulistano**, n. de 15-1-927:

O Sr. Abrahão José Pedro offereceu aos seus amigos um lauto jantar commemorando o anniversario de seu filho José e baptizado do pequeno Fuad, que nessa data foi levado á pia baptismal.

Foram padrinhos o sr. Rachide Mustafa e sua esposa d. Jorgina Mustafa.

O Sr. Paschoalino Verdi preferiu um discurso de saudação.

POLITICA

Da mesma correspondencia:
O Sr. Rachid Abdalla Mustafa, escrivão de paz, muito tem trabalhado para augmentar o numero de eleitores.

DEMOCRACIA

Telegrama de Fortaleza (AB):
A bordo do "Itassussé" passou por este porto com destino ao norte, S. A. D. Pedro de Orleans e Bragança, acompanhado de sua esposa e filho.

S. A. desembarcou, visitando na Praça Caio Prado a estatua de Pedro II. O povo acclamou com entusiasmo o principe. A officialidade do 23.º B. C. e a banda de musica cercada de enorme multidão, aguardou a chegada de S. A. naquella praça.

Compacta massa, acompanhou os distinctos viajantes até a praça do Ferreira, onde o tribuno Quintino Cunha fez uma entusiastica saudação em nome da população.

Na volta para bordo, um preto catraeiro, de nome Vicente Fonseca, destacando-se da multidão abraçou o principe dizendo: "Fique sabendo que as opiniões mudaram mas os corações são os mesmos".

RELIGIÃO

Telegramma de Porto Alegre para a **Gazeta** de S. Paulo n. de 22-3-927:

Vindo de S. Paulo chegou a esta capital o sr. Sebastião da Silva, que fez o raide daquelle (Estado ao nosso, a pé, tendo partido dali em outubro.

O "raidman" tomou essa resolução em virtude de uma promessa feita a Virgem Maria, para que terminasse a revolução no Brasil. Quando se achava proximo a esta Capital, teve conhecimento do termino da lucta, proseguindo até aqui, afim de cumprir a sua promessa.

Sebastião Antonio da Silva conta actualmente 35 annos de idade.

NECROLÓGIO

De um discurso do professor João Marinho na Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro (**Estado de S. Paulo**, n. de 3-8-921):

O dr. Daniel de Oliveira Barros e Almeida nasceu num dia e morreu em outro, de doença de quem trabalha, coração cansado antes de tempo.

Entre os dois, correu-lhe a vida.

SURPRESA

Telegramma de Curitiba para a **Folha da Noite** de S. Paulo, n. de 2-11-927:

Informam de Imbituba que o individuo Juvenal Manuel do Nascimento, ex-agente do correio, reuniu em sua casa todos os amigos e parentes sob o pretexto de fazer uma festa. Durante o almoço, Juvenal mostrou-se alegre e, ao terminar a festa foi ao seu quarto, do qual trouxe um embrulho contendo uma dynamite, dizendo que ia proporcionar a todos uma surpresa.

Todos estavam attentos e esperando a surpresa quando, com espanto geral, o dono da casa approximou um cigarrão accessado do embrulho que explodiu, matando Juvenal e ferindo gravemente sua esposa e todas as pessoas que haviam assistido ao convite fatal.

A "Descida" Antropofaga

A "descida" agora é outra.
O Autor

Ha quatro seculos, a "descida" para a escravidão. Hoje, a "descida" para libertação. O Diluvio, foi o movimento mais serio que se fez no mundo. Deus apagou tudo, para começar de novo. Foi intelligente, pratico e natural. Mas teve uma fraqueza: deixou Noé.

O movimento antropofago, — que é o mais serio depois do Diluvio — vem para comer Noé. **NOE' DEVE SER COMIDO.**

Penso que não se deve confundir volta ao estado natural (o que se quer) com volta ao estado primitivo (o que não interessa). O que se quer é simplicidade e não um novo codigo de simplicidade. Naturalidade, não manuaes de bom tom. Contra a belleza canonica, a belleza natural — feia, bruta, agreste, barbara, illogica. Instincto contra o verniz. O selvagem sem as missangas da cathechese. O selvagem comendo a cathechese.

Os **PEROS** que ainda existem entre nós hão de sorrir por seus dentes de ouro o sorriso civilizado de que, reagindo contra a cultura, estamos dentro da cultura. Que besteira. O que temos não é cultura europeia: é experiencia della. Experiencia de quatro seculos. Dolorosa e páo. Com Direito Romano, canal de Veneza, julgamento synthetico a priori, Tobias, Nabuco e Ruy. O que fazemos é reagir contra a civilização que inventou o catalogo, o exame de consciencia e o crime de defloramento. **SOMOS JAPY-ASSU'**

"Ce venerable villard Japi Ouassou fut merveillement attentif, comme tous les autres Indiens lá presens aux discours susdicts á quoi il replique ce qui s'ensuit. Je m'esionis extremement de vous voir et me manqueray á tout ce ie vous ay promis. Mais ie me estonne comme il se peut faire que vous autres PAY ne vouliez pas de femmes. Estes vous descendus du Ciel? Estes nays de Pere et Mere? Quay donc! n'estes pas mortels comme nous? D'ou vient que non seulement vous ne prenez pas de femmes ainsi que les autres François que ont trafiqué avec nous depuis quelque quarante et tant d'années; mais ancore que vous les empechez maintenant de se servir de nos filles: ce que nous estimions á grand honneur et grandheur, pouvans en avoir des enfans".

(Claude d'Abbeville—"Histoire de la Mission des Pères Capucins en l'Isle de Maragnan et terres circonvoicines.")

Contra o servilismo colonial, o tacape inheiguára, "gente de grande resolução e valor e totalmente impaciente de sujeição" (Vieira), o heroismo sem rosa de Commendador dos carahybas, "que se oppuzeram a que Diogo de Lepe desembarcasse, investindo contra as carávelas e reduzindo o numero de seus tripulantes" (Santa Rosa — "Historia do Rio Amazonas").

Ninguem se illuda. A paz do homem americano com a civilização europeia é paz nheengahiba. Está no Lisboa: "aquella apparatusa paz dos nheengahibas não passava de uma verdadeira impostura, continuando os barbaros no seu antigo theor da vida selvagem, dados á antropofagia como dantes, e baldos inteiramente da luz do evangelho."

Como se vê, facilmo ser antropofago. Basta eliminar a impostura.

Foram estas as consequencias dos versos ruimzinhos que Anchieta escreveu na areia de Itanhaen: Ordenações do Reino, grammatica e ceia de Da Vinci na sala de jantar. E não houve ainda quem comesse Anchieta!

Portugal vestiu o selvagem. Cumpre despil-o. Para que elle tome um banho daquella "innocencia contente" que perdeu e que o movimento antropofago agora lhe restitue. O homem, (falo o homem europeu, cruz credo!) andava buscando o homem fóra do homem. E de lanterna na mão: philosophia.

Nós queremos o homem sem a duvida, sem siquer a presumpção da existencia da duvida: nú, natural, antropofago.

Quatro seculos de carne de vacca! Que horror!

(a) OSWALDO COSTA.

VISITA DE SÃO THOME'

Quando a Bahia não se chamava Bahia, muito antes de Pedro Alvares Cabral, São Thomé foi lá um dia.

Não sei se foi por acaso ou para vêr. Mas viu.

Viu e protestou contra as coisas que viu.

Fez um discurso cheio de conselhos que os indios escutaram de boccas abertas:

Que era preciso adorar a Deus, fugir do demonio, não ter mais que uma mulher. Conselhos bons.

Emquanto falava, fazia nascer da terra a planta da mandioca e a bananeira que ainda hoje dá bananas de São Thomé.

Então os indios gostaram.

Quando São Thomé, cansado, sentiu que devia acabar, acabou com estas palavras:

—E não comam nunca mais carne de gente!

Então os indios não gostaram. Avançaram.

Quizeram comer o santo.

Felizmente São Thomé corria mais do que elles.

Chegou na beira da praia, deu um passo de meia legua e foi parar numa ilha onde não tinha selvagens.

(Quem me ensinou isto foi Frei Vicente do Salvador...)

ALVARO MOREIRA.

NOTA INSISTENTE

Neste rabinho do seu primeiro numero a "Revista de Antropofagia" faz questão de repetir o que ficou dito lá no principio:

— Ella está acima de quaesquer grupos ou tendencias;

— Ella acceita todos os manifestos mas não bota manifesto;

— Ella acceita todas as criticas mas não faz critica;

— Ella é antropofaga como o avestruz é comilão;

— Ella nada tem que ver com os pontos de vista de que por acaso seja vehiculo.

A "Revista de Antropofagia" não tem orientação ou pensamento de especie alguma: só tem estomago.

A de A. M.
R. B.

Revista de Antropofagia

Direcção de ANTÔNIO DE ALCÂNTARA MACHADO

Gerencia etc. de RAUL BOPP

ENDEREÇO: 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º PAV. SALA 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269 — SÃO PAULO

INCITAÇÃO AOS CANIBAIS

O atraente parteiro, professor, acadêmico e orador doutor Fernando de Magalhães esteve há dias em São Paulo onde falou sobre o feminismo, deu uma lição de obstetrícia e concedeu uma entrevista.

É essa entrevista que merece ser conhecida. O doutor Fernando fez nela a apologia entusiástica da Sociedade Brasileira de Educação. Sociedade benemerita, sociedade utilíssima, sociedade isto, sociedade aquilo. A prova? Aqui está (palavras textualíssimas): *A biblioteca da Associação — acentuou — é o que há de mais perfeito no gênero, como ordem e como método na sua organização. Uma de suas secções, por exemplo, a biblioteca infantil, exigiu um trabalho enorme de paciência e perspicácia. Necessitou-se de um inquérito entre as crianças para se saber quais os livros preferidos, chegando-se a resultados estupendos. Uma criança de 12 anos, por exemplo, a qual perguntou-se qual o livro preferido, respondeu, prontamente: "Lusiadas" de Camões.*

Ora, ora, ora, ora. Que brincadeira é essa? Então o raio do menino com doze anos de idade já é assim tão imbecilzinho que prefere Camões a Conan Doyle? E é isso que se chama resultado estupendo?

O doutor Fernando quiz trocar com a gente. Não tem que ver. Menino que chupa Camões como se fosse pirolito de abacaxi não é menino: é monstro. Mas que monstro: toda uma coleção teratológica. É também para guris dêsse quilate (e não só para os peraltas) que existe chinelo de sola dura.

Põe a gente triste verificar que um fenômeno assim é como não podia deixar de ser brasileiro. Já no grupo escolar a molecada indígena teve da boca erudita de seus professores que o Brasil foi descoberto por acaso e Camões é o maior gênio da raça. A molecada cresce certa dessas duas verdades primarciais. Daí o mal

menso: país descoberto por acaso é justo que continue entregue ao acaso dos acontecimentos. Mesmo porque a gente não tem tempo para perder com bobagens: Camões absorve todos os minutos inteligentes.

Esse antropófago que vem desde o nascimento desta terra (há um testamento de bandeirante escrito numa folha manuscrita do *Os Lusíadas*) devorando com delícia as gerações nacionais precisa por sua vez ser deglutido. É urgente pôr boi tão gordo na boca da sucuri brasileira. E que sirva de aperitivo a Sociedade Brasileira de Educação. Para rebater, a sobre-mesa será o doutor Fernando que é manjar doce e fino.

Antônio de Alcântara Machado

O ESTRANGEIRO

Eu encontrei um homem vermelho
Falando uma língua que eu não sabia...
Pelos seus gestos entendi que ele achava
Minha terra muito bonita.
Apontava p'ra luz do sol muito forte...
P'ras arvores muito verdes...
P'ras aguas muito claras...
P'ro céu muito claro...

Eu tive vontade que ele entendesse a minha fala
P'ra lhe dizer:

— Marinheiro provéa Deus que você fosse
Pelos nossos sertões...
Você via os campos sem fim...
As serras tímivas todas cheias de matos...
Os rios cheios muito bonitos...
Os rios secos muito bonitos...
Você comia commigo umbuzada gostosa...
O leite com girimum...
Curimatan fresca com molho de pimenta de cheiro...
Você via como a gente trabalha sol a sol
Esquecido da fome e esquecido das coisas
Bonitas de seus mundos...
Ver como vaqueiro rompe mato fechado
E se lasca perseguindo a rês
Por riba dos lagêdos
Chega os cascos federem a chifre queimado...
Ver o vaqueiro plantá a mão na bassoura da rês
E ela virá mocotó...

— Marinheiro, se você soubesse a minha fala
Eu havéa de levar você p'ro meu sertão...

(Natal)

Jorge Fernandes

ANTROPOFAGIA: "ESPECIE DE AFERRAÇÃO MENTAL, QUANDO SE DÁ NO HOMEM CIVILISADO".
(DR. FREI DOMINGOS VIEIRA — GRANDE DICCIONARIO PORTUGUEZ)

LIRICA

A ELEITO SOARES

O meu amor, rapazes,

é uma lindeza de morena bonita
das matas de minas gerais!

De dia meu amor vai pro serviço cantando cantando:
e que friume não me faz por dentro, gente, vel-a cantar
[assim!]

Meu amor é mais alegre que o sol!
Mais alegre que os córgos da minha terra!
Mais alegre que a passarada da minha terra a cantar!

Meu amor disse que gosta muito de mim...
Eu acredito — palavra! — mas desconfio também
como bom mineiro que se preza como eu.

Porêm,
a gente não deve botar a mão no fogo não. Dizem...
Eu bóto!
Isto é, eu tóco ãa mão no fogo
mas deixo outra de reserva...

(Cataguases)

— do "Fructa-de-conde" —

Rosario Fusco

Homisio

Para Raul Bopp

Nesta baiúca
Coberta de sapé
Esteve homisiado o Caburé
Que matou o Zé Juca no valado.
Passava a passóca
E mingau de mandiôca,
Potranca sempre pronta no potreiro
Do terreiro. Arisco como uma paca,
Picava fumo com a faca,
Cuava café no tripé pra beber no coité.

Um cabo escondeu no serrado
Com um soldado, e com cerrado tiroteio
— Tiro foi e tiro veiu —
Deram cabo,
Cabo e soldado,
Do costado do coitado.

Dos CANTOS MUNICIPAIS
(Minas)

Fidelis Florencio

IDILIO

Um reporter modelo de certo jornal paulista, conseguiu sensacional reportagem na cadeia publica. Para lá entrar recorreu a um meio muito simples; boliu com grilos (os mais pelintras, aqueles que usam polainas que foram brancas e luvas furadas na ponta dos dedos) resultando para ele tremenda surra, seguida de alguns dias de cana brava.

Vamos agora dar a palavra ao exforçado recordista das reportagens sensacionais:

...e na mansão de dôres Moraes, talvez mais profundas do que as dôres físicas, deparou-se-nos comovedor espetáculo. Formára-se entre as lobregas paredes, entre reixas de ferro e oortas inexoráveis, um dôce e puro idílio. O mais antigo dos presos, que pelo seu comportamento exemplar gosava de uma certa liberdade, apaixonara-se pela mais comportada das detentas. Tinham combinado o casamento, para quando saíssem da prisão, e já escolhido as testemunhas. Todos na cadeia se referiam com simpatia ao projéto. Ela aí fôra ter porque cometera varios infanticídios, triste fruto da época de depravação moral em que vivemos e da falta de proteção em que o governo deixa as jovens incautas que a vida das grandes cidades rodeia de insídias. Ele matara as duas esposas que sucessivamente tivera, a primeira devido a deslizes conjugaes, a segunda por incompatibilidade de genios. Um dos padrinhos cortara a mãe dêle (padrinho) em pedacinhos. Outro era especialista em assassinios de tocaia: matara 20 pessoas em 10 dias, até que a policia resolveu tardiamente — como sempre — cortar-lhe a vocação. Etc...etc...

Continuava por aí afóra o exforçado reporter. Não resta duvida que ele revela um caso de consequências inquietantes para almas sensiveis, visto aparentarem as futuras solenidades nupciaes, desfecho possivelmente antropofágico.

Yan de Almeida Prado

ÊSTE MÊS:

LARANJA DA CHINA

DE

Antônio de Alcântara Machado

E

MACUNAÍMA

(HISTÓRIA)

DE

Mario de Andrade

ENTRADA DE "MACUNAÍMA"

MARIO DE ANDRADE

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma herói da nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Urari-coera que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma.

Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava:

— Ai! que preguiça!...

E não dizia mais nada. Ficava no canto da maloca trepado no girau de paixúba espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha, Maanape já velhinho e Jiguê na força do homem. O divertimento dele era decepar cabeça de saúva. Vivia deitado mas si punha os olhos em dinheiro Macunaíma dançava pra ganhar vintem. E também espertava quando a família ia tomar banho no rio, todos juntos e nus. Passava o tempo do banho dando mergulho e as mulheres soltavam gritos gosados por causa dos guaíamuns diz que habitando a aguada doce por lá. No mocambo si alguma cunhatá se aproximava dele pra fazer festinha, Macunaíma punha a mão nas graças dela, cunhatá se afastava. Nos machos guspia na cara. Porém respeitava os velhos e frequentava com aplicação a murúá a poracê o torê a cucucogue, todas essas dansas religiosas da tribo.

Quando era pra dormir trepava no macurú pequeninho sempre se esquecendo de mijar. Como a rede da mãe estava por debaixo do berço o herói mijava quente na velha, espantando os mosquitos bem. Então adormecia falando palavras-feias imoralidades estrambolicas e dava patadas no ar. Nas conversas das mulheres no pino do dia o assunto era sempre as peraltagens do herói. As mulheres se riam, muito simpatisadas falando que "espinho que pinica, de pequenoi já trez ponta" e numa pagelança Rei Nagô fez um discurso e avisou que Macunaíma era muito inteligente.

Nem bem teve seis anos deram agua num chocvalho pra ele e Macunaíma principiou falando como todos. E pediu pra mãe que largasse da mandioca ralando na cevadeira e levasse ele passear no mato. A mãe não quis porque não podia largar da mandioca não. Macunaíma choramingou dia inteiro. De-noite continuou chorando. No outro dia esperou com o olho esquerdo

dormindo que a mãe principiasse o trabalho. Então pediu pra ela que largasse de tecer o paneiro de guarumá-membecka e levasse ele no mato passear. A mãe não quis porque não podia largar o paneiro não. E pediu pra nora, companheira de Jiguê que levasse o menino. A companheira de Jiguê era bem moça e chamava Sofará.

Macunaíma pediu um pedaço de curauá pro mano porém Jiguê falou que aquilo não era brinquedo de criança. Macunaíma principiou chorando outra vez e a noite ficou bem difícil de passar pra todos.

No outro dia Jiguê levantou cedo pra fazer armadilha e enxergando o menino tristinho falou:

— Bom-dia, coraçãozinho dos outros.

Porém Macunaíma fechou-se em copas carrancudo.

— Não quer falar comigo, é?

— Estou de mal.

— Por causa?

Então Macunaíma pediu fibra de curauá. Jiguê olhou pra ele com odio e mendou a companheira afranjar fio pro menino. A moça fez. Macunaíma agradeceu e foi pedir pro pai-de-terreiro que trançasse uma corda pra ele e assoprasse bem nela fumaça de petum.

Quando tudo estava pronto Macunaíma pediu pra mãe que deixasse o cachiri fermentando e levasse ele no mato passear. A velha não podia por causa do trabalho mas a companheira de Jiguê mui sonsa falou pra sogra que "estava ás ordens". E foi no mato com o piá nas costas.

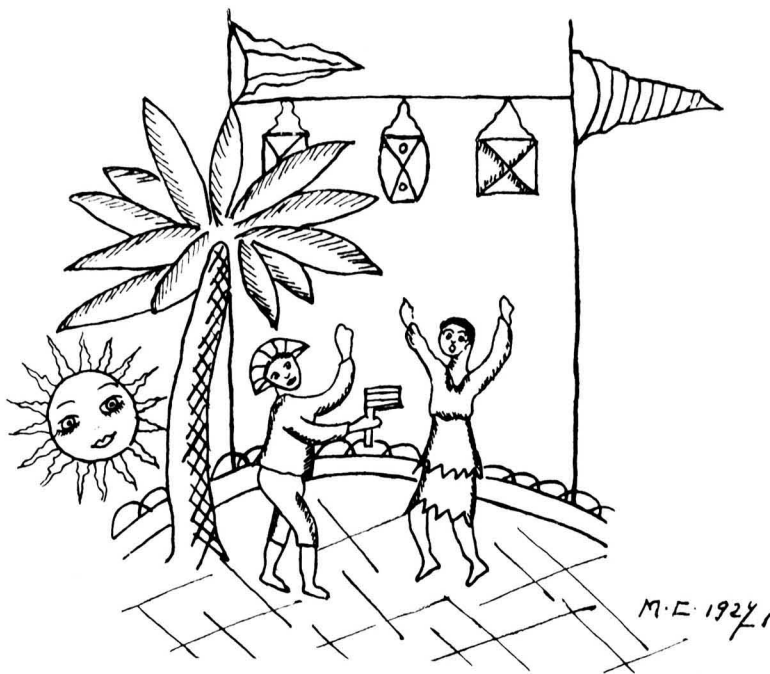
Quando o botou nos carurús e sororocas da serrapilheira o pequeno foi

crescendo e virou príncipe. Falou pra Sofará esperar um bocadinho que já voltava pra brincar e foi no bebedouro da anta armar um laço. Nem bem voltaram do passeio, tardinha, Jiguê já chegava também de prender a armadilha no rasto da anta. A companheira não trabalhara nada. Jiguê ficou fulo e antes de catar os carrapatos bateu nela muito. Mas Sofará aguentou a coça com paciência.

No outro dia a arraiada inda estava acabando de trepar nas árvores, Macunaíma acordou todos, fazendo um bué medonho, que fossem! que fossem no bebedouro buscar a bicha que ele caçara!... Porém ninguém não acreditou e todos principiam o trabalho do dia.

Macunaíma ficou muito contrariado e pediu pra Sofará que desse uma chegada no bebedouro só pra ver. A moça fez e voltou falando pra todos que de fato estava no laço uma anta muito grande já morta. Toda a tribo foi buscar a bicha, matutando na inteligencia do curumim. Quando Jiguê chegou com a corda de curauá vazia encontrou todos tratando da caça. Ajudou. E quando foi pra repartir não deu nem um pedaço da carne pra Macunaíma, só tripas. O herói jurou vingança.

Etc.



Desenho de MARIA CLEMENCIA — (Buenos Aires)

Foi se aproximando resabiada porém desta vez Macunaíma ficou muito quieto sem botar a mão na graça de ninguém. A moça carregou o piá nas costas e foi até o pé de aninga na beira do rio. A agua parara pra inventar um ponto de gôso nas folhas do javari. O longe estava bonito com muitos biguás e biguatingas avoando na entrada do furo. A moça botou Macunaíma na praia porém ele principiou choramingando, que tinha muita formiga!... e pediu pra Sofará que o levasse até o derrame do morro lá dentro do mato. A moça fez. Mas assim que deitou o curumim nas tiriricas e traçoerabas da serrapilheira ele botou corpo num atimo e ficou um príncipe lindo. Andaram por lá muito.

Quando voltaram pra maloca a moça parecia muito fatigada de tanto carregar piá nas costas. Era que o herói tinha brincado muito com ela... Nem bem deitou Macunaíma na rede Jiguê já chegava de pescar de puçá e a companheira não trabalhara nada. Jiguê enquisilou e depois de catar os carrapatos deu nela muito. Sofará aguentou a sova sem falar um isto.

Jiguê não desconfiou de nada e começou trançando corda com fibra de curauá. Não vê que encontrara rasto fresco de anta e queria pegar o bicho na armadilha. Ma-

UM POETA

Cassiano Ricardo — MARTIM CERERÊ — S. Paulo — 1928.

Martim Cererê não é livro inteiramente novo. Há nele várias poesias do *Vamos caçar papagaios* (com uma ou outra modificação ligeira) e outras cujos temas já foram explorados pelo próprio poeta em seus livros anteriores. O mesmo acontece com certas imagens e certos achados verbais.

Isso mostra que Cassiano continua batendo na tecla Brasil. Permanece o poeta do descobrimento e da colonização sobretudo. Poeta oratório (o que denuncia sua brasilidade) e descritivo. Quando oratório ou quando descritivo sempre fortemente eloquente.

O caso de Cassiano Ricardo é um caso à parte na nossa literatura actual. Cassiano até 1925 foi inimigo violento da reacção moderna. Depois (era fatal) se converteu. Houve nisso um missionário irresistível: o Brasil. Se o movimento moderno entre nós não tivesse assumido também uma feição nacionalista acredito que Cassiano continuasse inimigo d'ele. No *Martim*

Cererê a gente verifica isso facilmente: do espírito moderno que é universal o poeta aceita pouca cousa. Mas o tema Brasil do modernismo o seduz.

Por causa d'ele chegou a romper com o seu próprio passado literário. Na lista de suas obras publicadas contante do livro de agora não figuram *A fruta de Pan*, *Jardim das Hespérides* e os outros dois volumes anteriores a 1925. Esse repúdio aliás não tem razão de ser. E constitue uma injustiça: *A fruta de Pan* principalmente tem versos que são dos melhores do parnasianismo brasileiro.

Pelo que já ficou dito lá no princípio é evidente a impossibilidade de criticar *Martim Cererê* sem repetir uma a uma as críticas (elogios e reparos) que já mereceram abundantemente *Borrões de verde e amarelo* e *Vamos caçar papagaios*.

Eu que mesmo nos novos sempre procuro o novo, o que é novo na novidade d'eles, me contento em reproduzir aqui

este ótimo poeminha chamado *Lua cheia* n. 1:

*Boião de leite
que a noite leva
com mãos de treva
pra não sei quem beber.*

*Mas que embora levado
muito de vagarinho
vai derramando pingos brancos
pelo caminho...*

Gosto tanto dessa gostozura que ousou pedir a Cassiano que não se esqueça de molhar seus livros futuros n'esse mesmo leite gorduroso e cheiroso. Puro lirismo sem água.

Martim Cererê foi impresso com bastante cuidado. Além disso tem bonitas ilustrações de Di Cavalcanti. Algumas mais que bonitas até: a da capa; a da página 19 e outras.

A. DE A. M.

BRAZIL

A tarde é uma rede vermelha e mole
E os nervos da gente esticados como cordas de violão
Vibram no fluido de volupia que garôa devagarzinho
Das bandas meio escuras de onde o sol nasce...
Uma mariposa começa a enlouquecer.
(de quem será que eu tenho tanta sodade.)
Chora... Ser homem! Não, homem não chora, não!
... a jaboticabeira se estorce
Ainda não arranjou posição pra dormir...
(a vida...)
Aquele mato deve estar cheio de lobizôme...
Derepente o primeiro apito da coruja!
Imobilidade.
(a gente suspira e pensa no destino...)
Silencio.
Misterio;
Os fantasmas vestidos de luar dansam...
Nossa Senhora, que medo!

(Paraná)

MATINAL

Eu abri a janella
a respirei fundamente a frialdade
da manhã.
Sob risadas de sinos,
a cidade brincava de esconder
dentro da névoa.

(RIO DE JANEIRO)

MARQUES REBELLO

MADRUGADA

Do livro "Colonia Z e outros poemas"

A lancha da lenha vem chegando, ainda escuro,
mansa, com a sua tósse miúda de gasolina
e o seu motorzinho fumegando na popa.

Vem vindo na volta do rio.

Para traz, os matos cochilam na nevoa da madrugada
onde escorre a aza negra dos biguás.

Um silvo claro demora no ar.
Chegou.

A lenha veio coberta de folhas verdes, palmas, bambús,
e a lancha parou, em silencio, no meio do rio,
pequenina, esmagada, como uma formiga orgulhosa.

(Porto Alegre)

Ruy Cirne Lima

La gracia del amor puro

Hoy nuestras cabezas están amparadas
por la sonrisa larga de los pescadores
y el misterio de las guitarras
trémulas
en la fina oración de las manos.

Tres marineros nos dan
la alegría de sus ojos azules
para la victoria audaz
de tu amor y el mio!

La frente de un violinista borracho
sostiene la inquietud de canciones
soñadas en el cielo de tu alma.

Las copas e esta noche
tienen el alto destino de los sueños!

Que lámpara le robaré al mar
para la gracia del amor nocturno?

Dame, compañera mía,
la fuerza de tu boca
que hace sonar la campana
de nuestras esperanzas!

(Montevideo)

NICOLÁS FUSCO SANSONE

FIM DA LINHA

Esse arrabalde chora. Cada casa é um leproso implorando a água, do céu. Bibócas immundas, ranchinhos com cercas e paredes de lata velha, remendados a trapos, empastados de barro secco. Buracos — ventiladores naturais. Mas ha o conforto primitivo da liberdade.

Ao fundo, o morro vermelho engole tudo na guela do barranco.

Gira e vira a hesitação sentimental de um catavento que me faz recordar o Marcello. Gama.

Sobre uma cerca a impertinencia amarella dos girasões dourando tudo.

Olha o negrinho! Estuda a paisagem. Riscou as canellas finas por causa das motucas.

Currú páque pá páque.

Anda a roda, criolinho.

Mulatas lavam roupa semeando no ar-roio nuvensinhas de sabão.

Quando a gente vence a lomba, rola uma chuva de seixos pela estrada e elles cahem lá em baixo na lagôa morta com um mergulho nocturno: glu glu glu.

Longe, nos aramaes, roupa lavada acena: adeus... adeus...

Do livro "GATINHA DE BOCA"

Porto Alegre

AUGUSTO MEYER

SERENATA

Alguem anda soltando a lua como um balão cor de rosa lá nas ilhas fronteiras. Evem a lua. Cae balão! Não cae. A lua vae passear no céu. O Guahyba, oleoso, escuro, espera que a lua suba mais para imitá-la, invejando. Sobre o veleiro adormecido, um fanal sangra. Voz encachada arranha a noite:

Meu amô, meu triste amô
Que jáááá morreu...

Serenata. Flauta, cavaquinho, violão.

Vem crescendo, tremelicando emoções tremulas nas cordas, bambeando compassos bambos no violão, bebendo na flauta um gole puro e melodioso.

Alma dengosa da cidade, melancolia mestiça, geme na rua a queixa dolente, demdom.

A lua escuta, immovel. Parece uma lanterna do cordão "Chora na esquina".

BREVEMENTE:

**REPUBLICA
DOS
ESTADOS
UNIDOS
DO
BRASIL
—
VERSOS
DE
MENOTTI
DEL
PICCMIA**

EM TODAS AS LIVRARIAS:

Martim - Cererê
VERSOS
DE
Cassiano Ricardo

ESTÁ NO PRELO:

Antologia de 4 poetas mineiros

JOÃO ALPHONSUS
CARLOS DRUMOND DE ANDRADE
EMILIO MOURA
PEDRO NAVA

BELO-HORIZONTE — MINAS

PORQUE AMAMOS OS NOSSOS FILHOS

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Ignacinho veio pedir-me uma victrola como presente do seu proximo anniversario. Os ultimos acontecimentos não são de molde a justificar essa pretensão do meu querido filho e companheiro. Presentes de anniversario dão-se a meninos bem comportados, que não trocam as aulas pelo futebol, nem as vigílias do estudo pelas do cinema. Ora Ignacinho tem sido justamente o contrario desse typo de joven exemplar, que é muito commum no "Coração" de Edmundo de Amicis e outros livros estrangeiros, mas que infelizmente não parece ter-se dado bem com o clima do Brasil. Como pois solicitar-me festas?

E dahi Ignacinho não é mais uma criança. Membro do conselho fiscal do Centro dos Preparatorianos e collaborador das paginas de annuncio (as unicas que prestam) do "Fonfon" e do "Para Todos", elle adquiriu já uma personalidade social e litteraria que não se coadua com as calças curtas nem com as regalias conferidas aos frangotes de 13 annos. Rapazinho de calça comprida não tem direito a mimos infantis. Socio do Centro dos Preparatorianos tambem não tem. Poeta ou prosador ainda que incipiente, tambem não.

Fiz ver todas essas coisas a Ignacinho. Sem ferocidade, palavra. Minha intenção era ferir-o no seu orgulhosinho pubere, de modo que elle renunciasse ostensivamente á victrola, poupando-me a dor de recusar-a. Eu sou feito do mesmo barro de que se fazem todos os paes, e ás vezes meu coração amolece nos momentos mais serios. Em minha consciencia achava que Ignacinho não tinha direito á machina falante. Mas e coragem para dizel-o?

Ignacinho, achando futeis as minhas razões, reforçou o pedido com a promessa de dois bellissimos exames parcelados no Gymnasio. Era victrola para lá, exames para cá. Si eu fechasse o negocio, elle capricharia nas escriptas e se excederia nas oraes. Adverti-lhe de que não faria mais do que a sua estricita obrigação, prestando bons exames das humanidades (elle diz "deshumanidades") que si não estudara, devia ter estudado a fundo.

Mas intimamente, e sem calculo, eu já tinha cedido um pouco.

Ignacinho prometeu mais. Prometeu optimo comportamento durante as ferias, e infatigavel applicação durante o proximo anno lectivo. Em todos os futuros annos

lectivos. Na Faculdade de Medicina, até o 6.º anno, seria o modelo dos candidatos a morticola. E na vida pratica — Ignacinho nesse momento chegou a pensar na vida pratica — seria o morticola mais brilhante da sua geração, do seu paiz, do seu continente, do mundo. E tudo isso por um preço tão pequeno! O preço de uma victrola Decca, das menores...

Antes que o rapaz me promettesse maiores absurdos, eu, desarmado, fiz como Capablanca: entreguei-lhe os pontos. Mas frisei bem: não contasse commigo na hora de comprar os discos.

O capetinha deu uma gargalhada e confessou, cynico:

— Não precisa não, papae. Os discos eu já tenho. Mamãe me deu. Eu falei com ella que o sr. tinha me dado a victrola...

Astucia, teimosia e senso commercial da alma infantil! Ignacinho explorou-me duplamente, é certo, pois pelo menos aqui no sertão, quem paga os presentes da mulher é o marido. Mas não são essas pequeninas coisas que nos fazem amar os nossos queridos filhos?

(Bello Horizonte)

A LINGUA TUPY

No meu ultimo artigo falei, em relação á lingua tupy, do que poderemos chamar as analogias sensorias, que são todo um mecanismo amplificador do processo onomatopáico, que assignala o periodo creador da linguagem, o primeiro commercio entre os cinco sentidos e os mundos objectivo e subjectivo.

A formação da linguagem é, na verdade, um complexo de actos fixados de posse. Linguagem é apprehensão e determinação de phenomenos. Na variedade das circumstancias.

Da synthese interjectiva o espirito agudo da emoção retornou ao exame minucioso dos factores do conjuncto emocional. A onomatopéa creou os grandes pontos de referencia, os elementos primordiais das expressões directas. A intercorrespondencia dos sentidos nuançou essas expressões. Impressões auditivas e visuaes, olfactivas, palataes e tactivas, controverteram-se, cambiaram-se, ajustaram-se na entressagem dos instinctos enriquecidos de experiencias. E a expressão objectiva multiplicou-se, prismando-se de acepções.

Vimos, no ultimo artigo, que todas ás cousas duras, resistentes, são expressas pela consonancia *t*; e que as cousas extremas, as pontas e as superficies, traduzem-se na linguagem nascente dos nossos indios pela consonancia *p*. E, a seguir, desenroláramos todas as consequencias desse facto. Entre os curiosos resultados do processo formador da linguagem, encontramos a consonancia *p*, que significa ponta, extremidade, como designativa de baixo, rasteiro. A aza do passaro, que attinge as grandes alturas é *pepó*, e as cousas chatas, que se confundem com o chão, se designam por *pepeua,peba*. Porque o raciocinio seguiu este caminho: Extremidade quer dizer limite; limite determina superficie; superficie significa revestimento; revestimento é conjuncto de planos. Portanto; planice, chateza das cousas que com ella se confundem...

Vastissimo campo offerece este assumpto para estudos curiosos. Estas notas são apenas uma indicação de rumo para a apreciação da lingua dos povos primitivos, que temos, tão á mão, no Brasil. Agora, si passarmos das analogias das impressões para a analogia das emoções, e depois, até do raciocinio, indo sempre do mais simples para o mais complexo, as observações serão

mais curiosas. Finalmente, transportando-nos desses phenomenos que mais se referem á etymologia, aos da construcção das phrases, iremos encontrar na syntaxe primitiva dos aborigenes cabedades interessantissimas para a pesquisa da formação dos idiomas troncos.

Estes apontamentos, quero repetir, não são orientados por nenhum methodo, nem seguem uma ordem rigorosa. São registados, apenas, de memoria, sem a presença perniciososa dos livros e autores absorventes. Têm elles um caracter exclusivamente pessoal, de observações e conclusões proprias, e si no artigo anterior occorreram alguns nomes, de autores, foram reminiscencias casuaes de leituras antigas, que de certa forma se ligam á materia. Por outro lado, estas observações devem ser tomadas com as necessarias restricções, pois são apenas illustrações para orientar pesquisas talvez mais felizes de gente mais competente.

Vejam algumas curiosidades. O valor das vogaes, por exemplo. Tenho que o phonema *a*, aberto ou atono, significa sempre proximidade e claridade. O dia é *ara*.

O phonema *u* exprime distancia. As cousas distantes são pretas ou azues, portanto, *u* significa tambem essas cores. Donde temos *una*. A noite é *petuna*, ou *pechtuna*, ou *pichtuna*, que quer dizer véo, ou pelle preta.

Porque buraco ou cousa ôca é *qua*? É possivel que pelo seguinte: onde vae a consonancia *q*, trata-se de cousa meúda, pequena. Qui, é grão, é piolho, e quando leva a desinencia frequentativa *re-re*, já se sabe que é cousa meúda, em quantidade; quierera. Mas, o que é um buraco, sinão um espago pequeno, em relação aos espaços em liberdade? Portanto, deveria ser *qui*. Mas a vogal *i* significa mais cousa fina, subtil. Um pão ou pedra perfurados deixam, entretanto, entrar pelo orificio o ar e a luz, donde vem *quá*. Porque onde vae o *a* vae a luz.

Perguntaremos: porque ave, passaro, é tambem *ara*? *Ara* é o dia, o conjuncto das cores; ôra, os passaros trazem nas suas pennas, tambem todas as cores. Por isso o passaro é o dia. E o dia é o grande passaro das sete cores...

O nosso bicho tatú (é uma hypothese apenas) pôde ser que tenha o seu nome

originado da circumstancia de entrar no buraco e tapar a entrada da luz. Como se sabe, a consonancia *t* exprime resistencia, cousa dura.

Vimos, no ultimo artigo, que fogo é *tatá*, e a nossa hypothese foi a de que assim se exprime o elemento igneo, pela circumstancia de nascer o fogo do atrito das cousas duras. Mas o fogo é luz, claridade, por isso a consonancia *t* liga-se ao phonema *a*.

No tocante ás analogias psychologicas, encontramos interessante material, que demonstra a intima comunhão cosmica dos homens primitivos. A lua, por exemplo, é *Jacy*. E *Jacy* tambem quer dizer tristeza. E que é a tristeza sinão um luar da alma?

Mas, temos ainda *caruca*, que é tarde. Vem, provavelmente, de *caa*, matto, e *oc*, ou *uc*, morar. O *r* é evidentemente euphonico. A tarde é, portanto, *a que móra no matto*. E, na verdade, mesmo quando o sol é mais intenso, ha sempre debaixo das cópas intrancadas da floresta, a sombra que se estende pelas raizes. Quando o sol se põe, a sombra sáe devagarinho do matto, e vae se escorregando, extendendo-se dominando a paizagem. É a que móra no matto: *caruca*. Algumas horas depois, quando brilham as *ciatás* (estrellas, mães do fogo), a *caruca* se transforma em *petuna* que é o véo negro da noite.

Aracy é a mãe do dia, ou a aurora. É a mãe porque do seu clarão é que nasce o sol. Neste ponto a mythologia tupy se confunde com a mythologia grega.

Entre as palavras mais lindas dos nossos indios, está, certamente o *nheengare*. *Nhem* é fala, falar. *Nhengatú*, lingua boa; *nheengahyba*, lingua ruim, fala ruim. *Gare* é correr. Como se vê em *igara* (i, agua; *gare*, correr), que significa canôa, etc. Pois *nheengare* quer dizer *canto*, *cantiga*, ou seja a fala, a palavra que corre.

Nheengareçãua é um canto colectivo. *Nheengassú* é uma fala grande, um discurso. Muitos outros exemplos interessantes poderiam ainda ser aqui lembrados. A urgencia de entregar estas laudas improvisadas á nossa "Revista de Antropophagia" não me permittem continuar muito. E, por isso mesmo, por ser escripto á ultima hora, o artigo perdeu em methodo, em construcção: mas com isso ganhou por ter ficado menos pretencioso...

Plinio Salgado

BRASILIANA

II

IDEAL

De uma entrevista da actriz Margarida Max para o *Para todos* do Rio, n. de 20.8.27:

"O meu ideal é ter o applauso das famílias."

COMÉRCIO

Telegrama de Fortaleza para a *Folha da Noite* de S. Paulo, n. de 11.2.928:

"As padarias que se encontravam em greve acabaram com essa situação. Mas prometteram que se forem multadas novamente, por qualquer motivo, mesmo que seja fraude no peso do pão, voltarão a fechar os estabelecimentos."

PRESTAÇÃO DE CONTAS

Declaração na secção livre do *Jornal do Commercio* de S. Paulo, n. de 16.9.924:

"No dia 15 de Setembro de 1924, ás 9.15 horas da manhã, encontrando-se, na praça Dr. João Mendes n. 6, lugar esse onde o Snr. Ezequiel Martins trabalhava, sendo até aquella data vendedor do Café Assembléa.

Encontrou um senhor que se chama Paulo Morganti que é um dos proprietários, com muita exigencia relativamente a uma pequena quantia em que se achava atrazado. O dito reclamante (e dito por ele atrazado), o Ezequiel quiz lhe pagar o dinheiro que tinha recebido da respectiva freguezia, não querendo o Sr. Paulo Morganti recebê-la. Ficou por isso muito nervoso, pegando nos talões de recibo e jogando-os ao rosto de Ezequiel Martins. Ezequiel Martins vendo que eram arremessados os talões na propria cara, faz ver ao commercio em geral que nada fica devendo aos ditos senhores sob pena da lei.

Eu que o fiz e que o escrevo, e por falta de tinta, no lugar onde me acho, pedi para um amigo, por muito favor, para me deixar reconhecer minha tão digna firma, sendo isto publicado no dignissimo "Jornal do Commercio". (a) Ezequiel Martins."

FESTA NACIONAL

Circular da *Sociedade Beneficente "Amigos da Patria"* de S. Paulo distribuida este ano:

"Desejando fazer as festas nacionaes de 13 de Maio como nos annos anteriores que constará:

A commissão sahirá da séde social ás 8 horas da noite com o seu estandarte de honra e bandeiras de diversas nacionalidades acompanhadas pela banda Musical "S. A. Silex" que percorrerá as ruas centraes, cumprimentando as autoridades e a imprensa; em seguida irá para o salão da Rua Barão de Paranapiacaba N. 4, onde haverá sessão solemne e a conferencia feita por um benemerito; em seguida haverá leilão de prendas. Terminará com um animado baile que se prolongará até ao romper da aurora, e cujo baile é por pedido de socias.

Offerece-se um convite a todos que auxiliarem. — O Presidente-Fundador (a) Salvador Luiz de Paula."

ORATÓRIA

Convite para uma conferência realizada em S. Paulo: "ENTRADA

Programma a escolher

- 1.º Trabalhar é viver
 - 2.º Impressões da Amazonia
 - 3.º Preta casou com branco e vice versa...
 - 4.º Saber fazer...? Saber amar...? Saber viver...?
 - 5.º S. Paulo e o seu progresso
 - 6.º Os burros tambem fallam...
- Dia — 30 Outubro 1927
Salão — Associação 15 Novembro 22
Horas — 15,16 h.

(a) LUIZ LEITE

"ETHER" será o titulo de uma produção literaria que de futuro terei de escrever em S. Paulo.

10\$000."

BAHIA

ASCENSO FERREIRA

Bahia — Vatapá!
Bahia — Carurú!
Bahia — Acaçá!
Bahia — Oxinxin!

— Abará!
— Acaragé!
— Efó!
— Carurú!

Brasil de besteiras,
Brasil travesti,
Brasil camouflé,
Te damna Brasil!

Te damna Petit-pois!
Te damna Macarrão!
Te damna paté-de-foie-gras!
Viva o Carurú!

YOYO!
YAYA!

Eu quero é virar bahiano!
Eu comi hoje a alma bahiana, na mesa lauta da prêta Eva!
Por isso sinto em mim graves tendencias de orador!
Olhem, ou vou até fazer um discurso!
La vai tempo:

Meus senhores!
Recife tem pontes,
Recife é bonito,
Tem "Bois", tem Reisados,
Tem Maracatús...

Porém o Recife
Não tem mais as Evas
De chales vistosos,
Vendendo de tarde
— Peixe frito,
— Agulha frita,
— Siry cosinhado,
— Pirão de Aratú!

Emquanto a Bahia
Tem tudo e inda mais:
Tem 365 Igrejas!
— As mais lindas Igrejas do Brasil!

E tem

— Vatapá!
— Oxinxin!
— Efó!
— Carurú!

Viva a Bahia!
— Canudos da tradição do meu Brasil!

(Recife)

S. O. S.

A REVISTA DA ANTROPOFAGIA já tem para publicar em seus próximos números nada mais nada menos do que 37 poesias: não possui um único trechinho em prosa.

Ela dirige assim aos novos do Brasil este radiograma desesperado.:

S. O. S. SOCORRO. ESTAMOS NAUFRAGANDO NO AMAZONAS DA POESIA. MANDEM URGENTE PROSA SALVADORA.

A. DE A. M.
R. B.

Revista de Antropofagia

Direcção de ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

Gerencia etc. de RAUL BOFF

Endereço: 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º Pav. Sala 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269 — SÃO PAULO

CARNIÇA

Numa conferência há pouco realizada na Faculdade de Direito de São Paulo Baptista Pereira esguichou um pouco de Cruzwaldina na epidemia positivista que assolou e ainda hoje assola este país condoreiro. Pode parecer bobagem a gente ainda se preocupar com tal cousa. Pode parecer só: porque não é. Ninguém está claro vai se dar ao trabalho de combater o positivismo hoje em dia. Mas é preciso de uma vez por todas liquidar com esse cadáver que enterrado desde muito na Europa foi exumado por meia dúzia de fivelas e trazido para o Brasil onde continua empestando o ambiente.

Quási todas as tolices iniciais da República a gente deve aos austeros namorados póstumos de dona Clotilde. Assim como entre nós sujeito mal cheiroso é para todos os efeitos filósofo bastava alguém fazer parte da igrejainha Ordem e Progresso para ser considerado logo sábio, gênio, armazem de virtudes, torre de honestidade.

Não digo que se coma semelhante carne. E' cousa que já a cozinha refugou, o cachorro não quiz, os corvos não aceitaram protestando virar vegetarianos caso insistissem. Também deixar na dispensa envenenando as varejeiras não é possível.

Daí o melhor é pôr a carniça num tanque de creolina e recambia-la para a Europa. Com este bilhete: **Preferimos sardinha.** Que marca vocês querem? Amieux, Philippe & Canaud ou aquela de saudosa memória d. Pedro Fernandes inexplicavelmente desaparecida do mercado desde 1556?

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

NO MEIO DO CAMINHO

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra

no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.

Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra

tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

(BELO-HORIZONTE)

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

“A BARBÁRIE DURA SÉCULOS. PARECE
QUE SEJA ELA O NOSSO ELEMENTO: A
RAZÃO E O BOM-GÔSTO NÃO FAZEM
SENÃO PASSAR”

D'ALEMBERT - Discurso preliminar da **ENCICLOPÉDIA**

BALCÃO

A partir dêste número a **REVISTA DE ANTROPOFAGIA** publicará gratuitamente todo e qualquer anúncio de compra e venda de livros que lhe for enviado.

LIVROS A' VENDA:

Na Livraria Universal (r. 15 de novembro n. 19 — S. Paulo):

— S. Leopoldo — **Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul** — 2.^a ed.

Monteiro Baena — **Compendio** — Pará.

Nesta redacção:

— Blaise Cendrars — **L'Eubage** — Com 5 gravuras de J. Hecht — 1.^a ed. — ex. n. 698 — 1926 — preço: 15\$000.

— Jean Cocteau — **Le grand écart** — 1924 — preço: 5\$000.

— André Breton — **Les pas perdus** — 1924 — preço: 5\$000.

LIVROS PROCURADOS:

A Livraria Universal (r. 15 de novembro n. 19 — S. Paulo) compra, pagando bom preço:

— **Revista do Instituto Histórico Brasileiro** — tomos ns. 20, 21, 22 e 32.

— Roquette Pinto — **Rondonia**.

— Ruy Barbosa — **Replica**.

— Oliveira Lima — **D. João VI no Brasil** — 2 vs.

Além disso, adquire bibliothecas.

Yan de Almeida Prado (av. Brigadeiro Luiz Antonio n. 188 — S. Paulo) compra:

— Balthasar da Silva Lisboa — **Annaes da Provincia do Rio de Janeiro** — em bom estado.

— Mello Moraes — **Chorographia Historica** — 5 vs.

Esta redacção compra:

— Simão de Vasconcellos — **Vida de Joseph de Anchieta**.

INDIFFERENÇA

a Oswald de Andrade

Paris — Nova-York — Roma!
Cabarets — correria de casarões — arte?

O sol de meu paiz tem os longos cabellos de ouro
As palmeiras do meu paiz são verdes
frutos amarellos

Nos troncos humidos das bananeiras
vivem curiangos
nas folhas molengas
passeiam tatouranas cabelludas

Quintaes!
Amarellos

Ouro sobre verde
Verde e ouro sob azul

Sob as palmeiras do meu paiz
meu pensamento
busca sonhos
como passos de namorados nas calçadas

O sol do meu paiz tem os longos cabellos de ouro

(BELO-HORIZONTE)

ACHILLES VIVACQUA

Ja sahiu e custa**6\$000****o novo livro de****ANTÔNIO DE ALCANTARA MACHADO****LARANJA DA CHINA****Pedidos para****CAIXA POSTAL****N. 1.269****São Paulo**

CONVITE AOS ANTROPOFAGOS

Meu caro António de Alcântara Machado.

Vocês não estão cumprindo bem os seus deveres de antropofagos. É verdade que você enguliu num átimo o dr. Fernando de Magalhães e que o nosso querido Mario, no espaço de uma só manhã, deglutiui perfeitamente Gandi, Lenin e Luis Carlos Prestes (com grande nojo do Graça Aranha, que viu nesse **petit déjeuner** canibal uma escandalosa confusão de valores). Mas para a sanha de quem via vindo a nossa comida pulando, confesse que é pouca a aferração mental dos companheiros.

O jovem Antonio de Santa Engracia, redactor de sueltos no "Jornal do Brasil", tem razão: os antropofagos estão abusando da goiabada. O Brasil corre, neste momento de brasilidade modernista, o risco de degenerar em Republica de Pesqueira. Ora, eu apesar de pernambucano, não gosto muito da goiabada de Pesqueira: prefiro a de Campos que tem cascão. Admito a goiabada (como sobremesa), mas exijo o cascão.

Convem, outrosim, chamar a atenção para a dispepsia precoce de alguns curumins antropofagos. O Rosario Fusco,

por exemplo, meteu-se a devorar o Mario, não digeriu e revesou aquele

O meu amor, rapazes,

que me embrulhou o estomago de uma vez. Assim não se pode comer!

Mas o principal assunto desta carta não é nada disso.



DESENHO de ROSARIO FUSCO de CATÁGUAZES

Eu queria apresentar aos antropofagos o dr. Arthur Imbassahy, autor deste pedaço de prosa estampado no "Jornal do Brasil" de 28 de junho:

"Carlo Zecchi é um pianista de tão diamantina tempera que chega a fazer supportar sem enfado e até mesmo a se ouvir com certo interesse aquellas duas extravagancias de Ravel:

— "Alvorada del Gracioso" e o "Jeux d'eau". Lamentara eu, entretanto, que o programma estivesse mesclado com aquelles productos de uma inspiração enfezada, nascidos exclusivamente do calculo, sem que por elles passassem os effluvios do coração, e cujo valor unico depende somente de um executante de brilho, dotado de uma technica como a do temido virtuose, sob cujos dedos aquellas paginas alcançaram um colorido que até este momento eu desconhecia."

O dr. Imbassahy é critico musical do "Jornal do Brasil". Há dez anos se bate pela aspiração de ver levantada a tampa dos pianos nos numeros de acompanhamento. Tem, como se vê, incontestavel competencia em assuntos musicais. Antropofagos, eu proponho a deglutição imediata do dr. Imbassahy!

Verdade que a carne é dura. Mas pode-se entregar o pior pedaço ao empresario Felicio Mastrangelo, que tem bons dentes, ar feroz e excelente estomago.

Seu, muito cordealmente,
MANUËL BANDEIRA.

3 POETAS E 2 PROSADORES

RUY CIRNE LIMA — *Colônia Z e outros poemas* — Porto Alegre — 1928.

Acho que Ruy Cirne Lima faz versos como criança faz barquinhos de papel. Distrai, não irrita ninguém e chega mesmo a interessar a gente. A água da chuva leva os barquinhos. Pronto: desapareceram. De vez em quando um dêles dá voltas divertidas, a gente torce — afunda! não afunda! —, vai pulando que é uma boniteza. Não sai mais da memória.

Paisagista simples da terra gaúcha o poeta detesta violências e alturas. Não se afasta do quotidiano sossegado, gosta que se regala dos quadrinhos inocentes. Não entusiasma os leitores. Mas os leitores lhe ficam querendo bem.

Madrugada (que esta revista do meu pecados publicou no seu segundo número) é excelente: a melhor cousa do Colônia Z. Mas o livro tem outras cousas boas: *Moleque, Negro velho, Canção dos pescadores, Lirismo*. Os poemas são quasi todos assim:

A veneziana deixa entrar o sol
e o vento cheio de perfumes frescos.
As aves acordaram, no quintalejo.
Ha revoadas varando o azul.
Ha marulhos de arroio nas folhas
verdes.

O galo vae cantar.

As estilizações de Angelo Guido não me agradaram nem um pouco.

NICOLÁS FUSCO SANSONE — *La trompeta de las voces alegres* — Montevideo — 1925.

O livro é de três anos atrás. Mas como vem de fora pode ser considerado novidade aqui.

O poeta tinha dezenove anos quando o escreveu: diez y nueve trampolines de voluntad y de alegría diz Juan Parra del Riego num prefácio em que eu encontro frases que bem poderiam ter sido escritas por Graça Aranha. Porém isso não vem ao caso. O que importa é a maneira desenvolta com que o poeta solta sua poesia

como una bandera
para que jueguen con ella
el sol, el viento y el mar.

O livro tem mocidade até dizer chega: e exaltado, ágil, contente e barulhento. Está cheio de imagens, de arcanços, de odes. Em todas as suas páginas há mar, há estrêlas, há frutas, há manhãs, crianças correndo, pássaros voando. No meio de tudo isso Nicolás joga seu coração para que também pule

de vibrante ansiedad nueva
hasta encontrar
el canto más sano que renueva
e impulsa la sangre y la vida
en una carrera audaz.

Naturalmente esse febre a estas horas já deve ter baixado um tanto. Essa força ainda incontida no *La trompeta de las voces alegres* com certeza hoje em dia se poupa mais e tem assim maiores reservas de energia para proezas futuras. Seja como fôr poeta que começa dêsse modo é certo que continue sempre

saltando
todos los obstaculos
del mundo

cual si fuera
un travieso cabrito...
Assim queira Deus.

JULIO PATERNOSTRO —
Olha o café! — São Paulo — 1928.

Diz Julio Paternostro apresentando seu primeiro livro: *Gosto de ver as cousas sózinho sem me apontarem*. Tem bom gôsto. E é ótima regra para quem principia. Mas apesar da declaração a gente percebe o dedo de Ribeiro Couto mostrando ao autor as cousas ou algumas cousas que estão no *Olha o café!* Mostrando só. Sem descrever. O recheio é mesmo de Julio Paternostro.

E agrada. Mais de uma vez agrada bastante. Tarde começa assim:

Uma casa amarella
está parada
deixando
as janellas pegarem fogo.

Assim acaba *Zé Cabirão*:

O sol vermelho
apertava o morro
que nem o lenço
molhado que
o Zé Cabirão
tinha no pescoço...

Imagens e o mais do estilo não faltam no livro. Paternostro é brasileiro. Depois é mocinho. Com a idade dirá as cousas mais directamente. E deixará êsse lugar-comum da nossa poesia actual (já censurado por Mario de Andrade): meninice. E outros lugares-comuns: circo de cavallinhos, cidadezinha do interior, preto velho, Brasil dos primeiros anos e assim por deante.

Das qualidades evidentes do poeta destaco esta: Julio Paternostro é malicioso. Vejam *Escola* e *Bento Manuel Ribeiro*. Reproduzo aquela:

Hoje houve casamento
de gambá com raposa!
E foi de tardezinha
quando a guryzada
sahia da Escola...

E as meninas e os meninos
pareciam
uma porção de letras
a-e-i-o-u...
dependuradas dansando
nos fiozinhos de ouro
do sol...

Tambem havia
um guarda-chuva
era... a professora!

Fiozinhos de ouro do sol é horrível. Mas há no resto qualquer cousa que enche a gente de esperança no futuro poético de Paternostro. De forma que eu acredito que essa e outras descaídas tenham o seu lado útil: tropeçando é que se aprende a andar (não reivindicar para mim a paternidade da frase).

A natureza-alegre de Paim compensa na capa a feiura do titulo.

DARCY AZAMBUJA — *No galpão* — 3.^a ed. — Porto Alegre — 1928.

Obra coroada pela Academia Brasileira de Letras. No entanto a gente pode abrir o livro sem medo. E' bom. Muito bom até. Seria ótimo se tivesse sido escrito mais ou menos pela época do *Pedro Barqueiro* de Afonso Arinos. Em todo o caso não atingiu ainda vinte edições porque nem todos os dias aparece um Rui Barbosa camarada.

São historias puavas dos pagos do

gaúcho altanado. Com cheiro de flête suado, estrupício de rôlo nos domingos vadios, riso do chinaredo cosquilhoso, lôgros contrabandistas nos guitais da fronteira.

Se o estilo fosse menos acadêmico e mais humano, se o autor escrevesse com o sabor que tem a fala de suas personagens, a maneira dêle fosse mais directa de forma que os contos saíssem da pena dêle e não da bôca de um palrador entre duas mordidas no matambre sangrento (como quasi sempre acontece no livro) e ainda houvesse mais novidade nos assuntos e menos adjectivos e anexos enfeitando os periodos, *No galpão* por mais de um motivo seria obra de se lhe tirar o chapéu.

Mas tal como é já marca a nankin o nome do autor. Darcy Azambuja tem a faca e o queijo na mão. O geito de cortar e servir a roda faminta é que decidirá de sua modernidade daqui para deante. E' bom no entanto indagar primeiro se êle faz questão de ser carimbado moderno.

ANTÔNIO DE ALCÂNTARA MACHADO — *Laranja da China* — São Paulo — 1928.

Alcântara ganhou fama (ou cousa parecida) de gozador e de sêco desde o *Pathé-Baby*. Brás, Bexiga e Barra Funda não deu para desfazer essa fama (ou cousa e tal). Bom. Vamos ver agora o que dirão do *Laranja da China*. No fundo (desconfio muito) Alcântara não está fazendo questão de parecer sêco ou molhado, gozador ou sofredor. Além de ser e parecer quanto possível Alcântara acho que nada mais o preocupa.

Laranja da China tem um geito de catálogo brasileiro. E' uma imitação-zinha de tipologia nacional. Isso não quer dizer que o desembargador Lamartine de Campos ou o guri Cícero Melo de Sá Ramos (para só citar dois) sejam produtos privilegiadamente indigenas. Lá fora também nascem. Mas acontece com êles o que acontece com o café: têm sabôr quando são daqui.

Dito isso está dito sôbre as intenções do autor (se é que houve intenções). Querer descobrir mais não adianta nada. Principalmente tratando-se de histórias que podem ser tudo menos pretenciosas. O melhor portanto é aceitar o volume realizado sem procurar saber porque foi realizado assim e não assado. Depois quem publica libros trata primeiro de passar um pano nêle para enxugar o suor que custou.

O ponto de vista do autor desaparece impressa a obra se esta é de pura invenção. Gosto ou não gosto é ainda o modo mais certo da gente dar sua opinião em matéria de arte. Eu que acompanhei a construção do *Laranja da China* palavra por palavra não posso evidentemente separar o resultado — do caminho percorrido para chegar até êle. Meu juizo seria fatalmente parcial por várias razões de ordem affectiva: quem assistiu ao esforço aprecia o produto sempre em relação a êsse esforço.

Dirão que essa é justamente uma das funções da critica: desmanchar o brinquedo para ver o que tem dentro. Pode ser. Eu não entendo nada de critica.

A. DE A. M.

COMIDAS

MARIO GRACIOTTI

O sr. Coelho Netto foi coroadado. Quem fez a bruta festa foi a redacção do Malho. Botaram na cabeça delle uma corôa. Dizem que é de príncipe. Tinha louros e espinhos cahindo pelas costas. Depois, encheram os pés com perfumes. E um sujeito grosso lascou uma falação virgulada, que ninguem entendeu.

Eu tive vontade de pegar no pescoço do Coelho Netto e botar elle no espeto. Para assar, feito churrasco. E comer. E dar a corôa de príncipe ao Ademar Tavares. Pra engordar mais o bicho.

Infelizmente, o Brasil teve um príncipe na prosa. Teve. Hoje, feito comida, elle está ahí. E foi votadissimo. Se foi. Aos milhares. Intensamente votado pelos mirins desta ter-

ra de palmeiras. Gosado mesmo.

Antes de comer a comida principesca:

“Meus irmãos. O dia de hoje é dia santo para as tabas. Tem carne de príncipe. Velha, mas não importa. Nós temos dentes de aço. E o fogo cozinhou que é uma boniteza. Pois bem, a gente comendo o Coelho Netto, sem allusão ao quadrupede velôz das mattarias, tem duas gostosuras: se enche a barriga e se presta um servição, deste tamanho, ás letras nacionaes. Ha sujeitos que tem só um destino: serem comidos. O nosso príncipe tinha esse, mas foi demorando, demorando, até que envelheceu. Mas, agora, está ahí, nuzinho, meio tostado, no espeto, quente que nem

um churrasco. Pra não desagradar a vista, mandei tirar os pelinhos brancos. Assim, a gente tem a impressão de coisa nova. E tudo o que é novo, inclusive carne, tem saborosa attracção.

Coroadado, tornou-se completamente inoffensivo. Comido, esse individuo, que andou fazendo muita malandragem em papel innocente, não tem mais razão de ser. Felizmente, desse estamos livres. Emquanto fazemos a digestão do sr. Coelho Netto, vamos esperar que o Ademar engorde mais. Aquillo é outra comida. E das boas. Tem carne e banha que não acaba mais. E ainda não tem coroas e espinhos pela cabeça.”

Rapazes, podem trazer os palitos!

A Revista de Antropofagia

publicará em seus proximos numeros trabalhos de:

Mario de Andrade, A. C. Couto de Barros, Sergio Milliet, Augusto Meyer, Antonio Gomide, Henrique de Resende, Plinio Salgado, Cassiano Ricardo, José Americo de Almeida, Carlos D. de Andrade e outros.

SANGUE BRASILEIRO

As matas espessas eram noites escuras de breu
com sacis cachimbando de cocoras.

Os tições dos olhos de braza das onças pintadas
espreitavam por traz dos troncos das arvores.

Na beirinha dos rios as mãos dagua traiçoeiras
penteavam os cabelos verdes molhados.

E bulindo na treva um assombramento
enchia de pavor os índios bravios.

Mas os homens de sangue azul saltaram das naus
e pizaram o paiz encantado.

Um homem disse que a terra era boa
e que o solo virgem daria de tudo.

E os descobridores guerreiros de sangue azulado
misturaram seu sangue com o sangue
preto dos negros retintós
com o sangue vermelho
dos homens vermelhos de bronze.

E do solo virgem da terra
brotaram homens novos possantes
com musculos de cordilheira
e impetos violentos de luta no sangue assanhado de febre.

E eles desceram pelas serras e rios
dominando quebrantos
domando selvagens
brigando com onças
despertando sacis
asustando mãos dagua
varando florestas cheirosas
pulando cachoeiras saltos e quedas.

Iam jogando sementes na terra
e da sola aspera de seus pés as cidades brotavam.

As mãos dagua fujiram da beira das aguas
e acabaram os feitiços e bruxedos da terra
e o-negrume negrinho das florestas escuras.

Só a mula sem caheça inda corria os caminhos...

E os homens novos ousados
cruzaram os rios largos molengos
e sonharam com pedras verdes numa serra encantada
e com ouro nos riachos cantantes
e com maravilhas no-mato assombrado.

No sangue deles havia impetos violentos
e seus musculos de cordilheira ansiavam lutas tremendas
e o sangue deles quente impetuoso vibrante
estuvava nas arterias com rios encachoeirados reprezos.

E o soi quente dos tropicos
tornou vermelhinho esse sangue
temperou a alma dos homens heroicos
na fornalha escaldante da terra.

Alma selvajem de lutas aventuras encantos
sangue selvajem borbulhante nas veias.

Sangue dos desbravadores da terra verde da Amazonia
sangue dos plantadores de ruas alinhadas de café
nas terras roxas de Piratininga
sangue dos cavaleiros dos pampas
sangue dos cavaleiros heroicos das cavalhadas
sangue dos vaqueiros das correrias no sertão enorme
sangue herança dos negros dos boroçotós
sangue herança dos índios dos pajés e Cunhambebe
sangue dos homens que não possuindo terras
vieram arrancar-as do seio verde do mar.

Brasileiro!

Esse é teu sangue
que circulou nas veias dos domadores de índios
e dos bandeirantes sonhadores valentes
e que estua que ruje nos nossos corpos amorenados pelo
sol vermelho e quente
que ha de vibrar nas arterias de nossos filhos
para que eles possam continuar a obra imensa do dominio
da terra
— a epopéa da raça.

(CATAGUAZES)

ASCANIO LOPES

Brevemente:

MACUNAÍMA

(Historia)

de

MARIO DE ANDRADE

e

Antologia de 4 poetas mineiros

JOÃO ALPHONSUS

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

EMILIO MOURA

PEDRO NAVA

LEIAM:

MARTIM - CERERÊ — versos de
Cassiano Ricardo

COLONIA Z e outros poemas de
Ruy Cirne Lima

CANTO DO BRASILEIRO — (poema)
Augusto Frederico Schmidt

NO GALPÃO — contos de
Darcy Azambuja

POEMAS CRONOLOGICOS — de
Henrique de Rezende
Rosario Fusco e
Ascanio Lopes

OS TRES SARGENTOS

(Episodio da revolução de 1924 em S. Paulo)

CAPITULO 1.º:

por
YAN DE ALMEIDA PRADO

O JARDIM PUBLICO

I

Em S. Paulo, na primeira semana de Julho de 1924, as noites aquecidas por prolongada estiagem assemelhavam-se ás da primavera. Favorecida pela temperatura, ocorrera grande affluencia ao Jardim da Luz na ultima vez em que a banda da Força Publica tocava antes da revolução. Em redor do lago central cruzavam-se operarios e soldados com mulheres de toda a casta, em que havia desde a menina das visinhanças acompanhada da familia até pretas empregadas em casas burguezas, que depois do trabalho vinham ali buscar amôres. Outras negras passeavam falando alto, mostrando aos homens o rostio enfarinhado de pó de arroz. Quedavam-se sob os reverberos da iluminação antiquada, numerosos soldados vindos dos quartéis circunvisinhos. Os que paravam de baixo das arvores ou sentavam nos bancos, eram os veteranos frequentadores do Jardim, que se contentavam em dirigir gracejos ás mulheres. Os novatos, pouco antes saídos do Corpo Escola, preferiam armar algazarra pelo caminho dando encontrôes nas "tias" á guiza de divertimento. Algumas riam, outras zangavam-se revidando a offensa com palavrões de bordel gritados em voz aguda. Variava a intensidade do melindre pelo aspêto de quem o causava. Si o gaiato caía na simpatia da mulher, diminuiam os palavrões até se diluïrem num sorriso promissor; então, ao se depararem novamente no decurso do passeio á roda do tanque dos cisnes, aparentava a rapariga um resto de zanga para dizer "que não repetisse mais aquela estupidez". Fingia-se a principio ainda irritada, por fim abrandando até aceitar as propostas de passeio ou de bebidas que lhe faziam.

Fechava o Jardim depois dos numeros da banda. Esceava-se a multidão aos poucos pelos portões do parque, enchendo as calçadas proximas. Era o momento em que logo adeante, na avenida Tiradentes ou do lado das ruas da estação, iam se encontrar os que tinham compromisso para "depois da musica". O soldado parava á esquina, junto de um poste de bonde, á espera da conquista que fizera. A conquistada, vinha de braço dado com uma amiga para mostrar o conquistador, todo ancho na farda azul ferrete. Quando o militar percebia as mulheres, tufava a túnica ponteada de botões de metal, fazia tinar as esporas e rebrilhar as escamas do bonê sob a luz das lampadas de arco. Despediam-se as amigas ao chegar á sua altura. Nesse momento ele travava o braço da que ficava, para

juntos seguirem em demanda de alguma casa de tolerancia situada em porão ou cortiço das redondezas.

O mulherio frequentado pela soldadesca, morava em quartos escassamente mobiliados, com as paredes forradas de fotografias de amantes. Eram do lugar, do Rio, ou do norte e sul do paiz, marujos, soldados da Brigada Policial, soldados do exercito, pessoal do Lóid, sós ou aos pares, muito serios, na melhor farda, no cenario do parque publico onde um fotografo economico lhes tirara o retrato. Alguns eram mais pródigos, tiravam fotografia num "Fotografo de verdade" como diziam. Pela parede havia morenos com cabelos corredios brilhantes como alcairão a luzir, mulatos degenerados ou robustos; uns com a face rechupada, outros de rosto largo, ambos sensuaes; brancos loiros, castanhos ou ruivos sardentos, junto da inextricavel mixórdia de todas as côres e matizes do branco com preto, preto com indio, indio com mulato, onde as vezes surgia um tipo atlético. Tinham tambem as raparigas amantes pretos que davam retratos, mas que as envergonhavam. Escondiam essas fotografias, embora fossem menos rebarbativas do que as de muito portuguez, hespanhol ou italiano, desageitados no traço domingueiro que lhes apertava o pescoço numa gravata amarrotada, e lhes cobria as mãos com as mangas do paletó.

A mobilia das mulheres era pretenciosa e miseravel. Sobre a cama a colcha pelintra, cheia de rendados e laçarotes, ocultava nódoas. Cobriam as cadeiras mancas, requifes de crochet semelhantes aos dos salões, em que as raparigas uma vez na vida tinham ensaiado trabalhar.

Pelo aposento corriam baratas das frestas da parede ao soalho disjunto e sujo. Os muros caiados de côres berantes, levavam flores complicadas onde havia sinal dos escarros dos "fretes". Enlaçavam o fio da lampada eléctrica rendados de papel enegrecidos pelo pó e pelas moscas. O quebra luz de setineta, estava rasgado ao meio, devido ao projétil que numa noite de briga o atingira.

Muitas das mulheres tinham vindo a pé do Nordeste, no meio de trabalhadores que se destinavam ás derrubadas de matas em S. Paulo e no Paraná. No principio tinham andado certo numero de leguas e descansado, para que os pés inchassem e desinchassem, a seguir rumavam para o sul em jornadas de dez leguas diarias tal como faziam os homens do rancho. Era diversa a situação das que vinham em caravanas

organizadas por gente, movida pela ambição e capitaneada por alguém que já estivera no sul, e as levava lamentáveis dos que fugiam da sêca e da fome. Os primeiros tinham um esboço de organização; as mulheres, os bens e as vidas, iam garantidos.

As caravanas, que eram enxotadas pelo perigo da morte, só tinham uma norma: o direito do mais forte. Quem tem maior força ou valentia manda. Os fracos ou cobardes são escravizados; as mulheres pertencem ao senhor do bando. O trajéto do extremo norte até S. Paulo representa um rosario infinito de dôres, de sacrificios, de iniquidades, abusos e martirio. Aquela gente nada possui, nem bens, nem meios de vir a obter os graças a um officio ou conhecimento qualquer. Chegam até a não dispôr dos braços tal a quantidade de mazelas que os molestam. Muitos da caravana não sabem o que é uma casa de tijolos, utensilio embora rudimentar de lavoura, padre, igreja, par de sapates. Entre eles ha senhores e escravos.

Dé uma feita o director da hospedaria de Imigrantes do Brás, perguntou a certo matuto porque se deixava dominar por outro, por que razão consentia em ser despojado sem protesto nem veiledade de defeza. A resposta foi simples: "Vancê me garante da faca dele? Si não garante prefiro ficá ansim mémo".

Atravez difficuldades sem nome eles vêm a pé desde o lugarejo natal até a Baía, onde embarcam em imundas alvarengas que os levam pelo S. Francisco á Pirapóra. Chegam esqueléticos de tantas provações, morrem pelo caminho, enlouquecem. Para se manterem, trabalham aqui e acolá a troco de níqueis ou de miseravel alimentação. Causa espanto que, no lugar perdido onde nasceram, conheçam o nome de S. Paulo, e que no percurso não desanimem ante tanta difficuldade. Chegados refazem-se em pouco, fortificam-se e civilizam-se. Assombam pela destreza com que abatem florestas virgens e resistem a tudo, ás maleitas, ás aguas salobras, á má alimentação. Houve o caso de um matuto acreano aprender a ler, a guiar autotóvel, e aparecer nas ruas de S. Paulo no seu carro de aluguel — que pagava em prestações — dois anos depois de chegar numa leva de imigrantes analfabêtos, sem outro meio de vida do que os braços. Do mesmo módo, ainda mais facilmente, a caboclada que chegou com fome e com os pés sangrentos aparece seis mezes depois com rouge nos labios e meias de sêda no Jardim Publico.

(Continua)

BRASILIANA

III

ATITUDE

De uma correspondência de Santos para o *Diario Nacional* de S. Paulo, n. de 2-6-1928:

"Circumstancia curiosa! Mau grado as enormes proporções que assumiu a ventania, fazendo lembrar um verdadeiro simoum, o Monte Serrat permaneceu impassivel. Dir-se-ia que elle só pretende cahir numa noite tranquilla, enluarada, cheia de estrellas.

Não deixa de ser interessante essa attitude fleugmatica, britannica, do Monte Serrat."

MÚSICA

Anúncio publicado no *Diario Popular* de S. Paulo (1928):

"A CRUZ DA TUA SEPULTURA ENCERRA UM MYSTERIO. — Valsa com letra; foi escripta junto a uma campã. Vende-se á rua do Theatro, 26."

CIVISMO

De uma correspondência de Tietê para o *Diario Nacional* de S. Paulo, n. de 3-5-1928:

"Em dias da semana passada, uma caravana do P. R. P., composta de alguns membros do directorio e de Antonio Malagueta, cidadão lusitano, dirigiu-se com destino ao bairro do Mato Dentro, na doce illusão de encontrarem algum Joaquim Silverio.

Lá, o sr. Luiz Gervonetti, que é membro influente do Partido Democratico, recebeu-os com altivez e depois de lhes dar algumas lições de lealdade e de civismo, offereceu o livro de Affonso Celso "Porque me ufano do meu paiz".

Será que esses pretensos imitadores de Paulo de Tarso continuam com as suas caravanas?"

FILIAÇÃO

AVISO AO PUBLICO publicado na secção livre da *Folha da Noite* de S. Paulo, n. de 6-9-1927:

"A firma do "Ao Café Moka", del Moro & Cia., não se responsabiliza de dividas feitas por seu filho Attilio Del Mero. — Subscrevo-me, Nicolau Del Moro."

LITERATURA COMERCIAL

De um anúncio publicado no diário *A Manhã* do Rio, n. de 13-11-1927:

"Venci... ou não venci?"

Venci, sim, pelo meu esforço e pela minha honestidade.

Salve 8 de novembro!

E por isso a CASA MATHIAS festejou mais um feliz anniversario.

Ha muita gente que encabula com o 13. Pois, amigos, cábula não péga. Só péga nos cabulosos, que andam mesmo pesados, bufando ao peso da "Zizinha"... O dia 8 foi um grande dia para a gloriosa CASA MATHIAS que completou o seu 13.º anniversario. Treze annos de lutas e de bons negocios.

Lembram-se Vocês, oh! Lanfranhudos, Lambões e Pategos cabulosos, lembram-se Vocês do que diziam em 1914, quando o Mathias, pobre e humilde, veio abrir a sua casa de negocio? Por certo que se lembram. Entre cusparadas esverdeadas de inveja, aos saltos, e com risos de maltezes, Vocês disseram: — qual! Este não vae lá das pernas... — Dentro de mezes estará fallido... — Vae dar com os burros n'agua... — Pedirá concordata no fim do mez... — Vae dar um "tiro" na praça...

Assim fallavam os invejosos e attrazados. Novas burras de Balaão, queriam adivinhar o futuro! Oh! Zizinhas estragadas! O Mathias não morreu! Tem os ossos duros!

Mas, apesar de tudo, eu venci. Trabalhei, lutei, esforcei-me e graças aos meus methodos de commerciar e á minha honestidade, fui para a frente, venci todos os obstaculos e, para maior inveja dos invejosos, o Mathias tem hoje um dos mais frequentados estabelecimentos do seu genero no Rio, não deve nada a ninguem e tem muito dinheiro na burra...

Os invejosos devem se estar comendo. Comidas, minha gente!... Mas é melhor deixar esse pessoal engulir-se sózinho. E' coisa tão ruim!

Para commemorar essa data vamos offerecer aos bons amigos uma novidade: é o BANQUETE SECCO, com todos os acepipes e pertences: Ficam todos á roda da mesa, nas respectivas cadeiras, mas comidas... "no hay!"

FATALIDADE

- Sabes, Nanoca? Zé de Chanoca casou-se!
- O que é, mulher de Deus! tão handoleiro!!
- Sinsinhora... E o turumdum foi feio!...
- Cala a tua bocca creatura... lá vem o homem.
- Hó-hó... que geito!
- Mas homem de Deus, como foi isso?!
- Ora lá como foi isso... tudo tem seu dia.
- Anh!... nem todo cão é sem dono, Zé de Chanoca...

Nem todo cão é sem dono!

— Mas Zé de Chanoca

Conta-me lá como se deu este successo...

— "Eu vou contar meu casamento como foi:

Amarrado pelo pé

Inquirido como um boi!

Amarrado pelo pé

Inquirido como um boi"!...

(RECIFE)

JAYME GRIZ

A REVISTA DE

ANTROPOFAGIA

PEDE A' GENTE NOVA DAQUI E

DE FORA:

COLABORAÇÃO (PROSA,
POESIA, DESENHO)

ENDEREÇOS (ESCRITORES,
LIVRARIAS, JORNALIS,
REVISTAS, ASSOCIAÇÕES LITERARIAS).

Revista de Antropofagia

Direcção de ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

Gerência etc. de RAUL BOPP

Endereço: 13, RUA BENJAM N CONSTANT — 3.º Pav. Sala 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269 — SÃO PAULO

A ENTRADA DOS MAMALUCOS

Pode-se negar poesia á *Iliada*. E' impossivel negar a um anuário demográfico.

Há dias ando mergulhado no paulista de 1924. Produz os três efeitos do céu de Curitiba (na opinião da herma Alberto de Oliveira patinada a Negrita). E mais um. Faz cantar, orar, sonhar e instrue. Entre outras cousas a gente fica sabendo que japonês não é atropelado, apendicite não mata negro, raio não gosta de mulher.

Então a parte dedicada aos casamentos (nupcialidade diz o anuário) é uma gostosura que só vendo. A estatística da Capital, Santos, Campinas e Ribeirão Preto constitue nêsse ponto um puro madrigal á morena desta terra de mais homens que mulheres.

Vão escutando. Em 1894 houve 456 casamentos entre brasileiros, 143 entre brasileiros e estrangeiras, 127 entre estrangeiros e brasileiras, 854 entre estrangeiros. O imigrante ainda andava arisco. Desgraçado. A parcela dos casamentos entre a gente de fora batia sozinha as três restantes somadas. E o brasileiro (engraçado) tinha medo que se pelava do juiz de paz.

Agora em 1924 o negócio mudou de uma vez: 4144 casamentos entre brasileiros, 627 de brasileiros com estrangeiras, 1311 de estrangeiros com brasileiras (estão vendo?), 1629 entre estrangeiros. O pessoal da estranja se atirou feio na prata da casa.

Mas êle é que é o comido. Antropofagia legitima. E para quando será o coroamento da rainha dos antropófagos?

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

SUCCESSÃO DE SÃO PEDRO

— Seu vigario!

está aqui esta galinha gorda

que eu trouxe pro martir São Sebastião!

— Está falando com ele!

Está falando com ele!

(RECIFE)

ASCENSO FERREIRA

“O SOL ESTA’ NO OCCASO!!!”

LAURINDO RABELLO - O Genio e a Morte

ANTROPOFAGIA SÓ. NÃO. ORNITOFAGIA TAMBEM.

A antropofagia venceu.

Não ha restaurante que se prese que não faça
figurar em seu menu a saborosa carne humana.

O Matadouro Academia de Letras está deserto.

Os academicos foram quasi todos devorados.

E, para não haver falta de comida, arranjemos
um succedaneo á carne humana.

Que seja, por exemplo, a ornitofagia.

E a comida, que vinha pulando, virá voando.

Vamos comer esse sabiá que canta nas palmeiras...

Vamos comer as pombas do pombal...

Vamos comer "Albatroz, Albatroz, aguia do
oceano..."

E viva a ornitofagia.

Sabia, pomba, jurity, albatroz e tudo mais, só para
comida.

Para vôar ha o aeroplano...

E para rei do oceano, chega Lindenberg, até o dia
em que seja devorado tambem.

JOAO DO PRESENTE

JA' SAIRAM:

Macunaíma

de Mario de Andrade —

7\$000 — pedidos para rua Lopes Chaves

n. 108 — SÃO PAULO

e

Laranja da China

de António de Alcântara Machado —

6\$000 — pedidos

para Caixa Postal n. 1269 —

SÃO PAULO

AÇOUGUE

Alcântara:

Agora sou eu que venho fazer uma proposta a você —
na qualidade de chefe antropofago que você é — da deglu-
tição imediata de todo sujeito que falar em **brasilidade** no
Brasil. Principiando mesmo pelos amigos (quanta comida
bôa desperdiçando aí em S. Paulo, hein?).

Pra inauguração do açougue o próprio Manuel Bandei-
ra, apresentador da ótima carnadura Imbassaí, carece ser —
não digo comido porque assim perderíamos um dos nossos
milhores comilões — porém mordido no cangote. E' uma
"simpatia" canibal: sujeito mordido no cangote perde o
geito de falar da gente de sua tribu.

Pergunte ao sabio professor Laudelino Freire, da **Re-
vista da lingua portuguesa** e comida aproveitavel até. Po-
rém precisamos guarda-lo pra sexta feira da Paixão. Botá-
remos êle enfeitado de vermelho pro meio da rua (minas
gerais) pra maior ecitação dos instintos devorativos —
porquê pela abstinencia enorme da Quaresma carne de có-
bra toma gôsto de presunto.

Mas a melhor comida do mundo mesmo é a que te
apresento hoje na pessoa do meu simpático Fabio Luz
Pai. O meu amigo apesar de "critico" é bem facil de ser
pêgo.

Ficha de entrada pros compartimentos do talho:

— maio de 1928, chegada.

— idade presumível: 70 ânos. Possível: 40 e tantos.

— côr: ?.

— obs.: não é muito gôrdo não, porém carne bôa e
macia está ali.

Abaixo, carta de indetidade dêle apresentada por in-
termedio do **Correio do Brasil** de sete de maio de mil no-
vecentos e vinte oito:

"A revivescencia de maus instinctos jacobinos;
a hyperesthesia patriótica; a pretensão de crear uma
literatura brasileira, inteiramente á parte, sem in-
fluencia estrangeira, sem relações com as literaturas
de outros paizes: a tal brasilidade, não passam de
volta ao antigo, modificação do indianismo que do-
minou o romanismo no Brasil. E' em tudo o balbucio
infantil, eivado de todos os plebeismos em uso nas
diversas regiões do paiz, com todos os erros gramma-
ticaes commettidos pelas creanças.

"Timbram os futuristas — modernistas em ser
imperfeitos e defectivos na expressão, imperfeitos e
negativos nas concepções, sempre simplistas e mui-
to menos interessantes do que os absurdos symbo-
listas, impressionistas e illuminados, pois são sem-
pre mais infantis e nem sequer pretendem dar côr
ás vogaes.

"Julgam sua arte (?) a maior expressão dos phe-
nomenos sociaes — e talvez a tenham como função
social. Mas tudo nelles é "passadismo"; nada inno-
varam, nem reformaram".

"Sua arte se caracterizará pelos assumptos na-
cionaes preferidos; porém não pela fórmula barbara
destes "poemas" (!) balbuciantes e pela prosa eiva-
da de solecismos e barbarismos. O que vivifica é o
espírito: a letra mata."

"O Brasil não pode fugir ao contacto dos povos
mais civilizados e não pôde recusar a influencia das
correntes literarias das outras terras." Etc.

Daqui a alguns ânos (antes que a gente comece a com-
bater os **brasilistas** — chefes disso que ninguém entende
mas chama de **brasilidade**, como vai fatalmente acontecer
e não sei quem já lembrou isso até), é preciso não ezistir
nem um desses idem entendidos pra remedio. E pra eyitar
trabalhos maiores precisamos desde já ir comendo essa
gente toda, antes que éla nos devore.

Espere mais.

Curral cheinho que só vendo.

(CATAGUAZES)

CIDADE DO NATAL DO RIO GRANDE

LUIS DA CAMARA CASCUÑO

35000 patriotas. Fundada em 1599. Nasceu Cidade como filho de Rei é príncipe. Padroeira: Nossa Senhora da Apresentação que veio dentro dum caixote, lento e manso pelo rio. Seculo XVIII. Tem um rio e tem o mar. Campo da Latecoere. Tennis. Cinemas. Autos. Cinco farmacias. Bispado. Dois jornaes diarios. As mulheres votam. O Presidente guia automoveis e viaja de avião. O secretario mais velho roda os quarenta annos. Sal de Macau. Algodão do Seridó.

Cêra de carnaúba. Couros. Assucar de quatro valles largos e verdes. Boiadao historico que em 1799 mandava deseis mil cabeças para Pernambuco. Instituto Historico. Escola Domestica numero um no Brasil. Ae-ro - Club - de - Natal com dois aviões e seis campos no sertão. Grupo-Escolar, grupo-escolar, grupo-escolar. Todo sertão se estorce no polvo das rodovias. O pneu amassa o chão vermelho dos comboios lerdos, langues, lindos. Poetas. Poetisas. Chronistas elegantes. Avenidas abertas para todos os ventos. Sem escuros. Nem buracões sorrentes de espanta-gurry. Arvores aparadinhas estylo Nurem-

berg. Ruas calçadas, macias no escorrego das descidas. Raros-raros "mi dê umesmolá". Associações de caridade. Meia groza de grupos de Foot-Ball. Não ha Rotary-Club, nem Automovel-Club nem Street-Club. Radiomania.

— E' o que lhe digo. Péguei os discursos de propaganda do Hoover.

— O que está me dizendo?...

Morros, areias, orós, mangues, cirys e aratús grudados nas pedras. Pescaria em bote com terra encoberta. Tres botes destes foram ao Rio. Centros Operarios. Discursos relatorios. Bata-

lhão do Exercito. Item da Policia. Musica aos domingos nos jardins com auto-gyros perennes de soldados e creadas e vice-versa. Sorvete, pirolito, folhado. Uma livraria e duas casas de livros.

— Já chegou o ultimo livro de Ardel?

— Não senhora. Temos aqui agora o grande Marden.

Não ha revista nem Academia de Letras. Cidade pintada de sol com

Janeiro. Festa dos Santos-Reis. Congos com puitas e ganzás roucos e surdeadores.

"Acorda quem está dormindo na serena madrugada venhão ver o Rei de Congos general de nossa Armada"

Dezembro. Lapinhas e Pastoris com musicas de cem annos teimosos e recordadores.

"A remigio bate o gallo soltando a voz mavioza"



Desenho de ANTONIO GOMIDE — 1928

uma alegria de domingo. Jornaes do Rio. Politica. Sympathias furiosas aos Prestes Julio e Luis Carlos.

— Você vai ver a saída de Minas... — Nem pelêge...

Noticias de trinta horas. via aza do Laté. Sabbados monotonos com cinza triste de nada — fazer. Feijoadas heroicas. Pescaria de covo. A' noite, pesca de aratú com facho, nas praias longes de Areia Preta. Cajueiros. Coqueiros. Mongubeiras. Bailes do Natal-Club. "E' favor entregar esta sobre-carta na entrada." "Toilette preta".

Bois. Bumba-Meu-Boi pedindo cinco dedos para riscar em papel aquellas toadas maravilhosas. Novembro. Festa da Padroeira. Irmandade dos Passos, solemmissima. Confederação Catholica. Escola de Commercio. Atheneu. Collegio Pedro II. Luar impassivelmente romantico. Serenatas. Violões gementes assanhando pruridos nostalgicos.

"Neites nunca hei de ter como já tive na escuridão polar de teu cabelo"

Bú-nito! Grog á frio. Magestic, Anaximandro, Cova da Onça. Riscos de navalha rombuda.

— Nem me fale! Pois este Jorge não escreveu dizendo que

dava a certidão do nascimento de Dom Antonio Felipe Camarão por cinco mil pés de laranjas da Bahia?

Avenida Tavares de Lyra. Cafés pro-sa estirada á café manhoso.

— Gostei de seu artigo!

— Qual?...

— Homem, francamente... aquelle... eu sei que li... não estou bem lembrado... aquelle...

Bonds. Auto-Omnibus subindo. Prégões. Para oeste olhos compridos namorando possibilidades de chuvis. Por cima das casas zunzeiam, ronrantes e zonzos, motores roncando no caminho sem rastos dos aviões. (NATAL)

UM POETA E UM HISTORIADOR

Canto do Brasileiro Augusto Frederico Schmidt — Rio de Janeiro — 1928.

No principio parece uma reacção contra o nosso romantismo (ainda o de hoje):

Não quero mais o amor,
Nem mais quero cantar a minha terra.

Não quero mais o Brasil

Mas no meio de repente rebenta um ritmo com onze pés que até lembra Gonçalves Dias:

Depois no silencio da noite serena
Os homens pensavam nas lutas e guerras
Nas pescas e caças — que vida meu Deus!
Mas se tempestades tombavam medonhas
E raios riscavam o céu sempre azul
Que medos sombrios! Castigos medonhos!
Que medos tamanhos sentiam então!

E no fim é a contração:

Meu Deus olhae para mim!
Meu Deus sou brasileiro!

E' brasileiro. Seu lirismo é balan-

çado e preguiçoso. E' brasileiro. Vai se entregando ao desânimo. Até o dia em que endireita a cabeça e faz discurso bonito e bravo. Depois bate no peito. Está entregue de novo. Mas agora na mão de Deus que também é brasileiro.

E que gostosura em tudo isso. E que cantador bom é Augusto Frederico I, o Brasileiro.

Poema bêbado. Culpa da cachaça nacional que a inteligência do poeta distilou.

LUIS DA CAMARA CASCUDO — López do Paraguai — Natal — 1927.

Luis da Camara Cascudo quiz também intervir nessa nova Guerra do Paraguai (como disse alguém) ora acesa pelos exumadores entusiastas de um caudilho que já não tinha bom cheiro em vida. E entrou na luta com muita lealdade e bastante clareza. Disse o que queria dizer. E o que disse está certo.

Esse negócio de andarem endeuzando López se explica muito facilmente. E' a eterna história. O sujeito é ruim, não presta, vive brigando com toda a gente, acorda e dorme fazendo mal. Mas morre. Pronto. Em volta do caixão começam logo os comentários:

não era tão mau assim, uma noite recolheu na casa dele um cachorro doente, usava umas luvas tão bonitas e assim por diante. Depois quem é que não tem dó de um réu (ainda infame) quando responde a juri?

Em todo o caso não deixa de indignar a gente o facto de haver entre nós (sempre o maldito positivismo) quem para defender López procure diminuir o Brasil. O que o Império fez (exigindo a queda do caudilho como condição para a paz) agora em 1918 os aliados fizeram igualzinho. Veja-se o último capítulo do impressionante **Guilherme II** de Emil Ludwig. Principia assim: **As cinco partes do mundo reclamavam o afastamento de um homem.** Os próprios generais alemães (Hindenburg á frente) exigiam a abdicção do imperador por ser essa a única maneira de conseguir o armistício.

E ninguém gritou. Ninguém se lembrou de xingar a França ou a Inglaterra ou as **cinco partes do mundo.**

E' preciso notar ainda que contra López o Brasil não agia sozinho: eram três a guerrear o bicho.

Por tudo isso o depoimento de Luis da Camara Cascudo nesse processo póstumo do paraguaio é dos que desafiam qualquer contestação honesta.

A. DE A. M.

ESTÃO NO PRELO:

Odilon Negrão — Poracê Tinguiresca (versos) — Curitiba

Octavio de Sá Barreto — Festa de nervos (versos) — Curitiba

Manuelito Ornellas — Rodeio de estrellas (versos) — Curitiba

ESTA' A' VENDA:

Oswald de Andrade — A estrella de absintho (romance) — São Paulo

Empreza Graphica Ltda.

Todo e qualquer serviço concernente á arte graphica. Trabalho rapido e artistico. Impressão de livros, talões, revistas, facturas, prospectos, folhetos, cartões, etc. Especialidade em trichromias. PREÇOS MODICOS.

RUA SANTO ANTONIO, 19 — Telep. 2-6560

SÃO PAULO

ROMANCE DO VELUDO

MARIO DE ANDRADE

Não sou folclorista não. Me parece mesmo que não sou nada na questão dos limites individuais, nem poeta. Sou mas é um individuo que quando sinão quando imagina sobre si mesmo e repara no ser gosado, morto de curiosidade por tudo o que faz mundo. Curiosidade cheia daquela simpatia que o poeta chamou de "quasi amor". Isso me permite ser multiplo e tenho até a impressão que: bom. Agora que principio examinar com o deficiente conhecimento meu, certos documentos folcloricos que arranjei, tenho mesmo

E a velhota desconfiada
De tão inocente santinha,
Resolveu ir vagarosa
Surpreende-la na cozinha.
(Refrão)

Ao chegar lá a velhota
Ficou toda admirada:
Nos braços do primo Joca
'Stava a moça recostada.
(Refrão)

Colhi este documento em Araraquara cantado por moças. Era coisa es-

ramente deformado e um refrão afro-brasileiro.

O texto é uma deformação de assunto europeu. A ideia de, se aproveitando dos fenomenos da natureza ou da vida, iludir na resposta a uma pergunta que desconfia dos nossos amores se satisfazendo, é antiquissima. Sei que vai pelo menos até a Idade Média. E se espalha tanto que a encontramos na Escandinavia, na Bretanha, na Italia, no sul da França, na Catalunha.

Em França temos as admiráveis ré-

Romance

M. 6=69

-Ne- timha q' está fazendo ba-lada ahí na co-zinha? -'Stou pondo agua no fogo pra ca-fé, minha avozinha. -Ne zinha é viva- qui todo sarapantado como gambá que caiu no melado! É vivo aqui todo sarapantado como gambá que caiu no melado!

que afirmar estas coisas verdadeiras. Não é humildade protocolar não. São coisas verdadeiras. Provam meu respeito pela sabença alheia e afirmam meus direitos de liberdade.

Eis o Romance do Veludo:

— Netinha, que estás fazendo
Calada aí na cozinha?
— Estou pondo agua no fogo
Pra café, minha avozinha.
— E vivo aqui todo sarapantado
Como gambá que caiu no melado...

— Netinha, tu deste um beijo
Ou eu estar enganada?
— Vozinha, é o estalo da lenha
Que está no fogo molhada.
(Refrão)

— Netinha, tu não me negues,
Com quem estás conversando?
— Vozinha, é a chaleira
Que está no fogo chiando.
(Refrão)

— Netinha, que modo é esse!
Responde-me assim brejeira?
— Vozinha, eu me queimei, aí!
Nesta maldita chaleira.
(Refrão)

cutada na infancia, da boca dum palhaço preto que às vezes portava na cidade. Como chamava o palhaço não sabiam. Cresceram e nunca mais que o viram. De certo morreu.

Falo "de certo" porque é muito possível que se trate do famoso palhaço Veludo. Si é o mesmo devia de estar velhusco pelo menos, quando as moças o escutaram nos primeiros anos deste seculo. Porque indagando indagando, sube que bem na Monarquia andou pelo estado um palhaço preto cantador, equilibrista, saltador, um faz-tudo muito apreciado, se chamando Veludo. Pelo menos é certo que este conhecia o refrão do Romance e o cantava no lundú bem espalhado, de que falarei no proximo número da Antropofaga. Ora como este lundú, tratando da vida do escravo, já não podia interessar muito os frequentadores de circo do seculo vinte, muito possível que Veludo o tenha abandonado, intrometendo o refrão dele noutra cantiga se prestando a isso.

Mas do Veludo ou de outro palhaço preto, o Romance continua um documento literario-musical interessante do nosso populario. Se juntaram nele um texto tradicional português inteplicas de Marion (H. Möller, "Fran-

zösische Volkslieder" ed. Schott. n.º 555) principiando assim:

— Qu'allais-tu faire à la fontaine?
Corbleu, Marion!
— J'étais allé' quérir de l'eau,
Mon Dieu, mon ami!
— Mais qu'est-ce donc qui te parlait?
Corbleu, Marion!
— C'était la fille à not'voisine,
Mon Dieu, mon ami!
(etc.)

Um texto catalão (Grove's Dictionary) principia assim:

— Mare mia, mare mia, sento gran
ruido.
— Ne son las cambreras que salten y
riihen (etc.)

Em Portugal a ideia aparece algumas feitas. Na "Dona Aldonça" (Th. Braga, "Romanceiro Geral Português" 2.ª ed. vol. I, pg. 389) a criança de pecado é disfarçada assim:

— Ai, dize-me, oh Valdivinos,
Que levas na aba da capa?
— Amendoas verdes, meu tio,
Desejo de uma pejada. (etc.)

(Cont. na p. 6)

ORAÇÃO AO NEGRINHO DO PASTOREIO

AUGUSTO MEYER

(PORTO-ALEGRE)

Negrinho do Pastoreio,
venho accender a velinha
que palpita em teu louvor.

A luz da vela me mostre
os caminhos do meu amor.

A luz da vela me mostre
onde está Nosso Senhor.

Eu quero ver outra luz
na luz da vela, Negrinho,
clarão santo, clarão grande
como a verdade e o caminho
na falação de Jesus.

Negrinho do Pastoreio,
diz que Você acha tudo
si a gente accender um lume
de velinha em seu louvor.

Vou levando esta luzinha
treme-treme, protegida
contra o vento, contra a noite...
E' uma esperança queimando
na palma da minha mão.

Que não se apague este lume!

Ha sempre um novo clarão.
Quem espera acha o caminho
pela voz do coração.

Eu quero achar-me, Negrinho!
(Diz que Você acha tudo.)
Ando tão longe, perdido...
Eu quero achar-me Negrinho:
a luz da vela me mostre
o caminho do meu amor.

Negrinho, Você que achou
pela mão da sua Madrinha
os trinta tordilhos negros
e varou a noite toda
de vela accessa na mão,
(piava a coruja rouca
no arrepio da escuridão,
manhãzinha, a estrella d'alva
na voz do gallo cantava,
mas quando a vela pingava,
cada pingo era um clarão)
Negrinho, Você que achou,
me leve á estrada batida
que vae dar no coração.

(Ah! os caminhos da vida
ninguem sabe onde é que estão.)

Negrinho, Você que foi
amarrado num palanque,
rebenqueado a sangue pelo
rebenque do seu patrão,
e depois foi enterrado
na cova de um formigueiro
pra ser comido inteirinho
sem a luz da extrema-unção,
se levantou saradinho,
se levantou inteirinho!
Seu riso ficou mais branco
de enxergar Nossa Senhora
com seu Filho pela mão!

Negrinho santo, Negrinho,
Negrinho do Pastoreio,
Você me ensine o caminho
pra chegar á devoção,
pra sangrar na Cruz bemdita
pelos cravos da Paixão.

Negrinho santo, Negrinho,
quero aprender a não ser!
Quero ser como a semente
na falação de Jesus,
semente que só vivia
e dava fruto enterrada,
apodrecendo no chão!

ROMANCE DO VELUDO

(Cont. da pag. 5)

A ideia volta no romance do Frei João. Na versão de Pedro F. Tomás ("Velhas Canções e Romances Populares", Coimbra, 1913, pg. 51) a mulher secunda pro amante que não pode abrir a porta porque tem "o menino ao colo" e o "marido á ilharga". Este acorda porém e o texto corre:

— Quem é esse, mulher minha,
A quem da-las tuas falas?
— E' a moça a perguntar
Si cozia si amassava. (etc.)

Frei João infelizmente veio namorar tambem as cunhãs do Brasil. A intimidade foi tamanha que elas até botaram nele o diminutivo dengoso de Frei Joanico, numa das versões que Pereira da Costa dá no "Folclore Pernambucano". (pg. 326).

O mais desagradavel pra mim é que não acho nos meus livros o romance portugua donde saiu o do Veludo. Deixo isso pra quem tiver mais livros e mais conhecimentos. Na certa que existe lá pois que Eugenio de Castro o parafraseou lindamente do Romance que vem em "Silva":

— Quem é que anda abrindo portas,
Filha, aqui ao pé de mim?
— Senhora mãe, é o vento
Que abre as portas do jardim. (etc.)

Entre os cleftas porém (Canti Popolari Greci, N. Tommaseo, ed Sandron, pg. 123) a "Maria", violenta como era justo que fosse entre aqueles cangaceiros, se aproxima bem do nosso romance:

— Maria, ch'ha egli il tuo letto che schianta come canna?
— Mamma, una pulce m'ha morso al capezzolo della zinna.
— Matta, pulce non era, ma gli era un giovanetto,
Era il giovane che t'ama, il giovane che ti piglierà.
— Mamma, non immalizire; mamma, noi prendere a male:
Il giovane che me ama, é lontano in terra straniera.

Quanto á música o Romance do Veludo é na estrofe um documento lusobrasileiro com base ritmica e melódica na habanera e no refrão é tradicionalmente reconhecido como afrobrasileiro. E' delicioso. E bem familiar pros que sabem um bocado a música... brasileira do seculo dezenove.

A primeira frase da estrofe é curiosa. Possui um salto de quarta justa difficil de entoar. O natural era a terça menor pulando pro sol. De fato: Um dos temas espanhois empregados por E. Lalo na "Sinfonia Espanhola" (1875) principia por uma frase que é exatamente a do nosso Romance como arabesco melódico. Tambem a frase inicial na estrofe do "Balancé" português, repete sem arsis o mesmo desenho. Ambos os documentos trazem o salto de terça menor porém. O fato é que as moças cantavam a quarta justa e essa difficuldade rebuscada que não sei, nem elas, si era do Veludo ou de povo pra facilitar as coisas, concordava curiosamente com a melódica brasileira das modinhas, tão torturada no geral.

Quanto á tercina que aparece no

12.º compasso, é realisada com um apressando, característico da música popular brasileira. O tempo fica na realidade diminuído da semicolcheia que devia de estar logicamente no 1.º som dele pra que o motivo ritmico do tempo anterior se repetisse. Esse apressando é um dos tiques curiosos e sistematicos do nosso populario e ocorre até em danças. E' uma sutileza rica da nossa música e proveio naturalmente do cacote popular que, facilitado pela ignorancia, leva os cantadores a diminuir o valor dos sons compridos dificeis de sustentar. Sistematisado no Brasil em elemento expressivo e corrente, de certo foi a causa das antecipações sincopadas nos finais de frase, coisa vulgarissima (coscos, martelos, emboladas, maxixes, sambas) e tambem occorrente nos "Spirituais" e peças de jazz afro-ianques. De fato: depois do apressando as moças faziam uma paradinha no ré immediato, de maneira que o movimento, prejudicado um instante, se normalizava outra vez.

O Romance do Veludo é um documento curioso da nossa mixordia etnica. Quer como literatura quer como música, dançam nele portugues, africanos, espanhois e já brasileiros, se amodando com as circumstancias do Brasil. Gosto muito d'esses cocteis. Por mais forte e indigesta que seja a mistura, os elementos que entram nela afinal são todos irumoguaras e a droga é bem digerida pelo estomago brasileiro, acostumado com os chinfrins da pimenta, do tutú, do dendê, da caninha e outros palimpsestos que escondem a moleza nossa. Esta imagem saiu completamente pretenciosa.

OS TRES SARGENTOS

(Episodio da revolução de 1924 em S. Paulo)

CAPITULO 1.

YAN DE ALMEIDA PRADO

O JARDIM PUBLICO

II

Algumas das mulheres provinham do Norte, de Pernambuco, Paraíba, e mais longe, desde o Ceará até o Maranhão. De certo ponto em diante escasseavam as negras. As poucas que aí restavam si viessem a S. Paulo encontrariam os parentes que no fim do Imperio os cearenses tinham vendido aos paulistas. Inversamente eram numerosas na Baía e Estados vizinhos, onde não existe morféa e os traços das pretinhas são delicados. Do Ceará havia o tipo branco puro, o caboco de cabeça redonda e nuca chata, e o indio. Nos Estados immediatos pouco variava o caldeamento das duas raças, quasi não havia intervenção de terceira. Mais ao Norte ficavam os mestiços do indio, mais a Leste os do negro, em ambos se juntava o branco.

Algumas das raparigas tinham ido a pé do sertão natal á séde do Estado, de onde seguiam por mar ao Rio de Janeiro e daí eram atraídas pelas diversas cidades do Estado de S. Paulo em que o súbito afluxo de homens determinava falta de mulheres. A maior escala no percurso era feita na rua da Cruz Branca, em seguimento da rua Martim Affonso, em Santos, que tinha sinificação de despedida da marinagem. O adeus por vezes custava, porque vinha de longe o convívio, desde o embarque no Ceará, Cabedelo, Recife, Maceió, Baía, que insensivelmente as tinha familiarizado com os maritimos da viagem e dos portos.

Nem todas, depois de estarem em S. Paulo, frequentavam o Jardim Publico. Algumas só raramente lá iam, transpondo os portões quando impedidas por curiosidade ou ciúmes; porém estas eram as mais apegadas aos fusos de sanfona, violão, cachaca e soldados.

As raparigas claras tinham vindo dos grandes centros, ou das aldeias europeas do Sul do paiz, do Paraná, de S. Catarina, do Rio Grande. Em

barcavam com as familias em Porto Alegre, Itajaí, S. Francisco, Florianópolis, Paranaguá, destinando-se ao emprego nas casas burguezas da cidade. Formavam a camada superior do mulherio, em virtude do seu estado de civilização mais adiantado e tambem porque rapariga branca e nova era titulo de ufania para o amasio. Havia algumas que usavam chapéu nos bailes dominicaes do Jardim de Aclimação: eram as que vinham dos grandes centros. As outras, mais modestas, que mal sabiam portuguez, não perdiam a musica do Jardim Publico; eram as descendentes de polonezes, alemães e vênnetos, que no Sul vivem insulados entre si como os antigos aborígenes do lugar. Apesar de duplamente privilegiadas, as primeiras prezavam militares, sem excepção de mulatos e negros. Em compensação, homens ruivos, agigantados, com catinga peor do que a dos pretos, falando linguas arrevezadas, percorriam o Jardim atraz de crioulas. Eram os maiores rivaes das praças de pré, com que os quartéis vizinhos abasteciam o o lugar de caçadores de mulheres.

Na multidão a passear á roda do coreto, viam-se amostras de todas as nacionalidades do mundo que em proporção crescente tinham afluído á cidade depois da grande guerra, alemães enxotados pela occupação militar do Ruhr, imigrantes menos desejaveis, russos do exercito branco de Wrangel, aportados após sofrerem tifo na Criméa, colera em Constantinopla, finalmente em Santos, daí seguindo para a Noroeste do Estado onde se iam tornar maleitosos. Tambem daí chegavam aos milharcs na esteira dos russos, os antigos protegidos gente dos Balkans e adjacencias, rumenos com trajos bordados e perfis angulosos, servios, croatas, bulgaros, gregos, acompanhados dos antigos opressores, turcos, austriacos, dalmatas, ungaros de cabeça rapada e bigode á Carlito. To-

dos trilhavam o mesmo caminho para o Interior, depois vinham ter de volta á cidade, sendo substituidos na roça pelos brasileiros que chegavam dos outros Estados. Era um vae e vem continuo, sempre repetido, sem parar sem descanso.

O Jardim ás quintas e domingos quando tocava a banda, era o ponto preferido por aquella multidão para espaiar. Enchiam-se as alamedas com os moradores dos bairros operarios, letões, norte-americanos, centro-americanos, platinos, que se acotovelavam com raças indefiniveis, judeus da Alsacia, Transilvania, Posnania, Galicia, Siria, Palestina. Havia raças turbulentas, montanhezes albaneses, montenegrinos, bessarabios, persas. Havia tambem raças que ainda estão escravizadas, libanezes, armenios, vilnenses, tirolezes, que no parque se divertiam em definitivo socego. O mesmo faziam trãnsfugas do proximo e longinquo oriente, fugidos de regiões onde ainda existem parias.

Ali o brasileiro nem sempre é maioria e o paulista é raridade.

Entre a gente de côr que passeava havia muitos vindo de longe, pretos de Barbados, mulatos perigosos de Cabo Verde, indús dos grandes portos da India Inglesa, africanos que viajam pelos mares nas carvoarias dos navios.

Os que tinham chegado por ultimo, se misturavam sem se mesclarem com estrangeiros aclimados, os de todas as provincias da Italia, Portugal e da Espanha, já confundidos com o lugar. Reprovavam os mais antigos a vinda dos outros, sentiam-se espoliados, e o mosaico que todos perfaziam sob as arvores parte nacionaes parte exoticas do Jardim, refletia na noite morna toda a ambição, cobiça e miseria da Terra.

(Continua)

BRASILIANA

IV

CATECÔMENOS

Anúncio publicado no Estado de S. Paulo, n. de 24-6-28: "Em S. José do Alegre, districto do Municipio de Pedra Branca, Sul do Estado de Minas Geraes, logar aprazível, tendo um clima optimo, com excellente agua potavel, boa iluminação electrica, pharmacia, casa parochial, povo civilisado e ordeiro, precisa-se de um padre, havendo para esse fim ordem de sua Reverendissima o Sr. Bispo de Campanha.

Além de todas essas commodidades, o padre que desejar vir para essa terra, terá uma subvenção por parte dos seus parochianos.

As demais informações devem ser pedidas ao Sr. Cel. Deolindo Daniel de Carvalho, que tambem fará todas as despesas de viagem e mesmo as de regresso, caso o vigario não deseje permanecer no logar."

VOCAÇÃO HEREDITARIA

De um artigo da Gazeta dos Tribunaes do Rio de Janeiro, n. de 5-6-28:

"Filho de um grande medico, a ninguém surpreendeu os pendores que bem cedo o dr. Pedro Paulo revelou pela nobre profissão paterna. Dir-se-ia que sugára, ainda no berço, com o leite materno, o entranhado amor a esse incomparavel sacerdocio que tanto havia de nobilitar e engrandecer."

SOCIOLOGIA

De um discurso do dr. Granadeiro Junior proferido na Escola de Comércio de Taubaté (Est. de S. Paulo) em 1926:

"Fazendo praça de faculdades aprehensoras, que só o estudo meticoloso da Biologia, como cupola dos conhecimentos nos outorga, não é sem desgosto que assisto ao seu transporte para o dominio das sciencias transcendentaes. Não é sem um protesto que ouço a impropriedade da phrase: o individuo é cellula no organismo social. Nada mais improprio como alcance; 1.º porque o individuo, no caso, é "Homo sapiens" e este é um aggregado de individuos que são as cellulas; "porção autonoma de protoplasma"; — 2.º porque si a referencia se fizesse á cellula, a sociedade seria o individuo. Admitto que esteja eu em erro, mas, convenio que sou desassombrado confessando a feição da minha visão, e, talvez por ser visão um substantivo feminino, é quasi certo se deleitará em alterar o visado para seu eterno sentimento: — a contradicção."

ORADOR EM MEDICINA

Trecho final de um discurso do dr. Abreu Fialho, director da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, publicado na Folha Academica de 16-2-28:

"No salgueiro que lhe ha de cobrir a quieta pousada pendurarei a minha regaçada de roxiscuras saudades, e diante da sua tumba pedirei a Deus que vele pela sua alma e o tenha em paz e réquie!"

SOCIEDADE

Da Gazeta do Sergipe, de Aracaju, n. de 12-7-28:

"MADAME BRANDÃO — Deu-nos hontem o prazer de sua visita a exma. Madame Brandão, cartomante, presentemente nesta capital no exercicio da sua profissão.

Agradecendo a visita da distincta senhora, desejamos-lhe feliz permanencia nesta capital."

BALCÃO

LIVROS A' VENDA :

Na LIVRARIA UNIVERSAL (r. 15 de novembro n. 19 — S. Paulo):

— S. Leopoldo — *Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul* — 2.ª ed.
— Monteiro Baena — *Compendio* — Pará.

Na LIVRARIA GAZEAU (praça da Sé n. 40 — S. Paulo):

— *Archivo Pittoresco* — 11 vs. enc.
— *Panorama* — 17 vs. enc.
— *Lusiadas* — coment. por Faria e Sousa.
— Vieira — *Sermões* — 16 vs. enc., sendo alguns em 1.ª ed.
— Innocencio F. da Silva — *Diccionario Bibliographico* — 19 vs. enc.
— F. Manoel de Mello — *Epanaphoras de Varia Historia* — 1660.
— Fr. B. Brandão — *Monarquia Lusitana*.

LIVROS PROCURADOS:

Pela LIVRARIA UNIVERSAL:

— Roquette Pinto — *Rondonia*.
— Ruy Barbosa — *Replica*.
— Oliveira Lima — *D. João VI no Brasil* — 2 vs.
— *Revista do Instituto Historico Brasileiro* — tomos ns. 20, 21, 22 e 32.

Por YAN DE ALMEIDA PRADO (av. brig. Luis Antonio n. 188 — S. Paulo):

— Manoel Calado — *Valeroso Lucideno*.
— Duarte de Albuquerque Coelho — *Memoarias Diarias*.
— Alvarenga Peixoto — *Obras* em 1.ª ed.

Assinatura anual

da

REVISTA DE ANTROPOFAGIA

custa

RS. 5\$000

Pedidos acompanhados de vale postal

para

Caixa do Correio n. 1269

SÃO PAULO

Revista de Antropofagia

Direcção de ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

Gerência etc. de RAUL BOPP

Endereço: 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º Pav. Sala 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269 — SÃO PAULO

PACTO DO DIA

Responsável por êste restaurante antropófago venho hoje oferecer às queixadas catecúmenas uma comida de arromba:

— Salta o pacto de Kellog com mólho de hipocrisia norte-americana!

Pois os senhores já viram imbecilidade mais revoltante?

Reunem-se em grave assemblea os conhecidos bandoleiros Janjão Taco, Neco Facão, Prazer das Morenas e Totó Sururú. E que é que resolvem? Declarar o assassinio e o roubo fora da lei. E o mundo inteiro aplaude o pacto solene.

O norte-americano que inventou essa obra-prima de cinismo e falsidade é o mesmíssimo norte-americano que intervem na Nicarágua e aumenta todos os dias a sua fôrça guerreira. E a Europa que nessa obra-prima colaborou é a mesmíssima Europa que trucidou chineses e africanos e vive há muito tempo lavando a sua roupa ensanguentada em publico.

O Brasil foi convidado para aderir a essa pouca-vergonha. Mas antes de pôr o seu jamegão no pacto deve perguntar aos pandêgos se só agora descobriram que a guerra é uma infamia. E se quizer participar da pagodeira que vá até Paris munido de máscara contra gazes asfixiantes. Com gente de tal ordem tôda a precaução é insuficiente.

Quanto a nós, deglutido o pacto de Kellog, atacaremos a pombinha da paz.

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

NOTURNO DA RUA DA LAPA

A janela estava aberta. Para o quê, não sei, porém o que entrava era o vento dos lupanares, de mistura com o eco que se partia nas curvas ciclodais, e fragmentos do hino da bandeira.

Não posso atinar no que fazia: se meditava, se morria de espanto, ou se vinha de muito longe.

Nesse momento (oh! porquê precisamente nesse momento?) é que penetrou no quarto o bicho que voava, o articulado implacavel, implacavel!

Compreendi desde logo não haver possibilidade alguma de evasão. Nascer de novo também não adeantava. — A bomba de flit! pensei comigo. E' um insecto.

Quando o jacto fumigatorio partiu, nada mudou em mim, os sinos da redenção continuaram em silencio, nenhuma porta se abriu, nem fechou. Mas o monstruoso animal FICOU MAIOR. Sentí que êle não morreria nunca mais, nem sairia, comquanto não houvesse no aposento nenhum busto de Palas, nem na minh'alma, o que é pior, a recordação persistente de alguma extinta Lenora.

MANUEL BANDEIRA

«ESTA TERRA E' NOSSA EMPRESA,
E O MAIS GENTIO DO MUNDO.»

MANOEL DA NOBREGA

DESLUMBRAMENTO

(do Meia-pataca)

do Mario de Andrade

Morena batuta
de seios de fruta
novinha que dóe.
Morena batuta
segura essas frutas
segura que cáem.

Meus olhos cobiçam
delicias assim
que a fome chegou.
Meus olhos cobiçam.
E doidos nem vêm
que são temporans.

Morena batuta
de seios de fruta
novinha que dóe.

(CATAGUAZES)

GUILHERMINO CESAR.

POEMA BRASILEIRO N. 2

Eram doze touros novos que vinham vindo
de longes pastos separados — aboiados
por treis negros vaqueiros amontados
em velhos pungas desengonçados.

E eram doze novilhas — já no ponto — viciadas,
ha muito tempo separadas
em outras pastagens afastadas,
e, agora, na Fazenda, encurraladas.

Os doze touros novos vinham vindo,
— com ruído estrépito —
as palpebras caídas sobre os olhos tímidos,
em urros bravios e mugidos téticos,
ora afundando os chifres grossos nos barrancos
húmidos,
ora erguendo, no alto, nuvens espessas pela estrada
poenta.

E quando a porteira do curral se abriu,
e aqueles doze touros, numa furia, se confundiram
com as doze novilhas viciadas,
os vaqueiros, num impeto, se acoraram no velho
côcho da Fazenda em ruínas,
pra gozar a testança da boiada.

(CATAGUAZES)

HENRIQUE DE REZENDE.

JA' SAIRAM:

Macunaíma

de Mario de Andrade —

7\$000 — pedidos para rua Lopes Chaves
n. 108 — SÃO PAULO

e

Laranja da China

de António de Alcântara Machado —

6\$000 — pedidos

para Caixa Postal n. 1269 —

SÃO PAULO

PETROPOLIS

Cidadesinha do monumento de Pedro o Imperador
Cidadesinha férias
e "Frigidaire"

O verão alegre e fresco
banha-se no Piabanha
e enxuga-se na sombra do arvoredó
Cubos brancos e de tons vivos
dão vivas
ao quadrado azul do céu
No ar ha gorgeios maduros
d'aqui
da pontinha

Villas de cariocas neurasthenicas
com grammados pensativos
e hortensias
hortensias
hortensias toda a vida
recolhem-se silenciosas
e repousam

Carruagens estremecem apavoradas
sobre as pontes de madeira tropejantes

A paisagem abacate
faz um esforço banbanban para se parecer
com os quadros de Baptista da Costa

(RIO DE JANEIRO)

ALBERTO DÉZON

SCHEMA AO TRISTÃO DE ATHAYDE

Oswald de Andrade

Saberá você que pelo desenvolvimento logico de minha pesquisa, o Brasil é um grilo de seis milhões de kilometros, talhado em Tordesilhas. Pelo que ainda o instincto antropofagico de nosso povo se prolonga até a secção livre dos jornaes, ficando bem como symbolo de uma consciencia juridica nativa de um lado a lei das doze taboas sobre uma caravela e do outro uma banana. Da mesma maneira nós todos com o padre Cícero á frente somos catholicos romanos. Romanos por causa do centurião das procissões. Não foi inutil vermos de olhos de criança a via-lactea das semanas santas emparedadas com o soldado e a legião, atraz da cruz. O Christianismo absorvemol-o. Se não! Trazia dois graves argumentos. Jesus filho do totem e da tribu. O maior tranco da historia no patriarcado! Chamar São José de patriarca é ironia. O patriarcado erigido pelo catholicismo com o espirito-santo como totem, a annunciação etc. Dona Sebastiana vae pular de gana! Mas o facto é que ha tambem a antropofagia trazida em pessoa na communhão. Este é o meu corpo, **Hoc est corpus meum**. O Brasil indio não podia deixar de adoptar um deus filho só da mãe que, além disso, satisfazia plenamente gulas atavicas. Catholicos romanos.

O facto do grilo historico, (donde sahirá, revendo-se o nomadismo anterior, a veridica legislação patria) afirma como pedra do direito antropofagico o seguinte: A POSSE CONTRA A PROPRIEDADE. Como prova humana de que isso está certo é que nunca houve duvida sobre a legitima acclamação de Casanova (a posse) contra Menelau (a propriedade). Isso nos Estados Unidos foi significado ainda ultimamente pela defeza de Rodolpho Valentino, produzida pela gravidade de Mencken. Tinha muito mais razão de ganhar dinheiro do que os sabios que vivem analysando escarros e tirando botões dos narizes dos bebês. Muito mais! Porque afinal é preciso se pensar a onda de gozo romantico que elle despejou sobre os milhões de vidas das senhoras dos caixas e dos burocratas. Isso é que é importante.

No Brasil chegámos á maravilha de crear o DIREITO CÔSTUMEIRO ANTI-TRADICIONAL. É quando a gente

fala que o divoreio existe em Portugal desde 1910, respondem: — aqui não é preciso tratar dessas cogitações porque tem um juiz em Piracicapiassú que annulla tudo quanto é casamento ruim. E' só ir lá. Ou então, o Uruguay! Prompto! A Russia pôde ter equiparado a familia natural á legal e supprimido a herança. Nós já fizemos tudo isso. Filho de padre só tem dado sorte entre nós. E quanto á herança, os filhos põem mesmo fóra!

Ora, o que para mim, estraga o Occidente, é a piacenta juridica em que se envolve o homem desde o acto de amor que, alias, nada tem que ver com a concepção. Filhos do totem! Do Espirito Santo! Isso sim! Como aqui! Viva o Brasil!

Mas vamos a factos. Sahiram dois livros puramente antropotagicos. Mario escreveu a nossa Odysea e creou duma tacapada o heroe cyclico e por cinquenta annos o idoma poetico nacional. Antonio de Alcantara Machado deu uma coisa tao gostosa é profunda como a secção livre do Estado.

NOTA —

A secção livre do Estado é o campo onde se debatem com tesouras D. Chiquinha Dell'Osso e D. Maria F. Brandão. A Grecia tinha as suas escolas de philosophia. Nós temos as de córte.

Ha homens, meu caro, no Brasil novo. Acabo de conhecer Edgard Sanchez, lente de philosophia do direito na Faculdade da Bahia. Um homem fecundante. E estupendo. Outros são a mocidade de Martinelli e Outros Arranha Céos. Daqui! Eduardo Pellegrini, Paulo Mendes e Americo Portugal. E Raul Bopp? E' um colosso! A elle devo immenso! A rede telegraphica mais possante da verdade brasileira. Eis um trecho de carta sua a proposito da fundação que ora tentamos de um Club de Antropofagia e de uma grande festa que proponho para a vespera de 12 de Outubro. E' uma carta a Jurandyr Manfredini, de Curitiba, publicada a 2 de Setembro na Gazeta do Povo, dali. Depois de detalhar os argumentos do grilo — base do direito patrio eil-o que diz:

"Comemos o resto do Territorio.

Ahi está a lição do nosso Direito. Devemos nos plasmar nessas origens historicas.

Revisão da religião. O nosso povo tem um temperamento supersticioso, religioso. Não contrariemos. Vamos crear a santoral brasileira: Nossa Senhora das Cobras, Santo Antonio das Moças Tristes, tudo isso... Admittir a macumba e a missa do gallo. Tudo no fundo é a mesma cousa. O instincto acima de tudo. O indio como expressão maxima. Educação de selva. Sensibilidade aprendendo com a terra. O Amor natural fóra da civilização, apparatusa e polpuda. Indio simples: instinctivo. (Só comia o forte).

E' a communhão adoptada por todas as religiões. O indio commungava a carne viva, real. O catholicismo instituiu a mesma cousa, porém acovardou-se, mascarando o nosso symbolo. Veja só que vigor: — Lá vem a nossa comida pulando! E a "comida" dizia: come essa carne porque vae sentir nella o gosto do sangue dos teus antepassados.

(Só comiam os fortes). Hans Staden salvou-se porque chorou. O club de Anthropophagia quer agregar todos os elementos sérios. Precisamos rever tudo — o idioma, o direito de propriedade, a familia, a necessidade do divoreio —, escrever como se fala, sinceridade maxima.

(O macunaima é a maior obra nacional. Você precisa ler. Macunaima em estado de ebulição. Depois isso cõa-se. Toma festim moderado, com saldo a favor). Vamos fazer um levantamento topographico da moral brasileira, a funda sexualidade do nosso povo. Vamos rever a historia, daqui e da Europa. Festejar o dia 11 de Outubro, o ultimo dia da America livre, pura, descolombisada, encantada e brávia".

Quanto ao equívoco de se pensar que eu quero é a tanga, affirmo e provarei que todo progresso real humano é patrimonio do homem antropofagico (Galileu, Fulton etc.). De resto, Bernardi Shaw já disse: Está mais proximo do homem natural quem come caviar com gosto de que quem se abstem de alcool por principio. E' isso!

UM POETA E UM PROSADOR

MANUEL DE ABREU —
Substância — Rio de Janeiro — 1928.

Uma das poesias podia dar o título ao livro: *Are you ready?* Porque *Substância* é um jogo de tenis entre autor e leitor. As bolas vêm violentamente, sem parar, num bate-pula danado. Nem tempo para respirar a gente tem.

Tudo é mais ou menos deste geito:

Sinto em mim uma Cidade
jardins
lirismo da minha
raça os arranha-céus da ilusão
piscam
na via-lactea das vidraças
arrabaldes
debalde!

E tomem bola.

Nesse fogo e nesse arrojo não é difícil descobrir talento e sensibilidade.

A poesia de Manuel de Abreu não possui colorido brasileiro algum. É internacional. Europeia talvez seja mais certo. Causa que hoje em dia e entre nós constitui originalidade. E quem sabe qualidade. Porque afinal de contas sempre é melhor tomar um expresso-internacional do que o mixto de São Pedro do Cariri. Leva onde se queira. Inclusive á própria terra em que a gente nasceu.

MARIO DE ANDRADE —
Macunaíma — São Paulo — 1928.

A's vezes a gente em literatura pede

a Deus que apareça um livro bom só para poder dizer aos autores de livros maus: Assim é que vocês deviam ter feito.

Macunaíma tem esses dois valores: é um livro bom (não sei se já repararam na força que há nessa palavra: parece um tiro de canhão) e é um livro oportuno. É o bom oportuno portanto. Chegou na hora. Veiu pôr no seu devido pé a famigerada brasilidade atrás da qual correm suados e errados desde muitos anos os escritores deste Brasil tão imenso mas tão arraial ainda.

Há que tempo Machado de Assis dizia por outras palavras que ser escritor brasileiro não é tão simplesmente cantar o índio e botar numa paisagem ipês em flor. O Brasil não é isso só. Ou melhor: o Brasil não é isso. Qualquer estrangeiro é capaz de fazer um romance muito bem feitinho com personagens desta terra movendo-se nesta terra. Agora o romance da terra só um brasileiro pode escrever. E há de escrever passando além do visível e do palpável. Não se contentar com aquilo que a terra oferece e mete pelos olhos da gente a dentro. Mas sofrer o sofrimento da terra, gozar o gozo da terra, rir o riso da terra, viver a vida da terra.

Só este refrão de *Macunaíma* — Ai! que preguiça!... — vale como brasilidade mais do que todas as ruazinhas de arrabalde, todos os tutús de feijão, morenas de chita e tal que encham os versos dos nossos curumins contemporâneos.

Paulo Prado em conversa costuma caçoar dessa mania que muito novo (ou pretendente a tal) tem de gritar esmurrando o peito: Eu sou brasileiro! Eu sou brasileiro! Eu é que sou o verdadeiro brasileiro! Burrice, moço. Se você é brasileiro não precisa gritar que é: a gente vê logo.

Mario de Andrade é dos que não gritam nem fazem questão de parecer. Pois êle é ainda que não queira.

Macunaíma tem tanta moleza, tanta senvergonhice, tanta basófia bem nossas e talvez só nossas que dá vontade da gente se estirar nas páginas dêle como numa rede e balanço vai balanço vem se abandonar e se esquecer naquela gostosura.

Rapsódia nacional (com o r bem rolado) de lendas, de anedotas, de cheiros de tudo. A língua então é a mais poética possível. Parece uma música. O violão sempre acompanhando.

E o mais bonito é que Mario se mostra inteirinho no livro (o que acontece em todos os que publica aliás). Poucas vezes tenho visto tamanha falta de respeito humano. Há páginas em que a gente se contem para não disparar com o autor: Saia daí, diabo. Como êle mesmo fez no *Amar*, verbo **intransitivo**.

Percebe-se claramente que Mario ama o herói a tal ponto que quer ser o herói. Mas é bom que a gente o desiluda. Mario é um pedacinho do herói. O herói somos nós todos juntos. Até eu, porque não?

A. DE A. M.

LEIAM:

Augusto Meyer —

GIRALUZ (versos)

Manuel de Abreu —

SUBSTANCIA (versos)

BREVE:

Menotti del Picchia —

E. U. DO BRASIL (versos)

F. T. Peixoto e Guilhermino Cesar —

MEIA - PATACA (versos)

CAETÊS

Esta é de um sabio que cultivava em S. Paulo a sciencia e a blague:

— Pedirei, com devoção, ao Senhor de Bonfim, Santo bahiano que realizou o milagre de nunca fazer um discurso, que resuscite os caetés, porque assim como devoraram o bispo Sardinha, que construiu a memoravel igreja que agora se quer destruir na Bahia, devorem o sr. Arcebispo, que a quer botar abaixo...

Talvez os caetés — illuminados! — comeram Sardinha por ter erguido a santa igreja. Previã a heresia 1928 do antistite. Sabios videntes os nossos paes de tanga!

MENOTTI DEL PICCHIA

LUNDU' DO ESCRAVO

MARIO DE ANDRADE

Tendo colhido aquele Romance que dei noticia no último número desta "Antropofagia", como falei, sube da existencia do palhaço preto Veludo. Pelas coincidencias dele ter portado muita feita em Araraquara, ser preto e as moças guardarem o Romance da boca dum palhaço preto de Araraquara mesmo, achei que de certo o Veludo é que cantava o documento.

Sei com firmeza mas é só que esse palhaço tirava um lundu em que vinha o refrão do Romance, com variante mirim:

"Eu fiquei todo sarapantado
Como gambá que caiu no melado".

Mais outra senhora de Araraquara mais uma estrofe tambem. E foi da memoria dela que Veludo renasceu com as macaquices nome cor e tudo.

Finalmente minha felicidade me levou pra um senhor velhuco já, com memória de genipapo indelevel, voz musical e bondade como ninguem. Este senhor foi praceano aqui da capital toda a vida e ali por 1876 vasava as energias de curumim frequentando o circo da companhia Casali que parava sempre meses no largo de S. Bento. Depois o menino tomava sorvetes na confeitaria perto. Pois nessa companhia é que estava o Antoninho Correia, palhaço brasileiro de cor bran-

III (S. Paulo)

Quando mia sinhô me disse:
— Pai Francisco, venha cá;
Vai cortá as tuas unha
Que tu tá para casá,

E eu fiquei todo contentado
Como gambá que saiu do laço!
Seu bem me dizia (ter)
Que eu havia de casá!

IV (Minas, D. Alexina de M. Pinto)

Quando meu sinhô me disse:
— Pai Francisco, venha cá;

Lundu do Escravo

Recitando (M. 692)

Quando mia sinhô me disse: -Pai Francisco, venha cá! Vai chamá sua feitô, que tu tá para apanhá. Eu fiquei todo espantarrado como um gambá que caiu no laço seu bem me dizia, seu bem me dizia, seu bem me dizia que havia de pagá!

Esse lundu é bem da nossa tradição pelo menos no Brasil central. Dona Alexina de Magalhães Pinto ("Cantigas das Crianças e do Povo", ed. Alves, pg. 82) dá uma variante da música em que tambem o refrão se modifica assim:

"Iô ficou tudo espantarrado
Como um pintinho que caiu no melado".

(Tambem a versão de S. Paulo capital, que vem adiante conserva "espantarrado").

Das estrofes da que chama "cantiga de palhaço" dona Alexina de Magalhães Pinto dá só uma.

Um senhor de Araraquara, junto com outra estrofe me restabeleceu o refrão em fala mais típica:

"E iô ficou todo assarapantado
Como gambá que caiu na raçada".

("Raçada" com r brando é laçada).
Outro senhor do Tietê trouxe pra mim mais uma estrofe, escutada lá.

ca. Se pintava de preto e tirava tambem o lundu. E pude juntar mais uma estrofe e a versão musical completa que vai aqui junto. Com mais outra estrofe me dá i por uma senhora de S. Paulo, reuno um Lundu do Escravo, já bem satisfatorio no tamanho. Assim:

I (Araraquara)

Quando mia sinhô me disse:
— Pá (i) Francisco, venha cá;
Vá lá na sanzalaria
Zicuiêra (recolher) us criurinho.

Eu fiquei todo espantarrado
Como gambá que caiu no laço!
Seu bem me dizia (ter)
Que eu havia de pagá!

II (S. Paulo)

Quando mia sinhô me disse:
— Pai Francisco, venha cá;
Vai chamá sua feitô
Que tu tá para apanhá,
(Refrão)

Vá lavá tua zipé
Que tu tá pra te casá,
(Refrão)

V (Araraquara)

Quando mia sinhô me disse:
— Pai Francisco, venha cá;
Vai lá na sanzalaria
Que tu tá para easá,
(Refrão)

VI (Tietê)

Quando mia sinhô me disse:
— Pai Francisco, venha cá;
Vai buscá papé e tinta,
Pra você se escrevinhá,
(Refrão)

Como estão vendo, os passos principais da vida do escravo vêm ai todos. (Aliás a última estrofe interpretei por mim como alforria). Trabucou, recolheu os criolinhos, levou bacalhou que não foi vida mas porêem na sanzalaria se arregalou tirando uma linha com as boas, lavou o pé, cortou unha, casou, casou, casou! Casou por

(Cont. na p. 6)

Um pedaço do meu poema A VOZ TRISTE DA TERRA

Eu devia ter ficado
perdido nos meus terrores

Não me deviam ter dito
os nomes das coisas bonitas
que os barcos trouxeram de longe
nem a natureza de tudo o que eu via.
Deviam ter deixado que eu adivinhasse...
Eu adivinharia!

E nem me ensinaram a amar
as coisas tão simples e puras
que eu tinha na terra.
E deram-me uma alma
mais velha e mais triste que a minha!
E eu que era menino
dei para pensar
e envelheci esquecido de mim mesmo.

Agora é que eu vejo que não vivi
que estou entre coisas immensas e bellas
que a terra desprende um aroma excitante.
Agora é que eu vejo que ha vida
em torno de mim.
E eu sinto em dèsejo febril de viver.

Agora é que eu quero
a alma ingenua que a terra me deu
pra sentir pra gozar isto tudo
isto tudo que vejo juntinho de mim.

Voltar! Mas agora que eu devo ir buscar
a alma forte
a alma pura
a alma simples de outrora
agora meu Deus eu não posso voltar!

Os rumos são outros.
Não sei pra que lado ficou meu passado.
Já nem sei como andar.
Me perco no tempo.
Me perco no espaço.
E soffro esta angustia sem fim de ficar!
E ha tantos caminhos que fogem chamando!

Mas agora meu Deus é impossível voltar!

(PARAHYBA)

PERYLLO DOLIVEIRA

LUNDU' DO ESCRAVO

(Cont. da p. 5)

tres estrofes dando tempo pra velhice chegar. Pois então depois duma quarta-feira em que geou na cabeça dele Francisco virou Pai Francisco e o dono o alforriou. E essa vida os palhaços eternisavam no circo pra divertir filho de branco. "Fio dim baranco" os Pais Franciscos falavam...

("Quando iô tava na minha tera
Iô chamava capitão,
Chega na tera dim baranco
Iô me chama Pai João")
("Canções Populares do
Brasil", Brito Mendes.)

Na versão musical que registro parece ter junção de música diferentes ou pelo menos acrescentamento de parte. Com efeito nem dona Alexina de Magalhães Pinto nem ninguém, a não ser o menino que comia sorvete espectáculo acabado, conhecia o distico:

"Seu bem me dizia
Que eu havia de pagá (ou, casá)".

Porém essa parte, falando musicalmente, não discrepa do resto do refrão e parece de origem africana também.

A reunião de documentos musicais distintos é muito comum no populario brasileiro. Pode ser tendencia nossa pra... engrandecer as coisas... Ah, rapazes! vocês nunca não verão país nenhum talequal o nosso!... Exemplo tipico desse engrandecimento foi no nordeste (Silvio Romero) a mania de finalizar qualquer chegada ou reizado com a representação de Bumba-

meu-Boi, embora discrepando do assunto anterior. (O que aliás concorda com a arquitetura da trilogia grega terminando com uma comedia.) No meu proximo "Ensaio sobre Música Brasileira" dou uma versão paulista do "Sapo Cururu" em que o texto e a música vêm acrescidos dum refrão mas discrepante por completo. Nas rodas infantis brasileiras é comum esse processo de encompridar a cantiga pela junção de várias rodas.

A forma musical da Suite é positivamente uma das preferidas pela nossa gente. Está nos fandangos de Cananea, se manifesta no Congado, no Maracatú, no Samba-do-Matuto, no Boi-Bumbá, no Pastoril, etc. Essa tendencia foi em parte, me parece, o que impediu maior generalização dos documentos musicais pelo país. As peças eram compridas por demais pra ser facil a transmissão oral de texto e música. Si essas danças por serem dramaticas e por isso com entrecho mais ou menos obrigado, forçavam a que no texto se desse apenas variantes dum modelo inicial, ficou hábito cantarem êle com música nova, inventada no lugar. Lá no norte onde apresentado todo ano (no nordeste pelo Natal, na Amazonia pelo S. João) a música muda de cidade pra cidade, de lugares como em Belem com o Boi-Bumbá e no Recife com o Maracatú que me informaram. Não digo que seja bem nem mal isso porém levou o pessoal pra utilização de foxtrotes e maxixes importados, o que pode aca-

chapar a invenção dêste povo preguiça.

Quanto especialmente ao documento que revelo hoje, o principal valor critico dele está na liberdade ritmica da estrofe cantada. Si não botei compasso pra ela foi pra caracterisar mais isso. O primeiro verso vai bem batido no ritmo e no tempo. Os outros tres vão com uma liberdade prosodica, um rubato de expressão oratoria, impossível da gente registrar com os valores da grafia musical tão deficiente. Me parece que os nossos compositores deviam de estudar mais essa tendencia pro recitativo de expressão prosodica e pro ritmo livre de muito documento popular brasileiro. Porque na composição artistica, os que estão inventando já dentro da especie brasileira, permanecem por demais dentro da forma quadrada. Isso dá pra obra deles uma essencia de pasticho muito! Do mesmo geito que, dos nossos romances tradicionais a poesia artistica pode tirar uma liberdade estrofica em que a gente fica bem comodo (foi a solução de Catulo Ceareno; ver tambem a "Oração ao Negrinho do Pastoreio" de Augusto Meyer, n.º 4 desta revista); do mesmo geito os nossos compositores podem conceber normas muito caracteristicamente brasileiras de criar melodia infinita. Nas emboladas, nos cocos, nos desafios, nos pregões, nos abôios, nos lundús e até nos fandangos a gente colhe formas de metro musical livre e processos prosodicos e fantasistas de recitativos que são normais por ai tudo no país. Isso os artistas carecem observar mais.

OS TRES SARGENTOS

(ROMANCE)

YAN DE ALMEIDA PRADO

O JARDIM PUBLICO

III

No parque havia duas zonas de amôres completamente diversas — a das meninas da vizinhança que namoravam, e a das mulheres da vida a cata de fretes para conseguirem pagar a diaria do bordel. A primeira zona consistia nas duas avenidas que esquadrinham em angulo reto o coreto; a segunda era delineada pelo caminho que dá volta ao tanque. O capão de altas arvores cuja ramaria forma toldo sobre a musica era o limite das duas e a linha divisoria.

Na zona das meninas os almofadinhas do bairro paravam na beirada das largas avenidas, enquanto as namoradas transitavam deante deles e com eles comunicavam-se apenas por meio de olhares e risos. Muito diferente era o trecho reservado às mulheres da vida. A exiguidade do passeio mal dava para elas se esgueirarem quando nos dias de muita afluencia os homens enchiam o caminho. Nessas ocasiões, ao se encontrarem dois magotes — um composto de desordeiros e outro de mulheres fáceis — resultavam correrias que escandalisavam os burgueses extraviados no lugar. O habitante do Interior por ali a passeio com a mulher e filhos, de repente percebiam atravez da inexperiencia, quanto as margens do tanque eram mal frequentadas. Via com pasmo na confusão provocada pelo choque de homens e mulheres, os apalpões dos gaiatos obrigando as mulatas e pretas a fugir no meio de gritaria e gargalhadas. O sertanejo (vindo de onde ainda existe receio da farda), extranhava serem os mais barulhentos entre a molecada os soldados da policia, que não respeitavam mulher alguma encontrada a passear em redor do tanque. Ao burguez antigo da cidade (mórmente o paulista legitimo, que sempre arrenegou militares), o efeito causado era diferente. Lembravam-lhe os excessos da soldadesca, os tempos da "Guarda Urbana", composta do rebotalho das tropas da campanha do Paraguai, que pela tradição popular, tornava perigosa a vizinhança dos quartéis. Dizia-se então, que só criaturas feias se aventuravam de proposito á noite, nos lugares frequentados pelos "urbanos".

Uma mulatinha que desgarrara das companheiras, atemorizada pela brutalidade dos homens, refugiou-se no extremo do caminho entre uma nesga do gramado e o gradil de uma ponte. Apesar do retraimento era alvejada com piadas grosseiras, obscenidades,

convites atrevidos, tentando os mais ousados, esbarrões que ela evitava subindo no canteiro. Entretanto o receio não lhe impedia de mariscar na multidão homem que a satisfizesse naquela noite.

O olhar furtivo e repetido com que repassava soldados e paisanos, depa-rou em certo momento tres sargentos da Força Publica que caminhavam juntos. Diversos na tez e na corpulencia, regulavam a mesma altura. O primeiro robusto, castanho e claro, o segundo ossudo e moreno, o ultimo tambem trigueiro, provido de ampla musculatura a modelar a túnica do uniforme. Representavam a mescla da milicia do Estado, onde elementos vindos de tão longe, e tão diversos, os do Norte diferindo dos do Sul até na origem da raça branca; no Pará ou no Maranhão descendentes de alentejanos, no Rio Grande de imigrantes das Ilhas; confundiam-se entretanto num molde unico — a farda azul ferrete largamente listada de encarnado.

Ao passarem os rapazes perto da mulatinha coincidiu chegarem tambem as companheiras. Fermou-se bolo em volta da rapariga, que estimulada pela presença das outras disse alto para ser ouvida de longe:

— I... Dita, era um moreno assim que me servia...

Mas quem devia receber a indirêta, não a ouviu. Quando o mais ossudo dos tres advertio-o a rir, já iam longe das mulheres que tinham parado no mesmo sitio.

O rapaz que reparara caçou com o distraido.

— Gostei agora do Candido, anda tão farto de rapariga que já nem liga para gadinho miudo, de hoje em diante só franceza...

Pouco antes queixara-se Candido da falta de mulheres bonitas no Jardim, de sorte que a reflexão provocou gargalhadas.

— Onde é que você está enxergando gado?

— Olha aquela vestida de branco, ali na esquerda perto da arvore, ali homem... não está vendo! Ela quer alguma coisa com você...

O interpelado voltou-se logo que o companheiro falou, elhando na direção apontada, mas poude apenas vislumbrar na turba o rosto da mulata que lhe pareceu bonito.

A exclamação da moça iscou o interesse dos rapazes que resolveram espectral-a mais as outras perto do co-

reto. Não era acontecimento unico no Jardim — nem tampouco comum — mulheres provocarem de forma tão descarada os homens que lhes apeteciam. Porém mesmo as mais desfavorcidas, as que tinham noção de serem as ultimas entre a peor negrada, só davam demonstrações dirêtas ao homem que viam pela primeira vez, quando fortemente tocadas de pinga. Em outra ocasião a vaidade feminina impedia que elas se oferecessem deante das outras. Sómente a certeza de exito podia levá-las a praticar o contrario, tratando-se algum recruta novo, que desprovido de dinheiro e cheio de seiva, aceitava qualquer mulher. O rapaz aceitava e esquecia com igual rapidez; era o mesmo que uma necessidade aliviada atraz de um muro. Não faltavam então nem sequer os transeuntes para surpreenderem o coito (no recanto do Canindê onde o par tinha ido depois do Jardim), e que não resentiam do espetaculo mais especie do que si fosse de cães no cio. A gente do bairro estava familiarizada com a scena, frequente pelos terrenos reunos e atraz das cercas desde a boca da noite até o alvorecer. Todos sabiam que quando alguém parava e aproximava, não era por troça ou por curiosidade, era na realidade outro macho que vinha buscar o seu quinhão. Si o primeiro consentia tudo se passava sem maiores novidades, na maior camaradagem, do contrario, registavam os jornaes do dia seguinte mais um caso policial de ferimentos ou morte na varzea.

As mulheres que não pertenciam á ultima categoria — das que nem têtto possuem para receber homem — não careciam de se dirigir primeiro para o individuo que as impressionava. Era suficiente pisar no caminho do tanque para sentirem-se seguidas de matilha infinita, perseguindo-as com propostas e ditos pesados como pancadas. Quando a brutalidade dos homens ultrapassava certos limites vinha a resposta na mesma forma, bocas desdentadas ferviam num diluvio de insultos, quando a crioula não repelia com o braço os mais atrevidos. Por outra, ao aceitarem alguém, riam de modo que o perseguidor logo comprehendia. Daí por deante ele não largava mais da sáia que a poder de encontrões ia varando a multidão, e apoz algumas voltas dadas á volta do tanque apareciam na rua com trato feito e destino certo para o resto da noite.

(Continua)

BRASILIANA

V

EAU - DE - VIE

De uma nota intitulada **Extraordinaria** **diffusão do alcoolismo na Russia**, publicada pelo **Estado de S. Paulo**, n. de 6-IX-28:

“O mesmo jornal publica os resultados de um inquerito feito em duas escolas, a respeito de alcoolismo.

.....
Resultados:

.....
8 p. c. das meninas bebem agua de vida;
92 p. c., cerveja e vinho. Somente 11 p. c. dos escolares desconhecem a agua de vida.”

NEGÓCIO BRASILEIRO

De uma correspondência do interior do Estado para o **Diario Nacional** de São Paulo, n. de 13-VI-28:

“Na vizinha cidade de Candido Motta, ha dias, appareceu um individuo que se dirigiu a uma fazenda, offerecendo ao fazendeiro uma troca esquisita: offerencia 40 contos, que queria trocar por 6, sem outras condições...

O fazendeiro, desconfiado, entabolou negocio, enquanto mandava á cidade avisar o delegado. O homem foi preso, mas, logo depois, solto, pois o delegado não encontrou entre os 40 contos nenhum dinheiro falso.”

POLÍTICA

Da marcha **O voto secreto**, letra de Sidney Avila e música de Donatilla Machado, á venda em São Paulo:

“Minas teceste em epopeas
D'um povo heroico a mais brilhante historia!
Mansa e serena
Né proficuo labor sempre em progresso,
Escalas a pyramide suprema
Sem retrocesso
.....E hoje mais uma vez
Pelo dictame da consciencia recto
Sempre altaneira e liberal
Creas a sabia lei Voto Secreto”

REALIDADE

De uma crónica de Gastão de Carvalho no **O Paiz** do Rio, n. de 4-IX-28:

“E' por isso que os bons repertorios posuem **Loreley**, que além de conter linda musica, presta-se á phantasmagoria de uma enscenação que prende e seduz quando executada como hontem o foi, com scenarios apropriados, excellentes jogos de luz e as visões executadas com perfeição e verosimilhança tanto quanto possivel, aproximada do real.”

BALCÃO

LIVROS PROCURADOS:

Por YAN DE ALMEIDA PRADO (Av. B. L. Antonio 188, S. Paulo):

Accioli — “Memorias Historicas da Provincia da Bahia.” — 6 vols.

Guerreiro, Bartholomeu — “Jornada dos Vasallos, etc...” — Lisboa, 1625.

id. id. “Gloriosa Coroa etc...” -- Lisboa 1642.

Cunha Mattos. “Memorias da Campanha de D. Pedro...” — 2 vols. Rio de Janeiro 1833.

Lisboa, José da Silva (Cayrú). “Historia dos Principaes Successos...” 2 vols. Rio de Janeiro 1826-1830.

Nos seus próximos

numeros a **REVISTA DE ANTROPOFAGIA**

publicará em fac-simile dois autógrafos de

KRISHNAMURTI

e

MAX JACOB

trásidos de Paris por

Oswald de Andrade

A assinatura anual

da

REVISTA DE ANTROPOFAGIA

custa

RS. 5\$000

Pedidos acompanhados de vale postal

para

Caixa do Correio n. 1.269

SÃO PAULO

Revista de Antropofagia

Direcção de ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

Gerência etc. de RAUL BOPP

Endereço: 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º Pav. Sala 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269 — SÃO PAULO

V A C A

Ballada triste

Os portugueses do Rio de Janeiro ofereceram ao ministro brasileiro das Relações Exteriores uma vasta placa de bronze. Quizeram com isso homenagear o homem que obrigou os membros de um congresso qualquer a ouvirem discursos no grejo de Camões.

Mais uma vez o Brasil defendeu o que em Portugal chamam de patrimônio comum da raça. Defesa que cabia aos lusitanos. Mas não tendo mais força nem autoridade para isso arranjaram advogado convencendo-o de que também tinha interesse na causa. De forma que não pagam honorários. Contentam-se em dar um presentinho de tempos em tempos.

Está tudo errado. A língua portuguesa não é patrimônio comum da raça. Primeiro porque não há raça mas raças. Segundo porque não há língua mas línguas.

O português diz que sim. Prêga a unidade e tal. E' a cousa de sempre: quando estava de cima só gritava eu, agora que está por baixo faz questão do nós.

Essa união luso-brasileira é que nem aquela de Mutt e Jeff deante do cinema numa caricatura de J. Carlos:

— Vamos fazer uma vaca, Jeff?

— Vamos: você entra com dez tostões e eu entro com você.

Sem tirar nem pôr.

Eu estou hoje inhabitavel...

Não sei porque,

levantei com o pé esquerdo:

meu primeiro cigarro amargou na minha bocca como uma colherada de fel.

A tristeza de varios corações bem tristes

veiu, sem que, nem porque,

encher meu coração vazio... vazio...

Eu estou hoje inhabitavel...

A vida está doendo... doendo...

A vida está toda atrapalhada...

Estou sozinho numa estrada

fazendo a pé um "raid" impossivel.

Eu estou hoje inhabitavel...

Ah! si eu pudesse me embebedar

e cambalear... cambalear,

e cahir, e acordar desta tristeza

que ninguem, ninguem sabe...

Todo mundo vae rir destes meus versos...

Mas eu juro por Deus, si fôr preciso,

que eu estou hoje inhabitavel.

(BELLO HORISONTE)

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

ABGAR RENAULT

“De idea superior em idea superior, nós acabaremos por não ter mais ideas”.

PRUDHON

POMO ROIDO

LITERATURA

(do Nuvem de Gafanhotos)

RUY CIRNE LIMA

Assim?!...

Não! eu não te quero mais...

Quando eu parti, deixei-te quasi verde ainda,
Pendente de um pequenino ramo ignorado.

Até te confundias com os renovos...

Mas o ramo cresceu,
Vieste espiar a estrada,
E ahí amadureceste, rubra, ao sol de Julho...

E, longe,
— Quem via eu me esquecer daquella manguita
quasi verde ainda,
Que eu reservára para a volta?!...

Não! eu não te quero mais.
Ha vestigios de outros dentes na tua polpa...

(FORTALESA)

FRANKLIN NASCIMENTO

ESTA REVISTA PUBLICARA' NOS PRÓ-
XIMOS NÚMEROS TRABALHOS DE:

A. C. Couto de Barros

Prudente de Moraes, neto

Mario de Andrade

Jorge Fernandes

Sergio Milliet

Jayme Griz

Carlos Drummond de Andrade

A. de Lymeira Tejo

L. Sousa Costa

Rosario Fusco

Yan de Almeida Prado

Um dia, o menino pediu uma historia.
Estava doente, aborrecido.

Ninguem se resolvia a contar uma histo-
ria.

Então, no seu inconsolavel desconsolo, o
menino doente começou a fazer uma historia
nova com pedaços de velhas historias. Só sa-
bia tres: a historia do Negrinho do Pastoreio,
a da Bela-Adormecida e a da menina que os
porcos comeram.

Os seus olhos amuados se velaram de
uma luz, quasi sombra. Por acaso, todo mun-
do se calou em volta da cama.

“ — Não vê que o encantamento princi-
piava no nascer da lua. Todas as luzes do pa-
lacio estavam acesas. E ficou uma chama de-
finitiva na haste de cada vela.

Ora, o Negrinho do Pastoreio, que anda-
va pastoreando por alí a sua tropilha de tor-
dilhos, de longe, pensou que fosse promessa.
E lá se tocou, abrindo picada entre os espí-
nheiros, para saber o que é que se perdera.

Negrinho criado no mato, sem os costum-
mes da gente...

Entrou. E viu que ninguem perdera na-
da. Toda a gente dormia em pé, no palacio
da Bela.

Podia ser milagre de Deus. Podia ser
maleficio. Depois, o Negrinho, que vive só
de noite, não sabia o geito dos homens vive-
rem cada dia.

De repente, pensou que tinha achado...
Fez o que achara para fazer, e se foi embora.
E tinha feito o sonho, que e a vida den-
tro do sono.

O velho rei, sonhando, se via só, no pa-
lacio vasío. Só. Com a lembrança da rainha
e o sentimento do mando. (No entanto, o Cas-
telo da Bela estava cheio de cortezãos, de da-
mas, de lacaios.)

Vai, o velho rei mandou que entregas-
sem a rainha aos porcos como ceia.
Infelizmente, era sonho.”

(PORTO ALEGRE)

COMO ME TORNEI ESCRIPTOR BRASILEIRO

JOSE' AMERICO DE ALMEIDA

Lendo os escriptores estrangeiros (E note-se que de testo o paradoxo, a ironia e todas as deformações de sentido). Lendo e pensando no Brasil. Lendo e comparando. Era ver a descripção de uma paisagem exotica, vinham-me à ideia as nossas paisagens. Achava logo a differença. Pa-

tem dito que só faz por conhecer países estrangeiros para ficar amando cada vez mais o seu país. Mas dá certo, a menos que o sujeito não tenha senso objectivo nenhum nem discernimento. Ou seja daquelles que, cuidando estarem pensando no Brasil, estão pensando é na

leiro ainda me faltava escrever em brasileiro.

Ora, eu nasci num tempo em que ainda se falava português no Brasil.

Inventei, assim, outro systema: ler os classicos (porque não posso deixar de ler Bernardes, frei Luis de Sou-

à la Revista de anthropophagia

*Les grands hommes sont modestes
c'est la famille qui porte leur
orgueil comme des reliques*

M. de Acob.

ra fixar traços differenciaes não ha como pôr uma coisa defronte da outra.

E assim os costumes, as paixões, etc.

Quis adoptar o mesmo methodo no cinema, mas o cinema tem pouca variedade. E' a arte dos directores. Só os quadros nocturnos servem de pontos de differenciação.

E' um processo pouco original porque muita gente já

Grecia antiga ou no mundo da lua.

O methodo é, porém, de applicação difficilima. Quem se acha embebido em obra-prima da estranja não tem nenhuma vontade de alternar a attenção, desse modo, porque perde o fio da leitura, perde o tempo e perde ainda mais se, por isso, se tornar nacionalista...

E para ser escriptor brasi-

sa, etc.) por cima, como quem está traduzindo, fazendo de conta que é castelhano, procurando apenas o sentido.

(Lingua pega como visgo).

Não sei se dará resultado. Mas o diabo é que, além das palavras, não acho nada nos classicos...

(Parahyba do Norte.)

2 POETAS

AUGUSTO MEYER — GIRALUZ — PORTO ALEGRE — 1928.

A poesia de Augusto Meyer tem uma força que a gente sente logo de saída e fica respeitando. A linguagem bate de chapa e não se esobrracha porque dentro há um sentido á prova de fogo.

Nada de canto de passarinho. Meyer quando desentruava a voz de barítono é para fim certo e medido. E canta cousas robustas. Não é um termo. Ou melhor: não é um piegas. A ternura dêle é máscula, Meyer sempre domina as paisagens, os sentimentos, as cousas. Vai pelo mundo enrolado na força do sol mas não dominado.

Há uma inquietação nos seus versos que muito provavelmente Daniel Rops incluiria na que êle definiu como moderna. Inquietação que apesar disso tem ás vezes acentos antigos como aquêle Mãe, eu quero o sol! já gritado pelo Osvaldo de Ibsen. Em todo o caso a tristeza atravez da qual essa inquietação por acaso se revela é medida como tudo no poeta.

Voz equilibrada que nunca desafina, capaz de agudos truculentos mas incapaz de soltar um só para prazer das galerias, Augusto Meyer se afirma no sul brasileiro um dos valores mais certos da literatura tão embrulhada dêste país e dêste momento.

Digo isso apoiado neste Bataque (e há muita cousa igual no Giraluz):

Negramina que morreu
currupáque pá páque!
dança bataque dança,
e o oiho claro da lua espia na crista
da serra.

Ficou tudo gelado arripiado no friume lunar.

O caminho branquiinho mergulha na boca do mato.

Marulha a saudade gemente da pedra calcárea na fonte,
olho d'água glonglona e a cachoeira chóra — uah!

De noite na estrada as carretas vêm do outro mundo.

Vagalume accende e apaga, pisca-pisca.
Corta o escuro o assobio do gury sólito que foi para o povo.

E bataque batacu:
negramina que dança que dança e que dança
toda a noite — uê!

O gallo cantou lá na serra, longe... lá...

Parecia que tinha uma estrella de orvalho na voz.

Mas bataque não cança e batacu toda a noite — uê!

Negramina que dança que dança e que dança toda a noite — uah!

MENOTTI DEL PICCHIA
— REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL — S. PAULO — 1928.

O que me parece mais curioso e mais elogiável nos livros de Menotti Del Picchia é que êles nunca satisfazem a gente. A obra de Menotti é uma fita em séries. Quando vai chegando no momento gostoso pára: continua no proximo livro. De forma que o interesse está sempre alerta e insatisfeito, pedindo mais.

Sujeito por demais talentoso tem a

manha de um gato: brinca, brinca, brinca, agarra o rato, a gente torce para que êle engula, êle vai e não engole.

E faz tudo isso sem cansar o espectador. Porque o jôgo dêle tem sempre aspectos inéditos, o jogador é excelente, a gente sente que a vitória não lhe pode escapar. Atrai inelutavelmente portanto. A assistência (nem se discute) voltará para os jogos seguintes cada vez mais numerosa e interessada. Façanha de que poucos são capazes.

Assim o Republica dos Estados Unidos do Brasil como todos os livros dêsse brigão da reação brasileira não é definitivo. Jamais se dirá para efeitos de critica que êle é o autor de tal poema, romance ou conto. Não poderá ser julgado senão atravez de sua obra considerada em conjunto. Cada livro é um pedacinho e uma continuação.

Neste Republica a gente encontra todas as qualidades do autor mas não as qualidades inteiras do autor. Será um quinto andar por exemplo. E só Deus sabe quantos ainda virão. Fazenda, Tarde Fazendeira, a terceira parte da Torre de Babel, Drama, A noite africana, Banzo, tanta cousa e tanto lirismo envolvente firmando Menotti no lugar que êle conquistou na literatura nacional de agora e deixando adivinhar e desejar o que êle conquistará querendo na de amanhã. E olhem que o homem não tem medo de nada: é poeta, é romancista, é jornalista, é contista, é crítico, orador, desenhista (as figurinhas do Republica são dêle mesmo), é o diabo o diabo do Menotti.

A. DE A. M.

O HOMEM QUE EU COMI AOS BOCADINHOS

Elle me amolava tanto que eu já o tinha de olho para um churrasco.

Uma vez elle falou em "Amor por principio". Eu achei que uma citação dessa merecia uma dentada. E ferrei-lhe os dentes.

Outra vez sahiu-se com "A ordem por base". Eu me indignei tanto que mordei-lhe de novo. De uma feita, passeando com elle, ouvi de sua boca "O progresso por fim".

Era demais!
Rasguei a carne do "cidadão" a custa de dentadas.

Agora elle anda branquinho por causa da brancura do esqueleto.

Eu comi toda carne d'elle e sómente deixei a lingua avermelhando na alvura da caveira.

Eu deixei a lingua de proposito.
E quero ver si elle tem coragem de me dizer "Viver para outrem, viver ás claras".

Si elle disser, então morrerá como peixe: pela boca.

O coitado é positivista, e talvez por isso estava com a carne mesmo no ponto de ser comida.

E eu comi.

JOÃO DO PRESENTE

A PESCA MILAGROSA

(do Samburá)

De primeiro,
eu ia lá pra biquinha
— aquella biquinha tão boa da minha terra —
arrumava o anzol nagua
e ficava esperando o peixe.

Acontece, porem,
que o peixe não vinha nunca.

Mas, mesmo assim,
todo o dia eu ia pra biquinha,
mesmo sabendo que o peixe não vinha nunca,
só pra ter aquella esperança,
aquelle prazer de esperar o peixe.

(RIO DE JANEIRO)

AZEVEDO CORREA FILHO

CARTA A ORRIS BARBOSA

Você é um sujeito inteligente, e, por isso, vai merecer que eu perca alguns instantes de minha vida exgotada para lhe dizer duas palavras como resposta à parte que me toca no seu artigo sobre a Revista de Antropofagia.

Primeiro que tudo eu estou de pleno acordo com você: — o meu poema Bahia é uma jossal... Mas não é uma jossa pela questão-rítmica que você julga, erroneamente, influenciada por João de Deus.

Elle é uma jossa porque foi uma simples brincadeira que eu fiz só para meter o pé nas tendências oratorias dos bahianos.

Eu passei lá e comi aquellas comedorias gostosas que valem mais do que qualquer literatura minha, sua ou seja lá de quem fôr...

E vi o bahiano discursando em vez de comer! Perdendo tempo.

Ora, quando a creada diz a você: "*Seu Orre a janta tá na mesa*", estou certo de que você, nordestino como eu, e, como eu, filho de tres raças gulosas, das quaes duas antropofagas e uma que fazia pratos pra comer do tamanho da lua cheia no nascedouro, não ha de continuar com os olhos fitos no papel (caso esteja produzindo) para deixar a comida ficar fria.

Não; parece que estou vendo você avançar pra cima das buxadas, dos mocotós, das feijoadas com tripa de porco e cabeça do dito, que é aquella desgraçeira!

A menos que você não seja empalemado, ou sofra de sezões, ou de espinhela caída, ou do tan-

golo, ou do mangolo, ou da molestia do ar...

Mas, como ia dizendo: comi as comidas gostosas da Bahia e dei um berro de entusiasmo!

O diabo da literatura, entretanto, me estragou o poema, que teria sido excelente, como obra de modernidade, se eu tivesse posto em jogo nelle apenas um sentido: — o do paladar.

Por isso é que elle é ruim; pela metrica não.

Porque a sua afirmativa de que é de João de Deus a metrica de cinco silabas nelle usada por mim, só serve para comprovar, mais uma vez, quanto essa mania de cultura estraga a mentalidade do brasileiro.

Ora vejamos: Você tem ahi cantando no pé do ouvido os versos do Martelo:

"Lá no meu sertão,
Tem muita quixaba,
Que é cumê de caba,
Tambem de cristão...
Faz massa na mão,
Dá dô de barriga,
Tem caba do aço
Qui morre e não briga!"

e vem falar de João de Deus, o qual escreveu, realmente, alguns versos de cinco silabas, todos quase, entretanto, ajustados em quintilhas, emquanto a forma do Martelo é sempre de oitavas!

Alem disso você não notou que eu vou fazendo alternativas para outros metros, continuando, comtudo, absolutamente rítmico o conjunto:

Recife é bonito, — 5
Recife tem pontes, — 5
Tem "bois" tem Reisados, — 5

Tem Maracatús... — 5
Porem o Recife — 5
Não tem mais as Evas — 5
De chales vistosos — 5

Vendendo de tarde — 5
Peixe frito — 3
Aguilha frita — 4
Siry cosinhado — 5
Pirão de aratú! — 5
Emquanto a Bahia tem tudo e
inda mais! — 11

Essas alternativas, e sobretudo as passagens por mim realizadas dos ríthmos mais marcados para os ríthmos mais dissolutos, são o que constituem algo de modernidade em meus poemas.

Antes de você ler João de Deus, bichão, cuja unica aproximação com minha poetica é ter sido um cantor popular em uma lingua de onde a nossa lingua nasceu, precisa prestar atenção ao modo de versejar dos cantadores da zoua da matta e do sertão, e, bem de pressa, se convencerá de que, em meio do modernismo brasileiro, eu constituo um caso aparte.

Um caso ruim, convenhamos, mas, em todo caso, sempre um caso...

Deixe, pois, João de Deus em paz para escutar violas, meu bem, depois entre na carnificina que a mocidade brasileira está fazendo para banquete da geração de amanhã.

Mesmo porque, se você não entrar na dança entra na faca! Vamos!

Pega o pirão, esmorecido!!!

(RECIFE)

ASCENSO FERREIRA

JA' SAIRAM:

Menotti del Picchia: **Republica dos Estados Unidos do Brasil** (versos)

Augusto Meyer: **Giraluz** (versos)

Mario de Andrade: **Macunaíma** (historia)

Antônio de Alcântara Machado: **Laranja da China** (contos)

José Americo de Almeida — **Bagaceira** (romance)

VÃO SAIR:

Paulo Prado: **Retrato do Brasil** (ensaio sobre a tristesa brasileira)

João Alphonsus, Carlos Drummond de Andrade, Emilio Moura e Pedro Nava: **Antologia de 4 poetas mineiros**

Guilhermino Cesar — **Meia-pataca** (versos)

DIABO BRASILEIRO

JORGE DE LIMA

Enxofre, botija, gallinha preta.
Credo em cruz, capeta, pé de pato.
Diabo brasileiro, dente de ouro, botija onde está?
Credo, capeta, pé de pato!

Diabo brasileiro quero saber quando dá
a dezena do carneiro!
Enxofre, botija, gallinha preta.
Credo em cruz, capeta, pé de pato.

Capeta, dente de ouro, tome gallinha preta,
quero dormir com a Zefa!
Capeta, bode preto, quero dormir com a Zefa!

Capeta, diabo brasileiro, só lhe dou gallinha preta!
Capeta quero casar com a Zefa, quero que são
Vigario
me case logo com a Zefa!

Capeta tome gallinha preta!
Capeta, diabo brasileiro, quando dá
a centena do macaco?
Quero quebrar banqueiro, capeta damnado, pé de
pato,
dente de ouro, cheiro de enxofre, tome gallinha
preta!

Capeta, pé de pato, quero acertar com o bicho,
quero comprar gravata, botina de bico fino

terno de casemira pra quando Zefa me vê.
Capeta, pé de pato, tome gallinha preta!

Capeta, pé de pato, dente de ouro, quero dente de
ouro,
quero capa de borracha, punho engommado,
camisa,
bengalla castão de ouro, capeta, pé de pato,
tome gallinha preta!

Quero saber suas partes, suas sabedorias,
quero saber mandingas,
Capeta, pé de pato, tome gallinha preta,
que eu quero quebrar banqueiro, que eu quero
tirar botija,
que eu não quero é trabalhar, que eu também sou
brasileiro!

Capeta, tome gallinha preta,
que eu quero saber embolada,
quero saber martello, quero ser um cantador,
capeta, quero dizer a Zefa, essa queentura de amôr!
Capeta tome gallinha preta, que eu quero casar
com a Zefa!
Por Deus, que eu quero, capeta, pé de pato!
Tome gallinha preta!

(MACEIO')

O TRAVO

SEBASTIÃO DIAS

Talvez não fosse só o capricho. De-
mais, se confessava impotente pra ana-
lisar seu drama intimo.

Dizia drama conscientemente: ain-
da acreditava que o teatro e a vida
se plajavam mutuamente. O cinema
seria assim uma especie de gigolô de
ambos. Nunca lhe importara quem fos-
se o coronel.

A principio quiz fazer sua vida. Or-
denou-a, catalogou-a e preparou-se pra
realisa-la. Como tinha algum tacto, bo-
tou na conta imprevistos e accidentes.
Mas sem particularisar ou discriminar.

E foi se aguentando algum tempo.
O primeiro mez, o segundo... Apenas
uma coisa sem importancia: uma que-
da. Algo perigosa: ficou em estado de
choque, passou uns dias de cama.

Ficou radiante porque comemorou o
aniversario na data justa que havia
marcado: 8 de novembro, puxa! não
houve nenhum contratempo e por
cumulo de coincidência o dia 8 de no-
vembro caiu numa sexta-feira. Tal-
qualmente havia previsto.

Mas quando chegou neste ponto, per-
cebeu uma coisa seria: o amor. Aliás
todas as coizas lhe pareciam sérias e
respeitaveis, inclusive as circumspec-
tas propriamente ditas. Propriamente
ditas pelo dicionario, pelas pessoas
mais velhas ou livro de máximas.

Depois, antes mesmo de escrever
qualquer regulamento sobre a nova
descoberta, pensou que o amor não
era uma coiza, mas um problema. Re-

zolavel? Não lhe importava por em-
quanto que não lhe tinha sido pro-
posto. E se admirou disso não ter si-
do ainda objeto de suas cojitações.

Falava assim "disso" com certa su-
perioridade especialmente com os ou-
tros. Se decidiu a se por em equações
e se solucionar com presteza. Depois
pô que viesse applicaria a formula
conseguida. Seria, quando muito uma
simple prova: real ou dos nove.

Não acertou a principio. Recome-
çou. Com paciencia, com metodo, até
que enfim se convenceu da inutilida-
de pelo menos atual das matematicas.
Todas elas. Sem excetuar mesmo a ta-
boa de Callet, o calculo das probabi-
lidades e as vertijinozas geometrias
não euclideanas de Riemann, Loba-
tchewsky e epigonos.

Nova admiração. Então o negocio
não era tão sinjelo. Exorbitava das
ciencias exatas. Falar verdade não en-
contrava a minima particula de amor
naqueles estudos. Mas procurava se
convencer modestamente que não pes-
quizára bem, pra salvar, o prestijio
dos numeros.

Se dirijiu com ardor prás ciencias
biologicas. Necessariamente elas ha-
ziam de lhe esclarecer qualquer coi-
za. Não se ia adiantando quazi nada.
Mas se satisfazia pelo pasmo quotidia-
no de descobrir novas sendas da sa-
bedoria humana. Se conteve pra não
publicar com escandalo suas desco-
bertas; muito ao contrario do pensar

de seus mestres verificava de visu ha-
ver algo alem dos numeros.

Estudou com afincio muitas materias.
Se esqueceu de metodos e catalogos.
Só tinha uma preocupação. Um dia
deu adeus á vida e se recolheu na so-
litude.

Muito tempo. Sempre a pensar no
magno e unico problema. Tinha fuji-
do dos homens mas a humanidade não
lhe fez o mesmo. Aquela complicada
maquina social e administrativa que
conhecera nos livros puzera seus ser-
vidores na sua pista.

Foi para a prisão. E fizeram-lhe per-
guntas. Como ha muito não utilizasse
da linguagem articulada, porque estive-
sse fóra do trato de seus semelhan-
tes, não os compreendeu nem lhes
poude responder. Fez sinal que escre-
vessem.

Leu então que lhe inquiriam do seu
nome, idade e sexo.

Olhou com profundo espanto pra
todos aqueles fieis cumpridores da lei,
pra todo aquele aperato solene de re-
cepção e mudando o semblante pra
uma encantadora injenuidade e pie-
dade indizível, escreveu tres vezes com
uma bonita letra, clara e separada:

NÃO SEI.

Em seguida na misericordioza supo-
zição que não entendessem todos tra-
duziu a inscrição em dezoito idiomas
e dialetos.

(RIO)

OS TRES SARGENTOS

(ROMANCE)

YAN DE ALMEIDA PRADO

O JARDIM PUBLICO

IV

A timidez da rapariga, ainda mal familiarizada com o lugar, fizera com que um impulso repentino a nivelasse com as mais reles frequentadoras do passeio. Quando a mulher se oferecia tanto, o homem inversamente se retraiu e a aproximação perdia-se. Naquela feita, embora com decrescimento, a mulatinha obteve mais êxito do que esperava apesar do repente que lhe escapara; seu aspéto infantil, novidade na zona duvidosa, causou grande interesse no grupo dos sargentos.

Para cercarem o rancho das mulheres foram os rapazes até o melhor ponto de espera do percurso, na encruzilhada fronteira ao coreto. Alinhados pelo cotovelo como si estivessem na revista, ficaram á espreita na beira do caminho onde tinham subido para enxergar melhor. Resistiam aos encontros no anseio de distinguir a rapariga e as companheiras na turba que passava, esforço cada vez mais custoso devido á affluencia cada vez mais densa de gente naquele momento. A dificuldade do exame ainda era aumentada por causa dos colegas espalhados pelo parque, passeando ociosos, e que se juntavam aos sargentos, demorando-se em contar ou trocar pihérias antes de seguir na esteira de alguma saia. Estavam por ali, como todos, á procura de aventuras. A prosa com os militares encontrados pelo caminho não passava de pretexto para esperar alguém que desejavam descobrir no redemoinho.

Nessa altura o modo como um conhecido se abeirava de outro não variava, era sempre alusivo ao que ambos vinham fazer no parque. "Então pirata, sempre invocando?" "Que é que está fazendo aí?" "Esperando a Deusa?". Ou, ainda, "Que tal hoje, vae ou não vae?". A que o interrogado respondia: "Fica firme, banca como eu o Firmiano Pinto."

Havia por esse tempo o costume de dar o nome do prefeito da cidade a uma porção de significados de firmeza, calma, espreita, e palavras parecidas. A razão não provinha de qualquer ato extraordinario praticado pelo administrador, que foi dos apagados que S. Paulo teve, porém tão sómente pelo que sugeria a assonancia de Firmiano. Durante muito tempo o linguajar paulista fez deste nome um adjetivo, que se tornou corrente e durou além do governo daquele prefeito.

Entre os frequentadores do Jardim havia também familiarismos mais restritos, que giravam incansavelmente entre a soldadesca afeiçoada ao parque.

O mais conhecido era a historia da onça. Circulava pela rapaziada, branca ou mestiça da "Força", a graça que asseverava odiarem as onças aos pretos. Diziam consistir numa terrível ogeriza, sempre crescente desde a hora em que uma cangussu' vira um preto mina. Dai exclamava lógico o soldado ao ver a negrada atulhando o parque, "Imagina uma onça solta agora, não ficava nem uma tia para amotra!", e por mais que repetisse a mesma cousa, sempre em torno dele ecoavam gargalhadas. Alguns acrescentavam modificações ou imaginavam variantes, "Qual o quê, tem cada cara no meio dos joão que si a onça enxergava era capaz de morrer de susto!". Decorrente desta modificação nascera outra inventada por um soldado nordestista, fazedor de quadrinhas e contós, que percorriam o quartel em que ele estava indo até aos officiaes. Narrava a historia do domador de circo que pretendeu alimentar enorme onça com as negras do Jardim. Para aquele "artista", (denominação que o povo dá a todos que se exibem em publico) conseguir seu intento foi preciso trazer a onça perto do tanque, onde solta investiu contra as mulheres que passavam. Não demorou muito voltou o bicho fugindo apavorado de uma preta que gritava, "Que onça linda, meu Deus! Mais bonita do que defunto Binidito meu marido...". ao passo que a perseguida apelava para o dono afim de que a protegesse da mulher. A historia, e semelhantes, estava afinada á ingenuidade do auditorio, na maior parte, composto de homens vindos da roça ou de sertões longinquos.

Longe de onças e de perigos demoravam as mulheres em aparecer. Com o tempo aumentou a impaciencia dos rapazes. A desordem na multidão fizera com que elas tivessem relado por diversas vezes o grupo sem serem percebidas.

A demora irritou o mais magro dos sargentos que acusou os outros do desencontro.

— Nós devia ter falado lógico com elas. Vocês são lerdo mesmo. Assim não dá certo, quem faz cavação não dorme.

Da censura partiram apreciações obcenias feitas por todos do grupo acerca das mulheres em geral, e daquelas que esperavam no momento.

— Vae ver que já foram embora.

— Parece mesmo...

— Vamos então esperar até o maxixe?

— Eir não espero. Até o maxixe é muita coisa, vou embora.

— Eu também, mas vamos esperar ainda um pouco.

— Que'sperança, já passaram, perto de nós mais de um par de vez. Ficar aqui comendo mosca não é comigo, si vocês quizer ficar fique, eu vou embora.

Era costume da banda terminar o concerto com musica de dança, que no momento estivesse em móda. Muitas pertenciam ao regente Lorena, que grangeara fama graças á difusão dos seus trabalhos em revistas de theatros populares. Quando os soldados da policia a ele se referiam davam-lhe um "Eta" admirativo antes do nome, que deste modo entrada no rol das cousas admiraveis da Força Publica. Também os sargentos partilhavam da admiração dos colegas porém o insucesso da espera tornara-os mal humorados.

A insistencia de um deles venceu a resistencia dos outros. Dirigiram-se devagar em direção da saída percorrendo com a vista todos os vultos femininos que alcançavam.

— Eu conheço aquele pessoal, é rampeiro, não vale a pena perder tempo...

— Ah! Você conhece? Indagaram os outros interessados.

— Já estiveram de-já-hoje por aqui. Eu estive manjando elas, tinha um grupo pronto para entrar na conversa, quando chegou o grude do Colatino que estragou tudo. Fiquei com uma raiva...

— Será então o pessoal do vinte-quatro? A Mariasinha me disse que estava esperando as raparigas que estiveram no mez passado em Campinas.

— Não é não. Eu passei lá hontem. E' outro pessoal, desconfio que foi a mais alta que pegou um fubá no Zé Maria.

— Qual é delas?

— A vestida de branco com sapato preto.

— Qual o quê, não é essa não, essa que você fala já sei quem é, estava por aqui mesmo, mas tinha uma gola vermelha na blusa...

Todos riram.

— Da pirataria nem rato escapa, nem a blusa vermelha da tia! O gadinho que rodeia o tanque é a mesma coisa que malandro que tira escacha na rua 7 de Abril.

— Vamos voltar?

— Cê dôido homeia, vamos embora. O mais corpulento dos tres apoiou o convite.

— Na vespera de riscar o punga a gente afia a espora na cama...

(Continua)

BRASILIANA

VI

FOLHETIM

Do romance *O soldado desconhecido* (O heroico legionario brasileiro), de Zenato d'Alvamilo, ed. da Casa Editora Vecchi do Rio de Janeiro, fasc. II, cap. XXIII intitulado *O guerrilheiro Ab-El-Akrim*, p. 171:

"O guerrilheiro, acostumado ao seu dominio absoluto, estranhou a resistencia inesperada daquella jovem e perguntou friamente:

— Quem és tu e de onde vens?

Nêlia, num tom firme que surpreendeu a todos os presentes, immediatamente respondeu:

— Chamo-me Nêlia e sou noiva do Soldado Desconhecido; quanto ao lugar de onde venho, basta que saibas que fui raptada covardemente pelo teu bando de malfeteiros!

.....
Aquella captiva era a noiva do Soldado Desconhecido!...

Que maravilhosa presa!"

CIVISMO

Circular distribuida pelo Gremio Silva Jardim de Niteroi (agosto de 1928):

"GREMIO SILVA JARDIM
entidade civica nacional
(Secção do Estado do Rio)

Séde — Rua da Conceição, 2 sob. — Tel. 2177 — NITHEROY

O GREMIO SILVA JARDIM HOMENAGEIA O SEU PATRONO — APOSTOLO DE BRAVURA CIVICA — Homenagens no dia de seu natalicio — 18 de agosto.

(Não haverá discursos; mas, exaltação civica).

SILVA JARDIM nasceu em Capivary no anno de 1866 e morreu em 1.º de Julho de 1891, no Vesuvio, o vulcão italiano em Napoles.

EM NITHEROY
(A's 10 1/2 hs.)

— Romaria ao monumento da Republica (Praça Padre Feijó) onde se encontra a estatua de Silva Jardim (barca de 9,50 e de 10,10 no caes Pharoux).

O GREMIO SILVA JARDIM precisa dos brasileiros (que têm orgulho deste nome) em torno do brasileiro que mais expôz a vida pela Patria, empunhando esta arma — o seu civismo incomparavel.

NO RIO DE JANEIRO
(De 4 1/2 até 5 e 15)

— Sessão civica na Associação Brasileira de Educação (Rua Chile 23, 2.º andar). Devem comparecer o Embaixador italiano, o aviador Ferrarin, o jurisconsulto Clovis Bevilacqua, condiscipulo do patrono do Gremio e seu unico irmão sobrevivente, Gabriel da Silva Jardim. Em plena sessão, ao antigo escoteiro Armando da Silva Magalhães, (que salvou o aviador Ferrarin) — será conferido o primeiro "Premio EUCLYDES DA CUNHA: valor brasileiro", creado pelo G. S. J. no dia euclyleano, 15 ultimo. (Esse premio é um volume de "OS SERTÕES, o livro da raça brasileira, escripto pelo mais brasileiro dos brasileiros").

(A's 5 1/2 hs.)

— Romaria á casa n.º 17, da rua Silva Jardim (antiga travessa da Barreira) onde existiu a *Société Française de Gymnastique*, ponto obrigatorio de reunião, para os propagandistas entre elles — SILVA JARDIM.

Trata-se, apenas, de solennidade civica. Foi supprimido qualquer caracter festivo; isto em homenagem a Del Prete — "peregrino audaz": filho da Italia, fallecido no Brasil.

O G. S. J. assignala: Silva Jardim tambem foi — "peregrino audaz": filho do Brasil, fallecido na Italia.

A epopeia italiana de hoje lembra a grande tragedia brasileira de 1891.

Gloria a DEL PRETE — nas alturas!

Gloria a SILVA JARDIM — no seio da terra italiana!

AVE! LATINIDADE!

AVE! BRASILIDADE!"

BALCÃO

LIVROS A' VENDA:

Na *LIVRARIA UNIVERSAL* (r. 15 de novembro n. 19 — S. Paulo):

— S. Leopoldo — *Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul* — 2.ª ed.
— Monteiro Baena — *Compendio* — Pará.

Na *LIVRARIA GAZEAU* (praça da Sé n. 40 — S. Paulo):

— *Archivo Pittoresco* — 11 vs. enc.
— *Panorama* — 17 vs. enc.
— *Lusiadas* — coment. por Faria e Sousa.
— Vieira — *Sermões* — 16 vs. enc., sendo alguns em 1.ª ed.
— Innocencio F. da Silva — *Diccionario Bibliographico* — 19 vs. enc.
— F. Manoel de Mello — *Epanaphoras de Varria Historia* — 1660.
— Fr. B. Brandão — *Monarquia Lusitana*.

LIVROS PROCURADOS:

Pela *LIVRARIA UNIVERSAL*:

— Roquette Pinto — *Rondonia*.
— Ruy Barbosa — *Replica*.
— Oliveira Lima — *D. João VI no Brasil* — 2 vs.
— *Revista do Instituto Historico Brasileiro* — tomos ns. 20, 21, 22 e 32.

Por YAN DE ALMEIDA PRADO (av. brig. Luis Antonio n. 188 — S. Paulo):

— Manoel Calado — *Valeroso Lucidemo*.
— Duarte de Albuquerque Coelho — *Memoarias Diarias*.
— Alvarenga Peixoto — *Obras* em 1.ª ed.

A assinatura anua

da

REVISTA DE ANTROPOFAGIA

custa

RS. 5\$000

Pedidos acompanhados de vale postal

para

Caixa do Correio n. 1.269

SÃO PAULO

Revista de Antropofagia

Direcção de ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

Gerência etc. de RAUL BOPP

Endereço: 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º Pav. Sala 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269 — SÃO PAULO

CONCURSO DE LACTANTES

REPUBLICA

Estão tratando de erguer não sei onde (mas sempre aqui no Brasil) um monumento á mãe preta. Os denodados que para isso trabalham querem confessadamente prestar uma homenagem de gratidão ás amas molhadas e sêcas mas sobretudo molhadas da linda côr do urubu. E atravez delas á raça escrava.

Eu acho isso muito bonito e comovente porêm perigoso. Marmorizada ou bronzeada a preta, as mulatas e as brancas protestarão na certa. E será preciso erguer outros monumentos. Um para cada côr. Depois um para cada nacionalidade. A homenagem provocará uma competição de raças, de origens, até de tipos de leite. Por fim os fabricantes de leite condensado também reclamarão a sua estátua e com toda a justiça. E haverá o diabo quando o governo holandês exigir uma para as vacas suas súbditas.

Eu não estou ofendendo. Eu estou prevenindo.

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

Deodoro todo nos trinques
bate na porta de Dão Pedro 2.º.
Seu Imperadô, dê o fóra
que nós queremos tomar conta desta bugi-
ganga.

Mande vir os muzicos.

O Imperador camarada responde
Pois não meus filhos não se vexem
me deixem calçar as chinelas
pódem entrar á vontade.

Só peço que não me bulam nas obras comple-
tas de Vitor Hugo.

(RIO DE JANEIRO)

MURILO MENDES

SAIBAM QUANTOS

Certifico a pedido verbal de pessoa interessada que o meu parente Mario de Andrade è o peor critico do mundo mas o melhor poeta dos Estados Desunidos do Brasil. De que dou esperança.

JOÃO MIRAMAR

P R O F A N A Ç Ã O

A cathedral de Ribeirão Preto no tempo em que
 eu era menino
 Tinha um aspecto respeitavel de volume
 E uma côr gothica de tijolo
 Que bastava para definir a sua intenção silenciosa
 de humildade.

Agóra,
 Na symetria civilisada dum jardim
 Pintada de vivo
 E emmagrecida pela ambição condoreira de sua
 torre
 A cathedral de Ribeirão Preto que eu temia em
 criança
 Tem a elegancia galga e nobre de uma pose.

E no setimo dia de descanso
 Uma alegria moça de religiosidade
 Vae
 Intimamente
 Desafiar as côres de sua igreja
 Com a festividade colorida de seus vestidos
 (S. PAULO)

A. DE ALMEIDA CAMARGO

L E I A M :

Vargas Netto: **Gado chucro** (versos)Augusto Meyer: **Giraluz** (versos)Mario de Andrade: **Macunaíma** (historia)Ruy Cirne Lima: **Colonia Z e outros poemas**
(versos)Menotti del Picchia: **Republica dos Estados
Unidos do Brasil** (versos)Cassiano Ricardo: **Martim Sererê** (versos)

O NORDESTE DO SR. PALHANO

Ha diversos nordestes entupindo livrarias. Uns, sinceros. Outros — e é o maior numero — exagerados. Para mais ou para menos. Conforme a capacidade de exagerar de cada um. O do snr. Palhano de Jesus não é insincero. E' apenas interessante. Mesmo ha muito de sinceridade em s. s. afirmar nada entender da terra carrasco e dos seus problemas. Cousa desculpavel aliás, dado o motivo simplesmente burocratico do seu cargo. E é pena. Porque si alguma justiça ha de se fazer neste artigo, é reconhecer a sua bela atividade. Graças a ela ficamos conhecedores da existencia de todo um complicado serviço de indiferença á fome. O que já é muito para o inferno das boas intenções.

* * *

O engenheiro snr. Palhano de Jesus ouviu dizer que havia chuido no Nordeste entre Fevereiro e Março. E o engenheiro mezes depois de acurados estudos correu á imprensa para comunicar o resultado das suas investigações. E os linotipos e os telegrafos espalharam a boa nova.

"O competentissimo snr. inspector da zona nordestina diz que a seca atual é **atenuada**.
 Choveu no principio do ano. Que saibam todos os sertanejos."

Foi um reboição. Houve até salvas de bombas reaes. **Atenuada!**... E muita gente começou a respirar satisfeitamente. Que beleza!

Si porem o snr. inspector houvesse levantado gado magro, batido macambira, levado na pele para a terra carioca o vergão do sol e a marca das juremas; tivesse comido **carne de ceará** com rapadura, armado a sua rêde nos galhos dos umbuzeiros, marchado no trote duro de burros estropiados, leguas e mais leguas atraz de pasto, não teria o atrevimento de tamanha eresia. Porque, contra todas as suas previsões, a seca começou depois das chuvas. E' que essas chuvas caíram depois de um longo ano sem pingar. E caíram espaçadamente. Até então o unico recurso do sertanejo para conseguir ter de pé os seus animaes, era queimar espinhos. Bater macambira. Com as chuvas a macambira enverdeceu. Não queimou mais. E a rama que nasceu era fraca. O gado começou a cair. Os giraus e os tanguês foram armados nos revêsos. E pelas estradas poeirentas, debaixo de um sol de endoidecer, começou o sacrificio das retiradas. Retiradas vagarosas de animaes exaustos e de homens abatidos. Tinha levantado o tempo, definitivamente.

* * *

Snr. Palhano, leia isto para quando quiser fazer mais uma gostosa pilheria.

Não são os açudes e as estradas que resolvem as nossas eternas questões. Não deixa de ser isso. Mas são sobretudo metodos regionaes de educação, medidas inteligentes de aproveitamento. Para fazermos verdadeiramente obra de construção, temos que enxergar o Nordeste como uma região á parte. E especialisar então para ela educação, instituições sociaes, administração. E isso simplesmente. Uma simplicidade primitiva é o que exigem os problemas da vida primitiva, diz Chesterton. E nada mais primitivo que a vida nos nossos sertões. Querer, por exemplo, alfabetizar essa gente antes de educal-a na pratica do trabalho da sua terra, é incorrer na eterna questão de começar pelo fim. Porque o sertanejo só é preguiçoso nos sertões. As fazendas de café em S. Paulo e os seringaes do Amazonas não tiveram braço mais forte. Explica-se isso pelo completo desconhecimento dos recursos da terra por parte deles. A criação é mais um divertimento — é a sua coleção de selos. Criar bois não é cousa que deva ser enxergada como factôr economico positivo no nosso futuro. As secas não o permitem. E quando não fosse isso a criação em larga escala no sul do paiz, trará muito em breve para a industria da carne, um mercado amplo, mesmo mundial. Como factôr de desvalorização não se pode desejar mais poderoso.

O nosso recurso fabuloso é o algodão. E imposto por lei o sistema da pequena propriedade, ter-se-á atacado o problema capital da nossa economia.

Enxergar as necessidades do Nordeste como de criadões de gado, é malhar em ferro frio. Só acabando com as secas. Os açudes não o conseguirão. São apenas medida preventiva. Medida para a agricultura. E' verdade que nos descampados vastos dos nossos sertões, a humidade dos açudes, diminuindo a marcha dos ventos, força a queda das chuvas. Não deixará, porém, de entrar como influencia poderosa, o capricho climaterico.

(RECIFE)

A. DE LIMEYRA TEJO

ABRIDEIRA

MATEUS CAVALCANTE

A America acaba de receber uma grande missão: a missão do entusiasmo. Delegou-lhe a incumbência o fino poeta Ronald de Carvalho, numa conferencia sobre a moderna poesia americana. Em nome da mandatária aceitaram o encargo, agradecendo a honra da escolha imerecida, S. Exa. o sr. embaixador Morgan e a selecta assistencia.

Segundo todas as apparencias o que ditou tão sabia decisão foi a necessidade em que se viu aquêlê poeta modernista de definir o espirito americano no que êle tem de original e inconfundível, para, pesquisando as diversas modalidades desse character geral em cada um dos grupos ethicos deste continente, assignar-lhes uma voz á parte no côro das civilizações contemporaneas. Para isso era preciso perscrutar as tendencias intimas da América, que devia sentir-se á vontade no seu papel, destinar-lhe uma função compativel com a sua indole: "The right continent in the right place". Reservando-lhe a missão do entusiasmo, o esteta dos "Epigramas", coerente, aliás, com os seus precedentes intellectuais, reconheceu "ipso facto" em tal missão o procurado character diferencial. Para êle a poesia americana será a poesia do entusiasmo ou não será. Essa lhe parecendo a sua finalidade natural, foi disso que êle a incumbiu, officializando assim uma situação de facto anterior.

Os quadros vastos dificultam a comprehensão das coisas. Ninguém pôde ter uma visão total da América sinão na escala das cartas geográficas. E não é necessario dizer quanto é difficil reconhecer na realidade o que só se conhece através dds mapas, ainda que sejam em relevo. Por outro lado a incumbencia que

recebeu o Novo Continente diz respeito á actividade espiritual dos seus habitantes. Ora, nessa materia principalmente, o que verdade para o todo, é verdade para cada uma de suas partes. Alem do mais, falando em "poesia americana" o sr. Ronald de Carvalho usava, evidentemente

esse individuo se haverá no des-empenho do mandato.

Imaginemos um poeta americano estalão. Ele recebeu a palavra de ordem: "Entusiasmo, hein! Muito entusiasmo!" O poeta americano é brioso. Não é preciso insistir. Ele dará conta do recado. Empertigou-se. Respirou — 1. Espirou — 2. Outra vez: 1—2. Bem. Bateu no peito (com força). Fez um olhar sobranceiro. Pegou no chapéu num gesto agil e elegante. Saiu seguro de si, pisando duro.

Lá vai êle, dominador, altivo, com uma chama estranha a perpassar nos olhos deslumbrados.

—Quem é aquêlê camarada?

—E' um americano, o poeta.

—Ah! é um americano! é o poeta!

A multidão se curva á passagem do vate. Lá vai êle dominador, altivo, com uma chama estranha a perpassar nos olhos deslumbrados.

—"Alô, poeta!

—Ale-guá guá guá! Ale-guá guá guá! hurrah! hurrah! America!

—E's do campeão?

—Não.

—Quem é esse então, poeta? Agora reparo nessa chama estranha a te perpassar nos olhos deslumbrados. Que é que tu tens hoje?

—Entusiasmo!

—Viva! Pegaste a centena! Escreveste a obra-prima! Amas e és amado! Amar e ser amado, ó que ventura!

—Nescio!

—Então? Fala, meu louro. Me diga o que ha...

—Não sei não, uai! São ordens."

Canibal, meu nêgo, que fastio é esse, onde estavas tu á hora da conferencia?

(RIO DE JANEIRO)

LUNDU' DO ESCRITOR DIFICIL

Eu sou um escritor difficil
Que a muita gente enquisila
Porém essa culpa é facil
De se acabar duma vez:
E' só tirar a cortina
Que entra luz nesta escurez.

Cortina de brim caipora
Com teia caranguejeira
E enfeitado rúim de caipira,
Fale fala brasileira
Que você enxerga bonito
Tanta luz nesta capoeira
Tal-e-qual numa gupiara.

Misturo tudo num sacco
Mas gaúcho maranhense
Que para no Mato Grosso
Bate êste angú de caroço
Ver sopa de carurú;
A vida é mesmo um buraco,
Bobo é quem não é tatú!

Eu sou um escritor difficil
Porém culpa de quem é!
Todo difficil é facil
Abasta a gente saber.
Bagé piché chué, ôh "xavié",
De tão facil virou fossil,
O difficil é aprender!

Virtude de urubutinga
De enxergar tudo de longe!
Não carece vestir tanga
Pra penetrar meu cassange!
Você sabe o francês "singe",
Mas não sabe o que é guariba?
Pois é macaco, seu mano,
Que só sabe o que é da estranja.

MARIO DE ANDRADE

de uma abstracção, que é preciso entender-se no seu verdadeiro sentido de "poesia dos americanos, de cada americano, considerada em conjuncto".

Para melhor comprehender o alcance da missão devemos, portanto examina-la do ponto de vista do individuo americano. Desse modo tudo se reduz a saber como

2 POETAS E 1 PROSADOR

A. DE A. M.

VARGAS NETTO — Gado chucro — Porto Alegre — 1928.

O poeta mesmo confessa no fim do volume: o que cantei meu coração mandou. E como é coração gaúcho ditou versos gauchescos. O que não é rigorosamente lógico mas explica o regionalismo do Gado chucro.

Aliás um regionalismo que se entende, sem abuso de expressões e alusões locais.

Vargas Netto exalta a paisagem e a vida heroica e trabalhosa dos pagos. Com o entusiasmo e a força a que já nos habituaram os poetas do sul. No autor de Joá porém a inspiração é mais popular, o troveiro se manifesta de modo mais flagrante. Além disso o ritmo quasi sempre é marcado, a poesia vira canção sem querer.

A gente cantarola com gosto cousas assim:

Tropa crioula de gado sem costeiro,
de pello desigual...
Tropa de gado que não viu mangueira
nem laço jamais...

Ou então:

Negrinho do pastoreio,
que malvado é teu patrão!
Vae te picando miudinho
depois te amassa na mão;
e te enrolando na palha,
com cuidado, de vagar,
encosta o fogo na ponta,
negrinho, pra te pitar!

Gosto menos da parte denominada Poema das Missões. Não porque nela tenha sido infeliz o cantor. Mas porque acho pau e já surrado por demais

isso de glorificar em verso o passado brasileiro. O talento de Vargas Netto não tem precisão de bater no bumbo patriótico para mostrar que aqui nasceu.

CHARLES LUCIFER — Cy-nismes suivis de Sensualismes — Paris — 1928.

Escrevendo em francês o poeta brasileiro que adotou o pseudônimo de Charles Lucifer pegou a ginástica poética lá da França. E com essa ginástica o desprezo alegre pelo mundo, sua gente e suas cousas. Fala da tarde que

... finit come une dépêche
sans signature
pour le rendez-vous du couchant,

do dia que se vai e que

... se moque du monde
et en prend congé par simple politesse,

do crepúsculo

où brille l'astérisque de Vénus
rappelant un soleil mis au bas de la page,

para depois concluir:

On s'en passe...

De modo que a gente deve considerá-lo como francês e não como brasileiro traduzido. Porque ele pensa e sente em francês. Do contrário Copacabana não lhe sairia assim:

Le promontoire chirurgical
surgit parmi l'ouate des compresses
du portefenille de ce soir opératoire,

Et sur le ventre de la mer
d'un coup sur et soudain
luit le bistouri tranchant du phare
en tour de force laparatomique,

Dans le bas-ventre horizontal
coule sur la concavité de la plage
la pléthore blanche
de la leucocytose nébuleuse des lumières.

Opinião provinciana talvez; a poesia de Charles Lucifer é um exercício.

Opinião não provinciana talvez; a poesia de Charles Lucifer é um saxofone.

Está claro que niguém (nem eu mesmo) é obrigado a adotar uma das duas.

MONTIEL BALLESTEROS
— Montevideo y su cerro —
Montevideo — 1928.

São contos sincopados com um pouco de sátira e um pouco de invenção. Pensando bem: mais de invenção do que de qualquer outra cousa.

E' o sétimo livro do autor de La Raza. Autor inquieto e apressado. Principalmente de um bom humor que não tem fim. Passa gozando por todos os assuntos. O conto chamado 20 Blasco Ibáñez é bem característico de sua maneira: nem é propriamente conto nem deixa de o ser.

Ignoro se Montiel Ballesteros é jornalista. Se não é devia ser. Tem qualidades ótimas de cronista. Escreve com extraordinária facilidade, põe logo o negócio em pratos limpos, parece ser um vivo.

Montevideo y su cerro tem cousas que nós do Brasil não podemos entender. O que não impede que se goste do ritmo seudido do livro.

NAMÔRO

Um arsinho frio
fazendo frufú na cara da gente
e a gente fazendo calentura
de beijos na noite friorenta
— Tá com as mãos frias? meu bem
— Mas tou com o coração quente, amorsinho!

(RIO DE JANEIRO)

JOSUE' DE CASTRO

EMPRESA GRAPHICA LTDA.

LIVROS, REVISTAS,
EDIÇÕES DE LUXO
— SERVIÇOS —
COMMERCIAES



RUA SANTO ANTONIO, N. 17
TELEPHONE 2-6560
S. PAULO

A TARDINHA EM VIAGEM NO SERIDÓ

JORGE FERNANDES

O meu carro vae rodando nas estradas de areia barrenta ou de cascalhos e eu vou vendo o verde longe e o verde perto das juremas junto a estrada...

As caatingas vão se tornando escuras esfregando os olhos com somno...

Na carreira do carro aparece de sopetão um serróte, as vezes com uma pedra fina e sisuda apontando o céu. Outros com pedras também parecendo dedos muito grandes apontando: — Olhem aquilo ali — E eu olho e vêjo só desertos de serras e um restinho de

luz do sol se acabando nas corcundas das serras, verdes... verdes...

Outras pedras agrupadas e enfeitadas de facheiros vão passando na ligereza da viagem...

E o carro corre entre arvores e serrótes até que a bôca-da-noite — chega agasalhando tudo acendendo os olhos dos bacuráus, das rapôzas, das tacácas, antes que o meu carro abra também os seus olhos atrapalhadores dos bichos que precisam ganhar o seu pão, a noite, farejando nas estradas...

(NATAL)



Lundú do Escravo

b. 72, Recitando

Quando mia Sinhô me disse: - Pai Francisco, venha cá! Vai chama sua feitô, que tu tá para casa... - Eu fiquei todo espantado com um gambo que caiu no laço! Seu bem me dizia, Seu bem me dizia, Seu bem me dizia que eu havia de pagá!

Por ter saído com incorrecções no n. 5 reproduzimos o "Lundú do Escravo" que fará parte do "Compêndio de Historia da Música" de MARIO DE ANDRADE já no prelo.

O POEMA DA ESPERA

MARIO GRACIOTTI

Hontem, eu fiquei na esquina. Paradi-
nho. Feito lampeão de bairro pobre. Só prá
esperar você. Acho que levei mais de uma
hora, e o solzão do meio-dia cantando no meu
lombo, que nem cigarra, uma canção que até
doia. Mas, eu firme. Não arredava pé. Você
tinha entrado e tinha que sahir. A' muque. E
saboreando você como se você fosse coisa bôa
e gostosa pro meu paladar. O grillo da rua —
um hungaro todo azulado — me dava cada
grellada que eu até estremecia por dentro.
Mas, firme. Eu me lembrava, romanticamen-
te (e o sol queimando no lombo. . .) daquelle
olhar meio-doce que você mandou quando
entrou na casa amarella.

Esperai. Eu parecia até a sombra imagi-
nária de um poste que não existia. Quando
você rumou prá cidade, eu fui atrás. Mas, vol-
tei depressa. Zuniram nos meus ouvidos as
taes: "Você não enxerga, seu convencido!".

Passei, na volta, tão tonto pela esquina,
que levei uma trombada de automovel. Escar-
rapachei-me no asfalto quente. De bruços.
Com poeira na boca. E o grillo — aquelle
mesmo hungarão todo azulado — deu tama-
nha gargalhada que botou ruas e praças nos
meus pés.

Tambem, nunca mais!

(S. PAULO)

PAIZAGEM DE MINHA TERRA

BRASIL PINHEIRO MACHADO

Manhã de domingo de sol reto.
A grande igreja sem estilo
Decorada por dentro por um batismo de Cristo
Feito por um pintor ingenuo
Que quiz ser classico e foi primitivista.

Missa internacional
Com gentes de todas as raças
Ouvindo o padre alemão rezar em latim.

Agente nem tem vontade de olhar o crucifixo dezolado
Nem de rezar
Porque tem lá dentro tanta menina bonita
Que não reza tambem
E fica sapeando agente com meiguice. . .

Só os polacos de camisa nova por ser domingo
Que vieram com as familias de carroça lá das colonias
Rezam fervorosamente
Emquanto nos seus quintaes
Os chupins malvados e alegres
Comem todo o centeio
Cantando glorias pro sol de domingo.

(PONTA GROSSA)

OS TRES SARGENTOS

(ROMANCE)

O JARDIM PUBLICO

YAN DE ALMEIDA PRADO

V

Devagar tinha chegado o grupo de sargentos á avenida Tiradentes, examinando sempre as mulheres que viam pelo caminho. Ainda era possível topar com as raparigas que de noite vagueavam pela rua João Theodoro até a beira do Quartel. Eram de facil conquista, bastando poucas palavras para ajustar passeio á Ponte dos Amôres, ou colloquio no quarto de um companheiro camarada, situado nos cortiços da redondeza. Pararam os rapazes durante alguns momentos na larga esplanada que forma a avenida naquele ponto. Do lado da estação o movimento de gente era intenso; do lado oposto iam rareando os transeuntes á medida que se adiantavam pela zona militar. Antes de transpor o último trecho do caminho e chegar á rua que demandavam, correram os sargentos a vista pelo espaço diante deles, numa derradeira tentativa de enxergar alguma rapariga facil.

Ao soldado só não convem mulher contaminada por doença venérea: a côr, idade ou formosura são pormenores que desaparecem devido á escassez do soldo que tudo reduz a uma questão de saúde. No entrar para o quartel, os recrutas aprendem, pelo exemplo quotidiano e pelos commentarios que ouvem a todo momento, a aproveitar qualquer saia-que lhes chegue ao alcance. Procuram as raparigas mais caras e melhores para os dias do recebimento de soldo, deixando as outras para o fim do mez, quando está vazia a algibeira. Resulta do costume ser frequente o espetáculo de um par em que a mulher aparece quasi repugnante ao lado de um jovem soldado no viço dos vinte anos. Ela, sem asseio porque no bordel em que mora ha falta de agua (antigamente nos bairros pobres de S. Paulo as torneiras para nada serviam durante quasi o ano inteiro). Ele, asseiado pelo banho diario obrigatorio do quartel, de onde tambem o não deixam sair com a farda em desalinho. Apesar das diferenças de condições, continuavam por 1924 (e não terá mudado muito) os amôres entre soldados limpos e mulheres miseraveis, sem interrupção, sempre na mesma, através das levas de homens que se sucediam no Corpo Escola. Por vezes, naquele meio militarizado, apparecia a informação de que tal mulher estava "pegando molestia", porém só lhe davam crédito deante de provas do anunciado accidente. Não sendo assim, supunham decorrer a informação de algum despeito ou rusga, vulgares no invariavel circulo formado pelas decaídas e seus freguezes. A mulher da

praça de pré não sae de certa roda, composta do primeiro soldado que conheceu, dos amigos deste e de todos os amigos dos amigos deles que veio a conhecer com o tempo. Quando a cabocla, mulata ou negra, deixava os braços de um infante para cair nos de um cavalaria, ou bombeiro, chegando muito raramente ao extremo de se amasiar naqueles tempos anteriores á revolução com guardas civicos. Estes eram os "galegos", como lhes chamavam na gíria, na quasi totalidade portuguezes bigodudos, antigos moços da lavoira, grande apreciadores de mulheres de côr, porém aquaretados em outra zona muito diversa, nos confins da varzea do Carmo, longe da séde da Força Pública.

Os tres sargentos parados na avenida demonstravam pouca pressa em cumprir a resolução de se recolherem cedo. Recomeçaram a caminhada de má vontade, arrastando os pés, esmiuçando o exame das mulheres que passavam ao alcance da vista. Ao ver de longe duas raparigas que iam em direcção á rua Ribeiro de Lima, um dos rapazes convidou os outros para seguil-as.

— Vamos ver si ainda pegamos aquelas.

— Vá você. A esta hora, já quasi no alojamento, sem ter certeza, não vale a pena. Vá você sozinho si quizer.

Todo soldado daquela zona conhece o desânimo de certos momentos da noite, depois de muito tempo passado á cata de aventuras. O tempo vae passando, cada vez mais enervante e vazio á medida que se aproxima a hora de entrar para o quartel.

Continuaram os outros o trajecto, chegando aos poucos á rua João Theodoro, que descera lentamente. A' esquina da primeira travessa estava um grupo rumoroso de meninas da vizinhança (italianinhas como lhes chamavam por causa do sotaque carregado) que falavam e riam alto.

— Você si alembra Celestina, do canarinho que eu teneva?

— Me alembro sim. Quedele?

— Si deixô comer o gato...

O habito de ouvir falar daquele modo impediu que os sargentos achassem extravagante a conversa das moças. Olharam atentamente para o grupo das meninas, exuberantes de saúde e vida em que havia tipos verdadeiramente lindos de beleza popular.

— Para mim esse negocio de meninas de familia não vale nada.

— Para mim tambem.

— Pode ser bonita como quizer, dá no mesmo. Namorar por ai atôa, passar as noites arretando em seco com

menina que só quer casar, é coisa que eu passo.

— Nem comprehendo como o Tito gasta tempo nessa bobagem. Ele conta muita garganta mas eu sei como é a escrita. Eu tambem já namorei muito noutro tempo, quando eu era anspesada. Sei o que é essa cavação, não se pôde sair para longe porque a mãe não dá licença, não se pôde fazer nada por essas ruas porque tem sempre uma amiga ou conhecida que está vendo, para dar um beijo é a mesma coisa que acertar no milhar. Só mesmo num dia de chuva, escondido na porta da casa dela, quando não passa ninguem, mas pertinho da familia, de relance, é que a gente chega perto e isso mesmo com muito luxo. Não me serve, não.

— Tem casos diferente. Uma vez na vila Sá Barbosa eu fui atraz de um muro e dei de cara com dois que estavam ali de pé. A moça quando me viu deu tamanho pinote que até os grampos do cabelo desprenderam caindo no chão. O rapaz era um cabo do segundo que achou ruim. Eu fui, disse para ele que não me incomodava com a vida alheia, que até si ele quizesse podia continuar á vontade que eu nem olhava.

— E continuou?

— Qual o quê, a moça corria que nem dóida. Sumiu numa travessa e nunca mais vi ela.

— Então você empatou o cabo...

— Foi mesmo. Mas tambem quem mandou naquele lugar. Ainda eles tiveram sorte que não foi o Cassiano em vez de mim.

— Mas isso acontecia lá para os lados da Vila. Aqui com esse movimento e pessoal que traz de noite a cadeira para sentar na calçada, nem é bom pensar nisso.

Continuaram os rapazes a comentar a dificuldade da conquista de mulheres para quem não dispõe de fartos recursos. A certa altura o mais caçado perguntou si não iam embora. O outro, que estava apreciando o grupo das meninas apesar de tudo que tinham dito, insistiu para que esperassem ainda um pouco.

— Vamos esperar o Antonio: não demora ele está ai.

— E' capaz de demorar.

— Qual! Ele corre, corre, banca o pato atraz das gansa e depois volta com um bruto carão! Aquelas vagabundas que ele está perseguindo já estavam de trato com os infantaria da esquina.

— Você tem certeza?

— Tenho. Eu não sou cego, si não disse para ele foi só de mau.

(Continua)

BRASILIANA

BALCÃO

VII

MÃE

De um artigo de Manoel Victor na *Folha da Noite* de S. Paulo, n. de 28-9-28:

"A qualidade de ser mãe não exige distinção de raça, de classe ou de côr"

GOVERNISMO CEGO

Noticia do *Minas Geraes* de Bello Horizonte, n. de 8-9-28:

"Realizou-se no Instituto de Cegos São Raphael, de modo singelo e significativo, um momento civico em commemoração á gloriosa data da independencia.

Na sala de palestra, com a presença dos funcionarios do Instituto, iniciou-se a cerimonia com o Hymno Nacional, cantado pelos alumnos e acompanhado ao piano pelos professores João Freire de Castro e José Ferreira de Oliveira.

Para melhor conhecimento dos ceguinhos alli reunidos, o director do Instituto leu no "Minas Geraes" o movimento patriótico de Bello Horizonte em commemoração á gloriosa data.

Depois de terminar a leitura na parte referente á resenha administrativa do 1.º e 2.º annos do actual governo do Estado, os ceguinhos, alegres e satisfeitos, proromperam em vivas ao governo.

Ao encerrar o momento civico, foi cantado o Hymno á Republica".

PROGRESSO

De uma correspondencia para *O Guarará* (Minas Geraes), n. de 1-7-28:

"Acaba de fazer aquisição de uma excellente victrola orthophonica, o nosso distincto amigo cel. Bertholdo Garcia Machado.

Graças á divina inspiração deste amigo, e ao espirito elevado e culto de Bianco Filho, representante da Empreza Orthophonica, o Maripá collocase á vanguarda do progresso com a chegada da victrola, portadora das producções musicas dos mais afamados maestros.

Muito gratos, somos ao cel. Bertholdo Machado, pelos agradaveis momentos que nos tem proporcionado com a sua excellente Orthophonica."

ABDICAÇÃO

Telegrama de Curitiba para a *Folha da Noite* de São Paulo, n. de 7-7-28:

"A senhorita Rosinha Pinheiro Lima acaba de dirigir um officio aos directores da Federação de Academicos do Paraná, renunciando o lugar de "Rainha dos Estudantes Paranaenses" que desempenhou durante dois annos.

Tem sido muito commentado, nas rodas esportivas e sociaes, essa determinação da senhorita Pinheiro Lima."

LIVROS A' VENDA:

Na *LIVRARIA UNIVERSAL* (r. 15 de novembro n. 19 — S. Paulo):

— S. Leopoldo — *Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul* — 2.ª ed.
— Monteiro Baena — *Compendio* — Pará.

Na *LIVRARIA GAZEAU* (praça da Sé n. 40 — S. Paulo):

— *Archivo Pittoresco* — 11 vs. enc.
— *Panorama* — 17 vs. enc.
— *Lusiadas* — coment. por Faria e Sousa.
— Vieira — *Sermões* — 16 vs. enc., sendo alguns em 1.ª ed.
— Innocencio F. da Silva — *Diccionario Bibliographico* — 19 vs. enc.
— F. Manoel de Mello — *Epanaphoras de Varria Historia* — 1660.
— Fr. B. Brandão — *Monarquia Lusitana*.

LIVROS PROCURADOS:

Pela *LIVRARIA UNIVERSAL*:

— Roquette Pinto — *Rondonia*.
— Ruy Barbosa — *Replica*.
— Oliveira Lima — *D. João VI no Brasil* — 2 vs.
— *Revista do Instituto Historico Brasileiro* — tomos ns. 20, 21, 22 e 32.

Por YAN DE ALMEIDA PRADO (av. brig. Luis Antonio n. 188 — S. Paulo):

— Manoel Calado — *Valeroso Lucidemo*.
— Duarte de Albuquerque Coelho — *Memoarias Diarias*.
— Alvarenga Peixoto — *Obras* em 1.ª ed.

A assinatura anual

da

REVISTA DE ANTROPOFAGIA

custa

RS. 5\$000

Pedidos acompanhados de vale postal
para

Caixa do Correio n. 1.269

SÃO PAULO

Revista de Antropofagia

Direcção de ANTÔNIO DE ALCANTARA MACHADO

Gerência etc. de RAUL BOPP

Endereço: 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º Pav. Sala 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269 — SÃO PAULO

P E S C A R I A

Hoover vem aí. Quando êle se candida-
tou á presidência norte-americana o Brasil
cafeeiro vetou seu nome. Foi das cousas mais
engraçadas desta terra tão engraçada além de
essencialmente agrícola. Agora estão sendo
preparadas manifestações oratórias. Está cla-
ro que está certo.

Hoover vem aí e vem pescando. O bata-
lhão de jornalistas que o acompanha radio-
telegrafa todos os dias contando os sucessos
da pescaria. Nem tubarão tem refugado dean-
te da isca. E o presidente sorri cada vez mais
contente da vida.

Hoover vem aí. Vem pescando no mar.
E desce de anzol feito bengala. Na terra con-
tinua a pescaria. Daqui a pouco a costa sul-
americana do Pacífico está no papo. E' só
substituir a minhoca da isca. O pessoal todo
já abriu a bôca esperando as comidinhas irre-
sistíveis: panamericanismo, fraternidade con-
tinental, a América dos americanos.

Hoover vem aí. Vem aí e vem pescando
perguntar que fim levaram as nossas tradi-
ções antropófagas.

Brasil, meu amor, você também virou
peixe?

ANTÔNIO DE ALCANTARA MACHADO

ANECDOTA DA BULGARIA

Era uma vez um kzar naturalista
que caçava homens.

Quando lhe disseram que tambem
se caçam borboletas
e andorinhas,

elle ficou muito espantado,
e achou uma barbaridade.

(Belo-Horizonte)

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

“A'S VEZES ASSENTAVA-ME SOBRE UMA PEDRA OU SOBRE ALGUM TRONCO
DE MADEIRA RODEIADO DE TRINTA OU QUARENTA INDIOS. CONTAVA COUSAS
DA EUROPA PROCURANDO EXPLICAR-ME POR MEIO DE IMAGENS. ELLES IMA-
GINAVAM QUE O BRASIL FOSSE TODO O MUNDO; ADMIRAVAM-SE POIS OUVIN-
DO DIZER QUE ALÉM DO GRANDE RIO (OCEANO) EXISTIA A EUROPA DIVIDI-
DA EM MUITOS PAIZES DE LINGUAS DIFFERENTES ETC.; O CUMULO DE ADMI-
RAÇÃO ERA SIGNIFICADO POR SONORA GARGALHADA.”

P. Nicolau Badariotti - Exploração no Matto Gorsso - p. 69

MANHÃ SINHA

Um homem. Dois homens.
 Tres homens.
 Os paralelepipedos lustrosos
 escorriam agua
 dos autos barulhentos
 da Prefeitura Municipal.
 Quatro homens.
 Cinco homens que gastam 4.000 calorias
 entraram na Fabrica.
 No 6.º Andar
 uma mulher debruçou-se na sacada
 com o corpo quente
 amassado numa cama de ferro...
 O dia vinha chutando

OXYGENIO

no fim da rua...
 O chaminé da Fabrica
 preto esguio
 que tinha jogado petéca
 a noite inteirinha
 com a lua de couro
 soltou uma fumaça parda.

(Rio de Janeiro)

JULIO PATERNOSTRO

A Sociedade Capistrano de Abreu

(45, rua Capistrano de Abreu —

Rio de Janeiro)

está publicando o edital para o

CONCURSO DE 1929

com a tese

“O RIO SÃO FRANCISCO

NA

HISTORIA DO BRASIL”

A ANTROPOPHAGIA EM CAMPINAS

Dizem os tolos que a anthropophagia desap-
 pareceu de nossa boa terra brasilica.

Que sarambés e que sarambelões! Se ha cousa
 vinculada á alma brasileira é este pequeno e in-
 nocente vicio guloso que levava a velha india con-
 vertida a pedir *in extremis* ao seu confessor um
 dedinho de curumim a chupar!

Ouçam os povos a veridicissima historia cam-
 pineira que lhes vou contar. E reflectam: a voz da
 infancia é a voz de Deus! e a voz da Deusa que,
 na opinião dos horripilantes e felizmente defun-
 tos gregos e romanos, habitava o fundo dos poços.

Assim, um infante campineiro, pelas palavras
 da sua innocencia, trahirá esta preocupação rac-
 ial intensa da gente do Brasil (com *s* e com *z*): A
 ANTHROPOPHAGIA.

Assassinaram ha tempo um coitado de um cam-
 pineiro que deixou enorme filharada numa pinda
 “disgraciada” ou antes “indisgraziata” como nos
 ensina o nosso grande Juó Bananère, brasileiro
 “inlustre”.

Um de seus pequenos foi recolhido á casa de
 bom e rico parente que deu optima vida ao tal
 crila. Tinha elle seus tres annos. Passados uns me-
 zes foi o pequeno reclamado por um tio paterno
 que pediu lho mandassem, por uns dias, afim de
 que conhecesse os priminhos...

Poz-se o typinho a urrar desesperadamente, no
 auge do desespero. “No ultimo!” como se diz no
 Oeste. “Não quero ir para a casa de Titio! Não
 quero! Elle não tem o que comer! Elle não tem o
 que comer!”

Ficou o protector abysmado com a attitude do
 pequeno! — Sim senhor! Que guela se preparava
 alli! Que sujeitinho interesseiro e safadinho! Que
 aguia! Resolveu pois interpellal-o:

— Que historia é esta? Porque não quer você
 ir para a casa de seu tio, seu diabinho?

Derretido em lagrimas poz-se o menino a ber-
 rar, esperneando como o classico possesso:

— Foi Você mesmo quem disse que elle não
 tem o que comer. Se elle não tem o que comer é
 capaz de me comer! E’ capaz de me comer! E’ ca-
 paz de me comer!

Era a voz dos ancestrs! Era a voz da velha
 do curumim! Era a voz grave e magestosa do ve-
 lho Brasil que resurgindo echoava em Campinas!

E diga-se depois disto que a anthropophagia
 desapareceu do Brasil! que não é a unica legiti-
 ma manifestação destes Brasis hodiernos!

E que nestes não ha lugar, para a *Revista da
 Anthropophagia*. Tantans! Bucuvas! Sarambés!

(CAMPINAS)

UBALDINO DE SENRA

UMA REZOLUÇÃO HEROICA

SEBASTIÃO DIAS

Entre o chirriar insistente dos grilos, o coaxar das rãs e a segunda sóca dos canaviais me situei ha um mez. Nos limites da horta jardim e a encosta do monte ha tambem o barulho do riacho que se despeja pela bica no banheiro arruinado.

Como tudo ali ele recorda a epoca de tempos outros que deveriam ter sido melhores. Havia nas coizas um ar abatido respirando melancólica resignação: só o terraço alto persistia altivamente nobre mau grado os andrajos de cimento que lhe enchiam as fendas.

com outros poetas.

Dezanimado me sentindo incapaz de pensar coizas absurdas resolvi escrever uma carta cujo tema fosse um que eu vira num Secretario Universal "a um parente transviado aconselhando-o voltar a trilhar a senda do bem". Escrevi 29 linhas sem entrar no assunto. Reccei bater o 31 ou a 31 sem conseguir principiar. Tentei recordar todas as primeiras frases dos romances que eu já tinha lido. Comecei pela "Volta ao Mundo por Dois Garotos" (4 Vols.). Não me lembrei. Segui prá's "20 Mil Leguas Submari-

que o reljio fosforecente ~~dele~~ marcasse.

Pensei nas cauzas da minha atual vacuidade de espirito; a auzencia da possibilidade proxima duma aventura amoroza mais ou menos complicada devia contribuir mais que a falta de sensações daquela vida monotona.

O candieiro por cauza do pouco querozene ameaçava apagar e a noite me enguliria com toda a sala e mais a caza. A luz era portanto necessaria. Era a unica defeza que eu possuia naquele instante contra a ameaça

For Revista de Antropofagia,

Happiness is the freedom from
the yoke of experience.

J. Krishnamurti

A sala ampla que devia ter sido de vizitas onde eu dormia com meu irmão em redes, que pela manhã enrolavamos e penduravamos nos proprios tornos estava fria na noite humida.

Fóra o sereno ia apagando inexoravelmente uma por uma as luzes dos cassacos.

Algumas recalcitavam mas tinham de ceder á força maior da obrigação do trabalho matinal.

Diante do candieiro a gaz o romance não conseguia me interessar. Levantei a cabeça, tirei os olhos, fechei os olhos e fiz força pra dizer um soneto de Cruz e Souza. Não consegui. Fiz a mesma experiencia improficua

nas" de Julio Verne. Nada. "David Copperfield" de Dickens, "O Estigma Rubro", romance cinematografical; tambem inutil.

Então pensei na primeira palavra de cada um desses e outros romances. Em vão. Comprovada a minha esterilidade mental naquela noite procurei conversar: ninguem, fóra meu irmão que estava entra não entra no sono, estava acordado.

Antes disso abri a janela, entrou aquela friagem e eu só vi no bloco cerrado da noite a luzinha da caza do vijia. Com pouco mais êle havia de bater com a maçaneta de ferro no pedaço de trilho pendurado na frente da caza grande as horas

na minha integralização nas trevas.

Sim, porque nenhuma vela eu possuia no momento.

Perhaps next season my great delicious dream be already dead.

Quanto eu dezejaria ter escrito estas palavras, embora mesmo se em vez de perhaps eu puzesse suponhamos surely. Mas foi a Deirdre que escreveu. Só o prazer de ter uma iluzão. Decididamente o unico remedio seria o sono que custava. Puz a boca fora da janela e recolhi 15 gotas de orvalho; em seguida engulias, dei graças a Deus e adormeci profundamente.

(RIO DE JANEIRO)

2 ENSAISTAS

PAULO PRADO — Retrato do Brasil — S. Paulo — 1928.

Este ensaio sôbre a tristeza brasileira não tem nada de alegre. Também não se pode dizer que seja triste. E' severo e mais nada.

Se Paulo Prado tivesse se contentado no seu quadro impressionista em desenhando o grupo das quatro desgraças — a luxúria, a cubiça, a tristeza, o romantismo — o livro não provocaria o protesto dos patriotas. Mas quiz concluir, devia concluir. E a conclusão amargou na boca dos tristes.

O doente não tem medo da doença. Tem medo do diagnóstico e pavor do tratamento. Você se queixa disto? E'. Sente isto? Sinto. Sente mais isto? Também sinto. Então tem isto. Não, não tenho, não é possível, não estou assim tão ruim que diabo.

Toda a gente confessa que o pintor foi muito feliz no pegar a boca, os olhos, o nariz, a testa, o queixo do modelo. Mas o rosto não saiu parecido.

A feiura do retrato era sabida de todos. Nos jornais e nos congressos não há dia em que ela não se apresente até deformada para peor. Mas até agora não havia aparecido integralmente. Um gritava contra a política. Outro contra os costumes. O lavrador falava das aperturas da lavoura. O educador dos absurdos do ensino. Tudo isso parceladamente e nem sempre com conhecimento exacto das causas.

Mas surge Paulo Prado. Então é uma inteligência acima de toda e qualquer suspeita (como certas virgindades) que descobre as mazelas. E o mal impressiona porque o médico tem inegável autoridade. Não se trata mais de um anônimo ou de um isolado confinado em seu isolamento. Porém de uma individualidade pioneira que sabe o que diz e sabe como diz. Depois a maravilha se repetiu: estudado como foi o tema ficou novo. Dai o escândalo.

O Retrato do Brasil tem para mim outro grande valor: é o testemunho de quem pertenceu á geração do Brasil-primeiro pais do mundo e êsse testemunho concorda com o da geração do Brasil — todo errado. Muita gente de minha idade vai agora dizer que não. Mas será fácil provar a incoerência. Geração revoltada que tem feito senão destruir, combater, renovar? Você na literatura. Você no jornalismo. Você na política. Você na crítica. Você na música. E assim por deante.

Paulo Prado escreveu um livro admirável. Se for preciso gritarei e com certeza repetirei.

MARIO DE ANDRADE — Ensaio sobre música brasileira — S. Paulo — 1928.

E Mário de Andrade escreveu outro indispensável. Chego até o superlativo: notabilíssimo.

Há livros ruins como cobra porém

indispensáveis. Aquêles em que o autor sabe colher mas não sabe comentar. O que é dos outros é bom. O que é dêle não presta.

Mário de Andrade com um método e uma paciência fora do comum andou pegando na cidade e no mato os motivos raciais da música brasileira. São mais de cem melodias populares, música e canto. Trabalhadora benemérita de folclorista. Do jeito que êle fez ninguém entre nós fez ainda. E' uma exposição (como êle chama) muito ordenada e muito clara. Tudo catalogado, fácil de achar e discutido com sabedoria.

Livro indispensável portanto e notabilíssimo. Notabilíssimo graças em grande parte á introdução onde Mario discorre sôbre os problemas essenciais e actuais da música brasileira. E' uma cartilha que devia ser adotada nos conservatórios.

Eu digo cartilha mas de facto é tratado. Há mesmo umas afirmações de Mário que transbordam da matéria do livro e merecem meditação na literatura e no mais. Infelizmente o espaço aqui não chega para a gente se afundar em certas frases do Ensaio.

Em todo o caso eu sempre quero dizer que Mário não faz só literatura de acção como êle diz. Toda a literatura dêle é de acção não tem dúvida. Mas não só de acção. A's vezes o artista puro aparece sem querer. O que em geral é raro mas sempre bom.

A. DE A. M.

LEIAM :

PAULO PRADO — **RETRATO DO BRASIL** (ensaio sobre a tristeza brasileira)

MARIO DE ANDRADE — **ENSAIO SOBRE MUSICA BRASILEIRA**

TRISTÃO DE ATHAYDE — **ESTUDOS** (2.^a série)

VARGAS NETTO — **GADO CHUCRO** (versos)

AUGUSTO MEYER — **GIRALUZ** (versos)

O JAPONEZ

SYLVESTRE MACHADO

Deprehende-se das estatísticas policiaes que o japonéz não é ladrão, nem bebado contumaz, nem tampouco desordeiro ou patriota em excesso. Esse ser excepcional, pequeno de estatura, não soffre do cancer. No Japão, dizem que essa doença é desconhecida. Deve-se attribuir isso ao chá, ou senão, ao arroz. Esses dois productos são enormemente consumidos no Japão, segundo o testemunho irrefutavel do snr. Aoki, pintor de paredes, que introduziu em S. Paulo a pintura á esponja, e que pintou as paredes de minha casa ha doze annos, quando eu tinha doze annos. Affirmativa tão retumbante, gravada na mente em tão tenra idade, da mente não ha de mais sair. Nem que me venham provar o contrario os propagandistas do café paulista.

Além de não ter os defeitos arriba apontados, o japonéz tem qualidades, uma das quaes é deliciosa, numa cidade como São Paulo, em que ha multidão de grosseiras aves de arribação, que guélam a torto e á direita, pisam e cospem sem cerimonia nos

transeuntes desprevenidos. Uma vez parou na minha frente um nippão. Fez tres profundas reverencias e pediu se, por favor, eu lhe podia fornecer um... phosphoro.

O japonéz é o unico immigrante que se nacionalisa em poucos annos. Os filhos são brasileiros sem discussão na casa paterna. Aos poucos vão se tornando catholicos, o que é essencial para a sua integração na raça brasileira. As nossas tradições e festas são todas catholicas. O nosso passado é catholico e somos atavicamente impregnados de catholicismo, rezas, procissões, velas, confrarias, dia de S. João, etc.

Mas os nossos illustres medicos, que não quizeram receber Voronoff, acham que o japonéz não é typo "eugenico". O italiano-malaria, o espanhol-trachoma, o bessarabiano-torre-de-babel e outras migalhas de raças balcanicas, assim como os rusos cheios de vodha, são, ao ver dos nossos sabios, raças sãs e fortes, que virão formar a bella raça brasileira de amanhã.

A nossa gente culta tem uma cultura tamanha que geralmente ignora que os nossos bugres são de raça amarella. Ha por ahi muito brasileiro puro sangue, legitimo e indiscutivel descendente de indio, olhos em amendoa, pelle oliva, estatura baixa, que não admite o japonéz, porque este viria estragar o nosso padrão eugenico. Não se enxerga.

Eu só desejo mais clarividencia nos caciques que mandam no Brasil.

Que façam uma viagem a Iguape, peguem num japonéz e num bugre puro sangue e comparem.

Ora se o japonéz é de raça mais brasileira que os "brasileiros" descendentes de portuguez, negro, italiano, espanhol, etc., porque resmungar á sua entrada na terra do guarany? O guarany é um irmão mais velho delle, que se installou em sua terra o Brasil, quando os brasileiros do litoral ainda se achavam em projecto nas espanhas, portugaes, italiaes e bessarabias.

(CAMPINAS)

A sair brevemente :

MARIO DE ANDRADE — **COMPÊNDIO DE HISTÓRIA DA MÚSICA**

OSWALD DE ANDRADE — **SERAFIM PONTE-GRANDE** (romance)

ANTÓNIO DE ALCÂNTARA MACHADO — **LIRA PAULISTANA** (colecção de modinhas)

RUBENS DE MORAES — **UMA FAMÍLIA ESSENCIALMENTE AGRÍCOLA** (contos)

ROMANCE DE UM MENINO TRELOSO

L. SOUSA COSTA

(Para o Jorge de Lima)

Quando eu era menino
Vivia fazendo gaiolas
De tabocas
De ponteiros
De **barbas de bode**
Para um gallo de campina
Que um dia
Num cajueiro
Fui encontrar num ninho!

Eu era menino
E elle tambem...
Eu porem
Gostava de procurar
Ninhos de passarinho
De matar rolinhas de bodoque
De fazer gaiolas
Pro meu gallinho de campina!...

Um dia o bichinho
Passava á larga
E ia dormir empapado!
Outro jejuava, jejuava, piava, piava
E eu não ligava...

“Ou menino marvado:
— Dizia a mãe preta —
Na Semana Santa
E esse treloso
Judiando com os passarinhos!”

Piu-piu! Piu-piu! Piu-piu!
E minha mãe dizia:
“Menino, vae dar pirão ao gallo de campina!”

(PARAHIBA)

ENCANTAMENTO

O sacy pererê do alto da serra
entrou na taba rasteira
do pagé de pelle de cobre,
e roubou a filha do velho.

E levou ella para a matta verde
para a festa pagã das mães-dagua
que tavam dansando
no limo verde da lagôa parada
a dansa tapuya do véo encantado.

E a moça começou a dansar
sobre o vidro verde da lagôa parada
e os olhos vidrilhos do anhanguéra
encantaram a moça morena.

E a tribu morena
perdeu a virgem morena de cabellos verdes.

E de noite as uyáras verdes
cantaram na noite cinzenta
no limo verde da lagôa parada
debaixo da sombra verde do jequitibá.

E mais uma uyára cantou.

(MINAS)

CAMILLO SOARES



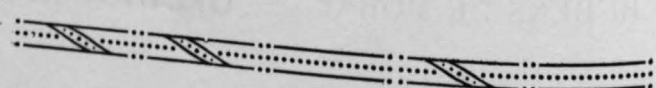
Empreza Graphica Ltda.

Livros, Revistas
Edições de luxo
serviços
commerciaes

Rua Sto. Antonio, 17

Teleph. 2-6560

S. PAULO



OS TRES SARGENTOS

(ROMANCE)

YAN DE ALMEIDA PRADO

Capitulo 2.º

A PONTE DOS AMÔRES

I

Os sargentos pararam á esquina. Já estavam alguns minutos á espera do companheiro quando chegou um conhecido pertencente ao corpo de monitores da Força. Vinha todo satisfeito aparentando envaidecimento por algum facto lisongeiro que lhe acontecera. Cumprimentava prazentemente as relações que encontrava e, ao deparar os rapazes que estavam á esquina, expandiu-se em grandes manifestações de amizade convidando-os a entrar no botequim fronteiro.

— Vamos pessoal, eu pago. Vamos ver qualquer coisa, anda...

— O quê... você está embandeirado hoje!

— Talvez. Aconteceu um caso que depois eu conto para vocês. Vamos entrar...

— Nós estamos esperando o António.

— Não faz mal, não tem importância, de ali dentro mesmo nós chamamos ele quando ele aparecer.

Vencidos pelo argumento, os cavalarias aceitaram o convite do ginasta. Entraram todos no botequim. Abancaram-se á roda de uma mesa de onde podiam devassar a rua. Atraz deles estava o balcão do portuguez, dono da tasca, e ao lado a inevitável vitrina com doces e pastéis, existente em todos os "botécos" de igual categoria. Na sala atravancada era um vae-vem de soldados que iam ou voltavam dos quartéis. Antes de entrar de guarda, as praças costumavam comer um bocado ou beber um trago, quando não se abasteciam com qualquer cousa para comer de manhã cedinho. Um infanteria louro, moço conhecido dos sargentos, fez menção de tirar uma cocada da vitrina. O graduado espantou o rapaz:

— Não coma essa porcaria, Hugo. Você morre hoje!

— Por que?

— E' veneno. No outro dia fiz a besteira de comer um desses troços... I... rapaz! Vomitei naquela árvore ali em frente, que até o sargento Aquino pensou que eu estava no porre!

— Não diga, seu sargento...

— Esses... de portuguezs só pensa em ganhar dinheiro envenenando a humanidade. Si você soubesse como isso é feito, você nem olhava para a vitrina.

O dono do botequim julgou que devia protestar;

— Nam sinhoire. Os doces de cá sam feitos com leite du milhoire e óvos frescos.

— Qual seu galego, vá contar isso para outro. Pensa que eu não vi você comprar na feira óvos quebrados porque sae mais barato...

Desandaram numa discussão amistosa acompanhada de tapas na barriga e empurrões, cujo resultado foi o portugua derrubar uma mesa e se espichar com estrondo no chão.

— Má raios... quasi que me parte as cadeiras... Olha, cai porque nam te quiz machucaire, sinão quando levantavas da mesa eu te passava uma rasteira quétatirava no barracão du picadeiro... — dizia o homem ofegante, ainda atordoado da queda.

— Sae daí, seu. Onde é que portuguez sabe dar rastera! Vá contar garganta para os trouxa... Vá contar isso para teus patricio...

O outro foi atender um freguez arrastando a perna. Explicava ao cliente com riso um tanto amarelo:

— Isto são rapaziadas, conheço o sargento Cândido desde que ele apareceu por cá recruta. E' muito bom rapaz, é camarada que inté parece portuguez. Prefiro assim a certos tipos, que querem ser oficiaes, que já arrotam galões, todos cheios de novhoras, a bancarem os neurasténicos antes do tempo!

— Não teria acontecido o tombo — dizia o Cândido — si estivesse aqui o Joaquim.

— Pruquê?

— Porque quem caía era ele...

— E' verdade — indagou o outro sargento, que fim levou o Joaquim, teu patricio?

— U que é feito dele?

— E'.

— Despedi-o prueque nam tinha presença de balcão.

— Eim...

— Incomodava-me ver ao pé de mim aquele gajo enfezado, seco a modos de truberculoso. Eu quero é um tipo légítimo, genuino lá la minha terra Mirandela, gente valente de Traz-os-Montes. Um pimpão que agrade ás donas, e si calhar saiba partir a lata dum hómm.

— Reforçado que nem Dudú.

o lutador? — perguntou o ginasta.

— Temos muitos milhores. Vou mandar vir o mano Maneli. Vócês vão veri, aquilo é que é hómm, hómm.

— Vá, deixe de gargantas familiares, e traga mais uma cerveja — interrompeu Cândido.

Augmentara a barulheira em torno dos sargentos. Era um troar de chamados, bulha intensa de chicharas e assucareiros, pragas e troças, que apezar do alarido pareciam atravessar a custo a atmosfera espessa do lugar. O botequim enchia-se cada vez mais de militares — os graduados nas mesas, os inferiores em grupos deante do balcão ou da vitrina das comidas. No ambiente turvo, reuniam-se homens vindos dos quatro angulos do paiz, do Norte, Sul, Leste e Oeste. — As suas vistas, antes de ver a scena que o quadro da tasca apresentava, tinham pousado sobre a margem de todos os rios, que correm para o mar ou para o interior, desde a Amazônia até o fim do Rio Grande. Tinham contemplado as monótonas coxilhas onde por vezes se arredondam capões circulares de araucárias, ou a caatinga reles, ou a floresta dominada pela Sumauma. Tinham visto Biribas, Chiriubas, Guaximas, Aningas, Andiróbas, Assacús, Anonas que sombream á ventura Goarás vermelhas ou Jaguaritês — unas, ou sussuaranas côr de óca. Tinham visto o leque e a palma do Buritizeiro, Assai, Guacumam, Carnauba, Muriti, sobre os quaes voejam Sanhaços, Tucanos, Periquitos, Arara verde e encarnada, Piranga azul e vermelha, Unas azul claro e azul ferrete, e Canindés amarelas e azul celéste. Tinham visto de longe o cimo verdejante e sem fim da mata, em que as ramarias das árvores disputam a altura para alcançar luz e calor e a base afundada na serrapilheira impenetravel. Tinham visto tambem a Caróba em flôr, a Suinam e a Paineira gigantescas, a Canafistula, o Ipê roxo e amarelo, o Canudo de Pito e tantos outros em que sobe a Bougainvilia, e onde se aninham Oncidiums juntamente com catléias El-Dorado ou alélia Tenebrosa. Cada retina daqueles homens guardara um trecho da sua terra, e a reunião de todas formava o paiz inteiro.

(Continua)

BRASILIANA

VIII

AVIAÇÃO

De uma nota da redacção do *Diário Popular* de S. Paulo, n. de 17-8-1928:

"Com o mesmo sorriso com que abraçou os companheiros ao deixar Roma para a travessia memorável até Natal, Del Prete despediu-se de todos, no leito de dor da Casa de Saúde, rumo á derradeira viagem. Para elle não tinha importancia aquella partida e se viesse a ter, era como a prova maior, pois, quem percorreu a distancia enorme, ligando, em horas, a Italia ao Brasil, só a travessia da Vida á Morte, poderia superar o seu grande record."

LITERATURA

Sub-titulo de uma noticia publicada pela *Gazeta de Sergipe* de Aracajú, n. de 14-9-1928:

"Lindissimas "geishas" de olhos de velludo negro encherão as alléas do parque "Theophilo Dantas" da graça sumptuosa dos "kimonos" esvoaçantes."

RELIGIÃO

De uma nota intitulada *O meteorito "Santa Luzia de Goyaz"* publicada pelo *Triangulo* de Araguay (Minas Geraes) e transcrita pelo *Diário Nacional* de S. Paulo, n. de 22-11-1928:

"Na ponta do "Corumbá", o sr. Ney Vidal, naturalista do Museu Nacional que o acompanhava, resolveu levar a effeito o baptismo do meteorito — para o que convidou o dr. Americano do Brasil, para padrinho, e a senhorita Escolastica Ribeiro, para madrinha. Deram-lhe o nome de "Santa Luzia de Goyaz". Desse acto foi lavrada uma acta."

NECROLÓGIO

De um discurso pronunciado pelo snr. Anastácio Vieira Machado no enterro do snr. Balini Serafini e publicado pelo *Machado-Jornal* de Machado (Minas Geraes), 1928:

"Srs.

"Bem aventurados os humildes, os mansos de coração, porque delles é o reino dos céus", disse Jesus quando desceu a este valle de lagrimas, a que chamamos mundo.

Que poderei eu dizer, pensareis vós, sobre este humilde operário, cujos despojos aqui presentes vão, dentro em pouco, servir de pasto aos vermes da terra?

Direi do morto presente que foi talvez um fraco, que tropeçou algumas vezes, muitas vezes mesmo no caminho do vicio...

Srs.: o morto presente, como disse, teve os seus destinos, mas, a esta hora, decerto, a sua alma desprendida dos laços da materia, constricta e arrependida, curva-se aos pés do Creador. Entretanto, elle foi tambem um collaborador nesse certamen a que chamamos progresso; sim, Bel-line a par de suas fraquezas, foi um lutador, concorreu com o seu braço, com a sua mão callosa para muitas obras que aqui ficam para attestar sua operosidade. Haja vista aquellas bem talhadas pedras que formam a plataforma de nossa Estação da estrada de ferro, as quaes attestam bem o esforço de seu trabalho; porquanto foi elle quem, já bastante doente, conseguiu com o seu ponteiro de aço e o estupim da dynamite, arrebear e apparellhar aquelles enormes blocos de granito, que lá ficam para perpetuar o seu nome modesto e humilde de apostolo do trabalho.

Paz á sua alma."

BALCÃO

LIVROS PROCURADOS

Por Yan de Almeida Prado (avenida brigadeiro Luis António, 188 — S. Paulo):

— "*Poesias*" oferecidas ás senhoras brasileiras por um baiano (1830) — 2 vs.

— José da Silva Lisboa — "*Historia dos principaes successos*" — 2 vs. — 1826-1830.

— "*Sermões*" de Antonio de Sá.

Compra livros raros em geral sobre o Brasil.

LIVROS A' VENDA

Arthur Findeisen (rua general Osorio, 61 — 3.º andar — apart. 4 — S. Paulo) vende:

— *Rugendas* — ed. alemã.

— *Príncipe de Neuwide* — ed. alemã — 2 vs. de texto e a collecção completa de gravuras.

— *F. Denis* — ed. alemã. — 2 vs.

Tem tambem á venda grande número de gravuras soltas de *Rugendas* e retratos em marfim dos imperadores brasileiros.

Na *LIVRARIA UNIVERSAL* — (rua 15 de Novembro, 19 — S. Paulo):

— S. Leopoldo — "*Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul*" — 2.ª ed.

— Monteiro Baena — "*Compendio*" — Pará.

Na *LIVRARIA GAZEAU* (praça da Sé n. 40 — S. Paulo):

— Innocencio F. da Silva — "*Diccionario Bibliographico*" — 19 vs. enc.

— F. Manoel de Mello — "*Epanaphoras de Varia Historia*" — 1660.

— "*Lusiadas*" — comentado por Faria e Sousa.

— Vieira — "*Sermões*" — 16 vs. enc., sendo alguns em 1.ª ed.

A assinatura anual

da

REVISTA DE ANTROPOFAGIA

custa

RS. 5\$000

Pedidos acompanhados de vale postal

para

Caixa do Correio n. 1.269

SÃO PAULO

Revista de Antropofagia

Direcção de ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

Gerência etc. de RAUL BOPP

Endereço: 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º Pav. Sala 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269 — SÃO PAULO

CHACO

O conflito entre a Bolívia e o Paraguai a propósito do Chaco teve até agora pelo menos uma vantagem: mostrar a inutilidade absoluta da Sociedade das Nações.

Quando a macróbica Europa soube que dois meninos sul-americanos estavam se preparando para um sururú de verdade pensou muito convencida: Eu arranjo a cousa em dois tempos. Briand, o cabeludo (como diz Daudet) se incumbiu de redigir e assinar o telegrama pacificador. O telegrama partiu. Briand deu entrevistas em que declarava terminado o incidente. Quem tem prestígio é assim. Acabem com essa briga, seus borri-nhas. Os borri-nhas com medo do chinelo abraçam-se cordealmente.

Mas a Bolívia e o Paraguai receberam o despacho, leram e continuaram a trocar beslicões. Nem ligaram. Briand encabulou. A Sociedade das Nações encabulou. A Europa (que soube do negócio) encabulou.

Só depois que o pessoal da América se decidiu a intervir é que as cousas tomaram melhor rumo. A' voz da casa os briguentos cruzaram os braços. E tudo parece acabar em santa paz.

Assim está certo. Com a intromissão da Europa estava errado. Era quasi preferível fazer a guerra. Só de pique.

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

CÔRO DOS SATISFEITOS ACOMPANHADO PELO ZÉ PEREIRA DO BOM SUCESSO

(dos Poemas de Bilu')

Confraria somos nós
da Beata Satisfação.
Viva nós e fóra vós !
Tudo é mesmo muito bão.

Pois quem foram que disseram
que esta vida é coisa feia ?
Quem falaram não souberam
como é firme a pança cheia

Fóra vós e viva nós !
Tudo é bão tudo é bão !
Tudo é mesmo muito bão,
muito bão bão bão !

(Porto Alegre)

AUGUSTO MEYER

“Ya só Pindorama Kotí, itamarána
po anhantin, yararama ae recê”

(grito de guerra dos tupis para a conquista do Brasil)

PRÉFÉRENCES

Moise tu as fait couler les flots de ta barbe.
 Je n'aime pas les troupeaux de brébis qui
 déplacent les hanches du paysage.
 Car j'ai vu Goya peindre la maja
 à l'egal des juifs qui auraient lapidé
 l'adultère.
 Tu aimes comme moi, ô aimée! la nacelle
 des avions
 qui ont apporté d'un seul coup
 le chou, la brebis, le lion?

(Rio de Janeiro)

CHARLES LUCIFER

EDUCAÇÃO SENTIMENTAL

Mariquita fechou o Escrich
 e teve vontade dum hespanhol
 com seu punhal
 para matal-a.

(Minas)

PEDRO NAVA

A Festa do guarda-chuva

Quando S. M. Mau Gosto unico volta de uma das victoriosas campanhas em que se lança pelo espirito humano afora, traz um bando immenso de tropheus e prisioneiros para mostrar á gente cá da cidade. Aqui, junto da Guanabara, onde elle collocou a capital, sempre que se celebram esses triumphos Mau Gosto sente cheio de prazer, o vigor, a seiva com que lhe cresce o imperio: Não faltam nunca as platéas. S. M. que não é mais, está claro, aquelle rei semi-nu' coberto de ouros e armas, vem de fraque e chapéu de palha. O sol, electricista em chefe, derrama todo o calorão das apoteoses de rua. Desfilam os trophéus. São as coisas preciosas que elle abiscoitou na conquista. E nem faltam os melhoes poetas e jornalistas que vêm para julgar e applaudir.

No ultimo triumpho de Mau Gosto, houve mais calor e mais brilho que nos outros todos.

Nem imaginam que tropheus

de pluma e prata despencaram pelas ruas, santo Deus!

Primeiro teve uma vaia. Mas vaia no Tempo, que estava passando, pra lá, pra cá. Só depois delle começava o desfile. Dentro duma bandeja alta offereceram os taes poetas melhoes e jornalistas desta piquiri. S. M. Mau Gosto unico, estava em todo logar, espiava tudo, fiscalizava todos, parecia o dr. Washington Luiz! Afinal começou a parada.

Xi! Que coisas tão boas que elle trouxe, meu Deus!

— "Aquillo tudo é prá gente pôr no pescoço?"

A gente estava se enthusiasmando. Trouxe pavão da angola, trouxe tapete da persia, trouxe negrão escravo pitando no sedenho. E outras coisinhas amarellas, vermelhas, azues, contas, lacinhos.

Canibal velho agachado por debaixo das pernas, eh! Canibal sabido!, estava salta não salta em cima daquillo. Indio toda vi-

da gosta de continha. Só depois de almirante é que não gosta mais.

Hum!... Aquellas moças... e uma ia que nem vêr jardim suspenso, ou viuva fiel em dia de Finados. Antropophagia estava accesa, isca saltando na frente que parecia manjuba na ria. Os poetas melhoes e os jornalistas da terra, marcavam opiniões com um lapisinho. Uma manta vermelha de pelos grandes. Canibal não poude. — "Dá licença!" Furou o povo, saltou de um pulo no meio da calçada, agachado, com geito feroz. Muita moça correu. Canibal avançou pra uma, deu uma dentada gostosa no cotovelo. "Ai!" Pânico. Tumulto. Calçada ficou vazia. E Canibal rindo, dansou:

Calçadinha é minha, calçadinha é minha,

Não é dos outros.

(Rio)

F. de San Tiago Dantas

LAR BRASILEIRO

RUBENS DE MORAES

Meu primo João foi á Europa estudar. Voltou fallando francez. Só.

Foi essa a primeira epocha da vida d'elle.

Depois veio a epocha do dedo espetado. A proposito de tudo, do menor caso, o primo João espetava o dedo e exclamava: "Em Paris... na Orópa..." Depois elle cançou e socegou. Quando assustou estava casado com a prima Yaya. Foi essa a ultima epocha da vida do meu primo. E' irremediavel. Não haverá outra. A vida d'elle acabou ahí.

Hoje, elle não conta mais casos de bigode e chapéu côco, passados em Paris. Quando se comenta o Brasil, elle não espeta o dedo e conta cousas da Europa. Não compara mais a Europa e o Braçil. Meu primo João engordou, minha prima Yaya estufou. Ha mais um casal feliz nesta terra essencialmente agricola.

De vez em quando um amigo assombrado sacode a cabeça:

— "O'ra veja, o João, hein? Quem diria que elle havia de dar tão bom marido? Um homem que pintou o caneco em Paris, que gastou uma fortuna em pandegas... óra, sim, sim senhor..."

Então o amigo philosopho, o homem de grande experiencia, solta o aphorismo definitivo:

— "Os melhores maridos são aquelles que foram mais pandegos em solteiro".

E o amigo que concorda sempre encerra o assumpto com um:

— "E' isso mesmo..."

Talvez o philosopho tenha razão. Mas não é só por canção que o meu primo João socegou e engordou. Todos nós temos na vida a epocha da mulher gorda. Muitos passam, vão para diante ou voltam, outros ficam. João

ficou na epocha terceira e ultima da vida d'elle: a mulher gorda.

X

Ella é gorda, elle é gordo, elles são gordamente felizes. Ella é feliz porque elle é feliz. Mas elle, o famoso primo João, o homem das aventuras memoraveis, o elegantissimo primo João que esteve na Europa, porque é elle tão feliz?

E' porque ella sabe que, para o João, sahir sem sobretudo nas noites de neblina não tem importancia, mas saltar da cama sem chinelos é um espirrar que não acaba mais. E' porque ella sabe que um quadro na parede um millimetro enviezado é muito mais grave que deixar esfriar a agua do banho. Minha prima Yaya depois de longos e pacientes estudos compreendeu que as guerras napoleonicas e o Brasil Hollandez do collegio de Sion não fazem a felicidade no lar. Minha prima Yaya compreendeu que toda a felicidade está em mudar ella mesma os botões da camisa do marido antes d'elle sahir do banho. Ella sabe que, muito mais que os dez mandamentos da lei de Deus, vale este que ella aprendeu duramente: "Não tirar as cousas do lugar".

Ella diz cousas assim: "Não sente ahí que Vce. fica com as costas no vento". Ella sabe até que ponto é preciso contradizer o João, e, com um instincto infalivel, ella concorda no momento exacto em que elle ia zangar. Ella sabe de que pratos elle gosta e como elle gosta. Quando elle vae se servindo de um pastel pançudo, ella intervem: "Não tire esse, têm azeitona, Vce. não

gosta". E com uma segurança, vê dentro do pastel e espeta com um olhar penetrante, ella aquelle que não têm azeitona. E elle pensa: "Aquelle pastel tostadinho estava bem mais apertoso, apezar da azeitona... Azeitona?... Será que eu não gosto?... E'... é isso mesmo, eu não gosto..." e mastiga com convicção.

Ella sabe que elle não gosta que lhe passem a mão nos cabellos. Ella não se zanga quando ella vê toda carinhosa e elle diz: "Não amolle..." Ella borda camisas de dormir mais curtas na frente, com uma fenda de cada lado para elle poder coçar a perna distrahido, pensando em negocios emquanto elle conta cousas da casa.

Ella sabe que terça-feira é dia de pocker em casa do Maneco. Ella se lembra de todos os anniversarios e avisa o marido logo de manhã cedo para elle não se esquecer de dar parabens.

Depois do jantar quando elle, sentado na cadeira de balanço, depois de ler os jornaes da tarde, começa a assoviar baixinho e desafinado, ella diz:

— "Faz hoje dez annos que Nhô-nhô morreu... Se elle ainda visse estaria com cincoenta annos..."

Silencio...

— "Do que foi mesmo que elle morreu?..."

— "Os medicos disseram que foi pedra nos rins, mas para mim, não foi. Foi de typho que elle apanhou numa viagem que fez a São Paulo para buscar as meninas no collegio".

— "Ahnnn..."

Silencio...

Minha prima Yaya entende profundamente de parentescos.

1 CRÍTICO E 1 POETA

TRISTÃO DE ATHAYDE

— *Estudos* — 2.^a série —

Rio de Janeiro — 1928.

Tristão de Athayde é o crítico do Brasil novo. Mais me convenço disso quando leio os ataques furiosos que êle recebe a cada instante dos criticos do Brasil velho. Porque vê as cousas do passado sem a lente de aumento do tradicionalismo e do fanatismo e vê as cousas do presente com olhos desprevenidos, tem sido xingado á vontade pelos que vivem ás avessas. Isto é: nascem em 1890 e daí a vinte anos não estão em 1910, mas em 1810 e assim por diante. Vão remontando velozmente. Assim se explica o facto de haver contemporaneos de Apolo entre nós.

Esta série dos *Estudos* revela o mesmo estudioso infatigável da primeira, o mesmo espírito ao corrente de tudo quanto se passa aqui e lá fora, ontem e hoje. Como juiz da literatura nova é excelente porque vive de pé atrás. Não quer isso dizer que seja um desconfiado. É um homem que anda com o movimento (ás vezes até na frente do movimento) mas não no movimento. De tempos em tempos se volta para medir o caminho andado.

Possue ainda a vantagem de ser um apaixonado. Está satisfeito na sua terra e na sua época. Não diz friamente porêm se deixa empolgar pelo que diz, acumula argumentos, discute, luta, insiste. Depois não tem medo de afirmar.

O estudo sobre Pirandello por exemplo é ótimo. A ausência do

homem no teatro do siciliano é demonstrada e analisada com inteligência e uma força crítica invencível. Outro ensaio excelente é o dedicado a S. Francisco de Assis.

Não cito êsses dois para destacá-los do resto do livro. Quando a gente não concorda com Tristão tem vontade de discutir. Os seus pontos de vista nunca deixam o leitor indiferente. Abrem debate. Forçam o aplauso ou a contradita.

Os volumes dos *Estudos* serão uma história da literatura actual sem a paulificação das datas e dos cargos públicos exercidos pelos poetas. Nêles a aproximação não será imposta pela ordem cronológica, mas pela identidade ou mesmo disparidade de pensamento ou tendências.

Acho que Tristão está se tornando indispensável. Não é possível dizer mais.

HEITOR ALVES — *A vida em movimento* — Passa-Quatro — 1927.

No quilómetro 47 da Rêde de Viação Sul-Mineira fica Itanhandú. Em Itanhandú tem um ginásio e nêsse ginásio ensina física e química um engenheiro da Politécnica do Rio, chamado Heitor Alves.

Na cidadezinha de queijos êsse moço nervoso fundou a revista *Electrica* e escreveu o livro de versos *A vida em movimento*. Duas façanhas. Porque tanto o livro como a revista fazem questão de gritar seu modernismo.

Com os limitados recursos de uma tipografia de Passa-Quatro Heitor Alves desenhou um ráio de todas as côres na capa do livro separando as letras de seu nome e do título, letras amarelas, vermelhas, verdes, azues.

O movimento de 1922 levou assim alguns anos para chegar a Itanhandú. Em compensação teve um desembarque de arromba. Heitor Alves sózinho se incumbiu do hino nacional, dos foguetes, dos arcos de triunfo, do vivório, dos discursos e do resto. Tamanha actividade festiva só podia partir de um vencido. E o autor de *Sons* além de ser um sem dúvida alguma tem muito geito para catequista. Convenceu-se primeiro. Quer agora convencer os outros. De forma que é muito provável uma escola itanhanduana de poesia revolucionaria dentro de pouco tempo. Assim essa cousa ainda indefinida mas já palpável que é a literatura nova vai ganhando o Brasil inteiro.

Quem como eu publica um jornalco ás vezes é surpreendido por uma carta das profundas de Goiaz por exemplo em que o remetente disserta sobre Max Jacob e manda uma poesia onde ao menos vale a intenção. O que talvez não seja um bem (porque dêsse geito a cousa vira moda) mas sempre pode trazer umas revelações boas e até ótimas. Vejam Cataguazes.

A. DE A. M.

LEIAM:

- PAULO PRADO** — *RETRATO DO BRASIL* (ensaio sôbre a tristeza brasileira).
TRISTÃO DE ATHAYDE — *ESTUDOS* — 2.^a série (crítica).
MÁRIO DE ANDRADE — *ENSAIO SOBRE MÚSICA BRASILEIRA* (crítica e folclore).
AUGUSTO MEYER — *GIRALUZ* — (versos).
VARGAS NETTO — *GADO CHUCRO* — (versos).
JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA — *A BAGACEIRA* — 4.^a ed. — (romance).

CANÇÃO DO RETIRANTE

ENTROU JANEIRO O VERÃO DANOSO
SEMPRE AFITIVO PELO SERTÃO...
CACIMBAS SECAS NEM MEREJAVAM...
O MÔÇO TRISTE DISPERANÇADO
FEZ UMA TROUXA DE SEUS TERENS...

DE MADRUGADA — SEM DESPEDIDA —
FOI PRA SÃO PAULO PRAS BANDAS DO SUL...

A MÔÇA TRISTE SE AMURRINHOU
FICOU BIQUEIRA
VIROU ISPETO
— ELA QUE ERA UM MULHERÃO —
INTE' QUE UM DIA JA' DERRUBADA
DE MADRUGADA
FOI PRA SÃO PAULO...

PRA UM SÃO PAULO QUE NINGUEM SABE NÃO.....

(Natal)

JORGE FERNANDES

ASSUMPTO RESOLVIDO

Não compreendo porque é que muita gente tem a mania de esconder que a antropofagia é uma instituição tradicional entre os índios americanos.

É uma cousa tola e que recommenda mal os que vivem gritando que o índio brasileiro não comia gente. Comia e muito bem comido.

Não bastassem os depoimentos de Hans Staden e Jean de Léry e teríamos ainda mais mil e um indícios seguros.

Outro dia eu conversando com o dr. Juan Francisco Recalde, que na minha opinião é um dos mais entendidos indianistas modernos, ouvi d'elle esta monstruosidade: "que no territorio actualmente occupado pelo Brasil, Paraguay e Uruguay, nunca houve índios antropofagos".

Agora é um senhor Luis Bueno Horta Barbosa que escreve ao "Diario da Noite" para rebater a affirmação de que existam selvícolas brasileiros antropofagos.

E que existam... Que tem isso?

Acaso a antropofagia não é uma instituição elevada e praticada em quasi todas as religiões?

Muito bem andou Oswald de Andrade quando disse que a antropofagia no catholicismo estava acovardada no pão e no vinho — representantes da carne e do sangue —

Está provado e é geralmente aceita a antropofagia como sendo a communhão da carne valorosa.

Os índios não comem a carne de seus inimigos ou chefes com intenção gastronomicamente.

Comem porque pensam mastigar tambem o valor do comido — comidos voluntarios, quasi todos —

Por isso o sr. Horta Barbosa deixe de querer roubar do pobre e já tão expoliado índio o seu maior e melhor patrimonio:

O bom gosto de comer carne humana — carne valorosa.

FORMAÇÃO

O homenageado tinha intelligencia e uma vasta cultura, tanto que sua mulher de humildade medrosa de admiração além da mudez dava-lhe filhos.

Tambem só lia — e ahí havia engano — com a recommendação de capricho:

Liste de bons livres á lire

E não discutia para não offender susceptibilidades.

Mas no momento preciso sabia fulminar com monossyllabos e destruir prazeres.

Mais tarde para conquistar novas amizades fez-se pensador e ás vezes, de dó, illustrava o proximo com citações fallecidas em laboratorios scientificos.

A's vezes tambem era nacionalista do mais puro e dizia phrases.

E tinha convicções indigenas:

— Sou bravo, sou forte !

O outro que não era trouxa garantia-se.

— AHN !

(S. Paulo).

CHINA

A. de Almeida Camargo

OBJECTIVO

(DOS POEMAS CONCENTRICOS)

WALTER BENEVIDES

A silhuêta do teu corpo
inda fazia mais distante
a paisagem desmaiada.

Emquanto o sol se divertia
numas ultimas variações de vermelho sobre as nuvens,
Você alli inerte
era a crystallização de todos os teus cansaços,
porque o teu braço rectíssimo
que se acabava no gramado
era a prova maior da tua alegria,
alegria de se sentir
numa pausa salutar do sentimento,
alegria de se sentir fatigada
das minhas palavras inuteis.

Depois,
quando as sombras tomaram conta daquellas arvores folhudas,
eu não creio que Você se tivesse retirado,
por causa do sereno,
nem que eu me tivesse aborrecido
de só te ver assim immovel;
— nós ficámos mesmo alli :
Você embevecida de estatuaria,
eu sedento de pesquisa,
ambos perdendo a cantiga dos griilos
que se esforçavam á tóa.

(Rio de Janeiro)

Brevemente :

ALCANTARA MACHADO — *O bandeirante na
intimidade* — (estudo sôbre os inventários
paulistas do século 17).

MARIO DE ANDRADE — *Compêndio de história
da música.*

RUBENS DE MORAES — *Essencialmente agricola*
— (contos).

ANTÔNIO DE ALCANTARA MACHADO — *Lira
paulistana* (coleção de modinhas).

OSWALD DE ANDRADE — *Serafim Ponte-Grande*
(romance).

Empreza Graphica Ltda.

Livros, Revistas
Edições de luxo
serviços
commerciaes

Rua Sto. Antonio, 17**Teleph. 2-6560****S. PAULO**

OS TRES SARGENTOS

(ROMANCE)

Capítulo 2.º

A PONTE DOS AMÓRES

YAN DE ALMEIDA PRADO

II

Ali estavam todas as raças que tinham vindo para a terra da promessa. Cada homem que entrava na tasca aumentava o contraste existente entre os que ainda representam os primeiros povoadores do paiz. Mais tarde, no espaço de algumas gerações, ha de surgir um tipo mais uniforme, amoldado pelas mesmas necessidades de vida que todos partilham e que traz aos poucos um ar de parentesco aos nativos de uma região qualquer. Nesta, onde afluíram correntes imigratórias de toda a parte, por força das cousas, o caldeamento será mais extraordinario do que em outros paizes do mundo. A mistura foi mais intensa, quando não o amálgama mais facil, e, antes que a influência do clima, costumes, vícios ou virtudes venha uniformisar o produto humano do futuro, teremos quantidade de pequenos núcleos espalhados pelos bairros que so poderão ser de pronto distinguidos pela gente mesmo do lugar. Será como o sotaque da sua linguagem. Formarão ainda um paradigma misterioso (quasi occulto de tão imperceptível) e que no entanto sentiremos como si fosse concretamente delineado. Bastará um certo modo de falar, ou conjunto de traços no fisico, ou em ultimo caso manêira de vestir, para adivinharmos a origem deles.

Em certas regiões do paiz ficaram insuladas aglomerações humanas. O tipo que produziram, quando chega a S. Paulo, apresenta-se tão inteiriço no seu aspêto como o estrangeiro pertencente a uma raça de ha muito formada.

Tal é o cearense para os primeiros, tal é o alemão para os segundos. Ao desembarcar vão se localizando ao acaso, os nacionaes por toda a parte, os estrangeiros de preferência onde encontram patricios. Dai surgem bairros de letões no Oratório, de austriacos e alemães no Mandaquí, de úngaros no Buraco Quente dos Campos Escolástica, portugueses e espanhoes no Arincanduva e Califórnia. Mas as necessidades da vida e os ditames do sexualismo irão aos poucos aproximal-os. No começo, o contato entre eles era feito somente fóra de casa, no trabalho e nos divertimentos. Era eterno. Mais tarde, realisou-se mais intimo para os filhos na escola, no serviço militar e no lar. Lógo que desembarca, o imigrante junta-se aos que partindo da mesma proveniência, chegaram antes dele. Passam a morar em casinhas, misturados adultos e crianças de qualquer sexo, em número de seis, oito, dez no mesmo quarto, destinado a um casal só. Nas festas bebem no bar do conterraneo e dançam na sociedade recreativa da colónia situada no bairro. Aos sábados ou dias de pagamento, durante a noite inteira, quem passa na rua ouve o baque dos pares que dançam e que a espaços, cadenciadamente, pulam e batem com estroando os sapatos grossos sobre o

soalho. Nos intervalos das músicas cantam em coro melopeas ásperas e monótonas, entremeiadas de surtos de bebedeira em que disparam os revólveres para o ar. O rumor da festa atrae outros estrangeiros inimigos que se mostram tanto mais rivaes quanto mais se parecem com os concorrentes. Todos louros, grandões, abrutalhados. Porém uns são ungarezes (como são conhecidos do povo) e outros estonianos, não menos turbulentos, que moram nas redondezas e odeiam aos vizinhos. Começou a rugir por uma insignificância, namoros que foram degenerando em provocações, para terminar em pancadaria. De desavença a desavença vão se tornando mais inimigos. A' briga isolada sucede outra briga, em que tomam parte dois ou tres, e as desordens que começaram a murros, acabam a cacete ou faca. Ha encontros de grupos seguidos de encontros de bandos. Não é raro, na estrada do Oratório, enfrentarem-se depois duma série de conflitos duas joldas compostas de quarenta ou sessenta homens armados. Enquanto tarda a cavalaria, os adversarios disparam as armas que ainda conservam da grande guerra, pistolas automáticas, revólveres de grande calibre e até mosquetes dos antigos regimentos de dragões, lanceiros ou ussares da Austria, Russia ou Alemanha. São o pesadelo da policia.

O nacional vindo de fóra, de muito longe ás vezes, não sente necessidade de se ajuntar em chusmas: não está preso pelo idioma, não está isolado. Foge do conterraneo recém-chegado (que lógo o chama de primo) para evitar as "mordidas". Aflue para as bandas da Luz. Alguns que desgarraram da leva, que veio do Norte ou do Sul, voltam das fazendas do Interior e procuram ingresso na Força Pública do Estado. Lá não ha estrangeiros, os filhos de imigrantes são relativamente escassos, o que mais se vê são caboclos, negros ou mestiços, ainda nóvos e solteiros, em que predominam os que vieram de outros Estados. Nestes, por sua vez, sobressaem, pela quantidade, mineiros e nortistas. A origem é como o indice do adiantamento ou atraso da zona que deixaram. Quanto mais numerosos são de um lugar, mais este é infeliz e pobre.

Antigamente, quando passava a travéz da rua do TRIANGULO a guarda do palácio (ha dez ou doze anos atraz), os homens mais encorpados do piquete eram os pretos. O resto, composto de caboclada mais clara, era o rebotalho da escória humana que vaé ter ás cidades. Perto deles os negrões faziam vista. Hoje vemos com espanto, num lapso de tempo curtissimo, degenerarem com inerivel rapidez. Dá-se agora o contrário: os melhores da tropa são os brancos. A causa desta fulminante degeneração está na condição de extrema

inferioridade da raça preta nas cidades. Apezar de ser minoria nas aglomerações urbanas paulistas, 80% do pessoal dos prostibulos operários compõem-se de pretas e mulatas. Essas mulheres caíram na VIDA porque quasi não casam, não constituem uniões regulares, servem para as necessidades de todo homem que as persegue. Recêbem do traunseunte ou do negro companheiro a sífilis. Junta-se á lues o alcoolismo, e ambas as cousas predispoem aqueles organismos, que vivem muitas vezes apenas alimentados, á tuberculose, á degeneração, á loucura. O antigo atleta africano, que trabalhava no eito das fazendas, não deixou descendência. Não podemos considerar como sendo seu neto o aborto desdentado, corroido de mil mazelas, de peito fundo e pernas bambas, que se arrasta pelas ruas a procura de emprego leve que lhe permita satisfazer as suas únicas ambições: a dança, a preta e a bebida.

No botequim apareciam amostras da transformação das raças espalhadas pelo paiz. Alguem, com prática do recrutamento da Força, podia pôr rótulo, indicando a origem, em cada miliciano que entrava na tasca. A' excepção dos pretos, era facil reconhecer, por exemplo, o mineiro do nortista. Um tem traços grandes, fisionomia calma, quasi impassível, attitude retraída. O outro, traços pequenos, o nariz, a testa, a cabeça, o corpo, tudo é arredondado. E' mais truncado, traz no fisico a mestiçagem do branco com o indio, que ainda é mais acusada nos pometos e nos olhos, negros e brilhantes como jaboticabas de Sabará, tal a vivacidade ladina, curiosa ou perscrutadora que demonstram. Não tem como o mineiro, dono das jaboticabas, a velhacaria oculta sob aspêto inofensivo. O ânimo bulhento do nortista torna-o, alternadamente, atraente ou indesejavel como si fosse uma criança.

O carioca, também numerosissimo na Força, anuncia-se pela fala. No proletário do Rio ha um sotaque e linguagem inconfundíveis, tão características quanto a do paulista do Belémzinho ou Bom Retiro, porém infinitamente mais agradável e interessante. E' ameno e cantante, doce e amavel como a população infantil e desocupada, que se espreguiça lazaronicamente pelos morros e praías da mais linda baía. E' um prazer ouvillos dizer "...cheguei o Otávio láá do fim da avenida Poóóolista...". Muitos que têm esse sotaque na Força Pública fizeram apenas um estágio no Rio. São rapazes de Estados diversos, que usaram a farda do exercito, da armada ou da brigada militar, antes de virem para os batalhões ou regimentos da Força.

(Continúa)

BRASILIANA

IX

BRASILIDADE

De uma noticia sobre o Convenio da Imprensa Norte Paulista, realizado em novembro último na cidade de Taubaté, publicada pelo "Correio Popular" de Guaratinguetá, n. de 25-11-928:

"A's 12 horas, no Hotel Lino, foi servido um almoço regional aos jornalistas, oferecido pelos exmos. srs. Deputado Eucharío Rebouças de Carvalho e Alvaro Marcondes de Mattos, Vice-Prefeito da cidade.

Em brilhante discurso, cheio de profundas considerações e perfeitamente burilado, proferido com calma por quem é mestre na oratoria, o Deputado Eucharío Rebouças offereceu o banquete.

Agradecendo usou da palavra o jovem jornalista, mas talentoso, sr. Luis Sampaio Penna.

Durante o agape tocou a renomada orquestra do professor Fego Camargo.

São dignos de menção dois factos que muito nos agradaram e avivaram o nosso amor á terra em que nascemos, fazendo-nos lembrar d'"O Brasil e a Raça" de Baptista Pereira. Os srs. deputado Eucharío Rebouças e José de Moura Rezende em testemunho de seu espirito de brasilidade timbraram em offerecer-nos banquetes á brasileira não permitindo ir á mesa uma só iguaria de nome estrangeiro. Lá tivemos o nosso tutú com torresmo, o arroz, o frango assado e outros pratos genuinamente nacionaes. Ainda mais, as musicas eram todas brasileiras. E pudemos apreciar "O Guarany" e "Salvador Rosa", de Carlos Gomes, além das muitas outras cuidadosamente escolhidas pelo maestro Fego Camargo. Não precisamos ir buscar inspirações na velha Grecia ou na antiga Roma: temos aqui o nosso Parahiba do Sul, as serras do Mar e da Mantiqueira, as nossas mattas, e as nossas campinas e a nossa igara. Bastam!"

MESTRE NA ORATORIA

De um discurso proferido pelo deputado Eucharío Rebouças de Carvalho num banquete offerecido ao senador Dino Bueno em Taubaté e publicado pelo "Jornal do Comercio" de S. Paulo, n. de 14-7-926:

".....
Senhor senador Dino Bueno, eu me sinto bem onde estou, porque ainda tenho bem dentro de mim o reboar longinquo da voz de meu pae, José Rebouças de Carvalho, do meu avô Barão do Jambeiro, que propugnaram nesta tenda de trabalho e foram vossos amigos. Eu ainda tenho nitidas e rutilantes as imagens da minha infancia aqui vivida e por isso mesmo sou capaz de auscultar em alto diapasso e transmittir o sentir quente e robusto da gratidão deste povo, que é o meu povo e do qual eu sou uma legitima molecula.
.....

Que esta festa, entre os embates de vossa vida, seja um murmuroso oasis bemfazejo, a refflorir nos applausos de vossos concidadãos, consagrando o acerto da vossa directriz politica; que ella seja a nota incentivadora das vossas energias politicas, assignalando para nós outros a róta luminosa a palmilhar.

Exmo. senador Dino Bueno, se soerguerdes um pouco o vosso busto por sobre o oceano agora calmo, e antes encapellado, do povo taubateano e procurardes divisar o porque da calma, encontra-o-eis em alto relevo na vossa attitudo para com elle, na vossa solicitude, nos vossos conselhos, no vosso concurso para o triumpho decisivo e consolidação da actual politica progressista de Taubaté.

Pois bem, é essa mesma attitue, é a lembrança desses assignalados serviços que heis prestado, que de novo o fazem se encapellar em irreprimiveis ondas gigantescas, que, para vos saudar, vêm quebrar-se bem junto de vós, nas brancas espumas de sua gratidão."

BOAS FESTAS

Cartão distribuido em dezembro de 1928 no Theatro Sant'Anna de S. Paulo:

"Os indicadores dos camarotes
CRISTOBAL e Dna. NICOLINA
Desejam aos seus distinctos espectadores
Bóas Festas e feliz Anno Novo."

BALCÃO

LIVROS PROCURADOS

Por YAN DE ALMEIDA PRADO (avenida brigadeiro Luis António, 188 — S. Paulo):

— "Poesias" offerecidas ás senhoras brasileiras por um baiano (1830) — 2 vs.

— José da Silva Lisboa — "Historia dos principaes successos" — 2 vs. — 1826-1830.

— "Sermões" de Antonio de Sá.

— Manoel Calado — "Valeroso Lucideno".

— Duarte de Albuquerque Coelho — "Memorias Diarias".

— Alvarenga Peixoto — Obras em 1.^a ed.

Compra livros raros em geral sobre o Brasil.

Por MANUEL BANDEIRA (rua do Curvello, 51 — Santa Teresa — Rio de Janeiro):

Mac-Carthy — "Viagem na China".

LIVROS Á VENDA:

Na LIVRARIA GASEAU (praça da Sé n. 40 — S. Paulo):

— "Archivo Pittoresco" — 11 vls. enc.

— "Panorama" — 17 vls. enc.

— Vieira — "Sermões" — 16 vls. enc., sendo alguns em 1.^a ed.

— Innocencio F. da Silva — "Diccionario Bibliographico" — 19 vls. enc.

A assinatura anual

da

REVISTA DE ANTROPOFAGIA

custa

RS. 5\$000

Pedidos acompanhados de vale postal

para

Caixa do Correio n. 1.269

SÃO PAULO

Revista de Antropofagia

Direção de ANTÔNIO DE ALCANTARA MACHADO

Gerência etc. de RAUL BOPP

Endereço: 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º Pav. Sala 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269 — SÃO PAULO

Ascanio Lopes

Com vinte e dois anos Ascânio Lopes morreu no dia 10 de janeiro em Cataguazes. No dia 9 (como Carlos Drummond de Andrade me lembrou) eu dizia no *Diário da Noite* de São Paulo que o menino-poeta tinha futuro garantido. E tinha mesmo. O que mais me agradava nêle era a timidez misturada com a malícia. Atravez de suas cartas e de seus versos eu percebia um Ascânio bom, muito bom mesmo. Porém essa bondade êle guardava e escondia. De forma que os de fora a ignoravam. E embora a culpa fosse sua ou não fosse de ninguém, Ascânio se vingava com a malícia. Êle mesmo deixou transparecer isso comoventemente numa poesia chamada *Ambiente de infância*.

O pouquinho que Ascânio escreveu dá de sobra para a gente lastimar o que deixou de escrever. Foi embora quando ainda estava no começo e a gente sente saudade daquela esperança. Acreditava na literatura e na literatura do Brasil. De vez em quando se metia a estudar assuntos graves. E nunca brincou. Não via na poesia moderna (como tantos) apenas um pretexto para ousadias engraçadas e molecadas cínicas. Trabalhava honestamente. Sabia o que fazia e queria fazer direito, fazer sempre melhor.

Outra cousa que êle também sabia era sofrer. A doença que o matou em certos períodos não lhe deixava tempo senão para acompanhar passo a passo a aproximação do fim. Há *41 dias que estou de febre brava* (assim me escrevia em maio de 28) e *estou proibido de ler, escrever, levantar, mexer, etc.* E *acrescentava: Agora mesmo a febre aumenta*. Isso com uma letra que ia crescendo como a febre dêle.

Rosário Fusco escreveu antes dos versos do *Fruta de conde: ... e que ninguém nunca se esqueça de Ascânio Lopes*. Pois é claro que quem o conheceu não poderá esquecer, Rosário Fusco.

ANTÔNIO DE ALCANTARA MACHADO

BANZO



Subiu a toada
dos negros mocambos
Sahiu a mandinga
de pretos retintos
vestidos de ganga.

Quillengue, Loanda,
Basuto e Marvanda
fazendo munganga
tentando chamêgo
cantando a Changô.

Escudos de couro,
pandeiros, ingonos,
batuques e danças.
Palhoças pontudas
com ferros nas lanças.

Ferreiros compridos
de barro batido.
Cantigas e guerras
com sobas distantes.
Caçada ao leão...

Caninga de chôro
zoada de grillo.
Campina de canna
com agua tranquilla...
... a voz do feitor.

Mucanas cafuzas
moleques zarombos.
Na noite retinta
a toada subia
dos negros mocambos...

(Natal).

LUIS DA CAMARA CASCUDO.

DORES DO INDAYÁ

RETRATO DO BRASIL

Uma rua velha e vazia,
 uma casa velha e vazia,
 uma vida velha e vazia.

A poesia das cousas humildes
 morrendo, morrendo...

(Meu Deus, fazei com que o dia de amanhã
 seja diferente do dia de hoje!)

**morrendo com o
 habito.**

(Minas)

EMILIO MOURA.

O que mais me admira no Brasil
 não é o rio Amasonas — o maior do mundo!
 E nem as florestas e as riquezas,
 as maiores do mundo!

O que mais me admira no Brasil
 é a preguiçosa confiança que nós temos
 nessas coisas todas — as maiores do mundo!...

(Bello Horizonte).

JOÃO DORNAS FILHO.

LEIAM:

PAULO PRADO — *RETRATO DO BRASIL* (ensaio sôbre a tristeza brasileira).

TRISTÃO DE ATHAYDE — *ESTUDOS* — 2.^a série (critica).

MÁRIO DE ANDRADE — *ENSAIO SOBRE MÚSICA BRASILEIRA* (critica e folclore).

JOSÉ AMERICO DE ALMEIDA — *A BAGACEIRA* — 4.a ed. — (romance).

GUILHERMINA CESAR^c FRANCISCO PEIXOTO — *MEIA PATACA* — (versos)

ROSARIO FUSCO — *FRUTA DE CONDE* — (versos).

Uma adesão

PEDRO DANTAS

Como quer que se julgue a obra do sr. Tristão de Athayde e a sua posição intelectual, não é possível negar a singular importância que têm na nossa vida literaria as suas atitudes e os seus pronunciamentos. A autoridade moral, a cultura e a inteligência do crítico souberam fazer-se respeitar do publico difficil que lê as crônicas literarias dos jornais (autores, amigos dos autores, inimigos dos autores e às vezes o cidadão ingênuo que procura se pôr ao par da literatura francêza contemporânea" o sr. Bernard Fay deu ao capítulo sobre Barrès o titulo de "Maurice Barrès ou La littérature hausse le ton". Da mesma forma, quem quizesse traçar um panorama da nossa literatura neste primeiro quarto de século, poderia dedicar ao sr. Tristão de Athayde um capítulo intitulado "A critica literaria levanta o tom". Efetivamente, si refletirmos no que era a critica brasileira ha pouco mais de dez ânos, não poderemos deixar de reconhecer que o biógrafo de Afonso Arinos realizou uma obra relevantê de modernização e de aperfeiçoamento. Muito antes dêle já tínhamos, é certo, a lucidez admirável de João Ribeiro. João Ribeiro, porém, é duplamente filósofo, tanto no sentido proprio da palavra como no popular, talvez mais, até, neste ultimo: não liga muito á critica. Si nunca deixou de assinalar os seus lugares aos raros livros bons que de longe em longe aparecem, teve e ainda tem muitas vezes condescendências culposas para os imprestaveis e os médiocres. E' partidario do "laisser faire, laisser passer", ao menos em literatura. O sr. Tristão de Athayde, ao contrario do defensor teórico da lingua nacional, já pôde ser justamente qualificado de "homem sem malicia" (1). A sua tendência é para o trágico, o sombrio, o doloroso, o difficil. E' um homem que timbra em levar tudo profundamente a sério, a começar pela sua função de crítico. Isso importa em dizer que êle não sabe passar sem, ao menos, um pequeno ativo de convicções firmes, sem um ponto de vista e de apoio, de onde se lhe apresentam deformadas as coisas, que êle julga, entretanto, pelo aspecto parcial, unilateral, que conhece. Para empregar uma imagem cara a Cocteau, êle não

gira em torno do objêto. Limita-se a observa-lo do lugar onde está. A consequencia direta desse modo de ser é uma tendencia instintiva para impôr o seu ponto de vista, pela estranheza que lhe causa o que se vê dos outros. Para impôr, digo mal, mas para considera-lo como o verdadeiro, o unico legitimo. Daí certa feição evangelizadora da sua critica e o receio que lhe infundem os que êle considera "germens d edissolução" do espirito porue ameaçam a unidade e a segurança da construcção do seu sistema pessoal. Tais germens êle os combate como é possível, mas improvavel ue Euclides combatesse as geometrias não-euclideanas: em legitima defesa. Não podendo admitir, por instinto de conservação, ue outra visão do mundo se imponha em detrimento da sua, imagina que o que se perderia por amor dessa outra havia de ser o mundo mesmo e não sómente a sua visão.

Todas essas observações não querem dizer que se trate de um espirito intolerante ou preconceituoso. E' simplesmente um sistemático. Também não seria esato pensar que êle não muda de opiniões e de filosofia. Tem mudado até muito. Já atravessou o estado de espirito de umas tres gerações, no minimo. Mas comporta-se daquêle modo relativamente a cada posição. Variam os seus pontos de vista, mas cada um é como si fosse o único. E de cada vez êle deve pensar comsigo: "Agora sim, acertei".

Por tudo isso a atividade do sr. Tristão e Athayde vem sendo empregada de preferencia no ataque aos ditos elementos dissolventes. Dentre êles a perspicácia do crítico logo destacou o sr. Oswald de Andrade e seus companheiros de antropofagia e pau-brasil, como os mais perigosos e temiveis. E é principalmente a esses que costuma opôr toda sorte de valores, embóra infinitamente menos interessantes, (a terceira corrente e outras do mesmo gênero) por serem mais estaveis, pois o sr. Tristão de Athayde acredita na virtude da estabilidade. E é, da mesma maneira, a esses, que êle vive pregando uma acção construtora certamente a tornar-se conservadora e lhe parece de necessidade urgente.

O que mais o preocupava no

sr. Oswald de Andrade era a falta de confiança que este lhe inspirava, aquêla continua impressão de terreno movediço, que perturba e arrasta ao desequilibrio. E êle censurava a eterna brincadeira em que se compraz o sr. Oswald de Andrade, esboçava-lhe a leviandade das atitudes, a alegria, o bom-humor. Tinha saudades do Oswald precioso e tético dos "Condenados". Achava uma pena, um sacrificio inesplicavel que um homem como o sr. Oswald de Andrade capaz de lagrimas e desgraças, andasse pelo mundo, tranquilo e sem remorsos, se divertindo. E traçava do autor de João Miramar retratos pessimistas, mostrando-o frívolo, inconstante, "blagueur", modernista snob, circulando entre os salões ricos de S. Paulo e os cafés literarios de Paris, tomando a sua "watermanzinha" para escrever... O "Retrato de mim por Tristão de Athayde", em suma. E concluia pelo perigo de vir a mocidade incauta a seguir um homem como esse, que substituiria o nosso habitual excesso de literatura por uma infra-literatura e que, a pretexto de corrigir um erro, o substituiria por outro, de sinal contrario.

Agora, porém, escrevendo sobre o "Retrato do Brasil" do sr. Paulo Prado, o sr. Tristão de Athayde, citando o inquerito sobre a civilização americana, a que se procedeu ha alguns ânos nos Estados Unidos, concorda com as conclusões de Harold Stearns, que o organizou, e aplicando-as ao Brasil, diz testualmente o seguinte: "Penso apenas que não devemos nos abandonar ou recorrer com êle (Paulo Prado) ás soluções do desespero e sim fazer como esses trinta norte-americanos sinceros e corajosos — rirmos de nós mesmos".

Mas não é precisamente essa a solução do sr. Oswald de Andrade e o que êle tem realizado na ultima parte da sua obras? Si essa tendência não esplica por si só toda a riqueza humana e o lirismo intenso do poeta do Esplanada, é entretanto a significação mais imediata e evidente de seus livros. Está, pois, de parabens o sr. Oswald de Andrade, por mais essa valiosa adesão. Pois é fóra de dúvida que com aquêlas palavras o sr. Tristão de Athayde entregou os pontos. Nem mais nem menos.

(Rio de Janeiro).

(1) Sergio Buarque de Holanda, artigo no "Jornal do Brasil".

4 POETAS

GUILHERMINO CESAR E FRANCISCO I. PEIXOTO — *Meia-Pataca* — Cataguazes — 1928.

Meia-Pataca é o nome de um riozinho de Cataguazes. Nos tempos antigos tinha ouro. Hoje é água e mais nada. Mas a água possui lá a sua poesia que é a de Guilhermino Cesar e Francisco I. Peixoto.

O primeiro ainda não se livrou daquela tristeza sem fundamento visível dos poetas que prometem. Tristesa que a gente não pode levar a sério. Os versos dêle têm sempre uma interrogação, uma dúvida, uma pergunta de descrença ou desconsólo. O assunto não difere do comum brasileiro e actual. Porém o que está dentro é bom anunciado melhor. A fala por exemplo é clara e forte:

*Campeiro queimado de sol
vai ver o trabalho dos seus companheiros
nas galerias de ar frio
na noite constante!
Mineiro das minas gerais
você não acorda?
Vai ver o trabalho dos outros mineiros
dos mineiros-mineiros enterrados na mina
ouvindo os patrões em fala estrangeira!*

Sensibilidade alerta, maneira pessoal ainda não muito definida mas reconhecível, desembaraço, procura, gosto lirico, tudo isso a gente encontra e chupa que nem uma bala na poesia de Guilhermino Cesar.

Francisco I. Peixoto é mais irreverente e gozador. O que não impede o desejo que tem de um

*...coração mais forte
Mais resignado, mais cheio de paciência
Pra poder aturar de cara alegre tanta amolação
E pra aguentar com o peso infame dos pensamentos futuros...*

Mas no geral faz perguntas embaraçosas a Jesus, Fernão Dias Paes Leme e ás namoradas. Está no período de caçada e tem medo dos que virão depois. E' bem dêsse grupo menino de Cataguazes ainda brincando no colo do futuro. Co-

nheceu a poesia muito criança e ainda não tem por ela o devido respeito. Por enquanto são namoricos sem consequência. Lá de vez em quando um gesto mais cheio de intenções deixa adivinhar a ligação brava de amanhã. Então o verso virá feito agarrar a gente.

Rosario Fusco fêz um desenho na capa que eu acho bem interessante.

HUMBERTO ZARRILLI — *Libro de imágenes* — Montevideo — 1928.

Humberto Zarrilli é co-autor de uma série de livros de leitura para crianças que conquistou o primeiro prêmio no concurso organizado faz pouco tempo pelo Conselho Nacional de Ensino Primário e Normal do Uruguai. No *Libro de imágenes* a gente percebe ás vezes o escriptor-professor inteligente. A's vezes só. Porque quasi sempre a poesia adulta fala seus desejos, desejos maduros:

*Era mi enorme pena el no tener
ninguna
Recibe mi tristeza como un huésped alegre.*

Zurrilla é terno, ama as cousas da rua, saúda contente os quinze anos da vizinha que están repicando por toda a casa,

fica embevecido deante de uma criança que mama, abençoa a mulher grávida cujas

...caderas tienen ondular de cuna

fala a cada instante do céu, das nuvens, do vento, das estrêlas, canta o vinho, as mulheres e a sua cidade,

la del rio como mar.

Tem até repentes de violeiro:

*Nube ausente de la tierra,
hoy tu destino comprendo:
El agua por la que vives,
la das un dia muriendo.*

Poeta amável a quem a gente retribue com a mesma simpatia dêle por tudo e por todos dêste mundo.

ROSARIO FUSCO — *Fruta de conde* — Cataguazes — 1929.

O livro são oito poesias ca-

bendo em dezoito páginas apenas. Dirão que Rosario Fusco é bastante moço ainda, tem muito tempo deante dêle, tem muito talento dentro dêle, podia esperar mais um pouco e publicar cousa de outro porte. Mas eu compreendo isso muito bem. Quem progride tem uma pressa danada de mostrar que está progredindo. Não se contém: vai logo na rua passear o jaquetão novo.

Fruta de conde apresenta de facto menor número de defeitos e qualidades bem mais acentuadas do que a parte do autor nos *Poemas cronológicos*. A prova está patente neste *Poema*:

Na tarde clara sem ventilação eu estava bem refestelando a vista na roçaria de bom trato. Gente vinda do serviço gazoava alegre pelo caminho endomingado e limpo.

Um cheiro bravo vinha vindo sôlto da aragenzinha e a gente suspirava êle banzando gostoso como quê!

Paz de distâncias...
Necessidade de coisas não era preciso não e a gente percebia que a vida, pensando bem é boa mesmo. Quasi que eu falei zuretamente: EU VIVO!

Não era preciso desejo nenhum naquêlo momento. Porém meu sexo forte desejou tanto você que eu senti na tarde clara sem ventilação nenhuma você encolhida, se encostando...

Há aí alguma cousa diferente daquêlo brasileiro infantil que é o sarampo da nossa meninada poética. Os versos vêm mais pesados e como o pêso é de poesia mais ligeiros, envolventes, simpáticos. E' a idade que vai aumentando, ganhando sensações novas, se abrindo para novos desejos. Rosario Fusco não precisa se afobar. O passaro está voando sem dúvida, mas o poeta tem na palma da mão a fruta que êle procura.

ANTROPOFAGIA?

MARIO DE ANDRADE

Ando lidando bastante com feitiçaria aqui no Nordeste e acho que esta comunicação que segue pode interessar aos cultores da antropofagia... filosofica paulista. Se trata do Mestre (Santo) Antonio Tirano. Eis a scena que se passou entre mim e os dois feitiçeiros meus informantes, gente sarada dos catim-bós de Natal.

Eu escrevia na pauta as rezas que os dois juntos me cantavam e tomava em seguida as informações sobre o Mestre a que a reza pertencia. Os dois catimbozeiros já estavam com a lingua solta, sem cerimonia, depois de várias horas de conversa e almoço bom no meio. Eu escrevia.

— ...porque Turuatá é tambem Mestre caboclo (indigena) frexador malevo Bem para cegar os outros... Gosta de trabalhá cum cobra. Fura o oio da cobra na intenção da pessoa a quem qué cegá e cega. Chega a cumê pedaço de cobra, cru, mais cauim (por aqui, nos catim-bós, qualquer álcool forte)

— Eu já sigurei uma jararaca pr'êle cegá!

— ...foi discipulo do grande malfeitô Antonio Tirano (eu escrevendo) que para a gente tê trabalho dele tinha-se que dá pr'êle um filho, uma... uma pessoa da familia assim...

Parou.

— Mas como é?... Tinha-se que matar essa pessoa, é?

Os dois estavam desapontadissimos, rindo amarelo.

— Não sabemos não sinhô...

— Esse nem tem linha (reza cantada)... Não se invoca não...

Voltei a escrever pra evitar aos dois a sensação de examinados.

— E' logico que vocês não invocam êle, sei bem. Mas podem me contar. Minhas notas são pra estudo, que o Mestre seja bom ou ruim não tem importancia não. Então êle obrigava o mestre a sacrificar alguém...

— E'... exigia sempre sangue humano...

— Sinão não trabalhava, heim! que safado!

— Prifiria sangue de crian-

ça... Mas não se invoca mais!

— Mas ás vezes aparece, não?

— A's veziz...

— E quando aparece faz estrepolia?

Nova e sempre muita hesitação. Respondeu com má vontade:

— Faiz, sim sinhô...

— Pede sangue?

— Pede, sim sinhô...

— Pede pra beber?...

Arrancou:

— Eu num sei, não sinhô! Esse a gente não invoca não!

Eu escrevendo textualmente como está. O outro, mais palavroso, mais esperto, que cursara até o terceiro ano do Ateneu, de Natal, se calara. Parei de escrever, insisti, perguntei. Não foi possivel tirar mais nenhuma informação util ao meu amigo Osvaldo de Andrade. O outro mais humilde e mais feitiçeiro tambem, se fechara em copas meio desconfiado. Voltei a escrever. Esse, o mais humilde, acrescentou reflexivo:

— E' uma biografia desgraçada...

(Natal — janeiro 1929).

Dança de Caboclo

ACHILLES VIVACQUA

Na noite bonita
acordam cantigas:

— (Vamos vê plantá vassoura
minha Yayá)

Mulatos sarados
com longos penachos.

Mulatos dengosos
em bambos requiebros

— arco na mão

— pra lá

— pra cá

— (vassourinha de botão
minha Yayá)

Corpos de usucum
com tangas de pena

— mulatos suados
— (ao redó de sua saia
minha Yayá)

o mastro enfeitando
de fitas rodeiam.

O arco se curva.

A flecha faz que vae
mas não vae não

— (Ao redó de seu balão
minha Yayá)

pra cá

— plaff

pra lá

— plaff

Na noite bonita
dormem cantigas

— (Ya — yá...)

Mulatos cançados.

Tangas de pena.

Mastro de fita.

(Belo Horizonte)

QUANDO EU MORRER

A Alceu Amoroso Lima

AUGUSTO SCHIMIDT

Quando eu morrer o mundo continuará o mesmo.
 A doçura das tardes continuará a envolver as coisas todas,
 Como envolve neste mesmo instante.
 O vento fresco dobrará as arvores esguias
 E levantará as nuvens de poeira das estradas —
 Quando eu morrer as águas claras dos rios rolarão ainda
 Rolarão sempre alvas de espuma...

Quando eu morrer as estrellas não cessarão de se acender no lindo céu nocturno
 E nos vergeis onde os passaros cantam—as frutas continuarão a ser doces e boas.
 Quando eu morrer os homens continuarão sempre os mesmos
 E se hão de esquecer do meu caminho silencioso entre elles.
 Quando eu morrer os prantos e as alegrias permanecerão
 Todas as ancias e inquietudes do mundo não se modificarão.
 Quando eu morrer a humanidade continuará a mesma
 Porque nada sou — nada conto e nada tenho
 Porque sou um grão de poeira perdido no infinito.

Sinto porém, agora, que o mundo sou eu mesmo
 E que a sombra descera por sobre o universo vasio de mim
 Quando eu morrer...

Brevemente :

ALCANTARA MACHADO — *O bandeirante na intimidade* — (estudo sôbre os inventários paulistas do século 17).

MARIO DE ANDRADE — *Compêndio de história da música*.

RUBENS DE MORAES — *Essencialmente agricola* — (contos).

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO — *Lira paulistana* (coleção de modinhas).

OSWALD DE ANDRADE — *Serafim Ponte-Grande* (romance).

Empreza Graphica Ltda.

Livros, Revistas
 Edições de luxo
 serviços
 commerciaes

Rua Sto. Antonio, 17
 Teleph. 2-6560
 S. PAULO

OS TRES SARGENTOS

(ROMANCE)

Capitulo 2.º

A PONTE DOS AMÓRES

YAN DE ALMEIDA PRADO

III

O ponto onde aquela gente re-flue, é quasi na certa, o botequim. Veio de longe a onda imigratória, compacta e profunda, até se desfazer e sumir no término, que é o destino. Porém, depois de desfeita, ainda consegue por mil percursos, rebalsar na tasca em que se vende parati.

Entre a soldadesca, que representa a maior clientela da venda, dá-se o caso de existir gearquia até nas bebidas. Quando são recrutadas ou praças razas, costumam entornar diariamente alguns cálices de caninha pura, e porfiam em ver quem bebe mais. A' medida que se vão graduando, ao subir de cabo á sargento, já substituem a pinga por cerveja. Por fim, o indício da ascensão a postos superiores, é o uso de copos de leite, á noite, antes de recolher.

Demonstra com antecedência, o pretendente aos galões, o desejo de seguir as pegadas dos officiaes, que ele viu se transformarem de soldados magruços e maltratados, em tenentes e capitães de tez clara e corada, apertados na farda cinzenta pelas banhas de burguez prospero.

Seguindo o costume do meio, os sargentos de cavalaria mais o ginasta, bebiam cerveja (já tinham aspas douradas) a espera do companheiro. Conversavam sem reparar a desordem do lugar. Estavam acostumados a confusão dos botequins no começo do mez, depois do pagamento. Fingiam não ver os soldados, que a sua presença repelira para o belcão do portuguez, cuja presença era-lhes constrangedora; abreviavam a demora e logo saíam.

Quando o recruta entra para o quartel, não tem nome, não merece atenção, representa apenas um autómato, é um número. A seguir, aos poucos, nas interminaveis palestras do ócio militar, é que dá a sua origem, bom ou pérfido, honesto ou malandro, e comunica as ambições ou desalentos que o animam ou infelicitam. Porém é principalmente no botequim, á roda da mesa ou deante do balcão, que readquire nome e personalidade. Com o decorrer do tempo, recebe divisas, deixando de ser um número para se tornar o cabo fulano ou o sargento sicrano. Volta a ser gente. E' a conclusão

do primeiro ciclo da Força Pública.

Naquele mesmo botequim da esquina, costumavam se encontrar os tres sargentos, desde o começo da vida militar na milícia, quando eram soldados e fugiam da presença dos superiores, tal qual como agora os subordinados se afastavam deles.

O mais corpulento dos tres, o que tinha tez clara e cabelos castanhos, chamava-se António, era sulriograndense. O mais magro e moreno, Cassiano, viera da melhores cavaleiros do regimento Baía, e era tido como um dos to. O último, Cândido — fora batizado em Minas por gente devota sob auspicio daquele adjectivo para ser puro na vida — era de todos o mais mulhengo e feliz em namoros.

António largara dos amigos, para perseguir as mulheres da avenida Tiradentes. Cândido fora provocado pela mulatinha do Jardim. Cassiano percebera o negacear da rapariga, e avisara o companheiro que não vira fita. Justificava o baiano, o faro que lhe atribuiam em surpreender olhares, combinações, recados, começos de "simpatia", e tornava-se o pavor dos que, perto dele, tentavam "cavações". Costumava atrapalhar os outros, achando enorme graça quando estorvava ou estragava o namoro de alguém, ou então, protegia a aproximação, e depois espalhava para meio mundo o caso que surpreendera colocando num embrulho danado a vítima e o çróe. Ao sair do parque, ele percebera que as mulheres da avenida estavam de trato feito com o grupo de bombeiros da esquina. Deixara propositalmente António se atirar a elas, afim de "gosar", como dizia, o aspecto desanimado e divertido do companheiro quando voltasse da infrutifera caçada.

Enquanto esperavam o rapaz, continuavam bebendo. Cândido silencioso, distraido pela lembrança da mulatinha que lhe ficava viva e irritante na memória, não ligava para os visinhos. O ginasta tinha-se empenhado em tremenda discussão com Cassiano, a propósito do que mais podia desenvolver a musculatura de um homem, o regime da cavalaria ou o do "Pavilhão de Educação Physica".

Questões semelhantes apaixonavam a soldadesca, que volta e meia, levantava tremenda bulha a respeito da superioridade de uma arma sobre as outras, de cavalarios sobre infantes, bombeiros sobre músicos, pessoal do Corpo de Saúde sobre os cozinheiros, e vice versa até o infinito.

— Eu de muito moço, dizia o ginasta, entreci para a policia de Sergipe...

— Ué você foi praça no Norte? Perguntou Cassiano, admirado de vir a saber somente naquela noite um pormenor de pessoa que conhecia ha muito tempo.

— Sou filho de Sergipe.

— Eu andei por lá, também fui praça no Norte, na policia de Alagoas, mas aquilo era uma p... de policia que passava mezes sem pagar a gente.

— Em Sergipe é a mesma coisa. Pois como eu ia dizendo, de mocinho sentei praça na policia onde tinha um tio que era sargento. Você que andou por lá sabe o que é aquelas caminhadas, quando a gente sae por ali afóra em diligência que não acaba mais. Aquilo é só andar, andar, debaixo do sol, no fim a gente fica com as pernas que é só nervo.

— E' mesmo, condescendeu o baiano que em rapazelho fora próprio de recados.

— Bem. Aquí, no Pavilhão, é a mesma coisa. Nós na ginástica começamos com ginástica sueca...

— Não desenvolve o corpo.

— Como não! Do primeiro dia que eu cheguei, eu estava ainda mais ou menos acostumado a andar muito, o patrão na roça muitas vezes me mandava rodear o sitio, depois, tinha também trabalhado de enxada ai pelo Interior, fiz muita carpa, não estava de corpo mole não. Mesmo assim fiquei quebrado. Logo que acabou o passo acelerado em volta do barracão, comecei a sentir canceira, que foi inído, foi inído, chegou de noite estava que não podia mais mexer.

— Sim, era falta de exercicio.

— Ai é que está. E nós fazia aquilo todo o dia, cada vez chegando no mais duro, enquanto vocês, nem tem comparação...

(Continúa)

BRASILIANA

X

PURITANISMO

Telegrama de Santa Lusia (Goiaz) para *O Globo* do Rio de Janeiro, n. de 7-1-1929:

"Acaba de ser expulso do tiro de guerra de Santa Lusia o Sr. Nagibe Salomão Filho, syrio naturalizado, pelo motivo de ter tido uma amante até ha poucos mezes. O caso tem sido muito comentado, fazendo-se necessaria a intervenção do ministro da Guerra."

RESPEITO

De uma discrição do presépio armado em casa do sr. José Maria do Espirito Santo Filho, feita pelo *Minas Geraes* de Bello Horizonte, n. de 1-1-1929:

"No presepio, propriamente dito, bem disposto, com naturalidade, vê-se sobre palhas o corpo debil do Menino Deus recém-nascido, tendo a adoral-o Maria Santissima e S. José, bem como os pastores que haviam acudido á voz do anjo anunciando o miraculoso facto.

Encontram-se alli, como que em attitude respeitosa, como se tivessem podido comprehender o alcance do que se dava, diversos animaes."

PARABENS

Noticia publicada pelo *O Gladio* de Quipapá (Pernambuco), n. de 7-1-1929:

"MANOEL GOMES ROSA — Esse nosso amigo tem, na data de hoje, um grande regosijo pela passagem do seu anniversario natalicio. Espirito lucido, inspirado poeta, agil prosador e um dos mais progressistas industriaes deste municipio, é grande e invejavel o conceito que frue na sociedade quipapáense. *O Gladio* parabemnis a illustre anniversariante."

CONDOLÊNCIAS

Noticia (respeitadas a ortografia e a redacção) publicada pela *A Liberdade* de S. José dos Campos (S. Paulo), n. de 24-1-1929:

"JOÃOSINHO — Falleceu no dia 18 o filho do nosso prezado amigo João de Oliveira Costa e sua distincta senhora, o joãosinho como é geralmente conhecido, apesar de pequeno éra um homem, infelizmente apos uma breve enfermidade, zobando da sciencia falleceu rodiado dos seus, o seu sepultamento deu-se no dia seguinte, acompanhado de grande numero de amigos da familia, notamos entre outros o Snr. Cel. Cursino presidente do Directorio Republicano, o snr. Eliziario Guimarães e outros, a morte do Joãosinho foi muito sentida, a familia ilutada apresentamos lhe as nossa sentidas condulencia."

CARNAVAL

De uma correspondência de Maceió (Alagoas) para *O Paiz*, do Rio de Janeiro, n. de 30-1-1929:

"O carnaval deste anno promete grande animação. Formaram-se já diversos grupos familiares e entre elles o dos Gondoleiros, especial da familia Alexandre Nobre e do qual faz parte o proprio governador Alvaro Paes e além de muitas outras pessoas de destaque, que se reuniram na residencia do Dr. Gama Melcher, gerente da Fabrica Progresso Alagoano."

BALCÃO

LIVROS PROCURADOS

Por YAN DE ALMEIDA PRADO (avenida Brigadeiro Luis Antonio, 188 — S. Paulo):

— S. L. J. — "Historia de El-Rei D. João VI".

— Zalar. E.A. — "Peregrinações pela Provincia de S. Paulo".

— Titara. L. dos Santos — "Memorias do Grande Exercito Alliado".

— Alvarenga Peixoto — "Obras" — em primeira educação.

— Duarte de Albuquerque Coelho — "Memorias Diarias".

— José da Silva Lisboa — "Historia dos principaes successos". — 2 vols. 1826-1830.

Por MANOEL BANDEIRA (rua do Curvelo, 51 — Sta. Tereza — Rio de Janeiro):

— Mac-Carthy — "Viagem na China".

Por RUI NOGUEIRA MARTINS (Caixa Postal n. 1414):

— J. J. Machado d'Oliveira — "Geographia da Provincia de S. Paulo".

— J. J. Machado d'Oliveira — "Quadro Historico da Provincia de S. Paulo".

Primeira edição.

— Simão de Vasconcellos — "Vida de Anchieta" — Em bom estado.

— Manoel Monteyro — "Compendio Panegyrico do P. José de Anchieta" — 1660.

— Massena — "Poesias do Veneravel P. José de Anchieta". — Roma — 1863.

A assinatura anual

da

REVISTA DE ANTROPOFAGIA

custa

RS. 5\$000

Pedidos acompanhados de vale postal

para

Caixa do Correio n. 1.269

SÃO PAULO

A primeira "dentição" — apresentada em forma de revista encerrou-se com o número 10, correspondente a fevereiro de 1929.

A segunda "dentição", apareceu a partir de 17.3.1929, nas páginas do jornal "Diário de São Paulo".
Prolongar-se-ia até 1.8.1929.

(2.ª denteção - 2.ª nu-
merc).

DE SÃO PAULO
 Domingo
 24.03.1929

A CONFERENCIA DE PERÉT

Foi uma lição. O ocidente que nos tem mandado tanta coisa ruim, desta vez nos enviou uma excepção. Péret trouxe a magnifica coragen de uma liberdade. Rigorosamente dentro de certa estetica, de certa tradiçao que podia até remontar a Gáules. Mas violento, brilhante, erudito. E de branco.
 Em face dele, todos os forcos inimigos da vida, da independencia e do talento: o esculor massagista Pinto do Couto e o arquitecto gramatico Dacio de Moraes.
 O sr. Pinto do Couto, de luto aliviado, pousou duas horas para a estatua da Incomprehenção. O sr. Dacio pensou que tudo aquilo era sobre Le Colubier e sobre regencia de verbos. Pensou que era com ele, o sadico!

Tendo apanhado dos modernistas, decidiu não falar mais a nenhuma manifestação de guerra. Anda arranjando um convite para o almoço de Piolin. Pagará os 198600. Pensa que os modernos só pensam nella. A excoberção cristã da idea antropologica. Os homens se comendo em serie.
 Non sunt privatae leges. Nulle terre sans seigneur. A egualdade politica. A egualdade economica. O imperio, o feudalismo, a abolição dos privilegios, a produçao como finalidade. Longas batalhas seculares de quem o ocidental saiu mais miseravel, roendo as unhas, chegando. Como o stonago checo de ideas varias.
 Enquanto isso, o indio fez a sua. Muita caunia. Muita flauta de canela de prisioneiro. E nenhum gatuano.

Xiii!
 Viva Péret!

protesto e praga

Em nome dos povos explorados, vendidos, difamados, entorpecidos pela "conquista espiritual" do ocidente, os antropofagos de São Paulo votam a todas as mandingas do futuro da naçao que, filha da liberdade que lhe mandamos com Rousseau, ainda ossou aprovar creditos para missões evangelicas. Que a desgraça final a cubra, como e de esperar.

de antropofagia

A descida antropologica não é uma revolução literaria. Nem social. Nem politica. Nem religiosa. Ela é tudo isso ao mesmo tempo. Dá ao homem o sentido verdadeiro da vida, cujo segredo está — o que os sabios ignoram — na transformação do tabú em totem. Por isso aconselhamos: "absorver sempre e diretamente o tabú".

A humanidade nunca deixou de agir antropofagicamente. Conquista espiritual a caete. O Te Deum depois da carnificina. Antes do século de lagrimas, muito sangue. Já o Cristo dissera: "o comer não faz imundo o homem". (Mateus, 15,20).

O desespero europeu, lutas de classes. A excoberção cristã da idea antropologica. Os homens se comendo em serie.

Non sunt privatae leges. Nulle terre sans seigneur. A egualdade politica. A egualdade economica. O imperio, o feudalismo, a abolição dos privilegios, a produçao como finalidade. Longas batalhas seculares de quem o ocidental saiu mais miseravel, roendo as unhas, chegando. Como o stonago checo de ideas varias.

Enquanto isso, o indio fez a sua. Muita caunia. Muita flauta de canela de prisioneiro. E nenhum gatuano.

Xiii!
 Viva Péret!

anchieta

Na ultima metade do século seguinte apresentaram elles (os jesuítas) Anchietta como candidato a santidade, e Simão de Vasconcelos, provincial do Brasil e historiador da provincia, escreveu uma historia ou antes, romance da vida deste homem, em que a sabedoria do misticismo, os talentos e serviços do estadista, os trabalhos inusados do metodista duma lingua barbara, formam a parte mais secundaria da narrativa, olhados pelo biografo como coisas de menor momento: o grosso do livro, em termos milagres. Uns, diz Vasconcelos, chamaram segundo Taumaturgo, outros segundo Adão, e este o titulo mais conveniente, e o mesmo que assim como houera no mundo do velho ou Adão, houera no novo outro, que fosse cabeça dos seus habitantes com a mesma torridade sobre os elementos e animas da America, que o primeiro possuiria na terra. Todos os poderes e graças do que fura dotado o primeiro Adão concorrem pois em Anchietta, que os souou não temporariamente, mas toda a vida, pelo que nasceu como nosso pe commum, com innocencia, impassibilidade, espirito esclarecido e vontade recta. Foi-lhe dado dominio sobre os elementos e sobre tudo o que nelles vive. A seu mando produzia fructos a terra, restituindo até os mortos, para que, recordada a vida, das mãos delle recebessem o baptismo. Para resguardar-lo do sol lhe formavam doçol sobre a cabeça as aves voadeiras. Nas redes se lhe vinham metter os peixes, quando della carecia. As feras da floresta o acompanhavam nas jornadas, servindo-lhe de escolta. Obediencia á sua voz os ventos e as ondas. A vontade delle desafia o fogo o mal que fizera, e branco e tenro se tirava do forno o pão que a carvão se vida reduzido. Tinha elle poder sobre o homem em todas as suas partes, na cabeça, nos olhos, na bocca, nos dentes, na garganta, no peito, nos ladus, nas entranhas; nas mãos e nos pés, nos membros, nos danos, na vida e na alma. Os Gregos do coração lhe eram panes. Fóra-lhe dado o conhecimento das coisas occultas e das

os classicos da antropofagia

Ce qu'on nous dit de ceux du Bresil, qu'ils ne mouraient que de vieillesse, on l'attribue à la sérénité et tranquilité de leur ame desdorchée de toute passion pensee ou occupation tendue qui displaissant comme ceux qui passaient leur vie en une admirable simplicité et agnorance, sans lettres et sans loys, sans roy, sans religion quelconque.

almoceiros Piolin

No dia 27, quarta-feira de Cinzas (2.ª edição) Piolin será novamente almoçado pelo Clube de Antropofagia, que assim comemorará o seu meniu.

Santára a vilima, num sermão substancioso, o conhecido casista da Conto de Barros.

conquista espiritaual

Olhei para o interior da casa, e pela porta vi sobre uma meza de mármore um lençol o cadáver do marido, para o qual a tapina me apontava.
 — Não choras? Não sentes a cabeça pesada?
 Respondeu-me então com ar tristonho:
 — Vamé agora yma nana, tapuia cefe para mim ana.
 — Nos já tempo alma, os tapuús só têm corpo.

Barbosa Rodrigues.

O individuo sobre a sociedade. 80.

A sociedade sobre o individuo. U. R. S. R.

A matematica do indio foi mais inteligente. Por o individuo em funçao da sociedade. Ou vice-versa. (Como os sociologos entenderem). E comuti, e o cerimonial do estito, o bispo Sardinia. E outro hispos.

O refrão de Lenin — pão, paz e liberdade — não nos interessa. Pio temos. Liberdade queremos, não a paz. Queremos liberdade para comer a paz. Com pão.

"Ce chien est à moi, disaient ces pauvres enfans. C'est là ma place au soleil. Voilà le commencement et l'origine de l'usurpation sur la terre."

Como se vê, Passou não contestava o direito soberano da posse. E até reconhecia, embora com uma amargura besta, que "on a fait qu'il soit juste d'obéir à la force". Ara, ara, ara.

Portanto, nem a justiça racionalista de Rousseau, nem a santa justiça de Catharina de Sienna, como quem os catolicos franceses. Mas a justiça do tapuce. Pio no cachaço, até comeu meu irmão, agora quem te come sou eu. E a alegria de constatar: Lá vem a minha comida paganda!

JAPY-MIRIM

Piratininga, ano 375 da deglutição do bispo Sardinia.

os documentos

antropofagicos

PALAVRAS DE SÃO DOMINGOS AOS HERREJES DE ALBI

"Durante muitos anos, eu vos exortei. com toda a doçura possível, pregando, rezando e chorando. Mas como diz um proverbio de minha terra: onde abençoar não vale nada, valem as pancadas: Nos levantaremos contra vós principes e prelados que armam contra esta terra nosos e remos... e assim as pancadas produzirão effeito onde foram vãs a discursão e as lhenças."

Citado por Wells, Historia Universal - Capitulo 32 - O cristianismo e as cruzadas.

"É preciso constatar que todos os povos civilizados conditionam-se para com os indígenas das paizes descobertas, com a mesma ferocidade: Espanhoes, Portuguezes, Holandezes, Inglezes, Francezes, Alemães. A immenso de humilhar e assediar, como que os Europeus lutaram contra esses povos, que deitou longe toda a selvageria dos mecosos, nos conduz a uma conclusão anthropologica que não é de pouca importancia: O abismo que separa o civilizado do chamado selvagem não é tão grande como parece..."

Gerland — Citado por V. — Antropologia.

Desenho de Pagú



Todas as religiões. Mas nenhuma egreja. E, sobretudo, muita feiticaria.

A antropofagia identifica o conflito existente entre o Brasil escabudo, verdadeiro, e o outro que só traz o nome. Porque no Brasil há o distinguir a elite, européa, do povo, brasileiro. Ficamos com este, contra aquela. Em funçao do mamuelo, europeu descontente, do bom aventureiro absorvido pelo indio, e contra a catequese, contra a mentalidade reol, contra a cultura occidental, contra o governador, contra o escrição, contra o Santo Officio. E assim havemos de construir, no B-rasil, a nação brasileira.

Não nos enganamos, conheçamos a mistificação. Ela traz um rotulo: S. J. E outros rotulos.

Mas já dizia o nosso avô Canibis, comendo gozoso a perna de um porco: Jaurá iché. Pois dizemos tãmbem nós, seus netos: Não amolem, é muito bom.

JAPY-MIRIM

Piratininga, ano 375 da deglutição do bispo Sardinia.

o primeiro carnaval

Erreux o padre uma cabeça das onze mil virgens, com outras heranças em um meio tempo de prata, peça rica e bem escolhida. A cidade e os estudantes lhe fizeram um grave e alegre recebimento. Trouxeram as santas reliquias da São Colégio em processo de sae, com fraldas, boa musica de vozes e cantos. A São que era um estudante finalmente vestido, lhe fez uma fãla do contentamento que vivera da sua vida; a Cidade lhe entregou as chaves, as outras duas virgens, duas cabeças já a lixou, e receberam a porta de nossa igreja; tudo foi a modo de reza. Toda a fecla contou grande alegria no povo, que correu quasi tudo.

Fernão Cardim

A pedidos

Quando fui Fundador de Anual e Director de Anual, gostabam de atender ás or. Pinto do Couto e da expoente. Luperi da Ião tem a praeza de obter pessoalmente do esculor e da pintora, que eles não gostaram. UM ANTHROPOFAGO. Firma reconhecida pelo tabuleiro Laio da Tabá.

Firma reconhecida pelo tabuleiro Laio da Tabá.

serviço telegrafico

LISHOA, 12 (U. P.) — A Imprensa publica uma informaçao de Venda da Serra dizendo que, naquela localidade, a familia de Adão, ao encontrar actualmente no Brasil, deu-lhe a comer, ha um anno, como remedio, contra o cadaver de um reconhecido, afim de o curar de uma grave doenca.

terapeutica

LIHOA, 12 (U. P.) — A Imprensa publica uma informaçao de Venda da Serra dizendo que, naquela localidade, a familia de Adão, ao encontrar actualmente no Brasil, deu-lhe a comer, ha um anno, como remedio, contra o cadaver de um reconhecido, afim de o curar de uma grave doenca.

curiosidade

RIJO, 18 (A.) — Os moradores do bairro de S. Cristovão, na manhã de hoje, acompanharam curiosamente o voo da esquinha da avião naval que evaluate no ar.

MACAPÁ

Macapá molango...
 Pia de noite
 O murucututú
 Ruas escortadas. De chão verde.
 Compadre,
 esse luar escondido dá uma jurumenha na gente...
 Então vamos espisar a fortaleza assombrada:
 Tocos de vela no canto de um rancho.
 Pai de mandiga tá chamando o mato.
 Bocejam os brazeiros.
 Em cachimbadas largas
 a diamba quebra a nostalgia do sangue.

Uai oré-ré
 que o tai-tai tá ahi
 As vózes se misturam em tamboreadas secas:
 Zêre tem. Zêre tem. Zêre tem
 missa do pango de oré-paco de pagú.
 Corra frouxo o taíá
 Ahi ta-fi-á

Biri-birim Biri-birim
 Batá-cotó Batá-cotó
 Quando tu veio eu tãmbém.
 Batá-cotó Batá-cotó

Em redor da fogueira murcha
 as negras renguem de pé mordido
 rebolando o ventre.
 Uai oré-ré
 que o tai-tai tá ahi

Escorrem vultos longos pelas fósas da fortaleza
 devorados na sombra.
 Então enche-se a noite mole
 de uiuos de carne mordida, fungando

Toda a gente diz que é assombração de lua nova...
 ... Missa do pango de oré-paco de pagú

RAUL BOPP

(Peço da "Cobra Norato")

Um missionario descevidado na
 um Mauri a paciencia e o peido.
 O Misari repudiou:
 — Sem duvida. Enquanto em
 outro pãno, o coraçao meu, estã
 Roald Allier — Psicologo
 da Conversão, Cap. I.

A evidencia.
 "DEUS NÃO TEM SEXO"
 De Moisanet

Um missionario descevidado na
 um Mauri a paciencia e o peido.
 O Misari repudiou:
 — Sem duvida. Enquanto em
 outro pãno, o coraçao meu, estã
 Roald Allier — Psicologo
 da Conversão, Cap. I.

o primeiro carnaval

Erreux o padre uma cabeça das onze mil virgens, com outras heranças em um meio tempo de prata, peça rica e bem escolhida. A cidade e os estudantes lhe fizeram um grave e alegre recebimento. Trouxeram as santas reliquias da São Colégio em processo de sae, com fraldas, boa musica de vozes e cantos. A São que era um estudante finalmente vestido, lhe fez uma fãla do contentamento que vivera da sua vida; a Cidade lhe entregou as chaves, as outras duas virgens, duas cabeças já a lixou, e receberam a porta de nossa igreja; tudo foi a modo de reza. Toda a fecla contou grande alegria no povo, que correu quasi tudo.

Fernão Cardim

A pedidos

Quando fui Fundador de Anual e Director de Anual, gostabam de atender ás or. Pinto do Couto e da expoente. Luperi da Ião tem a praeza de obter pessoalmente do esculor e da pintora, que eles não gostaram. UM ANTHROPOFAGO. Firma reconhecida pelo tabuleiro Laio da Tabá.

serviço telegrafico

LISHOA, 12 (U. P.) — A Imprensa publica uma informaçao de Venda da Serra dizendo que, naquela localidade, a familia de Adão, ao encontrar actualmente no Brasil, deu-lhe a comer, ha um anno, como remedio, contra o cadaver de um reconhecido, afim de o curar de uma grave doenca.

terapeutica

LIHOA, 12 (U. P.) — A Imprensa publica uma informaçao de Venda da Serra dizendo que, naquela localidade, a familia de Adão, ao encontrar actualmente no Brasil, deu-lhe a comer, ha um anno, como remedio, contra o cadaver de um reconhecido, afim de o curar de uma grave doenca.

curiosidade

RIJO, 18 (A.) — Os moradores do bairro de S. Cristovão, na manhã de hoje, acompanharam curiosamente o voo da esquinha da avião naval que evaluate no ar.

(orgão do clube de antropofagia)

expediente
 da revista de antropofagia
 (2.ª denteção).

açougueiro: Geraldo Ferraz

correspondencia:
 caixa postal, 1269

Estas duas revistas são caracteristicamente provincianas, apesar de a "Festa" ser feita no Rio, por uma grupo de vanguarda, dessa vanguarda que marcha com mil precauções para não estragar os sapatos.
 E nem chega a ser interessante como tragedia individual pois se afirma com sufficiencia beata a sua procura da "realidade interior" publica um manifesto de "brasilidade universalista", colcha de retalhos particularistas, que só encontram lega commum na famosa idea de Deus, que aqui como sempre, serve para esconder as peores transigências, — a alegria circumscrita, por exemplo, "Festa" publica um manifesto do sr. Chiachio, da Bahia, quando tudo se resolve na creaçao de mais uma escola literaria salpicada de alguns adjectivos — citações.

"Primeiro de Janeiro", Manãos, n. 1; "Festa", Rio, n. 13; "Prata de casa", Curitiba, nr. 21 e 22.
 "Primeiro de Janeiro" é mais apreciado porque é ingenue. Quer brilhar na corte.
 Com a feição grafica de polianista em chefe politico da roca, tem até o retrato de Epiphanyo Salles, governador do Paraná e outras figuras de destaque, não faltando tambem em infavets postais femininos, o grande derivativo sublimado. Abre a boca no tempo em que o "Festa" publica o manifesto "do formalista Paganora" (veja o seu o que é Manãos.) procura provar que o Nordeste e o Brasil e me elle. José Americo, é capaz de escrever e ao sr. Mario de Andrade.
 A revista "paranista", como se chama "Prata de casa", nos dá a alegria de conhecer o sr. Leocadio Correia, o "Demosthenes de Paranaguá", aquele que "forbido por auçoo", vem, "se certo tempo a esta parte" desemp-

Desenho de Pagú

mas, com o êxito prometido, se aloga, por ver que o mes-bergo natal não ficou indiferente ao movimento que se vem fazendo em torno da pecunia proprie-taria, do momento que propõemdo-se enscto para tambem concocer com esta PAGINA MINIMA no festival em honra do momento que glorificada a raga negra".
 Enfim, uma bô banda de musical...
 "Revista do Globo", Porto Alegre, n. 1.
 Charla, Querença, Renascimento, Pampa, Guanyba, Sol, Piratiny, os tubozes de Porto Alegre, do amor a metafisica, do pe de meia, da neve, do domingo no campo.
 Enfim, uma bô banda de musical...
 "Revista do Globo", Porto Alegre, n. 1.
 Charla, Querença, Renascimento, Pampa, Guanyba, Sol, Piratiny, os tubozes de Porto Alegre, do amor a metafisica, do pe de meia, da neve, do domingo no campo.
 Enfim, uma bô banda de musical...
 "Revista do Globo", Porto Alegre, n. 1.
 Charla, Querença, Renascimento, Pampa, Guanyba, Sol, Piratiny, os tubozes de Porto Alegre, do amor a metafisica, do pe de meia, da neve, do domingo no campo.
 Enfim, uma bô banda de musical...
 "Revista do Globo", Porto Alegre, n. 1.
 Charla, Querença, Renascimento, Pampa, Guanyba, Sol, Piratiny, os tubozes de Porto Alegre, do amor a metafisica, do pe de meia, da neve, do domingo no campo.
 Enfim, uma bô banda de musical...

meditação no

Todas as arvores
Nossas florestas
Ten ten ten
Todas as arvores
Ten ten ten
Ten ten ten ten
Todas as arvores
Menos?
A do bem

Oswald de Andrade.

A revolta:

"Destruí, pois toda a criação vem da destruição." — Marcel Schwob.

A asneira:

"...Paix des peuples, paix des races". — Albert Sarraut, ex-ministro das Colônias do Gabinete Poincaré).

canto antropofágico dos tupiniquins

Dê t'haeraba che remiú rama mãe amboe
ndé kanga juá cypóta curimé
che y manna peque ki chi
rendé coó che moken será coaracy.

A ti succeda, minha comida, coisa má
Tua cabeça cortar quero já
Meus parentes vingar aqui eu estou
Tua carne moquearei de certo depois do sol posto.

(Versão de Theodoro Sampaio. Extr. de Hans Staden, ed. Logfren).

contra os exercícios espirituais de Loyolla, os exercícios físicos.

O humor:

"A vontade de Deus pae não ultrapassa, em França, a 4.810 metros de altitude, tomada do nível do mar". — André Breton.

o sol não brilha e não nasce para pessoa alguma — De Perét.

IDENTIFICAÇÃO

"disseram, então: é legítimo portuêz, agora lamenta-se e tem medo da morte".
Hans Staden.

A pedidos

Chegou ao meu conhecimento que o sr. arcebispo deste Estado havia deliberado proibir que as procissões desfilassem os meninos vestidos de anjo e de santos, como era velha usança, desde que me conheço por gente, nesta terra piratiningana. (Aliás, em todo o país).
A notícia que me trouxeram foi muito vaga. Entretanto, a fonte de onde procede é boa, e eu a comentei com a reserva necessária nesse caso. O sr. arcebispo errou. E errou lamentavelmente. Desconhece de todo a índole do povo, e não calcula o mal que vai fazer à evangelização das classes humildes. A promessa era um derivativo. A encarnação simbólica de um São João num "manezinho" ou num "pepino", ou num "bastãozinho" de um santinho qualquer, que era ao mesmo tempo o filho de minha lavadeira! Nunca a religião tivera meio mais próximo de uma concretização completa do divino, nem exemplo maior de humildade!
A proibição que agora vem de ser feita vai estragar definitivamente o pitoresco das festas religiosas. Ameaço mesmo o sr. arcebispo com a aparição de um padre Cícero paulista... Mas, não! O clero paulista, tanto da capital como do interior do Estado é disciplinado. Admitirá sem discussão as ordens superiores. E teremos despojado de um de seus mais pitorescos aspectos, a religião católica que se praticava em São Paulo. Mas espero que sua eminência lendo este escrito, unido de piedade e de santo fervor, reconheça seu gesto lamentável. A palavra de sua eminência não é sequer a palavra de um rei... Pode voltar atrás, e deserer.

UM PAE CRISTÃO E QUASI ANTROPOFAGO

expediente da revista de antropofagia (2.ª denteição).

acougueiro: Geraldo Ferraz

correspondência: caixa postal, 1269

ortodoxia

A antropofagia como movimento não faz questão de ser tomada a sério. Esse sério que faz não nos convém, deixamos inteiro à indagação de Tristão de Athayde, à estética de Mario de Andrade ou ao desespero adolecente de Antonio de Alcântara Machado (vide Confissões d'un enfant du siècle).

Quando a Graça Aranha, nossa opinião é difícil. O academico carioca é um homem confuso e sem espirito, cuja inteligência inutilmente se esforça em atraparillar todas as noções conhecidas. Graça Aranha não tem classificação.

Antonio de Alcântara Machado é o burguez brilhante. Sem duvida. Ficasse no reportagem, e não nos dariamos ao trabalho de pô-lo no lugar. Mas creditado que o documento Chiquinha Dell'Osso é arte. E ainda acredita em Arte. Dois erros. Ficou sendo o nosso Franca Junior, como já disse Menotti. Mas pra quê mais Franca Junior?

Resultado. Perreu o bonde da geração e está bandado o desespero. Piolin na scena do caminhão que passa sem ele pa-

serviço telegrafico

via-jantas

Nos temos o China; elles têm o Poland-China. Passou por ahí, na direcção do sul, o sr. August Frederico Schmidt — e gordo.

ra o treino de futebol. Mas Piolin é melhor. Incomparavelmente.

Outro desesperado. Mario no regresso do Nordeste. Já se definiu assim o caso de Mario: — "Muitas almas, nenhum discípulo!"
Salva-o "Macuainima". Provavel evangelho de que ele se nega a consciencia. Porque?

Ultimamente, Alvaro Moreyra tem feito poemas melhores que

(2.ª denteição — 2.ª numero).

revisita de antropofagia

camara quem te reconhece!

A Camara de São Paulo teve um papel historico formidavel nos seculos da formação brasileira. A sua decadencia iniciada no seculo 18 chegou agora ao auge de legislar subvenções para os riquissimos templos catolicos da capital! O povo paga impostos para isso!
De facto, depois da negociata com Mussolini, Roma precisa do dinheiro dos paulistas.

os de Mario. E Julio Paternato tambem. E Lucio Latino tambem. E Pedro Nava tambem.

O que conduziu Alcântara na estrada foi o prefacio de Pathé-Baby. Por esse caminho, ele ia bem. Irati-se. Virou importante. Carioca. Não nos interessa.

Os antropofagos esses não têm desespero algum. Filhos do bandido Tchê.

O valor de um apracimento. Yan de Almeida Prado com "Os tres sargentos" deixa longe tudo que a psicologia scientifica de Mario quis compôr. Yan de Almeida Prado cronista tem um sabor! Que diferença de Alcântara! Eduardo Pellegrini já alcançara Alcântara (vide Martinele e outros arranha-céus) como contador. Yan meteu o Franca Netto num chinelô como cronista a perfiada que conseguiu domingo passado.

Caesar o pharmacologico Alberto de Oliveira com Mario de Andrade, Alcântara e outras expressões da timidez modernista ou da modernidade timida.

Yan, cria juízo!

o reis da intriga

Só mesmo Yan de Almeida Prado seria capaz de produzir a perfiada que conseguiu domingo passado.

Caesar o pharmacologico Alberto de Oliveira com Mario de Andrade, Alcântara e outras expressões da timidez modernista ou da modernidade timida.

Yan, cria juízo!

camara quem te reconhece!

A Camara de São Paulo teve um papel historico formidavel nos seculos da formação brasileira. A sua decadencia iniciada no seculo 18 chegou agora ao auge de legislar subvenções para os riquissimos templos catolicos da capital! O povo paga impostos para isso!

De facto, depois da negociata com Mussolini, Roma precisa do dinheiro dos paulistas.

MAYANDEUA!

A cidade se chamando Mayandeuá! E' toda feita de prata Fica no fundo de um lagoão lúo cumprido —impriudo que a gente até pensa que é um rio.

Rederarias releumam nas paredes que os curinlats construíram num tempo muito de dantes (...o pae da noite ainda nem tinha nascido pra inventar a preguiza dos peixes!)

Os telhados são de lódo misturado com brazas E ha uma cobra invisível em cada uma das portas.

— Quem que sabe dos causos da cidade por nome Mayandeuá? quem que sabe? Mas na boca da noite quando as folhas creanças estão com sono, as canoieiros que andam naqua medrosa escutam barulhos de festa subindo subindo subindo

(Porque Mayandeuá é uma cidade encantada que o Bicho do Fundo botou de castigo na lama do rio!)

Clovia DE GUSMAO. (da sucursal do Rio)

não ha problemas mais insolúveis do que os que não existem.

Maurice Blondel ("A acção")

uma pergunta

Um ihr todos os encantos da vida científica, artistica, voluntosa e religiosa à zebra segurando da morte, conservar com a agulhada de um clown a inerçia de um cadaver "perinde ac cadaver", penetrar-se dos exercicios de Santo Ignacinho mesmo atirando-se no tumulto das intrigas politicas, não sera essa a perfeição e quasi a santidade da perversão?

MAURICE BLONDEL — ("A acção").

jornalismo provinciano

E' um regulo para os cronistas policieiros quando matam algum. Geralmente trata-se de um assassinato covarde por "motivos de honra". E' um não mais acabar de certo vocabulario anti-cientifico incrível, a cidade que se diz civilizada como esta. "Desobrou", "desonestou", "enxovalhou", etc., etc. Essa gente não sabe que Freud ficou velho de ensinar o contrario.

ESTILISAÇÃO

(PROSA)
Os donos da ter. a fugiram por medo, e só nos deixaram os modos ariscos. Os outros plantaram na beira da praia a cruz do senhor e nos ensinaram a fala que tinham. Mais tarde chegaram os pretos escravos, trouxeram com elles batuaques, macumbas e sambas dolentes. Os modos ariscos, a cruz do senhor, a lingua dos brancos, as danças cantadas, tudo isso se uniu na alma e no corpo da raça que veio. Raça brasileira: estilisação!

Alvaro MOREYRA (da sucursal do Rio)

Religião brasileira

reiros empregam as palavras "feítico" e "feiteicero" com sentido depreciativo, designando as coisas "da esquerda", isto é, do mal). Pois Tabatinga só trabalha "na esquerda", flexando e "ligando" (fazer figas). Não acredita em Deus. Só trabalha no escuro. Quando chega na sessão vai logo apagando as velas. Vive isolado com um só companheiro, José Pereira, tito bronco este que nem tem "linha" (treza cantada, destinada especialmente a um santo, legitimamente o "nomos" dos gregos). José Pereira quando do seu sair para a sessão, grita: "Maldito seja Deus! Maldito meu pai! Maldita minha mãe! Trevas! trevas! trevas!". Sejam bem-luz as trevas! Quando materializado, José Pereira diz que matou pai, mãe, padrinho, madrinhã, esposa e cinco filhos. Quando abre sessão os pais-de-treza reiros "botam trevas" (trezas de impecibilo) para José Pereira não aparecer. Deixa "mau encostado" (sensação de abatimento, malestar profundo) nas sessões.

Pra acabar estas communicações cito Mestre Zinho, feiteicero, atualmente lida "materializado" (vivo). E' um ser perigoso, não houve meios de meus informantes me contarem onde que pára. Trabalha com cachimbos enormes, e vezes faz o bem mas é raro. E' perversissimo e já matou tres pessoas. O mano dele, Mestre Tronchinho, tambem anda está vivo. Só trabalha invocando espiritos de cigano e é tido como mentiroso. Mestre Zinho possui uma paulha temível chamado Satanaz e a fannanda Chave de Vanguo que abre todas as portas encantadas do esp-

mario de ANDRADE (Do "Turista aprendiz").



FICHAIRO ANTROPOFAGICO

Primeiro prontuario

Iniciamos hoje o nosso fichario e pretendemos estender a todos os vultos celebres das letras indigenas. ALGUSTO FREYDERICO SCHMIDT é o primeiro escolhido. O mais gordo e de carnes mais macias. Flacidas.

o poeta na sua vida curta, litteraria, já atravessou por seis fases distintas e bem caracterizadas. Vejamo-las:
A primeira fase do poeta, pouco ser classificada de fase da pureza. Passou longos á beira das praias de banhos. Curiosidade do "trotador".
A essa fase se segue o comprometimento com o intelectual e antiquario Carlos Frederico. Curiosidade estetica, sadismo, monogamia, permanencia notivaga pelos cafes ruidosos, gritaria nos teatros, aplaudindo musicos celebres e "prima-donas".
A esse periodo vem a desencana. O ateismo, a sequeção. Opções rapidas pela daveza. A religião catolica como negação e obscuro taculo á propria arte. O caso de Cocteau. A sua carta, a carta de Maritain. Nesta fase o poeta escrevia paginas para as seções livres das paginas litterarias supplementares. O poema da sua cadeira lina que foi felicitada na rua quando sahia a passeio.
A quarta fase por que passou o poeta foi mais séria. Via a

noticia do primeiro festim

Conforme no numero anterior a gente havia anunciado na quarta-feira santa Almacos Piolin (sr. Abelardo Piolin) pelo motivo do anniversario dele. O festim, primeiro dos antropofagos, aderentes e simpatizantes, se realizou-se no alto da Praça do Patriarcha, sem as solenidades de estilo.

Mastigou-se bem tudo o que foi posto nos pratos, e bebeu-se pinga como aperitivo e como pinga mesmo. Feijão torresmo carimbado de Piolin. Na hora conveniente o orador, dr. Antonio Carlos (C. de B.) negou-se terminantemente a ser morto, pelo que verificou-se um jogo de empurra desempurrado pelo Alberto Ariago que falou muito bem. Nos lódos batemos palmas com as mãos applaudindo-o de feito.
Antes de terminar o festim o Piolin não falou. Mas Dona Elise cantou na meia emodo "espiritual" da hora. Nós todos gostamos e aplaudimos com o coração contente a canção. As. Batemos palmas com as mãos.
E todos foram para suas casas.
P. S. Aventureu-se a idéa da fundação da liga das senhoras anticoolicas, a qual não deverá conter Senhças.

guerra

Deus é um fenomeno local. Varia conforme o clima. Cristo já o constataria: "Eu não fui enviado senão às ovelhas que pereciam da casa de Israel..."

Contra a moral convencional, noronha. O problema do europeizado é não sofrer. O nosso é gozar. Ganhamos longe. Sabemos que a Igreja é um instrumento de dominação política e econômica.

Vae haver prantos e ranger de dentes. O nosso troféu classico: o cranio do inimigo. JAPY-MIRIM

A pedidos (com varios dias de atraso) reportagem sensacional Na residência do sr. Y. de A. P., a avenida Brigadeiro Luiz Antonio...

nós... pelas costas, ou nós... cegos. O sr. Antonio de Alcantara Machado, o nosso Franja Junior...

dom de profecia O sr. Guilherme de Almeida pode não ser poeta. Mas que profeta, é. Num de seus prantos...

declaração Desaparecer desta seção, onde todos os domínios estão dando sua valiosa colaboração, ao movimento, o paé de minha criação, que é um dos mais influentes elementos com que contava o outro lado. Temos a revista de intimio muito contentes, que o referido lado passou para o nosso lado...

revista de antropofagia

(órgão do clube de antropofagia)

ALGUMAS NOTAS SOBRE O QUE JA' SE TEM ESCRITO EM TORNO DA NOVA DESCIDA ANTROPOFAGICA NA NOSSA LITTERATURA.

1) - "Antropofagia é o culto a estética intuitiva da terra no. É a redução, a caecação, dos ideos importados para ascensão dos lotes raciaes. É a propria terra da America filtrando, expressando através dos temperamentos vassallos dos seus artistas..."

2) - "Antropofagos não são modernistas. Para eles se torna plenamente inutil rejuvenecer uma mentalidade que não os satisfaz. Todos as nossas reformas, todas as nossas reações..."

LE BON VIEUX TEMPS

Variations de la lumiere dans un sablot de corne. Les murs en trompe l'oeil jouent une marche funebre et les treffles a quatre feuilles annoncent le beau temps...

ANTROPOFAGIA

Movimento do homem nacionalizando tudo o que a terra ainda não tinha podido negociar. Não Brasil não pode haver modernismo porque nós jamais atingimos a uma culminância que deva ser revidada.

historia do brasil em 10 tomos

Portugal viu por acaso a terra escondida e se apossou dela. A gente brasileira sentida em face daquele imprevisível não pôde imaginar o que era aquela terra. Uma ilha perdida no mundo...

europeo, do povo, brasileiro. Os antropofagos preferem ficar com este, contra aquela. Em função do mamecho, do europeizado, do bon aventureiro absorvido pelo indio, e contra a mentalidade reinol, contra a cultura ocidental, contra o governador, contra o escritor, contra o Santo Officio. E assim tem a certeza de construir, no Brasil, a grande nação brasileira.

III) - Os antropofagos não são modernistas. Para eles se torna plenamente inutil rejuvenecer uma mentalidade que não os satisfaz. Todos as nossas reformas, todas as nossas reações...

de antropofagia

de antropofagia

LEIA SEMPRE ESTA PAGINA QUE SERA' A SUA PAGINA EXPERIMENTE A SUA INTELIGENCIA expediente da revista de antropofagia 4.º numero (2.ª denticão).

correspondencia para: Geraldo Ferraz caixa postal, 1269

atletismo o brasileiroinho passou remando firme na curva do rio com um livro de Nietzsche debaixo do braço e deixo de esgoeiro pra uma alemãzinha gostosa que a mimulato magro esprema julio paternostro

descoberta uma tentativa de comércio, os civilizados traficaram, transportando para as estranhas açugas mercadorias. Mas sem método, sem grande cubica, os lusos não souleram tirar os proveitos que poderiam advir desse negocio de tão boas perspectivas.

processões e novenas de São Beltrão, onde o negro brinca de ser tambor de festa do conde. O que é, e não. Não vamos bulir com isso. Nada de discordanças nesse ponto. Já temos uma vetermaria religiosa; rezas de curar hubeira, etc. Tudo sergase, Cabem na mesma fe o ruzas da macumba e da missa do galo. Os santinhos do escapulão e a mutipatim. Póde-se até, si voés quiserem, aumentar o santoral brasileiro: Nossa Senhora das Cozimas, Santo Antonio das Mocas Tribas, Virgem Maria das Moleias. O caboto não gasta muita fe em promessas de recompensas para depois da morte. Ele pretere aqui mesmo, a formula do "quero gozá", de Oswald Costa. Respeita o padre e policia, quando é preciso. No final de contas, o que nos separa do catolicismo caetquista é a hatina, o latim, o sermão, o Santo Officio e o sinal da cruz.

III) - De tudo isso se conclue que a antropofagia é a revolta da sinceridade recalcada durante quatorcentos annos. A reação da paisagem contra o tempo. Do ingenuo contra o artificial. Da clareza natural contra a sombra da filosofia. Da terra (que é nossa), contra a estranha (de outros) ou do infimio (sem dono). Da espontanea contra a moral, a disciplina, o sistema. Da inferioridade do mestiço que trabalha...

de antropofagia

de antropofagia

Vamos lá pô putírum Putírum Putírum Eu vou lá comer tapioca Putírum Putírum Casão das farinhdas grandes Caboclas trabalham nos ralos mastigando cachimbo Chia a careira nos tachos Mandioca-puba pelos Hupis

Amor chovi-á Chuverisco Tava lavando roupa sózinha quando bôto me pegou

Me pegou na cintura... Depois o que aconteceu? Gente, Olha a tapioca embolando nos tachos: Mas que bôto safado Putírum Putírum (Outro pedaço de Cobra Norato)

do marquez de Sade TODOS OS ESCRITOS DESTA PAGINA SÃO INEDITOS. OS QUE NÃO SÃO A GENTE AVISA

era um Coligny, o almirante; Villeaignon, o pensamento protestante... E das drammas da nova terra foi surgindo a França Antartica. La Ravadiere. Claude d'Abbeville. Era o entroccho de duas civilizações no desequilibrio de uma cultura.

ilha, contra a superioridade do ariano corroido pelo vicio e pela moleza das decadencias. O Brasil prô volta no seu ciclo elementar e no predomínio dos sentidos. Criar por si mesmo a idade do instinto de que o exilado... "Somos o fruto de uma deformação inquisitorial, traduzida em português quinhentista pela violência medieval do padre Vieira, afirma Oswald de Andrade... Mas a falsificação do nosso tipo nativo havia de acabar — como acabou — pela revanche da sua integral antropofagia. E dahi essa reavidação do espirito natural a que se poderia chamar o movimento do homem, paralelo ao movimento da terra..."

O sr. Paulo Prado teve um tipo que maior gloria foi figurar como personagem principal num piffo romance português. Que coisa! A historia de Beldi perante o sr. Paulo Prado, que era um interessante rapaz, se perdeu inteiramente. Aggressivo, barbudo, com uma barba em presilha... Outro erro gravissimo de sua vida foi Capistrano. Capistrano era como esses avós que aos olhos da criança, não existiam em memoria da puberdade. E sabem cascos. Contam cascos. Com datascertez. Tudo certo. Quando nos vemos, não falamos em memoria de Clenvenau, a velhinha vem a noite de foíce: — "Isso não é nada. Minha avó, com noventa e nove annos, não morou de perfeito e perfeito de Clenvenau (José Clemente Pereira). Um colosso!"

Ano 375 da deglutição do bispo Sardinia.

PUTIRUM

Vamos lá pô putírum Putírum Putírum Eu vou lá comer tapioca Putírum Putírum Casão das farinhdas grandes Caboclas trabalham nos ralos mastigando cachimbo Chia a careira nos tachos Mandioca-puba pelos Hupis

Amor chovi-á Chuverisco Tava lavando roupa sózinha quando bôto me pegou

Me pegou na cintura... Depois o que aconteceu? Gente, Olha a tapioca embolando nos tachos: Mas que bôto safado Putírum Putírum (Outro pedaço de Cobra Norato)

do marquez de Sade TODOS OS ESCRITOS DESTA PAGINA SÃO INEDITOS. OS QUE NÃO SÃO A GENTE AVISA

ilha, contra a superioridade do ariano corroido pelo vicio e pela moleza das decadencias. O Brasil prô volta no seu ciclo elementar e no predomínio dos sentidos. Criar por si mesmo a idade do instinto de que o exilado... "Somos o fruto de uma deformação inquisitorial, traduzida em português quinhentista pela violência medieval do padre Vieira, afirma Oswald de Andrade... Mas a falsificação do nosso tipo nativo havia de acabar — como acabou — pela revanche da sua integral antropofagia. E dahi essa reavidação do espirito natural a que se poderia chamar o movimento do homem, paralelo ao movimento da terra..."

moguem

I Aperitivo

Alguns espiritos zabollos estão alarmados com a reação que o livro do sr. Paulo Prado está provocando em todo o país. É atribuído a fato a méria, a patristica da nossa gente. E entra. O que está reagindo contra o livro do sr. Paulo Prado é a inteligência nacional. O livro, é ruim, não vale um caracol, está cheio de injustiças e inverdades e é, sobretudo, indigno do experimenço e promissor talento do escritor magnifico de "Paulistida" e outras belezas de observação errada em excelente estilo de salão.

O sr. Paulo Prado é, não há dúvida, um artista, mas um artista romantico, bendor, que ainda acredita na santidad humana, na eternidade da arte e nos bons costumes portugueses. É um espirito a margem do século, candido, ingenuo, piedoso, incapaz de devovar com prazer e a goles de caum uma caneca de chocolate. A sinceridade com que ele se refere, cheio de horror, ao pecado sexual e aos "vicios nefandos" do indio não é fingida, é sincera, e isso, que faz pena. Na época de Freud, ele se fantasia de visitador do Santo Officio, fonia da palmatoria, abre o catetico e pinta o mundo da nossa terra, insistindo em meter na cabeça dele o desepcho do europeu pótre do civilização.

O sr. Paulo Prado teve um tipo que maior gloria foi figurar como personagem principal num piffo romance português. Que coisa! A historia de Beldi perante o sr. Paulo Prado, que era um interessante rapaz, se perdeu inteiramente. Aggressivo, barbudo, com uma barba em presilha... Outro erro gravissimo de sua vida foi Capistrano. Capistrano era como esses avós que aos olhos da criança, não existiam em memoria da puberdade. E sabem cascos. Contam cascos. Com datascertez. Tudo certo. Quando nos vemos, não falamos em memoria de Clenvenau, a velhinha vem a noite de foíce: — "Isso não é nada. Minha avó, com noventa e nove annos, não morou de perfeito e perfeito de Clenvenau (José Clemente Pereira). Um colosso!"

Ano 375 da deglutição do bispo Sardinia.

PUTIRUM

Vamos lá pô putírum Putírum Putírum Eu vou lá comer tapioca Putírum Putírum Casão das farinhdas grandes Caboclas trabalham nos ralos mastigando cachimbo Chia a careira nos tachos Mandioca-puba pelos Hupis

Amor chovi-á Chuverisco Tava lavando roupa sózinha quando bôto me pegou

Me pegou na cintura... Depois o que aconteceu? Gente, Olha a tapioca embolando nos tachos: Mas que bôto safado Putírum Putírum (Outro pedaço de Cobra Norato)

do marquez de Sade TODOS OS ESCRITOS DESTA PAGINA SÃO INEDITOS. OS QUE NÃO SÃO A GENTE AVISA

ilha, contra a superioridade do ariano corroido pelo vicio e pela moleza das decadencias. O Brasil prô volta no seu ciclo elementar e no predomínio dos sentidos. Criar por si mesmo a idade do instinto de que o exilado... "Somos o fruto de uma deformação inquisitorial, traduzida em português quinhentista pela violência medieval do padre Vieira, afirma Oswald de Andrade... Mas a falsificação do nosso tipo nativo havia de acabar — como acabou — pela revanche da sua integral antropofagia. E dahi essa reavidação do espirito natural a que se poderia chamar o movimento do homem, paralelo ao movimento da terra..."

adour

Nem tudo que cresce é mole - Peret.

FORÇA

revista de antropologia

MOQUEM

Olla o sol! Corre uma sombra no lombo do morro. Ha pedações de luz que já voltaram.

De repente o campanário salta como um dedo de cal.

Tudo invade a visão: esgücho

roxos dos jacarandás, atropelo vermelho dos telhados, verde-gaio na folhagem tremula.

Que ventinho moque bulindo nas folhas...

Parece que o mundo nasceu de novo.

Roseo olhar dos mamilos admirados e a harmonia muscular do abraço...

Beijo!

Freme na fúria do teu corpo a força grande da terra.

Augusto MEYER.

Yperungava

Raul Bopp.

Cachimã, pá... Antigamente (princípio assim o livro do genocídio dos nossos índios) só existia o sol e a Cobra Grande.

Quando a Cobra Grande se acordou sentiu que estava parada. Essas coisas instalam-se com uma formalidade mandante no pensamento.

Veio o jahoti para tomar parte na festa. Veio o sapo cururu. Comprade camelinho veio lambem.

Quando a festa se acabou, a moça ficou com vergonha de dormir com o noivo porque ainda não havia noivo.

Então resolveram mandar buscar o noivo que estava escondido no fundo do mato, dentro de um carroco de tuacumã.

Quando me ensinaram a história da criação nos livros do catecismo e material de educação religiosa, achei tudo ultra-pão. Bem graça.

Quando me ensinaram a história da criação nos livros do catecismo e material de educação religiosa, achei tudo ultra-pão.

Quando a festa se acabou, a moça ficou com vergonha de dormir com o noivo porque ainda não havia noivo.

Então resolveram mandar buscar o noivo que estava escondido no fundo do mato, dentro de um carroco de tuacumã.

Quando me ensinaram a história da criação nos livros do catecismo e material de educação religiosa, achei tudo ultra-pão.

Quando a festa se acabou, a moça ficou com vergonha de dormir com o noivo porque ainda não havia noivo.

Então resolveram mandar buscar o noivo que estava escondido no fundo do mato, dentro de um carroco de tuacumã.

Quando me ensinaram a história da criação nos livros do catecismo e material de educação religiosa, achei tudo ultra-pão.

Quando a festa se acabou, a moça ficou com vergonha de dormir com o noivo porque ainda não havia noivo.

Então resolveram mandar buscar o noivo que estava escondido no fundo do mato, dentro de um carroco de tuacumã.

Quando me ensinaram a história da criação nos livros do catecismo e material de educação religiosa, achei tudo ultra-pão.

Quando a festa se acabou, a moça ficou com vergonha de dormir com o noivo porque ainda não havia noivo.

Então resolveram mandar buscar o noivo que estava escondido no fundo do mato, dentro de um carroco de tuacumã.

Quando me ensinaram a história da criação nos livros do catecismo e material de educação religiosa, achei tudo ultra-pão.

Quando a festa se acabou, a moça ficou com vergonha de dormir com o noivo porque ainda não havia noivo.

Então resolveram mandar buscar o noivo que estava escondido no fundo do mato, dentro de um carroco de tuacumã.

Quando me ensinaram a história da criação nos livros do catecismo e material de educação religiosa, achei tudo ultra-pão.

Quando a festa se acabou, a moça ficou com vergonha de dormir com o noivo porque ainda não havia noivo.

Então resolveram mandar buscar o noivo que estava escondido no fundo do mato, dentro de um carroco de tuacumã.

a proposito do teatro sem nome — entrevista de Alvaro Moreyra

(Especial para a Revista de Antropologia) Oswald do Andrade voltou da cultura para o Brasil. Alvaro Moreyra...

"Teatro Sem Nome descolou-se também a partir do meu trabalho de apresentação de críticas com idéias de preservação, salvação, etc..."

"Teatro Sem Nome, porque se complete de 'artista' que sabem o que querem, não acredita em ensaístas. Depois não há meio termo. Nem estardos..."

"O dia da inauguração do Teatro Sem Nome será o dia do nascimento do teatro brasileiro. Infância. A maioria dos autores estrangeiros..."

"Recuperação e conclusão pelo 'Teatro Sem Nome' de 1935. Deglutição do bicho Sardinha. O padre Anchieta estragou a data inventando o teatro nacional..."

"Teatro Sem Nome, com apresentações de peças, não é um movimento de restauração de um teatro morto..."

"O teatro brasileiro não é um movimento de restauração de um teatro morto..."

"Teatro Sem Nome, com apresentações de peças, não é um movimento de restauração de um teatro morto..."

"Teatro Sem Nome, com apresentações de peças, não é um movimento de restauração de um teatro morto..."

"Teatro Sem Nome, com apresentações de peças, não é um movimento de restauração de um teatro morto..."

"Teatro Sem Nome, com apresentações de peças, não é um movimento de restauração de um teatro morto..."

II. — Hors d'œuvre

colocá-la" e nos intelectuais do momento... "O homem não é um animal político..."

"O homem não é um animal político..."

"O homem não é um animal político..."

"O homem não é um animal político..."

"O homem não é um animal político..."

"O homem não é um animal político..."

"O homem não é um animal político..."

"O homem não é um animal político..."

"O homem não é um animal político..."

"O homem não é um animal político..."

"O homem não é um animal político..."

DO MARQUEZ DE SADE

"Todas as idéias intelectuais estão feitas de tal modo subordinadas à física da natureza..."

"E' absurdo serem sidos postas a letra e a virtude femininas na força anti-natural de resistência às tendências que as mulheres têm muito mais pronunciadas que os homens..."

"O operário avança a sua obra e não se preocupa com o que a direita e o tempo empregado em errar..."

"O Marquez de Sade nasceu em 1710. Morreu em 1814. Dos 74 anos que viveu, 27 passou na prisão, perseguido pela família, pela religião, pelo Estado..."

"Os homens de crer que a religião possa ser útil ao homem. Tentamos boas leis, e poderemos dispensar a religião..."

"Os homens de crer que a religião possa ser útil ao homem. Tentamos boas leis, e poderemos dispensar a religião..."

expediente

da revista de antropologia (Orgão da antropologia brasileira de letras).

correspondência para: ALVARO MOREYRA caixa postal 1269

revistofolia (Folha Acadêmica), Rio, ns 5, 6 e 7.

ADVERTENCIA Diante desses resultados, é o caso de perguntarmos si a nossa moral sexual cultural vale o sacrificio que nos impõe.

Quando todos sabem que o bom é bom já ali tem o máo. Porque o sér e o não sér se engendram reciprocamente.

Quando o bicho que foram buscar a noite abriram o fruto do tuacumã, não houve punições nem amonestações.

Quando o bicho que foram buscar a noite abriram o fruto do tuacumã, não houve punições nem amonestações.

Table with 4 columns: País, Taxa de analfabetismo, País, Taxa de analfabetismo. Rows include Alemanha, Inglaterra, Suécia, etc.

Quando o bicho que foram buscar a noite abriram o fruto do tuacumã, não houve punições nem amonestações.

miss macunaima

Passageira do gaiola "Caicara", esteve ontem em Natal, durante algumas horas, a primeira representante da antropologia feminina no Brasil.

Quo impressões poderá nos dar de sua viagem? Antes de tocar o fim dessa entrada pela grande Colônia do Rio-Brasil quer dizer quem sou e de onde venho. Morou na confluência da verde Soroa com o Preto, minha estreita região simétrica descendida pelo vale-te-specie Apurynan.

O meu nome primitivo estava em dilecto tupy-secy; por isso, quasi impossível de ser compreendido. Está escrito em um pedaço de uma nuclachita, hidroscida das mais longínquas malocas, quando fui forçada a me esconder durante a noite de dois dias igapos como se fosse um carvão de tucuman.

Para ganhar a noite era preciso cantar o meu corpo com tribulação e rezar emborçado nos mistos de Buda. Tempos depois, surgiu na planície a figura exótica, de um aleão, o alemão Theodoro Krock Krackler, que logo conquistou a amizade dos Corirri em troca de anzões e botões de vidro, em companhia dos pro-rios Indios, o alemão Theodoro conheceu em dez anos mais de a ração dos Pamarys, Macris e Tuvucas, curumim a gente de impudalismo e ensinador o linguajar do estrangeiro.

Na exploração que fizeram alcançando o Xingú, conheci a gentil maloca no coração por um moço brasileiro com quem linguaguei muito escançada na velocidade. Foi esse que me ensinou muitas coisas, sempre consultando a uma mulher complicada e renitente a quem chamavam de Grammatica.

Passai noites inteiras triturando os syntaxes, adverbios, substantivos, períodos, virgulas, parenteses, artigos e pronomes que eu gansegava muito mais que espigas de peixe d'agua doce. Soube, então, que havia um poço muito bonito, atulhado de montanhas, de rios enormes, onde as mulheres faziam que nem as tapuyas, lambuzavam e cara de apêlido e espirritavam os homens.

Que sentido teremos de dar a sua viagem 12.º número (2.º denteição)?

Por tudo! Eu venho vindo, nuna "desceição" antropologica, por esses rios fisicos feroces de porque me ufano nacional, indolência para chegar a Galvesiana, fim de não perder as comiditas. Desde que todas as tribus que vieram da planura dos Andes, dos wigwams romanos, das aldeias da Patagônia dos elfos do Rio Negro, das terras róxas de Piratininga, do sepulho dos Cataguzes, das pyramides

Recostada ao longo corrimão todo crispado de cogumelos, a Indígena espriitava o panorama da cidade de Natal, quando os nossos passos, transmutaram-se o geirão caracteristicamente sel-

expediente da revista de antropologia (Orgão da antropofagia brasileira de letras)

12.º numero (2.º denteição)

director do mez: RAUL BOPP

correspondencia para: GERALDO FERAZ

caixa postal, 1269

Quo impressões poderá nos dar de sua viagem?

Antes de tocar o fim dessa entrada pela grande Colônia do Rio-Brasil quer dizer quem sou e de onde venho.

Morou na confluência da verde Soroa com o Preto, minha estreita região simétrica descendida pelo vale-te-specie Apurynan.

O meu nome primitivo estava em dilecto tupy-secy; por isso, quasi impossível de ser compreendido.

Está escrito em um pedaço de uma nuclachita, hidroscida das mais longínquas malocas, quando fui forçada a me esconder durante a noite de dois dias igapos como se fosse um carvão de tucuman.

Para ganhar a noite era preciso cantar o meu corpo com tribulação e rezar emborçado nos mistos de Buda.

Tempos depois, surgiu na planície a figura exótica, de um aleão, o alemão Theodoro Krock Krackler, que logo conquistou a amizade dos Corirri em troca de anzões e botões de vidro.

em companhia dos pro-rios Indios, o alemão Theodoro conheceu em dez anos mais de a ração dos Pamarys, Macris e Tuvucas, curumim a gente de impudalismo e ensinador o linguajar do estrangeiro.

Na exploração que fizeram alcançando o Xingú, conheci a gentil maloca no coração por um moço brasileiro com quem linguaguei muito escançada na velocidade.

Foi esse que me ensinou muitas coisas, sempre consultando a uma mulher complicada e renitente a quem chamavam de Grammatica.

Passai noites inteiras triturando os syntaxes, adverbios, substantivos, períodos, virgulas, parenteses, artigos e pronomes que eu gansegava muito mais que espigas de peixe d'agua doce.

Soube, então, que havia um poço muito bonito, atulhado de montanhas, de rios enormes, onde as mulheres faziam que nem as tapuyas, lambuzavam e cara de apêlido e espirritavam os homens.

Que sentido teremos de dar a sua viagem 12.º numero (2.º denteição)?

Por tudo! Eu venho vindo, nuna "desceição" antropologica, por esses rios fisicos feroces de porque me ufano nacional, indolência para chegar a Galvesiana, fim de não perder as comiditas.

revista de antropologia

Orgão da Antropofagia Brasileira de Letras

Da L. N. 1269 DO SYLVINO OLAVO. — PARRAYHA

Estot symposiandico danadamente com a "Antropofagia" de vocês, e cá por essas lantias lambem praico o meu credo.

Cada um serve a deus como pode. João Pessoa é meu mestre. Zedmerico meu concidipico de curado. Armado de metralhadora de lufares cannibales (4 rivela) para ele. O telegrafista meu mente o meu cambale. E só vivo cabirem na minha frente polio "reconhecimento de servicos".

depois de uma longa mastigação de proventos, adulladores, engrossadores capazes de arranjarem a cada governo uma ajudida eitum Bay e fallam em "democracia" em "sagrados principios" e outras manobrelhas de usada velhocracia nacional.

De Nelson Porto, director do Gymnasio Mineiro (Uberabinha).

Mãe vai o meu senhor, de quem resistente. Elle leva um abraço e a missão de paz de nossa tribu. Pego a voz que mandam para a minha cabeça a voz de antropofagias, porque "Lavoura e Comercio" de Uberaba vai ser diario e o seu director, meu amigo Quintiliano Jordim está com as melhores symphonias para acaluar esse movimento de novas verdades.

DO RENATO SOLDON. — FORTALEZA.

Na minha terra eu pretendia escrever a vocês. Eu sou o Renato Soldon. Moro na rua 94 de Mossoró 215. Aqui na central tive a honra de escrever para a revista de antropologia que se deu no dia do meu anniversario, 17 de Janeiro de 1929 com um fradezinho de nome Gustavo de "POVO", fuma de onde sabe Marajá. (Tomem nota do dia do meu anniversario: Isso é importante.)

Naturalmente já avisavam vocês da fundação da "Tribu Cearense de Antropofagia" sociedade de gente de bem, que prefiro brevemente o passadismo abandonado e missanquismo da glória dirigida pelo Zezeicozo.

Como vocês deviam saber ultimamente em nossa terra tem havido o mal chamado de "história nativa" (muito mais) que as frases das ultimas eleições? Imagina que uns descepcionados tiveram a ideia de escrever um dia do nascimento do alencar, lugar e nomes das coisas d'elle. Sabem o que succedeu? Descreveram que o illustre cantor da fracem: é filho de padre. Tinha nascido no Ceará em Fortaleza e seria (Ceará descendente directamente da Santa Madre Igreja. Que calporismo não é?

DE HETTOR ALVES (Itanhanda) Sul de Minas)

Um apertão de costellas. A revista que agora para com gente que nem s'eu. Mas, estou nuno e não vou chegar a mãos. Estamos preparando um jantar antropofagico para o proximo mez. O prato principal: pinhão dentro de dois meses e (comal) está bem alimentado. Então teremos a nua "baecida". O gordissimo Schmitt já se pegou com o Paulo Tschin. Um certo sacre arate com um merço Curreira brabal netou apontando ao "beduino".

Alagadilo — Maio, 929.

do Antonio Sales pra sós Bopp amigo.

Tenho recebido e transmitido prontamente aos carterovos daqui o que lhes mandam por meu intermedio os antropofagistas de S. Paulo.

Mas, estou nuno e não vou chegar a mãos. Estamos preparando um jantar antropofagico para o proximo mez. O prato principal: pinhão dentro de dois meses e (comal) está bem alimentado.

Então teremos a nua "baecida". O gordissimo Schmitt já se pegou com o Paulo Tschin. Um certo sacre arate com um merço Curreira brabal netou apontando ao "beduino".

Alagadilo — Maio, 929.

UM POUCO DE ESTATISTICA

o Brasil tem 851.118.900 hectares. Deses somente 175.104.675 estão sendo aproveitados pela agricultura ou pecuaria.

Destes ultimos, 168.989.517, fazem parte integrante de grandes propriedades, ficando, para as pequenas, 6.115.158.

o valor médio, por hectare pertencente a brasileiro, vale 57\$000; pertencente a estrangeiros vale 106\$000.

grande premio na exposição

12.º numero da 2.ª denteição

O compartimento do toura era proximo ao do telegrafista que estava a seu serviço. E chegou arrojado da Exposição e passou pela cidade antes de recolher-se a vida privada.

Eu subi a cerca de taboas e me coloquei no junto em que melior pudesse enfocar esse lindo animal. Era um touro novo e turbilento. E eu, minha crinca fanzina. Ao lado dele movia o que me tinha o casco doente e o chifre mutilado e que, não podendo mais lutar contra as cravaluras, acompanhava com interesse as proezas do filho. A cerca de taboas utilizava as cravaluras que o grande premio meciava contra mim.

Eu estava polido como um anão de finta. Toda a fazenda estremeceu. As pastagens ficaram vazias de milho. O telegrafista, a melhora da subitão, deixava caber o tamanho uma fita inter-vaes. Ele guardara até ao fim da vida esse sacrodo de os agripianos. A fita tinha essa inscrição: "Josephina Josepha Joseph".

O touro subiu correndo até ao topo como se fosse para Greis. Depois, levantou canas de recém-passados, e uma novilha horivel tornou os rumos do telegrafo sem fio.

Depois, não sei bem o que se passou. O animal animal pelotas nem segundo, taboas, ração e telegrafista subiram juntos para finta. Toda a fazenda estremeceu. As pastagens ficaram vazias de milho. O telegrafista, a melhora da subitão, deixava caber o tamanho uma fita inter-vaes.

Ele guardara até ao fim da vida esse sacrodo de os agripianos. A fita tinha essa inscrição: "Josephina Josepha Joseph".

O touro subiu correndo até ao topo como se fosse para Greis. Depois, levantou canas de recém-passados, e uma novilha horivel tornou os rumos do telegrafo sem fio.

HANNIBAL MACHADO

ANALFABETISMO LETRADO

O sr. Mario de Andrade declarou ha tempos que o sr. Menotti da Picchia é "o dâ de peito da imemorancia nacional".

Está errado o sr. Menotti do Piccolo é a Tosca. A Tosca do nosso analphabetismo literario.

Tudo o que ele zafatonha é por ouvir dizer. E assim que a sua cultura arcaica se enrosca ás vezes em afirmações desta ordem: Max Jacob é surrealista. Ora qualquer homem antropofagico sabe que Max Jacob é um dos escriteiros actuaes mais atacados pelos surrealistas. Se for preciso, Péret que se acha aqui e que já fala portuguez, informará que a sua escola parisiense — de que é um dos chefes — não podia, como quer o vate italo-mineiro, estar em moda em São Paulo ha quatro anos pois nessa época que appareceu em Paris e lá como aqui nunca esteve em moda.

Outra coisa de que Menotti precisa é aprender a escrever certo o nome do filosofo inglez Bertrand Russell e o dos perfumistas francezes Roger & Gallet — perfumistas muito comuns nas cantinas da admiração provinciana do ardoroso poeta fascista. Elle teima em chamal-os de "Roger et Sallet".

Não é a não que Gutierrez de Almeida denunciava ha tempos que o fillo Dante de Itayira andava querendo comprar uma baratinha Remington. E uma vez, em alta voz, num bar, pediu ao garçon que lhe servisse "Soda-Watermann".

FREUDERIC.

histoire toup (D'ESPALZIN HO BRA NOS)

Derrière les paravents d'une coquechule atlantique, Sémerast se maintenait engoulé. De d'affaires élastiques pour forger des idées si attendrissamment entrecées.

Sémerast était bon, gangon, nageur furibond, manger épiche, courir sautillant, sautillant, se disant il le zeste de sa civilisation palimpseste. Il sentait la coca pour l'avoir miche des lever les dents avec des huiles fraiches.

Ca n'envalait guère l'odeu mais ça lui promulvait une forte haleine de savon au goudron. Il lui importait peu de par hasard se trouver amoureux d'une minette histrée à l'ouroueur. Il allait la trouver avec un bouquet de bettes, et il se faisait, en sa qualité de homme, un certain vol de honneur. Ses amours élaient hors à ficher le distone. Un jour c'était d'evillé de son assommement contumier sémerast fit avec Bé mol un mariage platonique.

Après dix retours de centi, Bé mol, avant aceser da va é vient de son itoneca, fit un raid du côté du Mont-Pascal, bien loin de leurs harnes.

Là has, elle vit Manloc, et des papiers.

d o l o u r São Paulo.

drama cristão

O pae da menina facilitaram. Desceudo o novo com ela, até ás 11 do noite Ambos sózinhos no caramanchão.

Uma tarde, pela hora da Janta, deus-e o alarmo: Chorando, ela confessou tudo, tudo. A mãe teve um chiquele. Veio gente da vizinhança. Depois veio o commissario do distrito.

O pae, com gestos energicos, monologava na varanda: — "Agora tem que casar!"

No outro dia, entre véas e fileres E não sól que lutava nas vidraças da Delegacia Tive lugar a cerimonia Escorada pela policia.

Estava salva a honra da familia! O pae continuou lendo o "Journal do Comercio" e hora da refeição O genero voltava do jogo pela madrugada. E a filha começou a frequentar as casas de "reacões yours".

JACOB PIM PIM (Do livro a sair: "Aim, seu Mãe") a duvida entristece. E é preciso matar as razões de duvida. Pontes de Miranda.



Advertisement for Caflaspirina medicine, including text 'Foi o unico remedio que lhe deu alivio...' and 'A Caflaspirina é a mais rápida e eficaz...' and an illustration of a person in pain.

Advertisement for Cerodont toothpaste, including text 'OBTURE A CARIE COM CERODONT' and 'PH. "S. LOURENÇO" Alameda Barão de Limeira, 88 - S. PAULO'.

Advertisement for 'UM POUCO DE ESTATISTICA' with text 'o Brasil tem 851.118.900 hectares. Deses somente 175.104.675 estão sendo aproveitados...'.

Advertisement for 'drama cristão' with text 'O pae da menina facilitaram. Desceudo o novo com ela, até ás 11 do noite...'.

TARSILA DO AMARAL ABRIRA, NO DIA 20, NO RIO, SUA PRIMEIRA EXPOSIÇÃO NO BRASIL

QUATRO POEMAS DE MURILLO MENDES

(Especialmente para a revista de antropofagia)

CANÇÃO DO EXILIO

Minha terra tem macieiras da California onde cantam gaturamos de Versailles os poetas da minha terra são pretos que vivem em torres de ametista os sargentos do Exército são monistas cubistas os filozofos são polacos vendendo a prestação a gente não pôde dormir com os oradores e os pernilongos os sururus em familia têm por testemunha a Gioconda em morro sulocado em terra estrangeira nossas flores são mais bonitas nossas frutas mais gostosas mas custam cem mil réis a dúzia ai quem me dêra xupar uma carambola de verdade ouvir um sabá com certidão de idade!

Rio, 1924.

CARTÃO POSTAL

Domingo no jardim publico pensativo consciencias corando ao sol nos bancos bebês arquivados em carrinhos alemães esperam pacientemente o dia que poderão ler A [Escrava Isaura] passam braços e seios com um geitão que si Lenine visse não fazia o Soviete marinheiros americanos bebedos fazem pipi na estatua de Barroso portugueses de bigode e corrente de relógio abocanham mulatas o sol afunda-se no oceano como a cabeça daquela menina sardenta na atmofada de ramagens bordada por Dona Co [cota Pereira].

Rio, 1924.

VOCAÇÃO

Não quero o amor universal não amo facil decorativo dos séres além dos meus limites quero a vizinha ao lado do meu quarto quero gostar brutalmente das criaturas que estão perto de mim. Si as meninas de 16 annos sobessem e os filhos caízes de salmistras bebodes gostaria por exemplo de trabalhar como revisor num jornal pra sustentar a Irman tuberculosa da minha pequena (e tanto que a pequena fosse o tipo da bôa!).

Rio, 1928.

NOVA CARA DO MUNDO

O cometa de A'lei vae passar toda a cidade acorda pra ver o cometa ele é enorme e fabuloso destrõe cidades pensamentos de omem. O mundo mda a cara quando ele passa e meninas desmaiam no fundo do sertão. O cometa passa e arrasta um pouco da minha alma. Fiqui triste, triste, jururu'. Em vão minha tia Vifênha Amalla Monteiro de Barros renete no piano com tanto sentimento a valsa Transiberiana, meu xodó naquele tempo. Qual valsa, qual nada! O cometa me traz o anuncio de outros mundos e de noite eu não durmo atrapalhado com o misterio das coisas visíveis. No rãbo imenso do cometa passa a luz, passa a poesia, todo o mundo passa!

Rio, 1929.

Jorge de lima Temos o prazer de informar a nossos presados leitores, que o poeta Jorge de lima está em São Paulo. Realizador de poemas que a gente lê se babando de gosto, Jorge de lima é simpaticissimo de antropofagia. Nos deu para publicar o poema que segue.

MIGRAÇÃO

JOÃO NORDESTE acordou cedo, de manhãzinha. Chapelão no cocuruto, roupa de brim, borzeguim de vaqueta. Adeus, cachorrinho Delegado! Adeus, cavallinho, "Dois Contigo"! Adeus Cana! Adeus minha Serra! Adeus, tudo que não aprende a chorar! João Nordeste leva a sua Zefa e a sua viola. João Nordeste vae embarcar para São Paulo!

de antropofagia

sobre as canelas finas dos conquistadores. Gostosa, comam, acharam eles essa carne. Por isso mataram nós, para mantimento.

No Brasil tem beijó, patanari, kaviri, caraqueijo, pimenta, festa. O roupeira é que esbragava tudo. Foi por isso que comemos o roupeira. Com as onze mil virgens, as labias do padre Vieira e as indulgencias dos reis portuguezes.

O movimento antropofagico veio na hora justa e oportuna que era uma nova conquista espiritual se ensaiava, matrieira, nestas terras libertinas da America.

Regimos contra a cultura de importação, contra o Intelectualismo besta do Ocidente, contra todos os cacetes mentais da Europa pódre de civilização. O heroe Poronominare matou 1935, sem a cabeça. Cunhambebe enlutou os doze pares de France. Por toda parte o boré sou, eha mandado os povos para o moquém s'lvaguo.

Sobretudo regimos contra a moral convencional, a velha moral que hoje no mundo inteiro mesmo na Europa romana se quebra. Não existe na hipocrisia coarhete de meia dúzia de pasticheiros fora d' seu tempo e sem raizes na terra genuína que lhes deu agasalho.

Contra, portanto, as forças de convenção, de acomodação, de

excuse de l'homme a se regar de son scullalage, que le cannibalisme a pour origine des causes strictement alimentaires. Meme dans les pays ou par la suite il devint rituel, il est à sa base la nécessité de vivre.

Le x. l'orateur Chaillet-Long, qui parcourut en 1875 la region habitée par les Nyams-Nyams, au nord-est de l'Oubanghi, raconte que les peuplades de ces contrées forestières sont contraintes de faire la chasse à l'homme parce qu'elles ne possèdent pas d'autres gibiers, à part, de loin en loin, la caracé d'un éphant, et qu'elles n'ont à consommer, en fait de végétaux, que des bananes.

De la banane qu'on récolte au Congo, est d'un valeur nutritive assez inférieure. Ou l'appelle nul sans mépris "bâton de cosmétique". Un homme peut subsister à condition d'en manger environ kilos ne nourrirait ne correspondrait pour lui qu'à 2.100 calories environ, ou 30 grammes de protéine, alors qu'il en faut 60 grammes par jour a un travailleur.

Aussi les tribus réduites au régime des bananes doivent-elles chercher ailleurs leur supplément d'azote et un apport de matières grasses. Elles les trouvent dans l'anthropophagie.

En regard de ces populations à l'état permanent de sous-alimentation — malgré la fiction planétaire de leur ventre prodigieux — A. de Préville, dans son livre Les Sociétés Africaines, nous montre les habitants des savanes traversées par les cours d'eau. Ah! eux-là ne sont pas ou tout antihèles!... Pourquoi? Mais tout simplement parce qu'au outre, du manioc et des patates qu'ils cultivent, ils ont à leur disposition la merveilleuse ressource du poisson.

Et observez le côté moral de l'histoire: c'est surtout depuis que nous avons colonisé leur continent que les noirs travaillent, et que l'expression "travailler comme un nègre" s'est insérée au vocabulaire.

Je tends votre réponse! Si l'on peut manger de l'homme, justes dieux! Mais non, on ne peut pas! C'est défendu! C'est contraire à toutes les lois, à la morale la plus élémentaire, c'est... D'accord. Mais vous n'y êtes pas, et ce n'est point ainsi que j'ai voulu poser la question. Point de s'agit de philosopher. Vous avez tous la même foi l'information répandue ces temps derniers par la presse: une éffarante accusation portée contre deux Italiens, échapés au naufrage du dirigeable "Italia". Perdus sur les glaces du Pôle, sans vivres, à bout de forces, après la mort de leur compagnon, le naturaliste norvégien Malmgren, les infortunés Zagari e Mariano auraient mangé le corps de Malmgren!

La valeur et le caractère de deux hommes mis en cause rendait déjà la calomnie invraisemblable, et de fait, l'enquête en a démontré la complète inanité. Mais puisque cette question de l'anthropophagie, vieille comme le monde, est revenue à la surface, profitons-en pour la regarder d'un peu près, malgré notre instinctive répugnance.

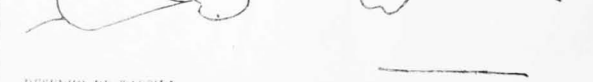
PROBLÈME D'ACTUALITÉ

Quoi ou non, peut-on manger de l'homme? Je veux dire au point de vue alimentaire, peut-on se nourrir avec de la viande humaine. Est-elle assimilable? Ou, au contraire, cette alimentation mettons nous briserait-elle dans notre organisme le rôle d'un de ces poisons lents, mais sur qui existe une manière le panthion shakspearien et infirge par la nature violente?

Hélas! avouons-le, l'homme constitue pour l'homme un aliment parfait. Tous les voyageurs qui ont pu se trouver en contact avec des indigènes anthropophages déclarent à l'unisson qu'ils trouvent les signes d'une santé robuste, à côté de tribus voisines non adonnées au cannibalisme. Il faut savoir, car c'est la seule

revista de antropofagia

Orgão da Antropofagia Brasileira de Letras 14. numero da 2. denteição



DESENHO DE TARSILA

historia em branco do coré... coré.

por João Calazans (Do Clube de Antropofagia do Espírito Santo)

Giby tinha mãe mar: não tinha pai. Se tinha, ninguém não conhecia. Nem eu. Era um moleque creado na vadiagem das estradas. Tinha a cabeça rímbria e roliga de um geriquitim. E us palcos, das mãos eram de barro.

Médicos de sofista, Giby afrontava a serenidade das matas com medros nos sábios. E das aguas da lavão sua com canoinhas de lamaca e pelotas doidas nos corés dormindo.

Tinha o exército mudo dos mandandins nas narrativas secas do Sacy Pereré. Assobiava em a malandro. Marcos e trace labramen, fôa a vista visse se ombar na agua da bacia deixada no terreiro pelo banho de Maria Rosa.

Coré dormindo. Giby pelotava na calçada dele. E o danado se acordava lá sabando não era a casa do rímbria. Bolta na agua molhada de lama e soprava bolhas de vento que esvoaçavam no eua dos mosquitos. Giby ria satisfeito.

Sabô não chorava mais manhãinha pra cantar ali. Tinha medo da esfolação dele. Sibô Filomena discutia em a mãe de Maria Rosa. Bolta na agua molhada de lama e molhava pé de coré em penca. Giby — negro desgraçado — vá dar pedrada na casa de sua mãe. — Flau... E capinava topando rapido o caminho da casa.

Mancel vaimeira contou lula me sabia de ascombrã. Até da dentada que coré deu no pé da malhadinha que morreu logo. Coré morri... Não tinha conversa. Se podia logo fazer a plantação do morrido... Giby não acreditou não e riu correndo pra beira do rôlo de taparas.

Coré estava contentando: Co... ré... Co... ré... Olha o pé... né... né... Giby pelotava mais e que não deu conversa. Nem soltou bolha pra malar mosquito. Giby tinha raiva dele. Era bater canoinha nagua coré virava...

A pata se banhou na agua de Maria Rosa. O Oninca fez catinão e a moça não sofreu. Mas deuavis cantando bem perfundo das lamacas... émo fabricavam canoinhas pro negro — coré namorando... Não houve estímulo. Giby chorando teve pena do noivo de Maria Rosa.

Coré se casou no fundo do correço manso com a mãe do sapo-muro. Pelotada do negro matou mulher d' coré. Vingança. Coré se demou. Contou corren lo alor do pé-preto do moleque até que negou e de cansado coré morreu... Depois se confundia Giby com Sacy Pereré. Ele acreditava agora pulando senvergonha com um péz-nho só...

COMBINAÇÃO DE CORES

Verdamarelo Dá azul? Não: Dá azar.

Jacob Pum-Pum

calabaire des occidentaux. Nous venons donc incidemment, à ces, une cause de prohibition de l'anthropophagie? Diable! Le résultat serait étrange. Heureusement, il n'est qu'apparent, et nous fournirions aux noirs assez nombre de conserves pour qu'ils puissent sans inconvénients jouir des bienfaits de notre civilisation!

S'il fallait écrire un précis de cuisine anthropophagique, on élaborerai de par les cinq parties du monde une infinité de recettes — à faire partir de plusieurs plus importants gastronomes.

Un chef néo-zélandais disait au voyageur Harle: "La chair lu main, est tendre comme du papier". Mais à en croire un rapport fait par M. Magonel en 1885, devant la société d'Anthropologie, les Cannaves trouvent le blanc "trou salé". Qui d'entre nous songerait à s'en plaindre?

Les paumes des mains et les langues sont réputées les meilleurs morceaux. Question de goûts, de couleurs, de latitudes. Aux îles Marquises, à l'époque ou l'on dévorait les prisonniers, les yeux étaient aux guerriers parce qu'ils contiennent l'âme, surtout l'œil gauche; le cœur aux dieux, et le foie aux chefs. En Europe, saint Jérôme nous révèle que les Écossais primitifs, qui étaient anthropophages, avaient une préférence pour les seins des jeunes filles, et — révérence par leu pour le fosses des adolescents.

Quant aux accommodements et aux saucis, ils sont innombrables. Dans le Pacifique, le comte Balthazar, de l'expédition de Talma, en 1901, cuire de la viande d'homme avec des taros et des ignames. Il put, pressé par la faim ou la curiosité, manger des légumes, ce pot-au-feu, mais il laissa la viande. Et à Sumatra, les Pattas mangèrent les criminels à la viande. Si vous plâtiez.

Qu'en dites-vous, à Carmon-ki, à Paul Rehoux? (Do Journal "Progrès du Nord"). M. R.

santo officio antropofagico

O Santo Officio Antropofagico não funciona neste numero por falta de espaço. Ele, porém, ainda não perdeu a pista dos am... do alheio, que, pe... pela gola, vão fazer des... a sua frente seus inocentes "descuídos".

EXPEDIENTE Este é o 14.º numero de Revista de Antropofagia (2.ª denteição) Vosso director é o Raul Bopp. Gerardo Ferraz secretario de red. Correspondencia: Caixa postal: 2169

Chesterton.

carta do poeta de "Catimbo" telegramma de congratulações a antropofagia em marchal

Recife, 2 de julho de 1929.

Meu caro Oswaldo Costa,

Recebi sua carta amiga e apressmo-me em responder-la. O "programa antropofago" é, na sua orientação profundamente nativista, o meu "programa" já esboçado em "Catimbo". A minha solidaria, pois, com Você, seria fatal da vista da unidade de pensamentos, e mais que isso — da unidade de sentimentos.

Quebra, portanto, dessa solidariedade não será dizer-lhe, afim de evitar explorações, que aquela minha admiração pelo alto espírito orientador de "Moquem n. 22" não importa em solidariedade total com todos os pensamentos nêllos contidos. Assim, eu não posso dar minha solidariedade ao que Você diz sobre o "Macuinama", chamando-o de lendas amazônicas coligadas por Amorim e copistas na sua adorado linguagem poética.

Não. "Macuinama" é um maravilhoso sonho de mil e uma noites do Brasil. Não são somente lendas brasileiras o que Você encontra naquelas páginas encantadas!

Pelo contrario: o espirito nordestino passou o pensamento do autor no papo, e, por isso talvez, Você do Sul, não tenham podido hem interpretar-o.

Felizes essas constatações que me dá o dever de ser sincero e confesso: mesmo, espero que Você terá de reconhecer as mesmas paginas da Revista que tão generosamente me acolheu.

Gratissimo, assisto-me seu do coração ASCENSO FERREIRA.

resposta a Ascenso Ferreira

A sua carta, Ascenso, não tem nenhuma razão de ser. É uma carta de sentimento, coisa para além da antropofagia. Eu que sou de Pernambuco, graças a Freud, a Jesus de Pirapora e a Eclhu, Nesse ponto — veja o perigo de certas generalizações — não tenho de acordo com esse cretino do "Cada literatura não vale uma linha amaldiçoada". Eu que sou de Ascenso, porque você tem talento, porque você é um grande poeta, porque você escrevia alguns dos mais gostosos poemas brasileiros que até hoje tenho lido. Mas se um dia você ficasse morto e desse para imitar Bécot e Vicente de Carvalho — ou Mario de Andrade — eu deixaria de querer que um você e não teria outro remedio senão deixar o amigo com a maior ferocidade possível. Mario se colocou na posição de mestre diante de você, que ele considera discípulo e maternalmente aconselha com a brandura mais católica deste mundo. Ora, que você desdote "ele"? Que você desdote o Jorge de Lima? Que desdote o Jorge Fernandes? Nada. Pelo contrario, é a você que ele deve a sua obra. É a você que ele exibe aqui no sul, reclinadamente. Mario se o cosmético da poesia nordestina. Ora eu ardeio a exibir a revista "Catimbo" de "Negra Fala" e daquele serlepe "São Paulo" que não Paulo que não Paulo, mas a obra de Mario não vale o Inácio da Catiguera. Você não está de acordo? Foi assim essas revistas, as bestas do autor de Escrava que não é Isaura — que você encontra-

RIO, 18 (Serviço especial da Revista de Antropofagia) — Tarsila chegou hoje e abrirá, depois de amanhã, sua primeira exposição no Brasil.

Quem quiser ver os quadros della até o dia 30 vá no Palace Hotel.

tarsila chegou

RIO, 18 (A. B.) — Chegaram hoje ao Rio Tarsila do Amaral, Oswaldo de Andrade, Paçu e Aníbal Mallat. Os foram recebidos cordialmente, na estação Pedro II, por um grupo de intelectuaes.

"O Globo" assm anuncia aos cariores a presença de Tarsila.

"Tarsila! O bello e harmonioso nome, que se repete com prazer, vem ser muitas vezes dito e escrito, durante duas semanas. Tarsila chegou hoje ao Rio e já está vista e um anúncio agradável. Mas, ainda mais agradável é saber que Tarsila, pela primeira vez, realiza uma exposição no Rio. Para os que conhecem a artista brasileira, a quem Paris saudou com effusão, há tres annos atrás, a noticia de que ella se resolve, finalmente, a apresentar no Rio, as mostras de sua arte, é, mesmo, a mais agradável noticia. A sua "maneira" nitida, tão ríca e tão suggestiva, animada e plena de "humor", afirma alguma coisa que é também a afirmação da nova phase brasileira, dando a segurança de que afinal livramos os nossos homems da velha capa de romance, com que estavam a representar um papel de eufemismo. Tarsila participa do momento novo. Tarsila traz consigo uma claridade de vista. Algumas das suas telas já mereceram lugar de destaque, na moderna pintura. E ella, que hoje nos chegou de São Paulo, merece pessoalmente a festa do dia de luz que a acolhe de manhã, na estação Pedro II, onde muitos amigos aguardavam, para dizer-lhe o prazer de vê-la no Rio".

Como poeta, Mario tem qualidades muito deliciosas. É realista, é um escritor que é professor do Conservatorio, que escreveu um Compendio de Historia de Musica, que faz critica profissionalmente, que escreve o jornal de Art Vivant, e deixa o não consegue deixar de explorar dentro dele o negro homo que ele quer inutilmente esconder por meio da Santa Mãe Igreja. E esse samba — como observou Oswaldo de Andrade — que faz gostosas certas coisas dele. Na obra dele, portanto, si não me interessa a parte doutoral, pedante, falsamente erudita, a parte do branco superior do coro de Santa Efigenia, me interessa a parte-bode, que é ás vezes de natureza irregular. O que me interessa, exatamente, é que Mario reconheça o bode. Quanto ao não — Macuinama inclusive, não vejo aonde se possa desdote o reivindicado para o movimento antropofagico, dizendo que ella era a Odessa brasileira — eu estimo. Nenhuma razão, desse modo, assiste ao seu desabafo sentimental, meu querido Ascenso. Ele serviu, cretino, para firmar a nossa solidariedade com a Antropofagia, onde você foi recebido com a satisfação que merece o seu grande. Não desdote. Não me morda a obra de Mario não vale o Inácio da Catiguera. Você não está de acordo? Foi assim essas revistas, as bestas do autor de Escrava que não é Isaura — que você encontra-

na estrada O cerebro é o parasita do organismo... O craneo dolicocephalo é sempre a mesma coisa, chatissimo. Massas massicas de especie homem se deslocam como os bizones nas savanas do Mississippi. Mas o homem é primitivo, menos possibilidade de afastar-se das leis da natureza. A natureza está botando o carvão das iléas. O embolo das secreções internas vem tocando a machina do homem... Botafogo machinista. Botafogo machinista... ADRIALO PATERMente a festa do dia de luz que a acolhe de manhã, na estação Pedro II, onde muitos amigos aguardavam, para dizer-lhe o prazer de vê-la no Rio". (Matheus — B. XI, 12)

PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE ANTROPOFAGIA

Algumas teses antropofagicas

Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade, mais alguns modernistas, entre elles Paçu, Aníbal Mallat, Waldemar Reisner, que seguraram ante-hontem pelo trem azul, para o Rio, vão fazer agora, ali, com Alvaro Moreyra, Hamal Marão, Jorges de Guimarães, Jorge de Lima, Julio Paternostro, Sinilo, Jurandir Manfredino, o pintor Cezar Dias e o futurista Pontes de Miranda, a inauguração do Primeiro Congresso Brasileiro de Antropofagia, a se reunir em fins de setembro, naquelle capital. Dentre as teses que o Clube dos Antropofagos de São Paulo submeterá a discussão do Congresso se contam as seguintes: I — Organização da arte. II — Sentença indeterminada. Adaptação da pena ao delinquente. III — Abolição do titulo morto. IV — Sentença indeterminada. Adaptação da pena ao delinquente. V — Abolição do titulo morto. VI — Sentença indeterminada. Adaptação da pena ao delinquente. VII — Arbitramento individual. VIII — Nacionalização da imprensa. IX — Supressão das academias e sua substituição por laboratorios de pesquisas. (Outras teses serão posteriormente incluídas).

a mancha dos inocentes

Nós precisamos sair o Brasil. E trazer as fronteiras. Invocar o espirito de Herodes e fazer a mancha dos inocentes. O Brasil é a terra dos inocentes. Se tal povo está destinado a servir de pasto a todas as pragas estrangeiras — não será melhor morrer logo, administrativamente? Do que morrer por força de concessões, como aquella do Ford? Todos os organismos reagem quando lhes entram o antigo. O Brasil, não. Bate palmas. Goza. Elngia. Não tem febre. Por que? Por causa dos inocentes. Logo: clã da meia noite! Malhar os inocentes e resuscitar todos os desconfortos, que morrem de velhos. Poderemos evitar que os brasileiros se criem inocentes? É claro. O gesto é fazer brasileiro intuitivo. Como isso que nós e as listas estamos fazendo. Você não está vendo? Qualquer grilo nosso ajunta povo e povo fixe-fixe. É uma especie de mobilização para a guerra a terra da guerra. ANTONIO GARBIDO (Batuta do Ceará)

tocando na mesma inubia

Voçes, da "Antropofagia", não adivinham a como a gente está satisfeita. É assim mesmo que nos queremos. E é assim que a coisa teira de sair. O sul chamando o sul. Convidando-o para a luta. Assanhando as energias moças do lado de cá e de lá. Movimento assim é que é. Esforços conjugados. União das duas bandas. Com o oeste também. Tudo gritando brasileidade. Tudo na defesa da patria. E tudo em nome da mesma coisa. Brasileiridade. Antropofagicamente. Vm tratando de comer os italianos dahi (os Menotti), que a gente aqui garante a zona. E outra coisa eu posso lhes garantir: não passara cummulo pela malha. O landu está bem trancado e hilariante de pagar tudo. Com tripas, etc. Guerra, pois, á adaptação das estranhas. Pela literatura importada. Cheirando a maresia. E a fúria sómole do elemento nacional. Exponctante. Claro como as manhas tropicaes. Atrevido como o gato das selvas. Bravio como o maracá da pelle pintada. No entanto, sempre a mesma literatura nacional. Literatura lavada nos profões. Enxugada no sul brasileiro. Sem mancha de estrangeirismo. Limpia. Alva. Escorrida. Pura. Bem limpinha. Literatura que não é bem literaria. Porque ainda está crecendo. Mas que triumphará gloriosamente. Desabrochando do atalaz com um cheiro de coisa boa. Como a agua-pé á beira dos banhos e dentro dos charcos. Doce como o favo da jaty. Bragante como o Brasil que nos queremos. PAULO SARASATE (Ceará).

a repercussão no rio grande do sul

"O clube antropofago de São Paulo, a novel e victoriosa associação de jovens talentos paulistas, gente moça e de valor real e que, num grilo de brasileidade sincera, num revolta de jacobinismo significador, pretende resurgir nas letras e nos costumes, hábitos pura e genuinamente brasileiros, eliminando es-

sa influencia morbida, sinão ridicula de exaltação a tudo que nós vem de fóra, menozprezando, deprimindo, ridicularizando e já não era sen tempo".

O movimento va se alastrando e já não era sen tempo". (Editorial do "Tempo", o dia de maior circulação da cidade do Rio Grande).

cannibales

Le plus étonnant de notre époque d'indiscutable progrès civilisé et social, c'est que, sous une enveloppe plus ou moins civilisée, policiée; la bête humaine est à peu près la même qu'il y a des milliers d'années. Il n'est que de connaître les événements autour de nous, révolutions, drames et crises confondus, pour s'en rendre compte. Mais nous pensions, toutefois, que le cannibalisme avait disparu. Or, c'était une illusion. Des Anglais qui viennent de passer quelques mois en Papouasie rapportent que le cannibalisme y régnait plus que jamais. Les missionnaires sont parvenus à saisir quelques uns en Papouasie et ont pu réprimer les instincts des naturels antropophages. Les Papouasiens se laissent de village à village, et, la lutte terminée, vainqueurs mangent les vaincus! (Ce que prouve que les indigènes de la Nouvelle-Guinée sont des traditionalistes. Un certain missionnaire préside d'ailleurs à ces... agapes. Il le raconte certains morceux: "Leur rature, qui n'est pas de la viande, mais qui est de la viande, est le cœur, que l'on coupe en morceaux, et que l'on mange avec du pain et du sucre". Pour éviter le voyageur anglais Earle à goûter de la chair humaine, un chef lui affirme que c'était "tendre comme du papier". Il y a cinquante ans, l'explora-

A PEDIDOS AINDA OS RESULTAS

Meu caro Brasilião. Sei que, apesar do interessante e esclarecedor artigo do meu distinto colega Japy-Mirim, publicado no último numero da revista de antropofagia, continuei procurando defender a Companhia, embora da França, Hespanha, Portugal e colonias antes do século XIX. Não tem motivo para esse passo, tanto mais que a causa que fizeste tua é das nossas nobres... Se pretendes invocar as qualidades conferidas de Loyola com os testamentos de Gilani e Gratiano... Como sabes, tenho lá impressão de Jesusitas que, não há quem me tire a certeza de que o luntano do período de Itaxa Sá... Todos os organismos reagem quando lhes entram o antigo. O Brasil, não. Bate palmas. Goza. Elngia. Não tem febre. Por que? Por causa dos inocentes. Logo: clã da meia noite! Malhar os inocentes e resuscitar todos os desconfortos, que morrem de velhos. Poderemos evitar que os brasileiros se criem inocentes? É claro. O gesto é fazer brasileiro intuitivo. Como isso que nós e as listas estamos fazendo. Você não está vendo? Qualquer grilo nosso ajunta povo e povo fixe-fixe. É uma especie de mobilização para a guerra a terra da guerra. ANTONIO GARBIDO (Batuta do Ceará)

revista de antropofagia, numero 15

banho de cheiro

— Hum, a senhora está rindo? Está caçoando da preta velha? Então po, que v'ô não procura? Não acredita na magia e o banho, mas quando for ficando velha, vai acreditando. Depois a senhora precisa disso tudo. Minha inveja, pôde até matar gente. Moças bonitas, que um dia começam a dar para trás e ficam escaldadas, — umas infelizes pelo mundo afóra... Os santos, sózinhos, não fazem milagre. Deus disse: "faz que eu te ajudarei". C'êra um conselheiro, menina, faça. Olhe, sempre p'pripico. Rale e tome sempre no seu banho com patchouly, com pó de Angola... Quando algum se afastar de si, tome um banho com esta batata de "Nao e Voltá". Si, a pessoa não voltar, cuspa-me na cara. Quando quiser prender para a vida toda, algum, ponha carrapato nos seus L-anhos de cheiro. É uma beleza... E enchorrhão pra amansar? — Escuta, minha velha, e ba... Como é? ENNEIDA (Do Pará)

maleita

(para a revista de Antropofagia) La vem maroina, la vem carapanã, la vem muriceosa sambando com pium. A terra está suando poças dagua, a lagoa está tremendo, o caboclo está dormindo, está sambando com o pium. Minha madrasta Maleita foi você que me enterrou. Quem sabe se foi um figo que o destino belicou? Manda um rabinho de secca de 77, meu S... pra secar estas lagoas, pra esquentar esta maleita. Mas vem correndo um vento frio e até a agua se arrepia. O caboclo está tremendo, e tá sambando com o pium!

JORGE DE LIMA.



"Antropofagia", quadro n. 1 do catalogo da exposição de Tarsila

